

2 Microfísica do *Poder Jovem*

2.1 As formas simples do pragmatismo

“... o poder é sempre jovem,
quando é alguma coisa mais do que o poder.”
Carlos Drummond de Andrade

Na memória esportiva nacional, o segundo semestre do ano de 1966 ficaria marcado pela perda da Seleção Brasileira de futebol na Copa do Mundo da Inglaterra. O abalo com a derrota e com o medíocre desempenho naquele torneio internacional, que adiaria por mais quatro anos a conquista do inédito tricampeonato para o país, seria seguido ainda pelo pesar com o desaparecimento de uma das figuras mais atuantes e proeminentes do mundo esportivo no Brasil: Mário Rodrigues Filho. Aos cinquenta e oito anos de idade, o falecimento do jornalista pernambucano representava o fim de uma vida que se confundia com a própria história do futebol profissional e com a criação de alguns dos maiores espetáculos de massa no país. Durante um período que se estende por quatro décadas – dos anos de 1920 aos anos de 1960 –, Mário Filho exerceu larga influência sobre a área do esporte, da cultura e da política. Na cidade do Rio de Janeiro, foi reconhecido como introdutor de um novo modelo narrativo de crônica esportiva e como promotor do Desfile das Escolas de Samba na década de 1930.

Por ocasião de sua morte e de seu enterro, os superlativos atribuídos a Mário Filho – “o homem fluvial”, “o inventor de multidões”¹ – não se restringiram ao âmbito retórico e mobilizaram de igual maneira ações concretas com o intuito de fixar uma imagem grandiosa e de criar um “lugar de memória”² para o jornalista na posteridade. A sugestão do radialista Valdir Amaral e do cronista Nelson Rodrigues, seu irmão mais novo, enviada à Câmara de Vereadores da cidade, culminou com a mudança no nome do

¹ Cf. RODRIGUES, N. “O homem fluvial”. In: RODRIGUES FILHO, M. **O sapo de Arubinha: os anos de sonho do futebol brasileiro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

² Cf. NORA, P. “Entre memória e história – a problemática dos lugares”. In: **Revista Projeto História**. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1993, n.º 10.

Estádio Municipal do Rio de Janeiro, o Maracanã, para Estádio Mário Filho, praça desportiva que ele tanto se empenhara em construir nos anos 50. Como seria de se esperar, o *Jornal dos Sports*, de que fora diretor-proprietário durante trinta anos (1936-1966), também lhe prestou uma série de homenagens póstumas e desde então deixou de ser veiculado com o subtítulo “o matutino esportivo de maior circulação na América do Sul” e passou a adotar simplesmente o bordão “o jornal de Mário Filho”. O primeiro bordão, no entanto, se tratava de uma adaptação e de uma ampliação do slogan do jornal *A Crítica*, de propriedade do pai de Mário Filho, que em setembro de 1929 passou a circular com o dizer “o matutino de maior circulação do Brasil”³.

A transformação do Estádio Municipal do Rio de Janeiro em Estádio Mário Filho pode ser entendida, na acepção do historiador francês Pierre Nora, como parte do processo de construção da memória nacional. Ele passa por uma articulação com a história e com a experiência temporal em três dimensões: material, simbólica e funcional. Neste sentido, seria possível compreender de que maneira o espaço físico das arenas e dos complexos esportivos modernos recebe a designação oficial dos nomes de seus agentes tidos como mais destacados no passado, de modo a estabelecer uma unidade e um *continuum* com as gerações seguintes.

No caso do periódico, entretanto, o impacto da morte de seu principal artífice acarretava mudanças internas significativas. De maneira análoga à época do falecimento de seu pai, o também jornalista Mário Rodrigues, dono na década de 1920 dos jornais sensacionalistas *A Manhã* (1925) e *A Crítica* (1928), que viriam a ser empastelados pela Revolução de 30, a morte de Mário Filho trazia para a família novos desafios na condução de sua empresa e no prosseguimento de um projeto de imprensa esportiva que havia se tornado hegemônico na antiga capital da República e no Brasil. Mais do que isso, a morte de Mário Filho reavivou uma tragédia por que havia passado aquela numerosa família que estruturou sua existência no campo do jornalismo. Ela dizia respeito a um acontecimento fatal com um dos irmãos de Mário, o jovem e talentoso artista plástico Roberto Rodrigues, assassinado em 1929 em represália a uma notícia por ele veiculada em sua coluna de *A Crítica*, que

³ Cf. BARBOSA, M. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 61.

tratava da vida íntima conjugal de uma personagem da alta sociedade carioca, Sylvia Tibau, ferindo os brios da moça e precipitando a fatalidade.

Diante do isolamento e do ostracismo político, a astúcia do primogênito na mudança de direção da atividade jornalística resultou em uma recomposição exitosa para a família. O investimento de Mário Filho nos esportes amadores e no futebol profissional propiciou um espaço promissor de atuação, de crescimento e de reconversão de sua identidade no meio jornalístico nas décadas seguintes, iniciada em *O Globo* e materializada com a aquisição do *Jornal dos Sports* – periódico fundado em 1931 por Álvaro Nascimento e Argemiro Bulcão, ambos até então donos do *Rio Sportivo*. Mário Filho comprou o *JS* em outubro de 1936, graças ao apoio financeiro inicial dos amigos Roberto Marinho, Arnaldo Guinle e José Bastos Padilha.

Mas o vácuo criado com seu enfarte em 1966, seguida da morte de outro irmão no ano seguinte, Paulo Rodrigues, vítima trágica do desabamento do prédio em que morava, levou novamente a uma situação de indeterminação e de modificação dos destinos familiares. Em um primeiro momento, a mulher Célia Rodrigues assumiu de maneira interina a chefia do jornal e procurou dar continuidade ao sucesso do empreendimento iniciado pelo marido, até que um súbito acontecimento transtornou mais uma vez a família. Transcorrido pouco mais de um ano, em dezembro de 1967, a viúva de Mário Filho também vem a falecer, com o cometimento de um suicídio. As especulações sobre as insondáveis motivações de ordem psicológica que teriam provocado aquele ato fatal não excluíam por parte do cunhado, Nelson Rodrigues, em uma crônica publicada pouco depois do incidente em *O Globo*, “Amor para além da vida e da morte”, o dilaceramento diante da perda e da ausência do marido depois de quarenta anos de união matrimonial⁴.

Coube enfim ao filho único, Mário Júlio Rodrigues, a tarefa de assumir em 1967 a mais alta posição que havia pertencido a seu pai no jornal. A sucessão, contudo, não constituiria nos anos seguintes uma mera transferência de poder na manutenção e na administração de uma herança patrimonial. Assim como havia sucedido entre o avô e o pai, quando este último vislumbrou nos

⁴ A crônica foi escrita em 23 de dezembro de 1967 e publicada em livro de antologia de crônicas selecionadas por Ruy Castro. Cf. RODRIGUES, N. **O óbvio ululante**: primeiras confissões. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 61.

esportes, segundo o antropólogo José Sérgio Leite Lopes⁵, um novo meio de fazer política, o representante da terceira linhagem desta árvore genealógica também iria imprimir uma marca específica na esfera do jornalismo esportivo, no final da década de 1960. Embora sempre inspirado no exemplo paterno, é possível perceber no sucessor um alargamento considerável no conceito de jornalismo esportivo vigente até aquela altura, em consonância também com as transformações por que passava a indústria gráfica e a indústria cultural desde o decênio anterior. Além das alterações de conteúdo e de informação, o novo estilo do jornal coadunava-se às reformas editoriais que vinham se processando em outros periódicos, como as efetuadas, por exemplo, por Jânio de Freitas no *Jornal do Brasil*, em fins de 1950.

A alteração era implementada com a compra de novos equipamentos gráficos e com a viagem da condessa Pereira Carneiro – proprietária do *JB* – aos Estados Unidos, a fim de atualizar o jornal com as mudanças diagramáticas em curso naquele país, também conhecidas como *new journalism*, que incorporavam a objetividade do *lead* em suas reportagens com a regra dos cinco W e um H (*where, who, when, what, why e how*). A reformulação do jornal abrangeu ainda a criação de um Suplemento Dominical em 1956, do Caderno B – voltado para teatro e cinema – e do Caderno C – específico para classificados – em 1960, transição consolidada no ano seguinte com a entrada de Alberto Dines na editoria do jornal.⁶

A inflexão na política editorial do *Jornal dos Sports* seguiria tal tendência, mas não se daria sem dificuldades, com a passagem por graves dificuldades financeiras, que ao longo do tempo tentariam ser sanadas por Mário Júlio Rodrigues. A alternativa inicial à delicada situação em que se encontrava o periódico consistia na diversificação do público-alvo do *Jornal dos Sports* e na ampliação do escopo temático de suas reportagens. Se o noticiário esportivo continuava sendo a pedra angular do jornal, logo ele passava a conviver com outra ordem de assuntos, que incluíam o jornalismo estudantil e o jornalismo cultural. Embora Mário Filho já tivesse desenvolvido

⁵ Cf. LOPES, J. S. L. “A vitória do futebol que incorporou a pelada”. In: **Revista USP**. São Paulo: s.e., 1994, nº 22, p. 78 e 79.

⁶ Cf. FERREIRA, M. de M.. “A reforma do *Jornal do Brasil*”. In: ABREU, A. A. de. (Org.). **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos Anos 50**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996, p. 151-154.

com maestria a união entre o futebol e a música popular desde a década de 1930, os esportes passavam agora a ser integrados em um contexto mais amplo, que abrangia também temas relativos à cultura, à educação e à juventude.

É certo ainda que Mário Filho no início da década de 1960 já tinha renunciado essa mudança, com a criação da seção *Segundo Tempo*, onde nomes como José Ramos Tinhorão faziam crítica de música e críticos como Alex Vianny escreviam sobre cinema brasileiro. A cena teatral também comparecia com coberturas de peças como “Arena conta Zumbi”, concebida por Augusto Boal e Gianfrancesco Guarnieri, com reportagens sobre os famosos shows do Teatro Opinião, em Copacabana, onde despontavam Maria Bethânia, João do Vale, Zé Kéti, entre outros músicos, e com o anúncio das peças de uma estrela da dramaturgia nacional, Néelson Rodrigues, o caçula dos irmãos, então em cartaz com o perseguido pela censura “Álbum de família”. Em São Paulo, o mesmo fenômeno se dava com *A Gazeta Esportiva*, cuja circulação diária incluía sessões extra-esportivas, destinadas aos interessados em teatro, cinema, rádio e televisão. Embora se reconhecesse como um jornal masculino, *A Gazeta Esportiva* chegava a conceder espaço de igual maneira para assuntos tradicionalmente considerados femininos, com suplementos devotados à moda, à culinária e aos “penteados da semana”.⁷

Outra tradição radicalizada com a entrada de seu filho no comando do jornal seria a criação de novos espetáculos de massa, agora em parceria com as redes de televisão, a força comunicativa emergente no final da década de 1960. Se Mário Filho caracterizaria o *Jornal dos Sports* não apenas por reportar a notícia, como, sobretudo, por criá-la, ao instituir os Jogos da Primavera, os Jogos Infantis, o Torneio Rio-São Paulo, o Torneio de Pelada, o Concurso de Torcidas, entre outras atrações, Mário Júlio Rodrigues promoveria a realização de concursos de música em conjunto com a TV Excelsior e com o Museu da Imagem e do Som⁸. Este último, inaugurado em 1965 e dirigido por Ricardo Cravo Albim, situado à Praça XV em um antigo pavilhão da Exposição

⁷ Cf. SILVA, E. M. da **As torcidas organizadas de futebol: violência e espetáculo nos estádios**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais – PUC/SP, 1996, p. 101.

⁸ Cf. DIAS, C. C. de M. G. **Um museu para a Guanabara: um estudo sobre o Museu da Imagem e do Som e a identidade carioca (1960-1965)**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em História Social / UFRJ, 2000.

Internacional de 1922⁹, era um modelo ultramoderno de museu voltado para os registros sonoro e visual, com apenas dois equivalentes no mundo, e que permitia ainda a ativação de um cineclube com filmes da *avant-garde* nacional e internacional, como *Morangos silvestres*, de Ingmar Bergman e *O padre e a moça*, de Joaquim Pedro de Andrade, entre outros.

O Museu da Imagem e do Som estabelecia uma cooperação com o *Jornal dos Sports* por meio da criação de um Conselho de Esportes. A função do conselho era a promoção em parceria com os demais departamentos do museu de uma variada série de entrevistas que abarcavam a área de esportes, de teatro, de cinema, de política e de artes plásticas. A área de música, a cargo de Almirante, contava com depoimentos de antigos compositores populares ainda vivos, como Donga e João da Baiana. Já o futebol se valia de depoimentos de jogadores dos primórdios do futebol, como Marcos Carneiro de Mendonça e Domingos da Guia, além de uma seção exclusiva dedicada à evocação da memória de Mário Filho. Para este acontecimento especial acorriam algumas das mais afamadas personagens da vida esportiva, cultural e política nacional, como João Havelange, Juscelino Kubitschek, Valdir Amaral, Nelson Rodrigues, Antônio Olinto, Antônio Nássara, Abelar França, Carlos Heitor Cony, entre outros.

No final de cada temporada esportiva, o MIS-RJ e o *JS* concediam na Sala Cecília Meireles o Troféu Golfinho, uma cerimônia de premiação conjunta aos melhores desportistas do ano, com a eleição de atletas e dirigentes, na qual figuravam os nomes de Garrincha, João Havelange e Pelé, entre outras personalidades. Outra festividade de cunho oficial cuja organização passava a ficar sob responsabilidade das duas instituições era a Semana da Pátria, o que aproximava ainda mais o jornal das esferas de poder do Estado da Guanabara. Exemplo dessa proximidade era a festa comemorativa de aniversário do jornal, que contava com a presença do ministro João Lyra Filho, antigo colaborador do periódico, do presidente da Federação Carioca de Futebol, Otávio Pinto Guimarães, dos presidentes de clube, como Fadel Fadel e Ciro Aranha, além do envio de mensagens com as saudações do presidente da CBD. Assim, com o jornal autoproclamando-se na capa “o órgão consultivo de esportes do estado

⁹ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1970, JS Escolar, p. 01.

da Guanabara”, seus representantes, seja Célia Rodrigues seja Nelson Rodrigues, eram vistos com frequência nas solenidades em fotos ao lado do então governador e ex-prefeito da cidade Negrão de Lima.

O público-leitor do *Jornal dos Sports*, antes circunscrito ao acompanhamento diário dos jogos e dos treinos de suas equipes, adquiria um perfil diferenciado ou tinha de se acostumar ao aparecimento de uma variedade de acontecimentos e de suplementos, que encontravam grande ressonância na sociedade ao extrapolar o ambiente dos desportos e do entretenimento mais banal. De maneira concomitante, o jornal parecia adotar duas estratégias para a superação da crise financeira e para a expansão de seu número de consumidores. Por um lado, continuava a incitar a paixão dos torcedores por seus times, fazendo com que as tiragens atingissem, nos dias seguintes à disputa dos clássicos cariocas, em geral as segundas-feiras, uma venda de até sessenta e cinco mil exemplares¹⁰, em um período em que o Maracanã registrava as suas mais altas médias de público pagante. Por outro, na esteira de reformas visuais adotadas por muitas revistas – *O Cruzeiro*, *Manchete*, *Visão*, *Realidade*, entre outras – nos decênios seguintes à Segunda Guerra Mundial, implementava novos padrões jornalísticos de redação, com a contratação de profissionais de alto gabarito e com o lançamento de encartes que chamariam a atenção do meio artístico nacional.

Tal qual o número de páginas, o quadro de colaboradores aumentava de maneira considerável, com uma equipe de jornalismo formada por Zuenir Ventura, Reinaldo Jardim e Ana Arruda Callado; com um novato grupo de chargistas constituído, entre outros, por Ziraldo, Fortuna, Jaguar, Henfil, Daniel Azulay, Miguel Paiva, Juarez Machado e Dedé Gadelha; ou com uma crítica de música assinada pelo tropicalista Torquato Neto. Além de uma pequena enciclopédia intitulada *Anuário de Cultura*, os principais suplementos que se acoplavam ao periódico eram o *Cultura JS*, o *Juventude JS*, o *Cartum JS*, o *JS Escolar* e, depois, *O Sol*, um projeto alternativo, espécie de caderno cultural que servia de livre experimentação para aprendizes, estagiários e neófitos do jornalismo, egressos das primeiras faculdades de jornalismo dedicadas àquela formação, cuja obrigatoriedade do diploma para o exercício da profissão seria

¹⁰ Cf. MORAES, D. de. **O rebelde do traço**: a vida de Henfil. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997, p. 85.

instituída pela legislação autoritária de 1968. Lançado em setembro de 1967, o inusitado e experimental tablóide *O Sol* circularia durante apenas dois meses em conjunto com o *Jornal dos Sports* para, em seguida, adquirir autonomia.

Não obstante, já em janeiro de 1968, após a circulação de poucos números, sua distribuição seria interrompida devido a novas crises financeiras da família Rodrigues, sem recursos para arcar com as crescentes despesas necessárias à inovação e à ousadia editorial. Isto não impediu que a iniciativa do suplemento fosse elevada à condição de ícone de uma geração, ao ser lembrada na música de Caetano Veloso, *Alegria, alegria* – que despontou no III Festival de Música Popular da TV Record em 1967 com os versos “... o *Sol* nas bancas de revista/ me encham de alegria e preguiça...”, em uma letra composta por retalhos de imagens extraídas das manchetes de jornal, bem ao gosto das colagens modernistas e concretistas – e ao servir de estopim, em fins da década de 1960, para a formação de uma imprensa alternativa no decênio seguinte, dirigida por jornalistas de esquerda, dentre eles o humorístico *Pasquim*¹¹.

Com efeito, a nova linha do editor Mário Júlio Rodrigues parecia em princípio destoar do universo do futebol em seu dia a dia mais corriqueiro. O terreno dos esportes não tinha, à primeira vista, uma vinculação maior com um segmento voltado para a vida artística, cultural e intelectual da cidade. Isto porque, consoante o relato do jornalista Juca Kfourri, durante todo o século XX dirigir uma redação esportiva consistiu na maioria das vezes em lutar contra o preconceito de que só os de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitores desse tipo de diário. O fato se agravava na medida em que, segundo o raciocínio e a experiência do mesmo jornalista, o preconceito não era infundado. O menor poder aquisitivo equivalia a um menor poder cultural, de sorte que os periódicos esportivos não constavam da lista de prioridades e de interesses mais tradicionais dos estratos letrados e intelectualizados da sociedade¹².

¹¹ A tese de doutoramento do professor da Escola de Comunicação e Artes da USP, Bernardo Kucinski, é completa e exemplar na abordagem da imprensa alternativa nesse período histórico. Cf. KUCINSKI, B. **Jornalistas e revolucionários**: nos tempos da imprensa alternativa. São Paulo: Scritta Editorial, 1991. Cf. também MELLO, M. A. (Org.). **20 anos de resistência**: alternativas da cultura no regime militar. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1986.

¹² Cf. KFOURI, J. “Introdução: entre torcer e distorcer”. In: **Jornalismo Esportivo**. Rio de Janeiro: Imprensa da Cidade / Prefeitura do Rio, 2004, Série Estudos, n.º 11, p. 17.

A despeito disto, o jornal partia de uma gama de questões do cotidiano dos estudantes – que iam da anual preparação para o vestibular às grandes reivindicações do movimento estudantil, como a polêmica reabertura do restaurante Calabouço, a denúncia do acordo MEC-Usaid, a realização do proibido 30º Congresso da UNE em Ibiúna ou as matérias de estrito interesse do calendário acadêmico, como as eleições internas no CACO, o grêmio da Faculdade Nacional de Direito, ou a exibição de filmes do Cineclube Nelson Pereira dos Santos na Faculdade de Filosofia da UEG – para cunhar a sua nova identidade jornalística junto a uma fração específica de leitores. À maneira de suplementos literários de jornais como o *Correio da Manhã*, o *Jornal do Brasil* e *O Estado de São Paulo*, onde passavam a circular idéias nacionais e estrangeiras formuladas por cientistas e pesquisadores universitários, o *Jornal dos Sports* adotava preceitos similares.

Tais seções franqueavam espaço para discussões teóricas e conceituais elevadas, de respaldo internacional, que podiam girar em torno do estruturalismo e do acesso aos textos originais de seus maiores expoentes, por meio da tradução de livros como *O pensamento selvagem*, de Claude Lévi-Strauss, cujas passagens eram apreciadas por Carlos Henrique Escobar¹³, ou *O grau zero da escrita*, de Roland Barthes. Em âmbito nacional, pontificavam artigos da doutora Nise da Silveira sobre psiquiatria, na vanguarda de movimentos junguianos no Brasil que descobriam as “imagens do inconsciente”; publicavam-se ensaios do poeta concretista Ferreira Gullar sobre arte e subdesenvolvimento; faziam-se análises cinematográficas de filmes recém-lançados, como o perturbador *Terra em transe* (1967) de Glauber Rocha, que desafiava o público acostumado às reconfortantes mensagens hollywoodianas; ou ainda apresentavam-se as interpretações do crítico literário Otto Maria Carpeaux sobre clássicos universais, como o contista russo Nicolai Gogol, assinadas por esse intelectual austríaco radicado no Rio de Janeiro, que se notabilizava por tomar parte nos protestos estudantis e por ter publicado uma monumental *História da literatura ocidental*, em sete volumes, redigida em português entre 1959 e 1965.

¹³ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1967, suplemento “O Sol”.

A eclética variedade das edições de *O Sol* que circularam no *Jornal dos Sports* poderia ser ainda ilustrada com uma miscelânea de reportagens, com um *pot-pourri* de informações que incluíam a presença dos ciganos no Brasil¹⁴; o trabalho do artista plástico Rubens Gerchman¹⁵; o uso de drogas como a maconha¹⁶; a atuação do cientista Noel Nutels; a perseguição ao líder revolucionário latino-americano Che Guevara, então escondido nas selvas da Bolívia, que viria a ser assassinado um mês depois, a 08 de outubro de 1967¹⁷; o sucesso dos *Beatles* e a internacionalização da sua música¹⁸; a inédita concessão de um prêmio Nobel de Literatura ao guatemalteco Miguel Angel Astúrias, outorgado pela vetusta academia sueca¹⁹; a publicação de um estudo de Erza Pound dedicado a Henry James²⁰; o show de Maria Bethânia, “Comigo me desavim”, com referências literário-poéticas a Sá de Miranda, Capinam, Brecht, Caetano Veloso, Rainer Maria Rilke e Fernando Pessoa²¹; a parceria do jornal com a Cinemateca do Museu de Arte Moderna, o MAM, com a organização de uma retrospectiva em homenagem ao cineasta francês Robert Bresson²²; os filmes de arte da Geração Paissandu (1966-1968), como *Made in USA*, de Jean-Luc Godard²³; a inusitada visita do compositor Geraldo Vandré à casa do ministro João Lyra Filho²⁴; a divulgação dos poemas de Manuel Bandeira e dos folhetins de Carlos Heitor Cony²⁵; ou a cobertura da posse de João Guimarães Rosa na Academia Brasileira de Letras, com a transcrição de boa parte de seu discurso, que seria seguido poucos dias depois pelo anúncio de seu falecimento²⁶.

O perfil de público para o qual se dirigia o *Jornal dos Sports* sinalizava a existência de uma aparente incongruência de gênero não apenas da parte do habitual e comum leitor daquele periódico. Para expressiva parcela da intelectualidade que se interessava por aspectos ligados à arte, à cultura e à

¹⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 04 de novembro de 1967, suplemento “O Sol”.

¹⁵ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 08 de setembro de 1967.

¹⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1967, suplemento “O Sol”, p. 04.

¹⁷ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1967, suplemento “O Sol”.

¹⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1967, suplemento “O Sol”.

¹⁹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1967, suplemento “O Sol”, p. 06.

²⁰ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 04 de novembro de 1967, suplemento “O Sol”.

²¹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 12 de outubro de 1967, suplemento “O Sol”, p. 01.

²² Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 07 de outubro de 1967.

²³ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 01 de julho de 1973, JS Escolar, p. 01.

²⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1968.

²⁵ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1967.

²⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 17, 21 e 22 de novembro de 1967, suplemento “O Sol”, p. 06-B.

política, o futebol não constituía índice satisfatório de refinamento, de conscientização ou de envolvimento com os problemas de sua sociedade. Em um período no qual as clivagens ideológicas tinham contornos nítidos, os indivíduos que acreditavam no engajamento e na transformação de sua realidade pareciam ser discerníveis com facilidade e, para a maioria deles, o terreno esportivo não se afigurava o local mais apropriado. Malgrado o esforço isolado do escritor Milton Pedrosa, que publicava naquele momento uma antologia chamada *Gol de letra*, primeiro de uma série de livros sobre a presença do futebol na literatura e na crônica brasileira – “Olho na bola”, “De apito na boca”, “As 17 regras de futebol comentadas” –, com lançamento anunciado e comentado pelo jornal e com prefácio do crítico de origem húngara Paulo Ronai, que admitia sua completa ignorância na matéria futebolística, e do escritor Macedo Miranda, que publicava pela Bloch Editores uma excêntrica ficção sobre futebol intitulada *O sol escuro*, a disparidade de interesses entre um meio e outro parecia ser insofismável²⁷.

Isso podia ser notado ainda em um filme que o próprio *Jornal dos Sports* anunciava como atração em sua seção Roteiro de Cinema, no ano de 1968. Tratava-se da película *Brasil Verdade*, conjunto de quatro médias-metragens com que a Caravana Farkas iniciou em 1964 o seu objetivo de retratar a vida nacional naquele período. Em certo sentido, o projeto do fotógrafo húngaro Thomas Farkas, dono da revista Fotóptica, que se estendeu até 1980 e que fez um total de trinta e nove documentários, introduzia uma série de inovações técnicas do Cinema Verdade francês, como a captação do som direto, e constituía uma revisão das idéias otimistas apresentadas pelo Centro Popular de Cultura, da União Nacional dos Estudantes, no início da década de 1960, com a realização do filme *Cinco vezes favela*, co-dirigido por Joaquim Pedro de Andrade, Leon Hirszman e Cacá Diegues, entre outros, e com a organização da UNE-Volante, comitativa que se propunha à divulgação e ao estímulo da arte popular em todos os quadrantes do país²⁸.

²⁷ Cf. PEDROSA, M. **Gol de letra**: o futebol na literatura brasileira. Prefácio de Paulo Ronai. Rio de Janeiro: Editora Gol, 1967. Cf. também **JORNAL DOS SPORTS**. Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1967, p. 04.

²⁸ Os depoimentos dos membros integrantes do CPC da UNE constam da obra organizada pela jornalista Jalusa Barcelos. Cf. BARCELOS, J. **CPC da UNE**: uma história de paixão e consciência. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994. Cf. também RIDENTI, M. **Em busca do povo brasileiro**: do CPC à era da televisão. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Enquanto os jovens realizadores estudantis e universitários nutriam uma concepção romântica de cultura popular e de folclore, calcada no ideário do Partido Comunista Brasileiro, em aliança com as aspirações reformistas do nacionalismo e do populismo do governo João Goulart, que resultariam em movimentos como o Cinema Novo²⁹, os quatro documentários pertencentes ao filme *Brasil Verdade* chamavam-se: *Subterrâneos do futebol*, de Maurice Capovilla; *Memória do cangaço*, de Paulo Gil Soares; *Viramundo*, de Geraldo Sarno; e *Nossa escola de samba*, de Manuel Horácio Gimenez. Eles correspondiam à fase ditatorial pós-64, em que se generalizara o desencanto de vários intelectuais com as perspectivas concretas de transformação das condições de vida do país e do povo brasileiro, muito embora a efervescência contestatória cultural tenha permanecido notável durante o governo ditatorial de Castelo Branco e de Costa e Silva até a declaração do Ato Institucional número cinco, o AI-5, em 13 de dezembro de 1968³⁰.

A finalidade do documentário era a exibição das mazelas e da face cruel de certos fenômenos característicos do país, como o êxodo rural, o banditismo sertanejo e o fanatismo religioso, com a desmistificação de seus principais fundamentos. O futebol também era enquadrado neste reino de mitos e ilusões, pois consumia os jogadores de origem proletária, expelindo-os depois do universo esportivo sem o oferecimento de qualquer infra-estrutura para sobrevivência, e levava os torcedores à exacerbação de seus comportamentos instintivos mais irracionais, manifestações típicas de frustrações oriundas da miséria e do mundo do trabalho. De resto, a temática já fora explorada no teatro nacional por Oduvaldo Viana Filho, em 1959, na peça *Chapetuba futebol clube*. Neste diapasão, a cultura do povo, diferente da cultura popular, era “tosca, desajeitada, atrasada, trivial, ingênua, lúdica, ornamental, sem dignidade

²⁹ A ambigüidade dos cinemanovistas face à temática do futebol pode ser percebida em três filmes: *Rio quarenta graus* (1958), de Nelson Pereira dos Santos; *Garrincha, alegria do povo* (1962), de Joaquim Pedro de Andrade; e *A falecida* (1965), de Leon Hirszman, adaptação da peça homônima de Nelson Rodrigues. Cf. ORICCHIO, L. Z. **Fome de bola: cinema e futebol no Brasil**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2006, p. 99.

³⁰ Cf. SCHWARZ, R. “Cultura e política no Brasil: 1964-1969”. In: **O pai de família e outros estudos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. Cf. também RIDENTI, M. “Cultura e política: os anos 1960-1970 e sua herança”. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, vol. 4.

artística nem intelectual, conformista”³¹. *Os subterrâneos do futebol*, em cuja equipe de realizadores trabalhara também o jornalista Vladimir Herzog, inspirava-se no livro homônimo do cronista esportivo João Saldanha³², lançado em 1963, título baseado por sua vez na obra do também comunista Jorge Amado, *Os subterrâneos da liberdade*, uma biografia do líder do PCB no Brasil, Luis Carlos Prestes.

A discrepância entre os diversos públicos leitores do *Jornal dos Sports* talvez fosse apenas aparente, relativa ou se colocasse em outros termos, distintos daquela demarcação ideológica preestabelecida. A incompatibilidade de um diário esportivo orientado tanto para as classes populares quanto para as classes médias intelectualizadas poderia ser vista também sob um outro ângulo. A estratégia comercial do periódico voltava-se para o investimento em um denominador comum aos diversos estratos sociais e às expressivas frações etárias que o tinham como objeto de leitura cotidiana: os jovens. Se o esporte constituía uma atividade profissional e recreativa em que a condição juvenil afigurava-se como requisito indispensável, o balizamento em torno de interesses procedentes dos meios estudantis e universitários apoiava-se nesse mesmo público-alvo, constitutivo da faixa etária intermediária entre a infância e a vida adulta, então majoritária na estrutura demográfica piramidal da sociedade brasileira.

A aposta do novo editor em um jornal esportivo ao mesmo tempo educativo e cultural, com ênfase no dinamismo do setor jovem da sociedade e na amplitude temática de suas preferências, compreendia também uma escolha e uma iniciativa em meio às mudanças jornalísticas que tinham se iniciado no decênio anterior e que se tornavam mais candentes naquele momento. As relações entre público, jornal e seu repertório temático em tal contexto são assim situadas pelo cientista social Leonardo Lattman-Weltman em uma alentada, porém necessária explicação:

“Um jornal que oferece um número maior e mais diversificado de notícias pressupõe que seu público deve possuir um interesse igualmente mais amplo e diversificado que o público de um jornal que divide seu espaço por um número comparativamente menor ou menos

³¹ Cf. CHAUI, M. **Conformismo e resistência**: aspectos da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1986, p. 108.

³² Cf. SALDANHA, J. **Os subterrâneos do futebol**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1982.

diversificado de informações. Ou seja, o universo de interesses do público seria, de certo modo, espelhado pelo jornal; assim, quanto mais diversificado o noticiário desse jornal, mais ampla a imagem do universo de interesses do público. É evidente, contudo, que também se pode compreender a diversificação do noticiário como uma ‘estratégia’ de concorrência interna à imprensa, uma ‘estratégia’ de atração de novos públicos, com interesses diversos. (...) Pode-se pressupor que a diversidade de interesses exista no público consumidor regular de um jornal ou que esteja dispersa no conjunto de um mercado potencial a ser conquistado. Seja como for, o fato é que tal pressuposição de maior diversidade de interesses aponta para a percepção, mais ou menos elaborada, por parte da imprensa, de que o universo de áreas de interesse do público está se expandindo, de que esse público é e/ou pretende ser mais ‘bem informado’, e demanda cada vez mais informação. (...) Assim, ao aumentar o número de notícias e ao diversificar as temáticas do noticiário, a imprensa ao mesmo tempo estaria fazendo uma concessão ao ritmo cada vez mais vertiginoso de produção simbólica instaurado pela então nascente indústria cultural e, com isso, reproduzindo-o.”³³.

Em fins da década de 1960 e início da década de 1970, os editores do *Jornal dos Sports* partilhavam o princípio de que “toda a nação deve construir o esporte, capitalizando a força e o entusiasmo dos jovens”³⁴. Assim, pressentiam o potencial quantitativo e qualitativo da juventude, que parecia conquistar com rapidez um espaço no mundo e na sociedade brasileira. A identidade dos jovens como grupo social independente já havia sido reconhecida e a formação de uma subcultura juvenil específica era cada vez mais destacada. A “cultura jovem” tão propalada pelos meios de comunicação lograva visibilidade e magnitude internacional ao projetar uma série de valores e padrões de sociabilidade auto-referenciados. Diferenciando-se dos demais segmentos, ela procurava seus elementos contrastivos com grande ênfase nos domínios da linguagem, do comportamento e da música. A juventude também assumia uma posição de vanguarda nos questionamentos em torno da estrutura familiar e nas polêmicas comportamentais quanto à liberdade sexual e à adoção dos anticoncepcionais. Este conjunto de características reivindicativas forjava um *ethos* e um estilo de vida próprio, que se contrapunha em grande medida à geração anterior de seus pais.

³³ Cf. LATTMAN-WELTMAN, F. “Imprensa carioca nos anos 50: os ‘anos dourados’”. In: ABREU, A. A. de. (Org.). **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos Anos 50**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1996, p. 166 e 167.

³⁴ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 13 de março de 1971, p. 04.

O historiador inglês Eric Hobsbawm identificou nesse processo o estabelecimento de um “abismo histórico” de gerações entre aqueles que viveram sua mocidade na primeira metade do século XX e aqueles que a conheceram na segunda metade³⁵. E nesta mesma linha, o historiador espanhol Ignácio Ramonet, radicado na França, abordou a crise de valores na segunda metade do século XX com base no que chamou de *agonia da cultura*³⁶. Tal crise geracional podia ser detectada não apenas no seio da família como no ambiente da educação, que atravessava um período de intensa massificação e de enorme pressão por mudança. A busca por um ensino cada vez mais qualificado em nível secundário e universitário atendia ao incessante fluxo de mutações científicas e tecnológicas por que passava o mundo, com a demanda cada vez maior do funcionalismo público, das profissões liberais e das camadas médias por vagas para a sua formação escolar integral.

Enquanto na escola primária as políticas de Estado em um país subdesenvolvido pautavam seus esforços na erradicação do analfabetismo, o que havia levado no início da década de 1960 a soluções progressistas no Brasil como o “método Paulo Freire” e sua *pedagogia do oprimido* voltada para a alfabetização de crianças e adultos, nas instituições de ensino superior muitos jovens almejavam o êxito individual e o sucesso profissional. Se até então as universidades abrigavam um número pouco expressivo de alunos, integrada por uma ínfima elite, que no Brasil atingia índices percentuais em escala ainda decimal, a formação acadêmica tendia a atrair de maneira crescente os contingentes juvenis em busca de projeção nas suas respectivas carreiras, o que desencadeava reformulações no sistema educacional brasileiro. No Brasil, segundo o censo de 1964, o número de secundaristas não ultrapassava a marca dos dois milhões, ao passo que os universitários restringiam-se a menos de cento e quarenta mil³⁷.

³⁵ Cf. HOBBSAWM, E. **Era dos Extremos**: o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p.322. Para uma apreciação hobsbawmiana dos anos 60 menos como historiador e mais como testemunha ocular da história, ver as suas sempre lúcidas impressões de episódios como a Guerra do Vietnã e a rebelião estudantil de 1968 na França em seu livro de memórias. Cf. também Id. **Tempos interessantes**: uma vida no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

³⁶ Cf. RAMONET, I. “A agonia da cultura”. In: **Geopolítica do caos**. Petrópolis: Editora Vozes, 1998, p. 129 e 130. Cf. também PAES, M. H. S. **A década de 60**: rebeldia, contestação e repressão política. São Paulo: Ática, 1993.

³⁷ Cf. NOSSO SÉCULO. **1960/1980**: sob as ordens de Brasília. São Paulo: Abril Cultural, 1980, p. 153.

Ao longo da década de 1960, a procura pelo emprego rentável e pela qualificação profissional não constituía a única motivação estudantil. Para além da dimensão utilitária individualista e pragmática, a escola e os *campi* universitários permitiram a formação de um *locus* propício para a elaboração de uma identidade social e coletiva. A ambiência escolar ensejava um meio de aglutinação que com o tempo se expressaria de forma surpreendente para o restante da sociedade. A politização dos estudantes, suas utopias grupais e gregárias, consubstanciadas na prática da participação por meio de entidades representativas, viria a suscitar um debate controvertido sobre o lugar e sobre a função dos jovens no mundo contemporâneo³⁸.

A oposição civil nos Estados Unidos à guerra do Vietnã, que teve início na Universidade de Berkeley com Herbert Marcuse à frente, professor que se tornava ícone de uma geração ao fundir marxismo e psicanálise na crítica ao mundo capitalista; a insurreição juvenil contra a burocratização do regime comunista na antiga Tchecoslováquia durante a conhecida “Primavera de Praga”; e a repercussão das rebeliões estudantis na França, em maio de 1968, sob a liderança de Daniel Cohn-Bendit³⁹ foram o clímax mais marcante de um movimento vanguardista internacional que contagiou os dois continentes e se irradiou por vários países do mundo. Este último fenômeno chamaria a atenção de intelectuais como Hannah Arendt, impressionada com a sedução da violência e o fascínio pela ação direta entre os jovens daquele tempo, o que a faria dedicar um ensaio ao assunto quando já radicada nos EUA: *Sobre a violência*. A atuação política dos estudantes extravasava o domínio escolar e levava para as ruas uma série de manifestações que haviam surgido de início como reivindicações pontuais contra as injustiças do sistema educacional, rebentando sob a forma de protestos em diversas cidades do mundo, como Hamburgo, Munique, Tel-Aviv, Moscou, Madri e Tóquio, entre outras citadas pelo JS⁴⁰.

³⁸ Cf. TEIXEIRA, C. “Cultura e política dos jovens”. In: **Revista USP**. São Paulo: s.e., 1997, n.º 32.

³⁹ Cf. MATOS, O. **Paris, 1968**: as barricadas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1989. Cf. também FAURÉ, C. **Mai 68**: jour et nuit. Paris: Gallimard, 1998. Cf. ainda MATOS, O. (et. al). **Utopias & distopias**: 30 anos de maio de 68. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 1999.

⁴⁰ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1967, p. 12. Cf. também NAPOLITANO, M. **Cultura brasileira**: utopia e massificação (1950-1980). São Paulo:

Destarte, a cisão entre as gerações se tornava mais cristalina no quadro familiar, mas também na incompatibilidade de valores nas escolas e nas universidades. Ela constituía um meio de afloramento das diferenças morais e existenciais que distanciavam pais e filhos, alunos e professores, estudantes e reitores, empregados e patrões. Parte significativa das convenções sociais era posta em xeque, o que desencadeava toda sorte de animosidades e conflitos entre as autoridades escolares e os jovens freqüentadores do ensino público e privado. O questionamento às formas tradicionais de poder era assumido pelos estudantes como uma atitude de contestação e de irreverência sistemática a todo e qualquer tipo de autoridade. Assim, a figura do diretor era muitas vezes equiparada à figura do pai no âmbito da família e à do ditador no campo da política.

A voga juvenil ultrapassaria as fronteiras das salas de aula e das cidades universitárias não somente sob a forma de protestos, passeatas e manifestações públicas. Logo ela seria apropriada e irradiada pela linguagem dos meios de comunicação de massa. Em princípio uma forma de expressão alternativa ao modo de vida capitalista, ainda que a vicejar em seu bojo, a “cultura jovem” também seria alvo de rápida assimilação pela voragem da sociedade de consumo e da indústria cultural, com sua capacidade de absorver e de dar origem a identidades e a estilos de vida exportáveis para diversas latitudes do mundo. Isto ocorria de maneira incipiente desde as primeiras décadas do século XX, com a constituição de uma sociedade e de uma cultura de massas alicerçada no jornal, no rádio e no cinema. O decênio de 1950 seria marcado pela criação de símbolos cinematográficos do jovem rebelde, tipificado pelo ator James Dean, pela criação de ritmos internacionais presentes em bandas como os *Beatles* e os *Rolling Stones* ou em figuras como Elvis Presley. Seu corolário nos anos de 1960 e 1970 seria a extraordinária obtenção de lucros por parte da indústria fonográfica, com a música que atraiu multidões e que galvanizou a juventude desde então, o *rock-‘n’-roll*⁴¹, cuja manifestação mais

Contexto, 2004. Cf. ainda HOLLANDA, H. B. de; GONÇALVES, M. A. **Cultura e participação nos anos 60**. São Paulo: Brasiliense, 1982.

⁴¹ Cf. ARIAS, J. R. **Os movimentos pop**. Rio de Janeiro: Salvat Editora, 1979. Cf. também PASSERINI, L. “A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950”. In: LEVI, G.; SCHMITT, C. **História dos jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, vol. 2. Cf. ainda CARANDELL, J. M. **A contestação juvenil**. Rio de Janeiro: Salvat Editora, 1979.

extraordinária foi o concerto *Woodstock*, realizado para quinhentos mil jovens norte-americanos em uma fazenda do interior de Nova York em 1969.

Conforme a informação da seção Roteiro de Cinema do *Jornal dos Sports*, um filme sobre o famoso festival, dirigido por Michel Wadleg, seria exibido em várias partes do mundo no ano seguinte. No Rio de Janeiro, ele entraria em cartaz em novembro de 1970.⁴² No leque de alternativas abertas pelos jovens, parecia haver assim um limite tênue entre a conscientização e a alienação, entre a contestação e a conformação, entre a liberdade e a dependência.

No Brasil, o impacto dessas transformações em escala global se evidenciou de múltiplas formas, tornando-se mais visível com a introdução de novos termos lingüísticos. O epíteto *jovem* passou a ser veiculado como uma espécie de mote associado a tudo o que era considerado novo e moderno, com sua impregnação nas mais diversas áreas da sociedade. Ele denotava menos a condição biológica de uma faixa etária particular, definida de maneira arbitrária entre quinze e vinte e cinco anos, e mais a manifestação de um espírito livre, de um novo modo de ser e estar no mundo, sensação de poder expressa na nomenclatura dos diversos movimentos sociais nos Estados Unidos: o *Flower Power*, o *Young Power*, o *Panther Power* e o *Black Power*. Este último em especial se valia da maciça presença negra em esportes como o basquete, o boxe e o atletismo para dramatizar a sua insatisfação quanto ao preconceito racial da sociedade norte-americana nos XIX Jogos Olímpicos do México, em 1968, um grande evento esportivo internacional, quando despontaram para o mundo com os punhos cerrados e as boinas pretas. Sobre a possibilidade de apropriação política de eventos esportivos espetacularizados, assim se pronuncia o antropólogo francês Christian Bromberger:

“D’une part, la mobilisation sportive n’opère pas à sens unique: elle peut tout aussi bien endormir temporairement les consciences politiques que catalyser des revendications contestataires. Qui ne se rapelle Tommie Smith et John Carlos levant leur poing ganté de noir (emblème du ‘Black Power’) sur le podium du stade de Mexico lors des jeux Olympiques de 1968 ?”⁴³.

⁴² Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 06 de novembro de 1970, p. 11.

⁴³ Cf. BROMBERGER, C. “De quoi parlent les sports”. In: **Terrain**: Cahiers du Patrimoine Ethnologique. Paris: s.e., 1995, nº 25, p. 06.

A simbologia e o vocabulário juvenil próprio podiam ser percebidos de maneira mais enfática na esfera cultural brasileira. No Rio de Janeiro, ele era emblemático do Teatro Jovem, inaugurado em 1966 na Praia de Botafogo, que defendia uma nova concepção de arte cênica, voltada para festivais nos quais se oferecia abertura para grupos não-profissionais, sem oportunidade na dramaturgia mais convencional. O *Jornal dos Sports* destacava a novidade com o anúncio do Festival do Teatro Jovem do Estado do Rio de Janeiro, a contar com a participação de catorze companhias inscritas⁴⁴. Jovens diretores como Ferreira Gullar e Dias Gomes despontavam na peça conjunta *Dr. Getúlio, sua vida, sua glória*, no palco Teatro João Caetano e do Teatro Opinião, com trilha sonora dos compositores de sambas-enredo Silas de Oliveira e Valter Rosa, espetáculo para o qual comparecia o poeta chileno Pablo Neruda, então em visita ao Brasil⁴⁵. Embora em São Paulo não fosse utilizada tal nomenclatura juvenil, a emergência concomitante de uma nova voga teatral se deu com a criação dos Teatros de Rua e dos Teatros Universitários vinculados à USP e à PUC-SP. Este último, o TUCA (Teatro da Universidade Católica), seria palco de uma encenação histórica no mesmo ano de 1966: a peça de João Cabral de Melo Netto, *Morte e Vida Severina*, montada com um elenco amador e com os versos do poeta pernambucano musicados por Chico Buarque⁴⁶.

O rótulo juvenil no Rio de Janeiro serviria de abrigo ainda para uma plêiade de grupos musicais, como a polêmica *Jovem Guarda*, banda que afrontava os padrões estéticos tidos como superiores e elevados pela Música Popular Brasileira (MPB). O sucesso da banda emergente se associava à popularidade e à divulgação de programas televisivos de auditório, considerados cafonas pelo público intelectualizado e de classe média, como os conduzidos por Chacrinha, o até então radialista José Abelardo Barbosa, cognominado o “Papa Psicodélico”⁴⁷, o que culminava com a presença do grupo nas telas do cinema comercial em 1967 com *Roberto Carlos em ritmo de aventura*, sob direção de Roberto Farias. A proposição de uma revisão do conceito de “gosto popular” empreendida pela Jovem Guarda inspiraria ainda os mentores da *Tropicália*, Gilberto Gil e Caetano Veloso, compositores

⁴⁴ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1968, p. 14.

⁴⁵ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1968, p. 14.

⁴⁶ Cf. NOSSO SÉCULO. *op. cit.*, p. 138-140.

⁴⁷ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 01 de julho de 1969, p. 06.

baianos empenhados em experimentações musicais que mesclassem ritmos e estilos, fossem eles nacionais ou estrangeiros, bregas ou refinados, eruditos ou populares, com a subversão de convenções e com a recuperação de um diálogo com a tradição e a vanguarda literária brasileira, em particular, com a antropofagia modernista proposta por Oswald de Andrade no final dos anos 1920⁴⁸.

A “onda jovem” não passaria despercebida também na vertente do jornalismo. Na imprensa carioca, o editor Samuel Wainer, um oposicionista ligado à derrotada linhagem política de Getúlio Vargas e João Goulart, retornaria ao Brasil após quatro anos de exílio em Paris e reassumiria o jornal *Última Hora* com propostas de reformulação da linguagem de seu jornal. Uma delas consistia no lançamento de uma coluna intitulada *Poder Jovem*, que ficaria a cargo do jornalista Nelson Motta⁴⁹, e um tablóide dominical chamado *Idéia Nova*, para o qual contrataria jornalistas responsáveis pelas grandes reportagens investigativas da então combativa revista *Realidade*, da Editora Abril. A irreverência tributada à juventude seria expressa nessas seções pela concessão de espaço a uma comunicação franca, direta e coloquial, produzida por jovens sequiosos de falar a seus pares. Superava-se neste sentido a abordagem didática e propedêutica, com a ênfase em temas distintos daqueles que constavam nas coleções *Tesouro da juventude*, *Vida juvenil* e *Jovens de todo o mundo*.

Já o surgimento no Brasil de uma revista intitulada *Pais & Filhos*, lançada no mercado pela Editora Bloch a partir de 1969, expunha casos concretos do relacionamento entre os dois segmentos geracionais. Em um de seus primeiros números, por exemplo, a revista publicava uma matéria onde o historiador Sérgio Buarque de Holanda escrevia um testemunho sobre seu novato filho que recém despontava no cenário musical brasileiro com *A banda*⁵⁰. Direcionada mais para os primeiros do que para os segundos, a revista procurava restabelecer a ponte entre estes dois elementos da família nuclear ocidental e podia ser um outro bom indício da crescente diferenciação interna

⁴⁸ Cf. NAVES, S. C. **Da Bossa Nova à Tropicália**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

⁴⁹ Cf. MOTTA, N. **Noites tropicais**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2000, p. 166.

⁵⁰ Com argúcia, Heloísa Starling comparou a obra do historiador Sérgio Buarque com a obra do compositor Chico Buarque. Cf. STARLING, H. M. M. “Uma pátria paratodos — Chico Buarque e a imaginação social e política brasileira”. In: SENTO-SÉ, J. T.; PAIVA, V. **op. cit.**

no seio familiar nacional, com sua respectiva apropriação mercantil pela imprensa e pelos meios de comunicação. Mesmo em tais veículos comunicativos, seus nomes denunciavam a associação, com a criação de emissoras radiofônicas como a Jovem Pan, em São Paulo, voltadas para essa faixa estrita de ouvintes.

A reestruturação do *Jornal dos Sports* não se mostrou infensa a essa agitação social e a essa dinâmica comunicativa, em escala nacional e internacional. Atento e sensível àquela conjuntura, Mário Júlio Rodrigues procurou afinar-se ao espírito de uma época que convergia para a afirmação da juventude como força hegemônica sob o ponto de vista cultural. Por um lado, este reconhecimento vinha estampado em muitos de seus anúncios pedagógicos e moralizantes, como aqueles da Fundação do Amparo ao Bem-Estar do Menor (Funabem) – “seja amigo do seu filho”, “ame e ampare a criança”⁵¹ – nos quais era destacada a preocupação com a harmonia da vida da família no lar e era frisada a importância das relações fraternais entre as gerações. Por outro, ele se colocava também como o periódico que procurava granjear com maior propriedade e autenticidade a índole juvenil e seu *modus vivendi*. Por ocasião do lançamento de *Sol – o Jornal do Poder Jovem*, este diário esportivo chegava a se colocar como o porta-voz e a autoconsciência de um fenômeno histórico mundial singular:

“Gente jovem faz um jornal jovem. Toda força, todo poder inventivo, todo espírito de luta da juventude está nas páginas do Sol. É uma visão nova do mundo. É um conceito novo de jornal. Há centenas de anos dizem que o Sol nasce para todos. Agora isso é realmente certo. Sol nasce para todos. E Você verá que de fato há tudo de novo sob o sol.”⁵².

*

“Em apenas um mês o SOL tornou-se o veículo do pensamento jovem brasileiro. Afirmado com coragem, defendendo os interesses nacionais, analisando os problemas com independência e isenção, a jovem equipe de universitários conduzidos por experientes jornalistas fez do SOL um novo padrão de jornalismo moderno. E agora, em homenagem aos jovens que contribuem para levar o Brasil pra frente, o SOL elegerá os 7 JOVENS de OURO, aqueles que mais se destacaram nos campos: universitário, empresarial, técnico, científico, artístico, econômico, político. SOL, uma visão jovem do mundo.”⁵³.

⁵¹ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 11 de setembro e 12 de outubro de 1967.

⁵² Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 18 de setembro de 1967, Anúncio de o SOL.

⁵³ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 22 de outubro de 1967, Suplemento SOL, p.10.

*

“O poder cultural. O poder social. O poder político. Desde o fim da última guerra o mundo passou a assistir, impotente, à rebelião da juventude. Os elementos desencadeados pela própria guerra, os vinte milhões de jovens sacrificados na carnificina foram suficientes para que os jovens aspirassem, dali por diante, a hegemonia no processo do desenvolvimento social. (...) A década de 60 se fixará na história como os anos da revolução dos jovens.”⁵⁴.

Depois de reconhecer que “o jovem é gregário” e que setenta por cento de seus leitores pertenciam àquela faixa etária, em outra oportunidade, na seção *JS Escolar*, o jornal voltava a dar ênfase às concepções de sua linha editorial, na reportagem “Juventude toma o poder”:

“O Brasil é um país jovem. A frase é repetida por todos: pelo Ministro do Exterior, pelo Presidente da República, pelo professor, pelo aluno, pelo homem da esquina. O jovem está aqui, ali, acolá. Representa uma parcela muito maior do que a metade da população. São 70 % dos 80 milhões de brasileiros. Apesar de representar uma força indiscutível, na realidade estão relegados a um plano secundário.”⁵⁵.

*

“Jornal dos Sports – O caminho do diálogo com o Poder Jovem.”⁵⁶.

Com a evocação da obra do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, *A rebelião das massas*, a mesma seção do *JS Escolar* exibia em sua primeira página a reportagem “A Rebelião da Juventude”:

“Há períodos em que o mundo tende para o pensamento maduro e outros em que prevalece a maneira jovem de encará-lo. Antigamente, o menino era um homenzinho em miniatura. Sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial, houve uma decomposição do modelo familiar e os jovens deixaram de ter o pai e a mãe como modelo. Onde, a geração *beat*, os *hippies* e os jovens do movimento estudantil.”⁵⁷.

Ainda sob aquele agitado ambiente, o *JS* se pronunciava sem se eximir da tomada de partido, como pode ser observado na matéria “O conflito no Vietnam e no mundo”:

⁵⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1967, p. 5.

⁵⁵ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1968, Seção *JS Escolar*, p. 01.

⁵⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 10 de outubro de 1970, p. 07.

⁵⁷ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1973, Seção *JS Escolar*, p. 01.

“A poderosa classe média americana, geralmente indiferente às manifestações políticas, sai da apatia para protestar contra a guerra que lhe destrói os mais aptos membros. Enfrentam a polícia e o perigo de agressão para tornar claro o repúdio à política de seu país. A desobediência civil assume proporções assustadoras e o governo se mune de legislação para reprimi-la. De todos os pontos do mundo, vozes se levantam: ‘Faça o amor, não a guerra’ é o grito de protesto da humanidade.”⁵⁸.

Conquanto a avaliação dessa época estivesse sujeita à crítica de sociólogos mais cáusticos – segundo Pierre Bourdieu, em sua análise retrospectiva feita no início dos anos 80, “a juventude era apenas uma palavra”⁵⁹, um modismo destituído de fundamento histórico maior –, o reconhecimento acadêmico da importância do fenômeno juvenil apareceria no Brasil já na própria década de 1960. Ele ficaria marcado na historiografia pela legitimidade da ascensão dos jovens ao lado de outros grupos, setores e movimentos sociais que apresentavam demandas específicas no interior da sociedade, sejam as mulheres, os negros, os pacifistas ou os ambientalistas. Na senda da popularização dos estudos foucaultianos e deleuzianos dos anos 70, a lista das minorias políticas e dos grupos excluídos se ampliaria para: homossexuais, índios, loucos, deficientes físicos, imigrantes, entre outros. As minorias sociais passavam a se colocar nas frinchas de um mundo então dividido e ocupado pela onipresente Guerra Fria, reclamando autonomia e espaço em meio à falta de alternativas, com a polarização ideológica entre o bloco comunista e capitalista.

Em decorrência dessa visibilidade juvenil, já no ano de 1964 o tema da participação dos jovens na sociedade começava a ser alvo de atenção em âmbito acadêmico, com a defesa de uma tese de doutoramento em Sociologia na USP sobre o assunto. Universidade de ponta naquele momento no que concerne à criação dos cursos de pós-graduação no país na área de ciências humanas e sociais, o trabalho recebia a orientação de Florestan Fernandes e procurava seguir os padrões científicos europeus e norte-americanos de pesquisa tidos como mais avançados. A extensa obra monográfica de Marialice Mencarini Foracchi, *Os estudantes e a transformação da sociedade*

⁵⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1968, Seção *JS Escolar*, p. 01.

⁵⁹ Cf. BOURDIEU, P. “A juventude é apenas uma palavra”. In: **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.

*brasileira*⁶⁰, abordava o papel do adolescente e do jovem à luz do funcionalismo de Talcott Parsons, com foco em sua condição de transitoriedade. A passagem da vinculação familiar para a entrada no mundo do trabalho se dava, na leitura sociológica então empreendida, por meio de categorias duais que compreendiam, de um lado, a dependência e a emancipação familiar e, de outro, a manutenção e a transformação do *status quo*.

Em fins da década de 1960, vinha a lume no Rio de Janeiro uma coletânea de artigos internacionais com a abordagem centrada nas questões geracionais. O lançamento de *Sociologia da juventude I*⁶¹, em pleno ano de 1968, constituía o primeiro de uma série de quatro tomos previstos para o mesmo tópico de uma recém-inaugurada coleção da editora Jorge Zahar, com textos básicos de Ciências Sociais aos cuidados de Moacir Palmeira e Otávio Velho, antropólogos vinculados ao Museu Nacional, outra instituição pioneira na implantação dos cursos de mestrado e doutorado em Antropologia Social no Brasil.

Dividido em duas partes, uma consagrada à Europa e a outra à América Latina, amparado nos resultados apresentados pela Primeira Conferência Mundial sobre a Juventude, patrocinada pela Unesco em 1964, e alicerçado em reflexões clássicas sobre o tópico empreendidas por Karl Mannheim, José Ortega y Gasset e Jürgen Habermas, os artigos enfeixados no livro não deixavam de discutir os dilemas contemporâneos em torno dos condicionamentos sócio-econômicos da sociedade global e da juventude como promessa e devir de uma sociedade utópica. A imagem da rebeldia juvenil ainda era objeto de uma polêmica no final do livro entre dois autores brasileiros. Otávio Ianni defendia a idéia do radicalismo dos jovens oriundos da classe média e da burguesia como uma tomada de consciência frente à incompatibilidade entre suas aspirações, seus projetos e seus anseios e os entraves da estrutura social tal como colocados, enquanto Gláucio Soraes postulava em “Ideologia e participação política estudantil” a projeção de uma

⁶⁰ Cf. FORACCHI, M. **Os estudantes e a transformação da sociedade brasileira**. São Paulo: Editora Nacional, 1977.

⁶¹ Cf. BRITO, S. (Org.). **Sociologia da juventude I: da Europa de Marx à América Latina de hoje**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968.

quimera ilusionista daqueles que viam em uns poucos elementos radicais a totalidade real dos estudantes.

Sob o ponto de vista da historiografia, em esfera internacional, seria cabível mencionar ainda, a título de comparação e de compreensão da emergência de uma identidade juvenil, a obra do historiador francês Philippe Ariès e sua investigação no terreno da história das mentalidades. Ela seria elaborada justamente entre 1960 e 1975 e elegeu como eixo temático a invenção de um “sentimento de infância” no seio da família burguesa a partir do século XVIII. Se até o início dos tempos modernos, no século XVI, havia quase uma indiferença por parte da aristocracia e da plebe na Europa quanto a essa faixa etária no que se refere a cuidados específicos, com a junção indiscriminada entre crianças e adultos no meio familiar, a ascensão da burguesia levaria ao progressivo reconhecimento da infância como uma idade diferenciada e à parte, passível, por exemplo, de escolarização, outro fenômeno correlato à formação moral do universo infantil. No momento em que Philippe Ariès publicava seu trabalho, processo análogo parecia suceder com a reivindicação da autonomia de um “sentimento de juventude”, o que, entretanto, só mereceria atenção historiográfica na década de 1990, com a obra coligida por um representante da micro-história italiana, Giovanni Levi: *História dos jovens*⁶².

A discussão não ficaria restrita aos limites da vida intelectual e acadêmica e alcançaria as páginas do *Jornal dos Sports* com livros de jornalistas de esquerda que se engajavam na politização universitária dos estudantes. Em julho de 1968, o anúncio do lançamento do livro do jornalista José Arthur Poerner, *Poder Jovem*⁶³, obra que abordava a história do movimento estudantil no Brasil, ocupava uma página inteira do jornal e ia ao encontro da calorosa atmosfera das passeatas no Rio de Janeiro, então em seu clímax. Escrito por um jornalista que recém-lançara pela Editora Civilização Brasileira seus relatos sobre o movimento anticolonial da Argélia, *O caminho da Independência*⁶⁴, na condição de enviado especial, Poerner dedicava seu

⁶² Cf. ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981. Cf. também LEVI, G.; SCHMITT, C. **História dos jovens**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, vol. 2.

⁶³ Cf. POERNER, A. J. **Poder Jovem**. Prefácio de Antônio Houaiss. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

⁶⁴ Cf. Id. **Argélia: o caminho da Independência**. Prefácio de Otto Maria Carpeaux. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

estudo ao recenseamento de uma cronologia histórica das lutas da União Nacional dos Estudantes, a UNE, que então completava trinta anos de existência. Tendo sido criada como resistência à implantação de um governo ditatorial no Brasil, o Estado Novo, a história da entidade era apresentada em um sugestivo paralelo com a situação vivenciada naquele momento. Na seção JS Escolar, a obra era subscrita com a resenha de Otto Maria Carpeaux e com excertos da apresentação ao livro por parte do filólogo e diplomata Antônio Houaiss⁶⁵.

Aspecto despercebido a muitos estudiosos da imprensa e da história contemporânea, em uma época bem explorada no que diz respeito aos assuntos mais gerais da política, da economia e da cultura no período ditatorial, eclipsado talvez por esses eventos de maior monta, a marca juvenil disseminada por várias dimensões da vida cotidiana teve repercussões também nos esportes e, sobretudo, em uma esfera de lazer muito importante no dia a dia nacional: o futebol. É possível que tal desconsideração se deva à falta de prestígio dos tablóides esportivos, tidos convencionalmente como de menor importância ou de segunda classe. Tal recuperação segue a pista metodológica deixada pelo historiador norte-americano Robert Darnton ao privilegiar as edições e os livros proibidos ou os desprestigiados escritores e subliteratos iluministas do *Ancien Régime* francês. Assim, sob tal inspiração, parte-se aqui do fato aparentemente anódino e “esquecido” de que o biênio de 1967 e 1968 assistiu ao surgimento no Rio de Janeiro de novos agrupamentos de torcedores que adotavam a alcunha de Torcidas Jovens, coincidindo com a intensa circulação do bordão *poder jovem* quer naquele diário esportivo quer na sociedade.

Tratava-se da *Jovem Flu*, criada por um grupo de artistas torcedores do Fluminense, dentre os quais, o ator Hugo Carvana, o compositor Chico Buarque e o jornalista Nelson Motta, que dizia contar àquela altura com cerca de duzentos simpatizantes, como Ronaldo Bôscoli e Elis Regina⁶⁶, esta última a aparecer em foto na primeira página do jornal ao lado de Nara Leão e Wilson Simonal, com seus palpites sobre o Fla-Flu⁶⁷; tratava-se do *Poder Jovem* do

⁶⁵ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 28 de julho de 1968, Seção JS Escolar, p. 06.

⁶⁶ Não confundir a Jovem Flu com a atual torcida organizada do Fluminense, Young Flu, fundada em outubro de 1970 por Paulo César Pedruco e os irmãos Cláudio e Armando Cavalcante, de que trataremos adiante. Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 09 de abril de 1968, p. 5.

⁶⁷ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 11 de agosto de 1968, p. 01.

Flamengo, composto por sócios dissidentes do clube e da tradicional Charanga de Jaime de Carvalho; tratava-se do *Poder Jovem* do Botafogo, formado por uma turma de amigos da rua Miguel Lemos, em Copacabana, que costumava assistir aos jogos juntos no estádio. Já em jogos do Vasco, o *Jornal dos Sports* fazia referência a uma anônima faixa com a frase: “A Torcida Psicodélica de Niterói está sempre presente com o Vasco”, o que evidenciava a livre circulação internacional de bordões de movimentos juvenis como a contracultura⁶⁸.

O entendimento do significado da presença desses grupos no futebol requer a observação de que a imagem geral dos estádios é a de seu caráter heterogêneo, plural e democrático. A construção do Maracanã para a Copa do Mundo de 1950 acentuou esse viés público no Rio de Janeiro, capital da República, com a transcendência da dimensão clubística local e com a assunção de uma dimensão nacional, por iniciativa não apenas da prefeitura do então Distrito Federal, mas do Estado brasileiro em sua instância federal. A partida final daquele torneio internacional, em que compareceram mais de duzentas mil pessoas, dez por cento da população carioca na ocasião, sublinha o sentido simbólico de representação da população brasileira. Se, por um lado, a estrutura elíptica e ascensional de estádios como o Maracanã simboliza o poder do Estado e as formas de se representar tanto a integração quanto a separação das classes sociais no Brasil, por outro não é possível dizer que haja uma recepção inerte e passiva por parte do público espectador a essa imposição arquitetônica sócio-espacial dos estádios.⁶⁹

Vista como microcosmo da sociedade, espécie de escorço da nação ou “metáfora da dinâmica social”, como prefere o historiador Robert Levine⁷⁰, a praça de desportos costuma ser freqüentada por indivíduos de todas as classes sociais, de diversas origens raciais e das mais variadas faixas etárias. Embora uma consensual impressão atribua preponderância à presença masculina e juvenil, reconhece-se o estádio como um lugar freqüentado igualmente por

⁶⁸ A Força Jovem do Vasco seria formada em fins de 1969 e seria fundada em fevereiro de 1970, no bairro do Méier. Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 10 de junho de 1968, p. 14.

⁶⁹ Cf. MOURA, G. de A. **O Rio corre para o Maracanã**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998. Cf. também LOPES, J. S. L. “Le Maracanã, coeur du Brésil”. In: **Sociétés et représentations**. Paris: s.e., 1998, n. 7.

⁷⁰ Cf. FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses: futebol, sociedade, cultura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 28.

pessoas idosas, por mulheres e crianças. A hierarquia econômica que escalona os espectadores de acordo com o preço de cada setor não impede a existência de espaços de encontro e de conagração para as múltiplas procedências sociais, as arquibancadas, que costumam servir de marca simbólica da heterogeneidade e da popularidade das praças desportivas no Brasil, sendo uma das diversões preferidas para o carioca e o brasileiro. Em âmbito acadêmico antropológico, a dimensão sócio-espacial do Maracanã e sua relação com a organização da sociedade, para além dos seus limites físicos arquitetônicos, foi trabalhada de forma precursora por Luiz Felipe Baêta Neves Flores, com a contraposição entre a massa componente das arquibancadas e os indivíduos identificados nas tribunas de honra e nas cadeiras especiais.⁷¹.

É possível salientar como, no decorrer da segunda metade do século XX, a frequência, o comportamento e o perfil dos estádios foram sendo alterados de maneira contínua e acompanharam também as transformações oriundas da sociedade. No Rio de Janeiro, a emergência de grupos torcedores que se autodenominavam *jovens* parece adequada a esta mutação. A dramatização em âmbito nacional e internacional de uma “crise de gerações” manifestava-se não apenas na unidade da família, da escola ou da universidade. Fenômeno menor, em princípio sem maior relevância, que passava despercebido para muitos investigadores, as Torcidas Jovens cariocas despontaram como um fato inédito, como um novo núcleo de arregimentação juvenil, formado por novos atores imbuídos do intuito de ocupar um papel distinto no universo esportivo. Em âmbito geral, elas apareciam de maneira concomitante aos grandes acontecimentos desencadeados pelos jovens no Brasil e no mundo; em âmbito específico, sua postura contestadora passava por um questionamento das Charangas e das Torcidas Organizadas que desde os anos de 1940, 1950 e 1960 já estavam estabelecidas nas arquibancadas e que já tinham seu lugar reconhecido no cenário desportivo do Rio de Janeiro.

Esses tradicionais agrupamentos, criação dos clubes para o incentivo ao time e para a animação da platéia nos dias de jogos, eram fomentados pelos concursos de torcida promovidos pelo *Jornal dos Sports* desde a época de Mário Filho. De forma unificada e homogênea, eles se fixaram nas

⁷¹ Cf. FLORES, L. F. B. N. **op. cit.**

arquibancadas como representantes oficiais dos torcedores, sendo cada torcida conduzida por um único líder. Os chefes de torcidas tornaram-se, no decorrer das décadas, os principais interlocutores entre o público espectador e os demais protagonistas do futebol, como dirigentes, repórteres e jogadores. Segundo o entendimento de um colunista do jornal, José Castelo, a posição do chefe de torcida deveria corresponder à de um diplomata ou à de um político, sempre empenhado na arregimentação de torcedores indecisos⁷². A promoção da festa e a subsequente carnavalização das partidas, com a introdução de pequenas orquestras musicais, somadas a faixas, bandeiras, balões, estandartes, foguetes, confetes e serpentinas, dependia da atuação deles, em um espetáculo sonoro e visual que atraía simpatizantes das mais diferentes origens econômicas, sociais e geracionais.

Em 1967, Jaime de Carvalho era o torcedor mais tradicional e de maior projeção na cidade. Ele então comemorava seu aniversário e os vinte e cinco anos de existência da Charanga Rubro-Negra, com a realização de uma cerimônia festiva do natalício da torcida na antiga sede do clube do Flamengo, no Morro da Viúva. O Jubileu de Prata era concorrido e o *Jornal dos Sports* fazia a cobertura do evento com as chamadas “Baile da Torcida Organizada”, “25 anos de fidelidade” e “O mais amado” na coluna *Diário do Flamengo*. A amiga Dulce Rosalina, que há onze anos liderava a Torcida Organizada do Vasco, comparecia em nome do presidente do clube rival. Tarzã, durante dez anos à frente da Torcida Organizada do Botafogo, também se fazia presente à solenidade. Em felicitação à torcida co-irmã, o chefe botafoguense subia ao palco, tecia algumas considerações sobre a extraordinária data ali celebrada e por fim oferecia a Jaime de Carvalho uma estatueta que representava a figura de um pescador. Em seu discurso, Tarzã justificava o troféu e explicava por que o pescador simbolizava para ele o papel exercido por Jaime de Carvalho. Segundo o relato do jornal:

“Tarzã compareceu à festa de Jaime de Carvalho com uma bandeira-gigante do Botafogo e fez questão de subir ao palco da sede velha da Praia do Flamengo para entregar ao seu compadre uma estatueta que representava a figura de um pescador: ‘– Comparo um chefe de torcida a um pescador, sempre pescando simpatias. Daí a idéia da

⁷² Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 02 de junho de 1968, p. 04.

estatueta – explicou Tarzã’. No palanque, Jaime de Carvalho fazia alusão aos demais clubes representados por chefes de torcida, na ocasião, quando lhe faltaram palavras para caracterizar o Botafogo. Tarzã, prontamente, aduziu: ... É o mais amado... Dulce Rosalina, dizendo representar na solenidade o Sr. João Silva, e Elias Bauman, confirmando seu contra o continuísmo no América, além de Tarzã, foram os chefes-de-torcida que compareceram. Jaime completou 25 anos de charanga e negou a intenção de se aposentar, ficando muito satisfeito quando lhe desejaram mais 25 anos nas suas funções. Tem, agora, 56 anos de idade.”⁷³.

Em julho do ano seguinte, por ocasião do aniversário de setenta anos do clube Vasco da Gama, no Cineac – sede da Federação Carioca de Futebol –, no Centro do Rio, Dulce Rosalina voltou a fazer saudações e a entregar troféus a Jaime de Carvalho. Este era eleito então *o chefe dos chefes* de torcida, o que ratificava ainda mais a sua ascendência no conjunto das torcidas cariocas, sendo sucessivas vezes convidado a assistir às partidas decisivas junto à Torcida Organizada do Vasco, salvo é claro quando o Flamengo jogava⁷⁴. Naquela oportunidade também, Dulce prestava homenagem a outros dois dos mais antigos líderes de torcida ainda em atividade: Paulista, do Fluminense e Juarez, do Bangu. Neste mesmo evento ainda, os agraciados anunciavam uma novidade, com o projeto de formação de uma inédita entidade desportiva: a Associação de Torcedores do Futebol Carioca. Mediante sugestão de um dirigente do América, Ícaro França, firmava-se ali um acordo para a criação da ATFC, uma associação representativa dos interesses dos torcedores cujos patronos seriam o presidente do Vasco, Reinaldo Reis, e o próprio *Jornal dos Sports*, conforme assegurava seu diretor-secretário, o professor Ênio Sérvio⁷⁵.

É bem provável que a anunciada fundação da ATFC, cuja existência efetiva parece não ter se concretizado, significasse a materialização de um esforço em prol do maior entrosamento entre as torcidas dos diferentes times do Rio de Janeiro, na obtenção dos direitos que lhe eram comuns, fruto também dos laços de amizade e cordialidade que os uniam. Outrossim, a legitimação de uma nova instância de poder ocorria em momento concomitante ao aparecimento das novas agremiações dissidentes denominadas Torcidas Jovens. Embora não admitida nem explicitada, a intenção tácita do anúncio da ATFC

⁷³ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 08 de dezembro de 1967, p. 04.

⁷⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 09 de junho de 1968, p. 04

⁷⁵ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 30 de julho de 1968, p. 12.

parecia sinalizar também para a consciência da perda de hegemonia representada pelo advento de uma ala de jovens torcedores. As torcidas oficiais dos clubes tinham de passar a dividir espaço nas arquibancadas com outras torcidas, fato antes inconcebível, pois até então apenas elas existiam.

Além da postulação de um perfil etário mais homogêneo, as Torcidas Jovens se singularizavam das antigas torcidas pela incorporação de um controvertido valor ao ato de torcer: o protesto. Se até então o incentivo parecia constituir a essência do modo de ser do torcedor e a finalidade última destas agremiações – a prova maior eram os exemplos de fidelidade e de lealdade do chefe de torcida –, as Torcidas Jovens canalizavam a insatisfação dispersa entre os torcedores nos períodos de crise de suas equipes, outorgando-se o livre direito à pressão, ao apuro e à vaia dirigida à diretoria dos clubes, o que era facilitado pela ausência de vínculos diretos pessoais com os dirigentes. A justificativa maior para o surgimento delas se amparava nesse mesmo argumento, com a reivindicação da manifestação organizada contrária ao desempenho do clube e com a liberdade para críticas seja aos dirigentes, seja aos jogadores, seja aos técnicos.

O princípio da adesão irrestrita ao time era posto em questão, bem como o histórico elo entre o clube e a torcida. A dissidência se expressava de dois modos: de um lado, pelo não reconhecimento da autoridade exclusiva dos chefes oficiais de torcida; de outro, pela capacidade de interferir como uma força externa, independente do clube, e pressioná-lo de fora para dentro, das arquibancadas para o campo de jogo. Neste sentido, os meios de comunicação configuravam igualmente um lugar privilegiado para a exposição da insatisfação e para o exercício do novo tipo de influência participativa das Torcidas Jovens sobre os clubes, o que parecia contar com o apoio do *Jornal dos Sports* e com a linha editorial inaugurada pelo jornal que privilegiava e alardeava entre seus leitores a importância do *Poder Jovem* no Brasil e no mundo, na sociedade e no esporte.

Na conturbada conjuntura histórica do final da década de 1960, em especial o ano de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, o *Jornal dos Sports* concedia notável destaque para as maciças passeatas estudantis, com a descrição dos enfrentamentos dos estudantes com a polícia e com o acompanhamento das negociações entre as lideranças estudantis e os

representantes do Ministério da Educação, dentre eles a audiência com o próprio ministro Tarso Dutra, em atos coletivos no Palácio Gustavo Capanema, que chegavam a reunir cinquenta mil manifestantes no centro da cidade⁷⁶. Periódico crítico ao regime militar e favorável às reivindicações dos estudantes, o *Cor-de-Rosa*⁷⁷, como era popularmente conhecido o jornal – a adoção de uma cor forte e aberrante como o rosa era outra flagrante estratégia jornalística de diferenciação e de singularização com finalidades comerciais, embora fosse tradição antiga, iniciada a 23 de março de 1936, sob inspiração do jornal francês *L'Auto*⁷⁸ –, parecia mesmo colocar-se ao lado do Movimento Estudantil.

O periódico chegava a constituir uma espécie de fórum do ME, ao pôr a sociedade a par de suas informações mais pontuais, como reuniões, assembléias e congressos, e ao abordar os bastidores das disputas internas entre as lideranças cariocas da UME (União Metropolitana dos Estudantes), como Vladimir Palmeira, Luiz Travassos, Franklin Martins, Daniel Aarão Reis, Carlos Alberto Muniz, Jean Marc Von der Wied, entre outros. No confronto com as forças repressivas, que havia tornado proibida a realização de passeatas desde 26 de junho daquele ano, os estudantes podiam contar com espaços na primeira página do jornal e com o traço sempre simpático das charges de Henfil à sua causa. Se o motivo das manifestações consistia de início na resolução de questões específicas, como o número crescente de excedentes nas universidades, que derivavam dos pilares elitistas da educação, logo elas assumiam um sentido maior de oposição ao regime discricionário e ditatorial recém-instituído.

Ao completar três anos de existência, o JS-Escolar, criado no dia primeiro de julho de 1967, asseverava que a linha editorial do jornal “tencionava ficar ao lado dos estudantes em suas reivindicações justas e levar, de maneira independente, as suas críticas às autoridades responsáveis”. Além das matérias, o próprio periódico difundia o bordão em anúncios tais como

⁷⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 05 de julho de 1968, p. 12.

⁷⁷ Para uma abordagem filosófica centrada na fenomenologia das cores, e sua capacidade de influência óptica, ver o ensaio do professor Mário Guerreiro. Cf. GUERREIRO, M. “Breve introdução à fenomenologia das cores”. In: **Revista do IFCS**. Rio de Janeiro: s.e., 1981, n.º 1.

⁷⁸ Esta informação foi encontrada em depoimento da jornalista Cristina Konder, que atualmente trabalha como editora de conteúdo do mesmo jornal, a que chegou a convite de Christian Burgos e Wellington Rocha. Cf. KONDER, C. “Um olhar feminino no JS”. In: **Jornalismo Esportivo**. Rio de Janeiro: Imprensa da Cidade / Prefeitura do Rio, 2004, Série Estudos, n.º 11, p. 21.

“Um jornal que frequenta a faculdade”, onde se ressalta a afinidade com o estudante por meio de espaço para informações sobre colégios, universidades e cursos pré-vestibulares. Dentre as questões que caíam no vestibular, o jornal reproduzia uma direcionada aos aspirantes ao curso de Ciências Sociais: “Por que motivos, dentre outros, existe o conflito de gerações ?”⁷⁹.

O apoio explícito do *Jornal dos Sports* aos estudantes parecia se estender ao âmbito futebolístico, de forma mais incisiva, no respaldo às atividades de contestação de agremiações recém-formadas de torcedores, com editoriais intitulados “O poder da torcida”⁸⁰, com colunas específicas chamadas “O jogo da torcida”⁸¹, com fotos seguidas das legendas “Eles também jogam”⁸² e com dizeres conclusivos em sua primeira página: “... uma força indiscutível no futebol brasileiro”⁸³. A independência das Torcidas Jovens cariocas face à direção dos seus respectivos clubes – motivação principal para o seu surgimento – foi em alguns momentos, mais do que reportada, incitada e propalada pelo próprio jornal. Isto ocorreu, por exemplo, no primeiro semestre de 1968, quando o *Jornal dos Sports* fez ampla cobertura da oposição à diretoria do Fluminense, capitaneada pelo movimento Jovem Flu, que ainda não se constituía uma torcida organizada estruturada nas arquibancadas, mas partia da mobilização de renomados torcedores que assistiam aos jogos nas cadeiras especiais e instigavam os demais tricolores com as declarações concedidas nos meios de comunicação.

Nos meses de março e de abril daquele ano, o Jovem Flu elegeu como adversário e *persona non grata* o vice-presidente do Fluminense, Dílson Guedes, responsável segundo os torcedores pelo péssimo desempenho da equipe no campeonato carioca. A campanha pela sua destituição do cargo levou a várias formas de pressão para expressar o seu descontentamento e para pedir o afastamento do dirigente, fato acompanhado com proximidade pelo jornal em matérias sob o título de “Torcida provoca Dílson”⁸⁴. O mais expressivo dos atos era coro que se irradiava nas arquibancadas com o dizer “Abaixo, Dílson Guedes!”, uma imitação do grito de guerra estudantil entoado nas passeatas

⁷⁹ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 05 de julho de 1970, seção JS-Escolar, p. 01.

⁸⁰ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1967, p. 03.

⁸¹ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 29 de abril de 1968.

⁸² Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 01 de abril de 1967, p. 10.

⁸³ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 05 de abril de 1971, p. 01.

⁸⁴ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 01 de abril de 1968, p. 02.

naquele mesmo período: “Abaixo a ditadura!”. O Jovem Flu valia-se ainda de estratégias mais elaboradas, como os telefonemas anônimos ao vice-presidente e até mesmo o cerco à casa do dirigente para os protestos, com as devidas reportagens da imprensa.

No dia nove de abril do mesmo ano, o líder do movimento Jovem Flu merecia uma reportagem de página inteira para explicitar as razões que opunham os torcedores àquele membro do clube. O jornal, entretanto, ainda dividia as atenções entre essa agitação dos torcedores do Fluminense e as repercussões desencadeadas pelo assassinato do estudante Edson Luís no restaurante Calabouço. Morto pela polícia que tentava impedir mais uma passeata, esse estudante viria a se tornar um mártir da luta contra a ditadura militar, com o comparecimento de mães e de religiosos à comovente missa de sétimo dia na Candelária, o que não impediu ao final o prosseguimento dos graves distúrbios e dos enfrentamentos entre os manifestantes e as forças policiais à saída da igreja no Centro do Rio. O clima de acirramento era reportado pelo jornal com a primeira página “Tanques ocupam cidade”⁸⁵, com a convocação do I Exército pelo governador do estado e com a justificativa do fechamento do restaurante Calabouço pelo diretor do DOPS⁸⁶.

Por outro lado, o acontecimento fatal levaria à sensibilização da sociedade para a questão estudantil, com a adesão de expressiva fração da opinião pública – o *Jornal dos Sports* colocava em sua primeira página “Chacina enluta o Rio: vandalismo policial mata quatro e fere centenas”⁸⁷, alardeava em sua última página a frase com apelo sentimental “E podia ser seu filho”⁸⁸ e divulgava em sua seção escolar “Igreja repudia a violência”⁸⁹ – e com o já esperado apoio aos estudantes de setores como os intelectuais, representados pelo psicanalista Hélio Pelegrino, os artistas, liderados pelo teatrólogo Flávio Rangel, e os professores, na figura do filósofo José Américo Pessanha. A partir de então, as reportagens tornam-se correntes e, na seção JS Escolar, acompanham-se passo a passo os desdobramentos da contenda, com

⁸⁵ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 02 de abril de 1968, p. 01.

⁸⁶ Cf. MAFRA, P. H. **Uma escola contra a ditadura**: a participação política do Cap-UFRJ durante o regime militar brasileiro (1964-1968). Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em História Social / UFRJ, 2006.

⁸⁷ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 22 de junho de 1968, p. 01.

⁸⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 30 de março de 1968.

⁸⁹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 06 de abril de 1968, p. 10.

matérias que alardeavam a invasão policial da Universidade de Brasília (UnB)⁹⁰ e com chamadas sempre retumbantes na primeira página: “Passeata e greve contra a prisão de Vladimir”⁹¹. Em São Paulo, as fissuras ideológicas internas entre os estudantes levavam a confrontos de rua e colocavam frente a frente os alunos mais radicais à esquerda e à direita, com os primeiros aglutinados na Faculdade de Filosofia da USP e os segundos, na Universidade Mackenzie. Ainda assim, o jornal punha em suspeição a PM paulista e o Comando de Caça aos Comunistas, virtuais responsáveis pela morte de estudantes progressistas⁹².

Mesmo com a diminuição do espaço do noticiário esportivo na sua capa, a matéria intitulada “A voz da torcida” dava a palavra ao líder Hugo Carvana, que denunciava a concepção retrógrada do, segundo ele, “ultraconservador” Dílson Guedes na condução do futebol do clube e exige a sua imediata saída. O presidente do Fluminense, Luiz Murgel, movimenta-se em defesa de seu aliado e passa a acusar a nova torcida de tentativa de autopromoção às custas do futebol. Com toques de emoção à disputa acompanhada dia a dia, a cobertura jornalística continua favorável à posição dos torcedores, com uma implacável campanha pela deposição do vice-presidente. Dois dias depois, a 11 de abril, o *Jornal dos Sports* estampa em letras garrafais na manchete de sua primeira página o aparente êxito dos torcedores: “Caiu Dílson Guedes”. Passados mais três dias, durante uma partida disputada no Maracanã, o jornal cobriria mais protestos com o enterro simbólico do presidente do clube feito por aqueles torcedores.

Apesar do grande destaque dado pelo *Jornal dos Sports* ao Jovem Flu, é válida a observação de que aquela torcida não era unânime entre os colaboradores do periódico e no próprio meio esportivo e suscitava um amplo debate em torno do direito à crítica⁹³. Se a charge de Henfil acentuava os “Torcedores contra a direção Fluminense!”⁹⁴, Nelson Rodrigues, um tricolor contumaz, autor de antológicas crônicas sobre a figura do torcedor em *O Globo* e no jornal que agora pertencia a seu sobrinho, colocava-se contra o movimento. Isto era compreensível, uma vez que dentre as suas publicações

⁹⁰ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 01 de setembro de 1968, Seção JS Escolar, p. 01.

⁹¹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 04 de agosto de 1968, Seção JS Escolar, p. 01.

⁹² Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 05 de outubro de 1968, p. 11.

⁹³ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 12 de abril de 1968, p. 12.

⁹⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 19 de março de 1968, p. 04.

diárias destacavam-se as crônicas intituladas “A doce torcida”, “Tempestade de bandeiras tricolores”, “O momento supremo da torcida”, “A caravana do grande amor”⁹⁵ e “A renda mais lírica”. Nelas o cronista exaltava os aspectos relativos à fidelidade, à abnegação irrestrita à equipe e à necessidade de acompanhar o time seja a Conselheiro Galvão, no campo do Madureira, seja aos caminhos ainda mais ínvios dos estádios do subúrbio carioca, como prova dos valores que deveriam nortear o genuíno torcedor de futebol.

Dramaturgo conhecido no período por prodigalizar sentenças exortativas – “torcida é delírio!”⁹⁶ – e por carnavalizar rabelasianamente a linguagem – “a multidão foi inventada pelo Fla-Flu”⁹⁷ – mas também por suas flagrantes posições ideológicas à direita, com a notória antipatia pelas rebeliões estudantis⁹⁸, Nelson Rodrigues não via de maneira positiva as atitudes da Jovem Flu. O escritor caracterizava-a como uma torcida sempre “descontente, amarga e furiosa”⁹⁹, um caso excepcional, à parte do mundo do futebol, dando azo para meditações sobre o caráter do torcedor que, em última instância, era uma metonímia do comportamento típico do povo, capaz de oscilar pendularmente de um extremo a outro: “Amigos, conforme os seus estímulos emocionais, o brasileiro passa da euforia mais delirante para a depressão mais profunda”¹⁰⁰.

Para Nelson, tal transtorno psíquico era sintoma de um diagnóstico por ele já traçado sobre o homem comum brasileiro, expresso na forma de uma máxima cunhada em 1958, numa crônica para a revista *Manchete Esportiva*: o “complexo de vira-latas”¹⁰¹. Se o cronista do *JS* e dirigente esportivo, João Lyra Filho, já havia respaldado complexos semelhantes, ao atribuir aos jogadores fraquezas de fundo psicológico nos momentos de decisão, como afiançara em seu relatório sobre a derrota nacional na Copa do Mundo de 1954, quando chefiou a delegação brasileira, esta condição instável, é possível estender, atingia em cheio a caracterização do torcedor. As imprecações de

⁹⁵ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 26 de setembro de 1968, p. 04.

⁹⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 30 de abril de 1968, p. 04.

⁹⁷ Cf. RODRIGUES, N. “O ódio ao fato e à palavra”. In: **O óbvio ululante**: primeiras confissões. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 172.

⁹⁸ Cf. Id. “Jovens imbecilizados pelos velhos”. In: **op. cit.**

⁹⁹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 03 de abril de 1968, p. 04.

¹⁰⁰ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 29 de maio de 1973, p. 03.

¹⁰¹ Cf. RODRIGUES, N. “Complexo de vira-latas”. In: **À sombra das chuteiras imortais**: crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

Nelson contra o movimento Jovem Flu tinham como fundamento ainda a sua assumida visão reacionária da sociedade, o que deixava ser entrevistado no tom coloquial de suas crônicas esportivas antijuvenis: “Se me perguntassem qual a mais feia impostura da nossa época, eu daria a seguinte e fulminante resposta: – é a cínica promoção que se faz do jovem.”¹⁰².

Essa percepção era compartilhada por outros segmentos do futebol retratados pelo jornal, como o técnico do Botafogo, Zagalo, para quem a função da torcida era o incentivo e não as vaias, pois estas só aumentavam as dificuldades no rendimento dos jogadores na partida¹⁰³. A extensão da polêmica fomentada pelo periódico podia ser aquilata em matérias específicas para a polêmica em torno do apuro e do aplauso, com as impressões do técnico do Fluminense, Telê Santana, e do principal chefe da torcida tricolor, Paulista¹⁰⁴. Em alusão ao “comportamento técnico, tático e emocional da torcida”¹⁰⁵, o exemplo nelsonrodrigueano invocava a cumplicidade entre o torcedor e o jogador, com a atitude do primeiro refletindo-se na atuação do segundo: “A torcida estava lá, firme, inarredável; e o jogador, reconhecendo a sua dedicação inédita, está sempre disposto a dar uma alegria a essa gente formidável”¹⁰⁶. Depois de louvar a dignidade e a nobreza do choro de Paulista e de Bolinha, tradicionais torcedores do Fluminense desde a década de 1930, o escritor cunha o lema lapidar que deveria orientar o espírito de uma torcida: “ao invés da ira, a apoteose”¹⁰⁷. De todo modo, Nelson Rodrigues fazia ponderações acerca das transformações estruturais do futebol, nos quais reconhecia os recursos disponíveis à manifestação do torcedor:

“Amigos, o ‘Mário Filho’ veio acabar com um dos usos mais consagrados do futebol antigo: – a invasão de campo. (...) Em nossos dias o torcedor só tem uma arma, que é a vaia ou o aplauso.”¹⁰⁸.

¹⁰² Cf. RODRIGUES, N. “Ama-se, trai-se, mata-se ‘Pra frente’”. In: **op. cit.**, p.111.

¹⁰³ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 05 de abril de 1968, p. 02.

¹⁰⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 11 de abril de 1968, p. 05.

¹⁰⁵ Cf. RODRIGUES, N. “O momento supremo da torcida”. In: **Jornal dos Sports**. Rio de Janeiro, 10 de abril de 1967, p. 04.

¹⁰⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 05 de abril de 1968, p. 04.

¹⁰⁷ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 11 de abril de 1968, p. 04.

¹⁰⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 09 de janeiro de 1974, p. 02

A crise da equipe do Flamengo no segundo semestre do ano de 1968 também seria responsável pelo desencadeamento de um acerbo confronto entre a presidência do clube e um movimento de jovens torcedores nascido nas arquibancadas do Maracanã. É necessário destacar de que maneira neste caso também o *Jornal dos Sports* assumiria papel decisivo na deflagração do incidente. Durante uma semana inteira no mês de setembro, o jornalista Marco Aurélio Guimarães assinou um conjunto de sete reportagens exclusivas e especiais, de página inteira, muito chamativas, intituladas “Os Coveiros do Fla”. Nelas o jornalista focalizava os problemas concernentes à corrupção, à inépcia administrativa e às deficiências estruturais que atravessava o clube naquela suspeita gestão. Poucos dias depois, após sucessivos malogros da equipe do Flamengo, o *Jornal dos Sports* voltava a abordar, com crasso teor sensacionalista, as debilidades do time e a impaciência dos torcedores perante seus cartolas. Desta feita, abria-se espaço à cobertura da revolta da Torcida Jovem contra o presidente Veiga Brito, ex-deputado da Guanabara pela UDN (União Democrática Nacional), às voltas com o processo de sua reeleição no clube¹⁰⁹.

As fotos e as manchetes do periódico davam um verniz ainda mais dramático às contestações dos torcedores. Após um empate com o Bangu no Maracanã, a revolta da torcida do Flamengo fazia o colunista Luiz Bayer classificar os protestos como “sem precedentes”¹¹⁰ na história do clube. A reprodução dos títulos do jornal possibilita uma compreensão do teor das matérias: “Torcida está contra tudo”¹¹¹; “Rebelião na torcida do Mengo”, “Torcida repudia Veiga”, “A maior crise da história do Flamengo”¹¹². Publicavam-se as cartas de apoio à matéria de Marco Aurélio: “Queremos as cabeças”, “Ninguém é trouxa”. Transcreviam-se as palavras-de-ordem entoadas no estádio, a primeira delas parodiando uma vinheta das transmissões esportivas de rádio, com a justaposição de termos empregados no próprio jornal (“coveiros”) para designar os cartolas do clube: “Ôlêê, ôláá / abaixo os coveiros / cadê nosso dinheiro ?”; “A torcida organizada / Derruba a cachorrada!”. Já o

¹⁰⁹ Cf. MOTTA, M. da S. **Saudades da Guanabara**: o campo político da cidade do Rio de Janeiro (1960-1975). Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 2000.

¹¹⁰ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1968, p. 04.

¹¹¹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 02 de outubro de 1968, p. 04.

¹¹² Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 21 de fevereiro de 1969, p. 10.

segundo slogan era descrito pelo jornal como “um brado de guerra, com raízes nas passeatas estudantis”¹¹³, em paródia a uma variação de dois lemas que circulavam na época entre tendências esquerdistas e organizações clandestinas: “O povo organizado / derruba a ditadura!”; “O povo armado / derruba a ditadura!”¹¹⁴.

Emulados pelo jornal, os torcedores buscavam de diversas formas expressar sua contrariedade com a situação crítica do time e com a obscura administração do clube. Além dos cânticos, a reportagem jornalística mostrava as formas espontâneas de demonstração da insatisfação da torcida frente à presidência do clube. Elas iam de práticas violentas e contundentes, como o apedrejamento de carros na garagem do estádio e o cerco à saída do presidente, com ameaças a sua integridade física, até práticas mais pacíficas e ritualizadas, como o enterro simbólico da maior figura de poder do clube, em caixões mortuários que também eram comuns nas passeatas dos estudantes. Enquanto Jaime de Carvalho não admitia os palavrões na torcida em função das mulheres e das crianças pertencentes à Charanga, limitando-se a levar faixas de incentivo aos jogadores como “Avante, César”¹¹⁵, os jovens torcedores dissidentes percorriam todo o anel das arquibancadas com um improvisado esquife – como também já havia feito a Jovem Flu no primeiro semestre daquele ano –, fato que chamava grande atenção e que despertava a curiosidade de muitos espectadores.

Outro dado crucial nesse contraste de atitudes era a explicitação de uma espécie de “crise de representação” no interior da torcida rubro-negra, como deixavam claros os extensos relatos do *JS* sobre os jogos:

“A torcida do Flamengo que habitualmente se posta atrás do gol rebelou-se contra a má atuação do time e, na metade do segundo tempo, formalizou o seu protesto: rumou, espontaneamente, até o local onde se aglutina a torcida organizada do clube, sob o comando de Jaime de Carvalho – lado esquerdo das tribunas – e passou a vaiar com mais insistência o time. Jaime lançou o seu protesto de imediato, pedindo que os torcedores da ala jovem fossem realizar manifestações

¹¹³ Na legenda da foto na primeira página: “Torcida do Flamengo gritou como os estudantes em suas passeatas”. Cf. *ibid.*, p. 01.

¹¹⁴ Cf. REIS FILHO, D. A.; FERREIRA DE SÁ, J. **Imagens da revolução**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1985. Cf. também GARCIA, M. A.; VIEIRA, M. A. **Rebeldes e contestadores: 1968 – Brasil / França / Alemanha**. São Paulo: Perseu Abramo, 1999.

¹¹⁵ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 12 de abril de 1968, p. 03.

em outro local e até um contingente da PM foi chamado para retirar dali os que insistiam em abaixar suas bandeiras sobre o gradeado, a meio pau, sinal de luto. Pacificamente os torcedores atenderam às ordens do comando policial: deram a volta na arquibancada, exibindo suas bandeiras e foram para a parte fronteira das cabines de rádio: ali, sem que ninguém os molestasse, bem longe da torcida oficial, eles continuaram vaiando e abaixaram as bandeiras sobre o gradeado.”¹¹⁶

*

“Indignação”: “Gilberto, José Barbosa e Reginaldo lideram um grupo dissidente. Não aderem à política de Jaime de Carvalho e exatamente por isto colocam-se, em dias de jogos do Flamengo, atrás do gol à esquerda da Tribuna de Honra do Estádio Mário Filho. – O Jaime de Carvalho acha que nós fazemos muito barulho e por isto procuramos um lugar distante de onde ele fica. Vocês já imaginaram uma torcida sem fazer barulho ? Não existe. Gritar e cantar quando o time está na frente do placar não é vantagem. Queremos ver fazer isto quando o Mengo estiver perdendo. Aí é que é importante, pois o incentivo é a única arma de que dispomos. (...) Todos a uma voz pediram que a torcida dissidente, aquela que pretende um Flamengo novo, sem a direção dos dirigentes atuais, fique atrás do gol à esquerda da tribuna do estádio. – Vamos continuar a fazer barulho pelo bem do Flamengo. Para podermos sobreviver, pois o Flamengo é vida. Faz parte de nossa vida. É nossa segunda família.”¹¹⁷

*

“Enterro corre a arquibancada”: “Outro fenômeno foi visto ontem no Estádio: grande parte de torcedores que formam a torcida organizada do clube, sob o comando do chefe, oficial, Jaime de Carvalho, aderiu ao movimento de revolta da ala jovem da torcida chefiada por Armando Márcio Zucarelli, Gilber, Viana e outros. À medida que o time ia perdendo, jogando mal, os torcedores que ficam à esquerda das tribunas iam-se juntando à torcida que fica atrás do gol.”¹¹⁸

Os protestos protagonizados pelos jovens torcedores e seus embrionários agrupamentos contra o presidente do clube, Veiga Brito, e contra seu vice-presidente de futebol, o dirigente de origem sueca Gunnar Goransson, proprietário da Facit, uma empresa multinacional de máquinas calculadoras instalada no Brasil, à frente do cargo desde o início da década de 1960, durante as duas gestões de Fadel Fadel (1961-1965), não ficariam restritos aos dias de jogos e à geografia interna dos estádios. O descontentamento da nova torcida tinha desdobramento nos dias seguintes, pois ele estava relacionado em grande parte à veemência da abordagem do *Jornal dos Sports* na descrição da situação do clube. Era possível entrever um vínculo direto entre o jornalismo esportivo,

¹¹⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1968, p. 16.

¹¹⁷ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 02 de outubro de 1968, p. 2.

¹¹⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro 07 de outubro de 1968, p. 03.

que equiparava vários dirigentes cariocas à figura de ditadores¹¹⁹, e o caráter oposicionista destes grupos. Ele podia ser percebido através de uma reciprocidade de códigos, que atendiam aos interesses de ambos. De modo que, após a série impactante de matérias sobre a decadência da administração do Flamengo e o ensaio de revolta iniciado pela torcida no Maracanã, outras formas de manifestação irromperiam nas semanas posteriores.

A oposição às diretrizes clubísticas ganhava agora o âmbito público das ruas, sob a forma de semi-improvisadas passeatas, que se inspiravam nas agitações protagonizadas naquele mesmo momento pelos estudantes no centro da cidade. Um cortejo fúnebre, a velar de maneira simbólica a morte do presidente rubro-negro Veiga Brito, cumpria um itinerário tão inusitado quanto revelador: à saída do Maracanã, ao fim de mais um jogo perdido, a marcha ia a cada uma das redações dos mais representativos periódicos e das mais conhecidas emissoras de televisão da cidade. E, ao final, chegava à porta do prédio em que ficava o *Jornal dos Sports*, na rua Tenente Possolo, local de tradicional reunião dos torcedores e dos estudantes, onde costumava ocorrer a divulgação dos resultados do vestibular.

Em meio ao refrão uníssono – “*Jornal dos Sports / De grande expressão / Jorge Veiga Brito / Depressa no caixão!*” –, os líderes daquela vanguarda torcedora foram convidados a subir à sede do jornal, sendo recepcionados por sua direção, a fim de explicar as razões que motivavam o protesto. Já as palavras de ordem mais ofensivas e de baixo-calão, dirigidas ao assessor de futebol de Veiga Brito, Gunnar Goranson, não eram publicadas pelo periódico, embora depois fossem glosadas e eufemizadas de maneira humorística nas charges de Henfil: “Reco-reco-reco, pau na *cacunda* do sueco”¹²⁰. Segundo o dizer do próprio jornal, que estampava fotos da passeata e do encontro, a jovem torcida rubro-negra fazia da visita uma maneira de congratulação ao *JS* e, com destaque, ao seu repórter Marco Aurélio Guimarães, responsável pelo conjunto de matérias que tanto concitou os jovens àquela espontânea sublevação contra os dirigentes do clube:

¹¹⁹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 02 de outubro de 1968, p. 04.

¹²⁰ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 15 de maio de 1969, p. 03.

“Gente que compõe a Torcida Jovem do Flamengo, aquela que discorda de tudo que é feito no clube pelos Srs. Veiga Brito e Gunnar Goransson, esteve no JS para cumprimentar o repórter Marco Aurélio pela ‘brilhante série de reportagens que fez sobre os Coveiros do Fla’. José Barbosa Viana, Reginaldo Mota e Gilberto Resende Correia, os mais velhos e líderes de um grupo muito grande, fizeram questão de esclarecer que, embora sócios do clube, ‘não mais irão enquanto o Flamengo não lhes der as mesmas glórias de tempos passados. E foram mais além: – Nós queremos a grandeza do Flamengo e não nos importam quem são os homens que o dirigem. Do jeito que as coisas estão, é difícil acreditar que o Gunnar e o Veiga Brito possam levantar a moral do time. Vamos sofrer muito ainda mas o nosso dia chegará. Essa diretoria é péssima e só pudemos aquilatar os erros cometidos depois da série de reportagens *Os Coveiros do Fla*.”¹²¹

A clara filiação entre a direção do jornal e as lideranças jovens não impedia que se desse direito de defesa ao presidente do clube. Embora as matérias sobre Veiga Brito não raro viessem eivadas de ironia, como as que aludiam ao “Novo Pacto de Lisboa”, por ocasião do encontro do presidente com um antigo desafeto e opositor do presidente do clube, onde articulações internas tentavam amainar a onda de revoltas, o jornal procurava ouvir as escusas do contestado dirigente. A alusão ao “Novo Pacto de Lisboa” era uma referência ao restaurante em que ocorreu o encontro entre Veiga Brito e Antônio Moreira Leite, candidato que havia desistido da concorrência à presidência do Flamengo. O nome do restaurante era homônimo ao da capital portuguesa, o que remetia à imagem do clube rival, o Vasco. Donde, a ironia jornalística e a menção ao estranho e suspeito lugar escolhido para o “pacto”¹²². Interpelado sobre a pressão da torcida, Veiga Brito menosprezava seus detratores, apontava a sua imaturidade e relegava-os a uma condição menor, infantilizada:

“ – Não é bem a torcida que faz pressão. São uns garotos que não fazem mal a ninguém. No fundo, no fundo, o que eles querem mais tarde é apertar a minha mão, me cumprimentar e depois dizer em casa: ‘Mamãe, apertei a mão do Deputado Veiga Brito! Saí tranquilamente do estádio domingo. Achei até graça dizer que o sr. Otávio Pinto Guimarães me protegeu. Será que ele, com aquele físico, protege alguém?’”¹²³

¹²¹ Cf. **ibid.**, Rio de Janeiro, 02 de outubro de 1968, p. 02.

¹²² Cf. **ibid.**, Rio de Janeiro, 09 de outubro de 1968, p. 09.

¹²³ Cf. **ibid.**, Rio de Janeiro 09 de outubro de 1968, p. 09.

Dois dias depois dessa declaração ao jornalista Max Morier, no qual se aludia a Otávio Pinto Guimarães, então presidente da Federação Carioca de Futebol (FCF), que seria reeleito por cinco vezes sucessivas na entidade até chegar em 1985 à presidência da Confederação Brasileira de Futebol (CBF), o periódico assegurava em sua primeira página: “Veiga Brito amansou o Dragão”. Esta era uma alusão ao movimento opositor interno do Flamengo, conhecido nos anos de 1940 e 1950 como Dragão Negro, do qual participaram Ary Barroso, José Lins do Rego e Gilberto Cardoso, e que agora tentava uma nova rearticulação com base em remanescentes do grupo, representados pelo candidato à presidência Antônio Moreira Leite. Malgrado as negociações, no dia seguinte a surpreendente manchete do *Jornal dos Sports* anunciava: “Torcida Jovem enterra Veiga Brito antes do Fla-Flu”¹²⁴. A matéria correspondente com os líderes da torcida no interior do periódico focalizava seus objetivos: 1) “aniquilar a atual direção do clube”; 2) “vender plásticos para comprar bateria, faixas e serpentinas”; 3) “apoiar a candidatura de Moreira Leite à presidência do Flamengo”.

Como dissidentes da Charanga do Flamengo, eles enumeravam os principais itens que constituíam o pomo da discórdia: 1) “Jaime não assiste mais aos jogos”; 2) “não os deixa tocar bateria para incentivar os jogadores”; 3) “faz do cargo um comércio”¹²⁵. A despeito do alardeado enterro simbólico do presidente, este consegue reunir-se antes com as lideranças da Torcida Jovem, assim como o fizera com os representantes do Dragão Negro, e impede a realização do ato. Transcorridos mais três dias da chamativa manchete, o jornal se refere à “cooptação” lograda por Veiga Brito, que dissuade os líderes da revolta, Márcio Zucarelli, Tadeu Mussi, Antônio de Carvalho e Cláudio Mendonça, um grupo de jovens rapazes, todos moradores da Rua Mariz e Barros, no bairro da Tijuca, nas adjacências do Maracanã, com o convite para o comparecimento a um programa esportivo da TV Globo, emissora que, àquela altura, já despontava com os maiores índices de audiência televisiva. A concórdia alcançada entre o presidente e os grupos opositores irritaria um cronista do periódico: “É um dragão de calças ajustadas, cabelos compridos e

¹²⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1968, p. 01.

¹²⁵ Cf. **ibid.**, p. 12.

camisa psicodélica, que sabe dançar iê-iê-iê e tocar guitarra, mas não sabe brigar”¹²⁶.

Apaziguados momentaneamente os ânimos insurretos, é possível dizer que de um modo geral a atuação das Torcidas Jovens não se restringia a um exclusivo caráter de oposição e podia compreender também o apoio usual aos jogadores, à equipe e aos dirigentes feito pelas torcidas oficiais. A Jovem Flu, por exemplo, participava da recepção no aeroporto Santos Dumont ao atleta contratado pelo Fluminense, Suingue. A notícia veiculada no jornal aparecia com a foto de Hugo Carvana e Chico Buarque, responsáveis pela mobilização de um grande número de torcedores que ovacionavam de maneira calorosa o novo ídolo, contratado, como gostavam de frisar, por “imposição da torcida”¹²⁷. O incentivo ao clube também era uma marca do surgimento do Poder Jovem do Botafogo, favorecido pela boa fase do clube alvinegro, então bicampeão carioca (1967/1968), que referenciava no Maracanã seu ídolos e o próprio time em faixas como: “Gérson, o Rei moderno” e “Avante Botafogo, o Poder Jovem está contigo!”. A concorrência que se estabelecia entre os grupos juvenis pode ser percebida em uma pequena nota do jornal, intitulada “Faixas no estádio”:

“O grande número de faixas que apareceram domingo no Estádio Mário Filho serviu de muitos comentários. A torcida do Botafogo, principalmente, estava eufórica: seu clube, de fato, venceu a guerra das faixas, das quais duas mereceram destaque especial. A que chamava Gérson de o Rei moderno e a que se referia ao Poder Jovem. Quem não gostou desta última foi o Fluminense, pois, segundo seus torcedores, a juventude é mesmo pó-de-arroz.”¹²⁸.

No Flamengo, em paralelo aos protestos, as manifestações coletivas também podiam assumir um viés positivo, como vem descrito em “Passeata convoca torcida”:

“Um grupo de torcedores da ala jovem do Dragão Negro realizou ontem à tarde uma passeata pelas ruas da Zona Sul, convocando o povo e a torcida a incentivar o Flamengo na partida contra o Botafogo. Os torcedores mirins, quase todos com bandeiras e camisa do

¹²⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 22 de setembro de 1968, p. 06. Cf. também **ibid.** Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1968, p. 01.

¹²⁷ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 13 e 16 de julho de 1968, p. 01.

¹²⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 30 de julho de 1968, p. 04.

Flamengo, paravam em cada bar de Ipanema ou Copacabana para os apelos.”¹²⁹.

O alongamento na descrição dos fatos acima registrados por um jornal no turbulento segundo semestre do ano de 1968 se faz necessário na medida em que ele dá cores mais vivas e proporciona a percepção da introdução de novos elementos à vivência do futebol profissional no Rio de Janeiro. Ainda que efêmeros, influenciados pelas circunstâncias históricas de contestação juvenil, estes acontecimentos estimulavam o aparecimento de um novo tipo de torcedor, que passa a se expressar coletivamente e que não se satisfazia mais com uma situação de passividade nem tampouco se contentava com a caracterização tradicional de “décimo segundo jogador”. Tal tipificação era respaldada pelos clubes e pela própria equipe do Flamengo chegava a entrar em campo com uma faixa de dez metros de comprimento com o dizer: “Nós somos onze mais um”.¹³⁰

Os episódios até aqui descritos ilustravam um processo de formação de um peculiar perfil que despontava nas arquibancadas. Eles mostravam de que maneira articulava-se no espaço destinado à assistência uma espécie de vanguarda esportiva, encabeçada por jovens que se sentiam capazes de assumir também um papel ativo (ou reativo) e um engajamento, ainda que circunstancial ou episódico, no futebol.

A importância de atribuição a esses grupos de um caráter de vanguarda juvenil deve-se à atmosfera de proximidade evocada por seus métodos de ação e de mobilização em relação a outros movimentos civis da sociedade. A passeata, a reivindicação de direitos ou a desconfiança perante as autoridades instituídas pareciam ser pontos de espelhamento entre os jovens torcedores e os jovens estudantes, conquanto não seja possível aferir em que proporção houvesse uma intercessão concreta entre ambos. Mesmo que não se verificasse um vínculo direto entre os protagonistas e que se tratasse de fenômenos paralelos, cuja comparação pudesse ficar apenas no nível da analogia, a semelhança dos meios de expressão tornava possível a sugestão da sintonia e do compartilhamento de uma mesma ambiência de revolta.

¹²⁹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 08 de setembro de 1968, p. 07.

¹³⁰ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1968, p. 03.

É possível asseverar também que o futebol e as passeatas estudantis daquele período constituíam os dois maiores eventos de massa da cidade do Rio de Janeiro. O jornal reportava as confusões para a venda antecipada de ingressos dos jogos, ocorridas nas bilheterias do Teatro Municipal, na Cinelândia, com o tumulto decorrente das filas quilométricas que serpenteavam o centro da cidade durante a semana, como mostravam as fotos panorâmicas do jornal. O estádio do Maracanã chegava a comportar nas partidas decisivas mais de cento e cinquenta mil torcedores, enquanto as passeatas de estudantes aglomeravam no Centro do Rio até – conforme ficou conhecida de modo lendário uma de suas maiores – Cem Mil pessoas.

Havia também uma novidade comunicativa no segundo lustro da década de 1960 que podia servir de referência e parâmetro às formas de atuação juvenil nos estádios de futebol. Desde 1965, ele podia ser identificado na voga dos concursos musicais televisados, os Festivais da Canção, realizados anualmente e promovidos pelas cada vez mais influentes redes de televisão, como as TVs Excelsior, Record, Tupi e Globo. Sob o patrocínio destas emissoras, que se assumiam como um pólo cada vez mais determinante e unificador da vida cultural brasileira, estes festivais revelavam jovens valores da música e os projetavam por todo o cenário nacional. Tendo como sede teatros universitários – o auditório do TUCA em São Paulo – e mesmo ginásios desportivos – o Maracanzinho no Rio de Janeiro –, as disputas eram tão concorridas que os dias finais atingiam a superlotação de mais de vinte mil espectadores. Um dos aspectos que saltava à vista como novidade nestes concursos era a capacidade de intervenção e de participação da audiência sobre o processo decisório, mediante uma estrutura dicotômica haurida das platéias esportivas: aplauso/vaia.

Reagindo coletivamente ora com saudações efusivas àqueles que os agradavam, ora com manifestações hostis àqueles que os entediavam, os jovens freqüentadores dos festivais acabavam por interferir no resultado das apresentações, dividindo-se como verdadeiras torcidas e tornando-se uma atração à parte. Ao contrário da tradicional contenção das emoções requeridas nos concertos musicais, a reprovação e a intolerância do público eram expressas de maneira veemente, à maneira dos torcedores nos estádios, por meio de xingamentos e de arremessos de objetos nos concorrentes, chegando a

inviabilizar as apresentações, o que sucedeu com Caetano Veloso e Gilberto Gil nas semifinais do III FIC de setembro de 1968. No mesmo ano, integrantes da própria torcida Jovem Flu se faziam presentes durante as finais da Bienal do Samba, a apoiar a música de Chico Buarque *Bom tempo*, cujo refrão em ritmo de maxixe, “Satisfeito, / alegria batendo no peito, / o radinho contando direito / a vitória do meu tricolor...” celebrava a predileção do compositor pelo seu clube.

Por seu turno, à saída de um jogo, integrantes da Torcida Jovem do Flamengo se dirigiam ao Maracanãzinho a fim de transmitir seu incentivo ao cantor antilhano Francês Antoine que, segundo noticiava em primeira página o *Jornal dos Sports*, prometia exaltar o clube rubro-negro em sua apresentação no Festival Internacional da Canção realizado em outubro de 1968¹³¹. Ao mesmo tempo, a introdução do tema do futebol no festival despertava a ira da esquerda nacionalista musical pró-Geraldo Vandré, que considerava a canção de Chico Buarque alienada e irresponsável, levando outro compositor, Sérgio Ricardo, a quebrar seu violão em pleno palco do Teatro Paramount, em São Paulo, irritado e contrariado por não conseguir interpretar uma música com tema futebolístico, um samba-choro que tomara por inspiração a vida de Garrincha: *Beto Bom de Bola*¹³².

A estrutura competitiva dos festivais, e sua subjacente polarização ideológica com a divisão entre os defensores do nacionalismo e os do internacionalismo na música brasileira, entre os adeptos da canção de protesto e os do hedonismo musical, entre os politizados e os desvairados, entre outros jargões clássicos do período, suscitava a existência de uma relação tensa entre o palco e a platéia, entre o público e o proscênio. A cizânia levaria em 1967 inclusive à formação de uma *Frente Única* pela Música Popular Brasileira (MPB) – nome inspirado no acordo entre Carlos Lacerda, Juscelino Kubitschek e João Goulart no ano anterior para unir forças contra o regime ditatorial – resultando em uma inusitada passeata contra as guitarras elétricas, símbolo mais candente para muitos da invasão musical estrangeira.

Assim, a participação da audiência nos festivais, em sua extrema maioria formada por jovens, era um ingrediente que fugia ao controle de seus

¹³¹ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 03 de outubro de 1968, p. 01.

¹³² Cf. MOTTA, N. *op. cit.*, p. 178.

organizadores e tornava-se ela própria um mecanismo inovador de atração do evento, àquela altura já uma frenética e contagiante moda televisiva. O compartilhamento de valores e papéis sociais era mais uma vez desafiado por aqueles que em princípio ocupavam uma posição coadjuvante na composição do espetáculo. Neste sentido, parece plausível uma outra aproximação entre o comportamento verificado nestes festivais e aquele que ocorria nos estádios de futebol na conjuntura de fins da década de 1960. Era possível a afirmação de que ambos ao menos tangenciavam uma mesma discussão teórica que perpassava o âmbito da renovação da moral e dos costumes. Segundo o jornalista e memorialista Zuza Homem de Mello:

“Os festivais juntaram públicos diferentes, cada um com suas preferências específicas. Daí nasceram as torcidas, que, se antes limitavam-se a aplaudir suas canções prediletas, passaram a prejudicar as ‘inimigas’, como uma torcida de futebol. Daí as vaias, os protestos e perturbações que ficaram tão nítidas no ano de 1967. A platéia dos festivais, formada em sua maioria pela juventude estudantil, estava sintonizada com aquele movimento musical que falava da realidade social brasileira. Tão sintonizada que, ao menor sinal, era capaz de decodificar, nas letras e nas músicas, aquela realidade de insatisfação com a ditadura militar e com a impossibilidade de expressar suas idéias.”¹³³

A estrutura binária *ator-espectador* – intermediada ainda por um terceiro elemento, o júri, e a pressão que inelutavelmente sofria da ambiência ruidosa das torcidas, equivalente à posição do juiz em campo – estava sendo interrogada não somente na esfera dos festivais de música e nos campeonatos de futebol. A inversão de posição entre estes dois elos, cruciais na consolidação da sociedade do espetáculo, articulada pelos *mass media*, possuía defensores também no campo conceitual e prático das artes. Cada vez mais o teatro de vanguarda internacional e as artes plásticas requeriam a participação do espectador ou do transeunte na rua – as peças e as exposições saíam dos recintos fechados das salas teatrais e das galerias – como procedia a polêmica

¹³³ Cf. Sob o ponto de vista de riqueza de detalhes e informações, a obra mais completa em período recente parece ser esta de Zuza Homem de Mello. MELLO, Z. H de. **A era dos festivais: uma parábola**. São Paulo: Editora 34, 2003, p. 221 e 222. Cf. também NAPOLITANO, M. “Os festivais da canção como eventos de oposição ao regime militar brasileiro (1966-1968)”. In: REIS, D. A.; RIDENTI, Marcelo; MOTTA, R. P. S. (Orgs.). **O golpe e a ditadura militar quarenta anos depois (1964-2004)**. Bauru: Edusc, 2004.

companhia britânica do Living Theatre¹³⁴, que chegava a propor um antiteatro. No Brasil, o método de interpelação agressiva e anárquica proposto por José Celso Martinez Correia baseava-se na radicalização deste postulado. Mais do que a inversão, seu projeto ambicionava a quase supressão da distinção conceitual entre a figura do ator e a figura do espectador na cena dramática. A polêmica em torno da encenação de duas de suas peças – *O rei da vela*, em 1967, de Oswald de Andrade e *Roda-viva*, em 1968, de Chico Buarque, está última alvejada pelo CCC (Comando de Caça aos Comunistas) em uma tentativa de atentado – mostrava o incômodo que elas levantavam em termos de hábitos e convenções.

O objetivo do diretor e da corrente que nos anos 70 seria conhecida como Teatro do Absurdo, tendo o cáustico francês Antonin Artaud à frente¹³⁵, era fustigar a passividade da platéia e forçá-la a uma reação violenta, fazendo-a também se integrar ao *mise-en-scène*, em uma típica invocação da teatralidade em seus moldes dionisíacos mais ancestrais. Em certo sentido, realçava-se a dimensão interativa que o próprio legado histórico teatral fornecia. Conforme esclarecimento do comunicólogo Muniz Sodré e do sociólogo Maurício Murad, já referidos no primeiro capítulo, a etimologia da palavra ator, do grego *hypokrités*, significa aquele que responde, isto é, *aquele que responde ao público*¹³⁶. E parecia que o dramaturgo paulista aspirava à retomada deste diálogo interrompido pelo teatro burguês desde as repressões inculcadas entre a Era Elisabetana e a Era Vitoriana. Em entrevista concedida ao jornalista Tite de Lemos, no mês de julho de 1968, e publicada em caderno especial da revista *Civilização Brasileira* sob o título “A guinada de José Celso”, assim se expressa o diretor:

“Enfim, é uma relação de luta. Luta entre atores e público. Metade deste, praticamente, não adere. Ou detesta. Ou não entende. A peça agride intelectualmente, formalmente, sexualmente ou politicamente. (...) Nossa forma de arte popular está na revista, no circo, na

¹³⁴ Cf. MIRALLES, A. **Novos rumos do teatro**. Rio de Janeiro: Salvat, 1979.

¹³⁵ Cf. LUCCHESI, M. (Org.) **Artaud, a nostalgia do mais**. Rio de Janeiro: Numem Editora / Espaço Cultural, 1989.

¹³⁶ Cf. MURAD, M. **Dos pés à cabeça**: elementos básicos de sociologia do futebol. Rio de Janeiro: Irradiação Cultural, 1996, p. 169 e 170.

chanchada da Atlântida, na verborragia do baiano, na violência de tudo que reclamamos e está no nosso inconsciente.”¹³⁷.

Seria possível ainda continuar a arrolar casos de outras áreas da vida cultural brasileira em que as referências ao princípio de *ação-contemplação* foram discutidas. Isto se deu nas artes plásticas com Lygia Clark e Hélio Oiticica, com suas instalações *pop*, que põem em questão o espectador-participante. A revisão da tríade artista / obra / público incluía o rompimento com o plano bidimensional e a inclusão da terceira dimensão, o espaço real, fora do quadro da tela suspensa na parede. Facultando ao público o manuseio e a apreciação sensorial tátil da obra, o espectador era entendido como agente não apenas contemplador, mas igualmente como fruidor e interventor, criador de sentido e co-realizador da obra artística. Segundo o historiador da cultura de origem austríaca E. H. Gombrich, a expressão de ‘papel ou parte do espectador’ designa o conjunto dos atos perceptivos e psíquicos subjetivos pelos quais o espectador faz existir a imagem¹³⁸. No plano teórico-literário, o mesmo se daria com a emergência da *estética da recepção* na Alemanha, cujos princípios básicos expostos em uma conferência de 1975 por Hans Robert Jauss situavam o aparecimento daquela corrente filosófico-hermenêutica no mesmo quadro dos acontecimentos políticos e intelectuais dos anos 60, com o descentramento da atenção do pólo autoral do escritor para o pólo ativo, criativo e interpretativo do leitor, perfazendo aquilo que Wolfgang Iser chamou de “o jogo do texto”¹³⁹.

Ao problematizar a posição meramente passiva e contemplativa do espectador, o papel das vanguardas se expressaria na seara cinematográfica brasileira com as inovações estéticas trazidas pelo Cinema Novo, em que seus diretores defendiam o primado da retirada do “povo” dos assentos das salas de exibição e a sua transposição simbólica para a própria tela, como sucedeu com *Garrincha, alegria do povo*, de Joaquim Pedro de Andrade. Ou, ademais, com

¹³⁷ Apud. ARRABAL, J. “Anos 70: momentos decisivos da arrancada”. In: NOVAES, A. (Org.). **Anos 70: ainda sob a tempestade**. Rio de Janeiro: Aeroplano / Editora Senac Rio, 2005, p. 231.

¹³⁸ Cf. CATALANO, A. R. S. **O lugar do espectador-participante na obra de Lygia Clark e Hélio Oiticica**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em História Social da Cultura / PUC-Rio, 2004. Cf. também GOMBRICH, E. H. “A participação do observador”. In: **Arte e ilusão: um estudo da psicologia da representação pictórica**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

¹³⁹ Cf. ZILBERMAN, R. **Estética da recepção e história da literatura**. São Paulo: Ática, 1989, p. 08. No Brasil, a introdução e a discussão teórica dos principais postulados da *estética da recepção* foram feitas por Luiz Costa Lima em 1979. Cf. LIMA, L. C. (Org.). **A literatura e o leitor: textos de estética da recepção**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. Cf. também. ISER, W. “O jogo do texto”. In: LIMA, L. C. (Org.). **op.cit.**

a possibilidade de o cinema questionar os limites da representação ficcional, quando o ator, postando-se rente à câmara, indaga brechtianamente o espectador, o que ocorreu em *Deus e o diabo na terra do sol* e em *Terra em transe*, para ficar com a filmografia de Glauber Rocha.

Os exemplos elencados parecem por ora suficientes para mostrar o pano de fundo de agitação e de transformação de uma série de valores então dominantes no final da década de 1960. Nesse sentido, o intento até aqui foi a demonstração do entroncamento entre o modo de surgimento das Torcidas Jovens cariocas e outros acontecimentos de ordem histórica que se desenrolaram no país e na cidade do Rio de Janeiro, de modo a explicitar fundo, forma e figura, com a extrapolação dos significados desse fenômeno juvenil ocorrido nas arquibancadas do Maracanã, comumente encerrado nas lindes do mundo esportivo. Se é certo que ele possuía uma lógica interna exclusiva que o ligava a um processo de transformação do futebol profissional e a uma manifesta contestação das tradicionais formas coletivas de torcer oriundas das décadas de 1940, 1950 e 1960, é lícita também a percepção de que o advento das Torcidas Jovens exorbita as fronteiras futebolísticas e enquadra-se em uma dimensão social e política, cultural e artística maior.

A contraposição aos símbolos do poder estabelecido no mundo do futebol naquele ano de 1968 assinalava igualmente a aparição de outros, relacionados em escala internacional às repercussões da invenção de um modo de ser jovem no Ocidente, conhecida de igual maneira como contracultura. Somado a isto, os jovens torcedores encontravam estímulo também no exemplo de vários movimentos civis de massa e nos diversos eventos públicos contestatórios que avultavam na cidade do Rio de Janeiro naquele momento. Em âmbito local, a oposição desses grupos torcedores jovens à diretoria dos seus clubes estava articulada ainda a um evidente incentivo por parte de importantes meios de comunicação de massa, como o *Jornal dos Sports*, cuja estratégia propagandística comercial e cuja política editorial tinham em mira o apoio às iniciativas do público juvenil. Movimento análogo sucedia em São Paulo com a ligação entre *A Gazeta Esportiva* e as novas agremiações torcedoras, conforme pontua a socióloga Elisabeth Murilho:

“Como aconteceu com as torcidas uniformizadas, a *Gazeta Esportiva* deu total apoio ao surgimento das novas torcidas, oferecendo-lhe campeonatos que só poderiam ser disputados por esses adeptos.”¹⁴⁰

A contextualização do fenômeno das Torcidas Jovens cariocas permite assim uma compreensão de alguns dos fatores que levaram ao seu surgimento em 1967 e 1968, tais como reportados e dramatizados pela imprensa aqui selecionada. Ao mesmo tempo, ele mostra que algumas nuances de sua particularidade histórica relacionavam-se a uma fase capital da vida política nacional, e da cidade do Rio de Janeiro em específico, em que os meios de expressão e de manifestação, embora reprimidos, ainda encontravam espaço de reverberação na sociedade brasileira. De maneira que a peculiaridade da emergência das novas torcidas do Rio de Janeiro, se comparadas, por exemplo, à cidade de São Paulo, não se devia somente à inédita designação juvenil de suas torcidas, tal qual vinha estampado em sua nomenclatura. Em que pese a mesma tendência apontada pela socióloga acima citada, a experiência das Torcidas Jovens cariocas adquiria originalidade, e podia ser precisada ainda mais no tocante às torcidas paulistas, sobretudo pelas diferenças de contextos históricos de aparecimento de cada uma delas – ainda que o intervalo fosse mínimo e distasse de apenas um a dois anos.

Enquanto no Rio de Janeiro as primeiras Torcidas Jovens, como as do Flamengo, do Fluminense e do Botafogo, despontavam no biênio de 1967-68, sob uma atmosfera de ebulição política e de crescente questionamento às formas usuais de autoridade, em São Paulo as novas torcidas¹⁴¹ teriam nascimento apenas após o ano de 1969, quando o Ato Institucional n.º 5 já estava implantado e a liberdade de participação política e de expressão dos meios de comunicação haviam sido cerceadas em sua quase totalidade. Embora a fundação dos Gaviões da Fiel do Corinthians e da Torcida Jovem do Santos em 1969, da Torcida Uniformizada do Palmeiras (TUP) em 1970 e da Torcida Independente do São Paulo em 1972 dramatizassem questões muito semelhantes às congêneres cariocas – oposição e autonomia frente à direção

¹⁴⁰ Cf. SILVA, E. M. da. **op. cit.**, p. 114.

¹⁴¹ Segundo informação do JS, a Torcida Jovem do Santos, fundada em 1969, teve seu nome diretamente inspirado na Torcida Jovem do Flamengo, com base nas relações de amizade que o santista Jorge Luís Cavalcanti manteve com Tia Helena (Helena Ferreira), líder da agremiação rubro-negra em seus primeiros anos de existência (1970-1977). Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1970, p. 07.

autoritária dos clubes e insubordinação às lideranças tradicionais dos chefes de torcida – procurar-se-á mostrar a seguir como a fase ditatorial subsequente à implantação do AI-5 vai colocar outros parâmetros às torcidas organizadas de futebol para além do universo esportivo.

Não sem razão, é na década de 1970 que elas passam a serem associadas a outras formas de expressão e a outras experiências históricas, com a exclusão paulatina e progressiva de seu horizonte das passeatas estudantis e do engajamento juvenil. Passa-se então à incorporação de outros elementos identitários dentro daquilo que se entende por um *ethos* jovem. É sobre essa nova realidade cultural, esportiva e social – e ainda à luz dessas representações tais como filtradas por um determinado veículo da imprensa esportiva –, que será observado a partir de agora o desenvolvimento das torcidas organizadas, e das Torcidas Jovens aqui aludidas em particular, na década de 1970.

2.2 O paradigma geracional e as vicissitudes da ruptura

A promulgação do quinto Ato Institucional do governo militar na noite de 13 de dezembro de 1968, anunciada em cadeia nacional de rádio e televisão pelo Ministro da Justiça, Luis Antônio da Gama e Silva, teria um alcance maior do que a sua motivação inicial – responder ao inflamado discurso de um deputado de oposição do MDB fluminense, Márcio Moreira Alves, no qual este conclamara a realização de um boicote popular às comemorações oficiais do Sete de Setembro em represália à ocupação militar da Universidade de Brasília – e teria maiores conseqüências do que a sua decisão imediata – decretar o recesso do Congresso Nacional por tempo ilimitado. Um de seus efeitos quase automáticos no dia a dia nacional foi a supressão das marchas, dos atos públicos e das reivindicações nos grandes centros urbanos do país. O apogeu das agitações promovidas pelos estudantes nas ruas durante o ano de 1968 seria estancado de maneira abrupta no cotidiano do Rio de Janeiro, notadamente do Centro da cidade, depois de o marcar de maneira tão intensa e efervescente ao longo daquele ano. A repentina suspensão das manifestações, catalisadoras até então da simpatia de parte expressiva da população e de outros segmentos sociais organizados, mas geradoras também de fissuras internas bem demarcadas, ocasionou o esvaziamento de um movimento de vanguarda que, a

partir de um certo momento, havia ganhado foros de um movimento de massa¹⁴².

A interrupção das passeatas e do diálogo com as autoridades governamentais levou a maioria das lideranças estudantis a seguir o caminho da radicalização e do isolamento social, que consistia na opção pelo exílio ou pela clandestinidade, à primeira vista as únicas estratégias e as únicas alternativas para a esquerda e para os opositores do regime, cujo ônus maior era o distanciamento da sociedade civil e da opinião pública¹⁴³. O enrijecimento das medidas decretadas pelo AI-5, simbolizado com a saída de cena de Costa e Silva (1967-1969) e com a ascensão ao poder do general Emílio Garrastazu Médici (1969-1974), incidiria de modo frontal também sobre a posição adotada por parcela considerável dos meios de comunicação de massa no que concerne ao governo autoritário. A prática de censura prévia se amplificaria e se intensificaria nas redações dos jornais, com a alteração do conteúdo dos textos, com a proibição da publicação de matérias suspeitas, com a interdição da sua distribuição ou com a apreensão de seus exemplares. Tal quadro precipitaria a falência de um antigo e tradicional periódico oposicionista como o *Correio da Manhã*, fechado em julho de 1974, cuja proprietária, Niomar Muniz Sodré Bittencourt¹⁴⁴, seria seqüestrada e presa pelos agentes repressores em uma época marcada pela ausência do direito ao *habeas corpus*, sob a alegação de crimes contra a “segurança nacional”¹⁴⁵.

¹⁴² Cf. COSTA, J. F. “Sobre a geração AI-5: violência e narcisismo”. In: **Violência e psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

¹⁴³ Cf. REIS FILHO, D. A. **Ditadura militar, esquerdas e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. Cf. também GASPARI, E. **A ditadura escancarada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. Cf. ainda REIS FILHO, D. A.; RIDENTI, M.; MOTTA, R. P. S. (Orgs.). **O golpe e a ditadura militar quarenta anos depois (1964-2004)**. Bauru: Edusc, 2004. Sobre a experiência do exílio, ver a dissertação de Tatiana Paiva. Cf. PAIVA, T. M. C. **Herdeiros do exílio: memórias de filhos brasileiros da ditadura militar**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em História Social da Cultura / PUC-Rio, 2006.

¹⁴⁴ Antes, em fins da década de 1960, a proprietária do *Correio da Manhã* havia dado cobertura a Geraldo Vandré, desde que este passou a ser procurado pelos setores mais radicais da repressão, refugiando-se inclusive no apartamento de Guimarães Rosa, em Copacabana. Cf. MELLO, Z. H. de. **op. cit.**, p. 301. A correspondência passiva e ativa de Niomar Bittencourt a Roberto Marinho e Nascimento Brito, trocadas nos anos de 1973 e 1974, encontram-se nos arquivos do CPDOC, da Fundação Getúlio Vargas do Rio de Janeiro.

¹⁴⁵ Cf. CAPELATO, M. H. R. **A imprensa na história do Brasil**. São Paulo: EDUSP, 1994, p. 55 e 63. Cf. também BORGES, N. “A Doutrina da Segurança Nacional e os governos militares”. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, vol. 4.

Se já existem estudos em que se registram, rastreiam e documentam informações a respeito da intervenção sistemática sofrida tanto pelos grandes veículos da imprensa, jornais e revistas de circulação nacional, quanto pela imprensa alternativa, também denominada “nanica” – *Bondinho, Grilo, Ex Pasquim, Movimento, Opinião*, entre outros tablóides –, por parte dos órgãos censores¹⁴⁶, o mesmo não sucede com um periódico de interesse setorial como o *Jornal dos Sports*. A ausência de dados concretos e de elementos substantivos referentes à prática da censura e à intervenção nos bastidores de um periódico esportivo específico não impede, todavia, que se infira da leitura serial de suas edições uma nítida inflexão no teor e no enfoque de suas reportagens no período pós-68, em especial no que concerne à vida estudantil e ao seu majoritário público consumidor: os jovens. Não é possível averiguar se o tom sensacionalista das manchetes consagradas às revoltas estudantis é elidido na exata proporção em que o movimento é bruscamente interrompido; se a censura simplesmente intervém e obsta uma cobertura que parecia tão direta, tão simpática e tão íntima à causa dos estudantes, como ocorria até então; ou, ainda, se o fim da emulação ao ativismo estudantil foi uma decisão consciente e intencional da linha editorial do jornal, mediante a adoção de uma postura mais cautelosa e de uma mudança de posição face aos acontecimentos da vida coletiva extra-esportiva.

O fato é que aqueles engajados e novatos protagonistas, merecedores de notável destaque meses antes na primeira página do jornal e nos seus suplementos de cultura, foram subitamente retirados de seu noticiário. O silêncio perante o paradeiro dos “sediciosos” e “subversivos” agitadores estudantis, tal como qualificados pelo regime militar, se imporia dali em diante sem maiores esclarecimentos e permaneceria uma incógnita aos que se ativessem à fonte jornalística em exame. A marca da diversidade científica e cultural, intelectual e acadêmica do *Jornal dos Sports* no biênio 67-68, acentuada desde a chegada de Mário Júlio Rodrigues à direção do periódico, também perderia o seu tônus e o seu viço original no decorrer da década de 1970, conquanto o enfraquecimento das seções de variedade fosse sendo dado de maneira gradativa e sorrateira.

¹⁴⁶ Cf. KUSCHNIR, B. **Cães de guarda**: jornalistas e censores, do AI-5 à Constituição de 1988. São Paulo: Boitempo, 2004.

O jornal continuaria a apregoar a sua dupla utilidade, qual seja, a de constituir um diário a um só tempo esportivo e estudantil, mas esta última função passava a ser de modo progressivo confinada aos conteúdos pedagógicos das disciplinas lecionadas nas escolas e nas universidades. O periódico procurava se ater cada vez mais ao estrito interesse instrutivo dos estudantes em seus preparativos para um rito de passagem, o Vestibular, cujos exames povoavam de candidatos e de suas respectivas pranchetas o grandioso cenário das cadeiras e das arquibancadas do Maracanã, nos calorosos meses de verão do Rio de Janeiro. Na seção *JS Escolar*, as mudanças no campo educacional eram assim descritas no início dos anos 70: “A educação brasileira, no decorrer dos últimos dez anos, sofreu uma escalada vertiginosa de reformas, que acabaram por transformar radicalmente o sistema vigente.”¹⁴⁷.

Criado em julho de 1967, o *JS Escolar* passava a englobar questões mais instrumentais de interesse para o desenvolvimento tecnológico do país. A título de ilustração, cite-se a matéria publicada em 1969, denominada “Já começou a revolução da Química no Brasil”. Nela, um professor da PUC do Rio de Janeiro, o padre Leopoldo Hainberger, S. J., tecia considerações sobre a exploração de minérios e recursos naturais como o alumínio, o ferro e a borracha, entre outras matérias-primas existentes em território nacional.¹⁴⁸ Em paralelo, a atração em torno de outras áreas da vida coletiva fazia com que aparecessem seções como o *JS Turismo* e o *JS Transportes*¹⁴⁹.

A simbiótica fusão entre juventude e desportos perduraria ainda por tempo considerável no discurso e na autopropalada identidade do periódico. No entanto, tinha-se a impressão de que um período extraordinário da vida nacional havia cessado e voltava-se à normalidade do dia a dia futebolístico, com a predominância das informações e a exclusividade das atenções, a incidir no desempenho dos atletas, no ambiente dos treinos e na situação dos clubes na tabela do campeonato. O jornal tinha também de passar por outra voga de reformulações, que se devia menos à sua adequação a injunções políticas externas ou a uma renovação interna deliberada e mais a uma necessidade forçada pelo período turbulento novamente atravessado pela numerosa família

¹⁴⁷ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 24 de junho de 1973, seção *JS Escolar*.

¹⁴⁸ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 11 de maio de 1969, *JS Escolar*, p. 01.

¹⁴⁹ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 03 de julho de 1970, p. 03.

Rodrigues, proprietária daquele matutino esportivo. Assolada de tempos em tempos por mortes trágicas desde os anos 20, a família deparava-se com uma nova onda de acontecimentos fatais. Ela levaria à premência por rearranjos e por novas acomodações, que atingiriam mais uma vez o âmago do periódico no início da década de 1970. Mário Júlio Rodrigues, diretor-proprietário do *Jornal dos Sports*, vem a falecer a 15 de julho de 1972, aos quarenta e quatro anos de idade, em virtude de crônicos problemas com o alcoolismo, que desde os dezessete anos já tanto preocuparam seu pai, Mário Filho, como pontua o biógrafo Rui Castro¹⁵⁰.

Ao contrário da tradicional sucessão hereditária nas empresas jornalísticas – os Mesquita em *O Estado de São Paulo*, os Marinho em *O Globo*, os Bittencourt no *Correio da Manhã*, os Pereira Carneiro no *Jornal do Brasil* –, em lugar de Mário Júlio não assumiria seu filho, Mário Rodrigues Neto, tampouco nenhum outro membro da família. Esta se via acometida por mais pesarasas perdas: a morte de dona Maria Esther Rodrigues, mãe de Mário Filho e de Nelson Rodrigues, sendo que este último se afasta de maneira temporária do jornal entre 1970 e 1973 e continua a colaborar apenas em *O Globo*; e a morte do cineasta Milton Rodrigues, outro dos irmãos de Mário Filho, diretor do cinejornal *O esporte em marcha* e de um longa-metragem histórico sobre o Clube de Regatas do Flamengo, *Corpo e Alma de uma Raça* (1938), que falece meses depois de seu sobrinho. A direção do jornal passa para o comando de uma mulher até então desconhecida no meio esportivo, a Sra. Cacilda Fernandes de Souza. Segunda esposa de Mário Júlio, depois da separação do primeiro casamento com Dalila, ela recebia como herança, consignada pelo marido em seu testamento, o *Jornal dos Sports*¹⁵¹.

A reestruturação do jornal provocaria a saída de Henfil do periódico no ano seguinte à morte de Mário Júlio, depois de uma colaboração humorística diária que se estenderia entre 1967 e 1973, sendo uma das marcas de suas charges a interação constante com o torcedor, a divulgação das atividades das torcidas organizadas e a substituição dos principais símbolos dos clubes, com a popularização do urubu no lugar do marinheiro *Popeye* para o Flamengo e com a disseminação do bacalhau no lugar do almirante português para o Vasco.

¹⁵⁰ Cf. CASTRO, R. **op. cit.**, p. 366.

¹⁵¹ Cf. **ibid.**, p. 366.

Henfil seria substituído por um cartunista de menor projeção, cujo pseudônimo era Nani de Letra. Outra medida ocorrida na gestão da nova proprietária seria a indicação do coronel Geraldo Magalhães para a superintendência e para a diretoria do *JS*, o que o faz ocupar a vaga de Sérgio Cabral, então há cerca de um ano na editoria central do periódico, jornalista que pertencia também ao badalado, satírico e irreverente *Pasquim*¹⁵².

O destino de muitos dos articulistas e dos melhores repórteres do *Jornal dos Sports* seria um concorrente em nível nacional que despontara no mês de março de 1970. Era a revista semanal *Placar*, dirigida por Cláudio de Souza, responsável por acolher parte considerável da equipe do *JS*, tal como Henfil e seu popular personagem, o capitão Zeferino, que junto à Graúna e ao Bode Orelana seriam criados pelo cartunista naquele semanário¹⁵³; Maurício Azedo, que se tornava editor do periódico; Fausto Neto, quadro tradicional do *Cor-de-Rosa*; e Marco Aurélio Guimarães, o premiado jornalista que promovera a polêmica reportagem *Os coveiros do Fla*, causador de grande reboliço em 1968. Na sucursal carioca da revista, um novato aparecia como chefe de redação: Milton Temer. Depois de inúmeras tentativas da imprensa brasileira de criar uma revista semanal voltada de maneira exclusiva para os esportes – tal foi o caso da *Manchete Esportiva*, da Bloch Editora, que circulou entre 1955 e 1959 sob o comando de Mário Filho e da *Revista do Esporte*, que obteve sucesso entre o final da década de 1950 e início da década de 1960, sem sobreviver contudo às adversidades financeiras e à passagem do tempo – eis que surgia um semanário promissor, com grande projeção no mercado editorial e com a pujança da chancela Abril, editora que investia também em fascículos de arte e cultura para o grande público.

Além de uma “História da música popular brasileira”, escrita por especialistas mas voltada para leigos, em encartes acrescidos de LPs, estendia-se o alvo inclusive para um nicho acadêmico, com a difusão da coleção filosófica *Os pensadores*, do dicionário enciclopédico *Conhecer* e da série ilustrada *Arte nos séculos*. A inclusão do esporte neste rol temático fazia o fundador e dono da editora, Victor Civita, no depoimento ao primeiro número

¹⁵² Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro. 25/10/1971, p. 01; 16/07/1972, p. 13; 13/10/1972, p. 01; 10/11/1972, p. 04; 03/01/1973, p. 01; 17/01/1973, p. 03; 14/07/1973, p. 02.

¹⁵³ Cf. PLACAR. São Paulo: Editora Abril, 15 de janeiro de 1988, p. 60, n.º 919.

da *Placar*, consignado em sua *Carta aos leitores*, acentua que desde o surgimento da empresa, em 1950, já havia o projeto de lançamento de uma revista esportiva nos moldes daquela, mas o plano apenas amadureceu e se tornou concretizável naqueles idos de 1970, entre outros fatores, porque:

“... temos hoje no País uma nova mentalidade no jornalismo esportivo: a paixão clubística, as preocupações pessoais, os interesses menores foram substituídos pela crítica construtiva, pela análise ponderada, pela reportagem desassombrada e imparcial. E tudo isto faz parte da filosofia de *Placar*.”¹⁵⁴.

O sucesso parece ter sido quase imediato. Se, no momento de seu aparecimento, circularam pelas bancas de jornal do país cerca de cento e oitenta mil exemplares, a conquista do tricampeonato na Copa México elevou a tiragem à ordem de quase duzentos e trinta mil revistas. Todavia, em período de normalidade, a média de venda ao longo da década de 1970 variou entre quarenta e cem mil números, o que a fez ainda assim emparelhar-se às maiores vendas da linha editorial da Abril, a saber, as revistas *Veja* e *Capricho*¹⁵⁵. Ao alcançar estes números, ultrapassou, por exemplo, *Realidade*, revista mensal da Abril cujas edições iniciais chegaram a quatrocentos e cinquenta mil exemplares, mas que decaíram com o tempo, tendo duração limitada a dez anos (1966-1976), enquanto *Placar*, mesmo com médias inferiores, permaneceu lucrativa e se mostrou infensa às ameaças de fechamento. De toda forma, para além das concorrências internas, é inegável o impacto que *Placar* exerceu sobre a área esportiva e sobre o *Jornal dos Sports* em particular, ofuscado com a concorrência de uma congênere mais potente no mercado, com sede em São Paulo, centro industrial e empresarial do país.

Assim, a saída de bons jornalistas coincidiu com a entrada de nomes com patente militar nos créditos principais do *Jornal dos Sports*, como o citado coronel, o que pode soar estranho a uma primeira visada. Convém salientar, contudo, que tal presença se tornara uma constante em várias instâncias administrativas do mundo do futebol desde o golpe de 1964 no Brasil. Os baixos escalões e mesmo os altos postos de direção das principais entidades

¹⁵⁴ Cf. *ibid*, p. 38. n.º 01.

¹⁵⁵ Cf. XAVIER, S. “*Placar*, a revista para quem gosta de esporte”. In: **Jornalismo Esportivo**. Rio de Janeiro: Imprensa da Cidade / Prefeitura do Rio, 2004, Série Estudos, n.º 11.

esportivas, como o Conselho Nacional de Desportos e a Confederação Brasileira de Desportos – o primeiro vinculado de modo direto ao Ministério da Educação e Cultura, então a cargo do ministro Jarbas Passarinho –, seriam preenchidos por militares. Para o CND, por exemplo, fora nomeado como presidente o general Elói Menezes, enquanto na CBD o major-brigadeiro Jerônimo Bastos era nomeado por João Havelange como coordenador do Brasil nas Olimpíadas do México em 1968 e chefe da delegação brasileira na Copa do Mundo de 1970. Em 1974, quando João Havelange assume a presidência da FIFA, em lugar do inglês Stanley Rous, graças aos votos dos países africanos, asiáticos e latino-americanos, a CBD passa a ser dirigida pelo almirante Heleno de Barros Nunes, presidente da Arena.

Como bem observa o antropólogo Arlei Damo, durante a ditadura os militares “encamparam” a CBD¹⁵⁶ e, de fato, eles o fizeram por meio de nomes como o do capitão Kléber Camerino, do major Roberto Guaranyr e do almirante Carlos Alberto Lacoste. No COB, o Comitê Olímpico Brasileiro, o comando passou às mãos do major Sílvio Padilha. As próprias Forças Armadas tinham uma Divisão de Esportes, sob a direção do capitão Benedito José Bonetti¹⁵⁷, e após a conquista do tricampeonato, Jerônimo Bastos seria homenageado em almoço pela ADESG, a Associação de Diplomados da Escola Superior de Guerra¹⁵⁸.

A ingerência de diversos integrantes da hierarquia militar na administração do futebol brasileiro se tornou notória, pois atingiu de maneira anedótica o mais alto cargo da República. Um dos conhecidos estratagemas para a popularização do regime discricionário, elaborado pela AERP – a Assessoria Especial de Relações Públicas, criada por Médici –, foi a associação da imagem do presidente à figura do torcedor de futebol, o que propiciou o compartilhamento de uma afinidade eletiva entre este e o homem comum brasileiro. A figura de Médici se popularizava à medida que era capitaneada a euforia futebolística, encarnada nos hábitos espontâneos, despojados e pouco solenes de um assíduo freqüentador do Maracanã. Seu interesse se voltava não

¹⁵⁶ Cf. DAMO, A. “O *ethos* capitalista e o espírito das copas”. In: GUEDES, S. L.; GASTALDO, E. L. (Orgs.) **Nações em campo**: Copa do Mundo e identidade nacional. Rio de Janeiro: Intertexto, 2006, p. 47.

¹⁵⁷ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 05 de fevereiro de 1969, p. 04.

¹⁵⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 02 de julho de 1970, p. 08.

apenas para os jogos da Seleção Brasileira e incluía também o âmbito clubístico, com o reforço da condição de um vibrante torcedor do Flamengo, equipe então com grande apelo popular no país. Dentre as idiosincrasias do general Médici divulgadas pela imprensa destacava-se aquela em que era flagrado nas tribunas de honra do estádio com um radinho de pilha colado ao ouvido, tal qual um anônimo da arquibancada ou da geral. De maneira premeditada ou não, a aproximação contribuía para dulcificar sua *persona* pública e para acobertar um período de redobrado endurecimento ditatorial, esteado na prática da tortura como política sistemática de Estado, cada vez mais implacável e intolerante com respeito às vozes dissonantes¹⁵⁹.

Outro lugar-comum consagrado na memória nacional com relação a esse período foi a versão propagada pelos jornalistas, segundo a qual Médici interferiu de maneira direta no afastamento do técnico da Seleção Brasileira, o cronista esportivo João Saldanha, um simpatizante do partido comunista, do comando da equipe, haja vista sua discordância com a não-escalação de um atacante de sua preferência, Dadá Maravilha, e a indicação arbitrária de Zagalo em lugar do malquisto treinador. A cautela na admissão dessa versão deve-se ao fato de que, como adverte Jacques Le Goff, o poder dos relatos e dos comentários presentes nos jornais são fatores de fixação de uma memória coletiva, cujo caráter construtivo, não-natural, não-objetivo e não-positivo, deve ser esclarecido e retificado pelo historiador¹⁶⁰. Assim é mais prudente afirmar que a presença militar no universo futebolístico pode ser constatada menos neste nível de especulação acerca do grau de interferência governamental no futebol e mais na presença concreta, por exemplo, de um egresso da Escola Superior de Educação Física do Exército, o capitão Cláudio Coutinho, na comissão técnica da seleção.

¹⁵⁹ Para uma abordagem pormenorizada da construção do “otimismo” na vida nacional brasileira do período, ver o trabalho do historiador Carlos Fico, em tese defendida no departamento de história da USP, sob orientação de Carlos Guilherme Mota. Cf. FICO, C. **Reinventando o otimismo**: ditadura, propaganda e imaginário social no Brasil. Prefácio de Carlos Guilherme Mota. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1997. Sobre a notória relação entre futebol, tortura e política em tal contexto, ver a análise do historiador Francisco Carlos Teixeira da Silva acerca do filme “Pra frente, Brasil”, de Roberto Farias (1983). Cf. TEIXEIRA DA SILVA, F. C. “Futebol e política: *Pra frente, Brasil*”. In: MELO, V. A. de; PERES, F. de F. (Orgs.). **O esporte vai ao cinema**. Rio de Janeiro: Editora Senac Nacional, 2005.

¹⁶⁰ Cf. LE GOFF, J. “Memória”. In: **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

Ao lado dos preparadores físicos Carlos Alberto Parreira e Admildo Chirol, Cláudio Coutinho seria responsável pela introdução de uma nova mentalidade de treinamento, com rígidos métodos disciplinares de planejamento e de organização para aquele torneio internacional no México em 1970. O aprimoramento e a intensificação de tais métodos não surtiriam resultado, no entanto, nas edições seguintes ocorridas na Alemanha em 1974 e na Argentina em 1978¹⁶¹. Sob a vigência de padrões modernos e científicos de condicionamento muscular dos jogadores, os sucessivos malogros acenderiam um acalorado debate a respeito da mecanização do estilo de jogo da Seleção Brasileira, que se prolongaria no decurso do regime militar no Brasil. A querela em torno da perda da autenticidade decorreria, por sua vez, do abandono do genuíno *futebol-arte* nacional e da adoção do *futebol-força* europeu, renovado com a modernização, a fluidez e a rotatividade desenhadas pelo sistema tático do *carrossel holandês*, proposto por Stephan Kovacs, técnico daquela seleção nacional e do campeão europeu Ajax, que encantou e desmontou a um só tempo os estilos tradicionais de jogo praticados no Velho e no Novo Mundo, com uma equipe sem posições fixas¹⁶².

A polêmica em torno de nomes, cargos e esquemas táticos nessa época seria ladeada por outra ordem de debates, que tinha em mira a discussão sobre a infra-estrutura conferida pelo Estado aos esportes. Uma das grandes preocupações do regime militar em suas diversas áreas de atuação se voltou para a ampliação da capacidade da rede física esportiva nas capitais brasileiras, com a criação de espaços considerados indispensáveis à integração e ao desenvolvimento do país, na articulação de todo o território nacional. Os complexos desportivos eram implementados sob a mesma égide das edificações monumentais projetadas pelo Ministro dos Transportes, Mário Andreazza, em

¹⁶¹ Cf. SOARES, A. J. G.; SALVADOR, M. A.; BARTHOLO, T. L. “Copa de 70: o planejamento do México”. In: GUEDES, S. L.; GASTALDO, E. L. (Orgs.). **Nações em campo: Copa do Mundo e identidade nacional**. Niterói: Intertexto, 2006.

¹⁶² Cf. GIL, G. “O drama do ‘futebol-arte’: o debate sobre a seleção nos anos 70”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994, n.º 25. Cf. também KLINTOWITZ, J. “A implantação de um modelo alienígena exótico e outras sugestões pertinentes: a seleção brasileira de futebol – 1978”. **Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, n.º 5. Cf. ainda SANTOS, J. R. dos. “Na CBD até papagaio bate continência”. In: **Revista Encontros com a Civilização Brasileira**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, n.º 5.

obras como a Rodovia Transamazônica, a Ponte Rio-Niterói, a Hidrelétrica de Itaipu, entre outras obras vultuosas¹⁶³.

A ação efetiva do Estado na vida desportiva se dava, pois, através do maciço financiamento para a construção de ginásios e estádios. Além disso, o ministro da educação Jarbas Passarinho sancionava a institucionalização da Educação Física no ensino médio e nas universidades, à maneira do que havia ocorrido com a disciplina de Moral e Cívica, bases precípuas, na perspectiva dos militares, para a capacitação dos jovens e para a formação de uma pátria de incontestante pujança mundial. Segundo o testemunho instigante de Sérgio Paulo Rouanet, a mudança curricular na educação durante o regime militar invertia o peso e a tradicional relação entre as disciplinas técnicas e as disciplinas humanas, com o predomínio daquelas sobre estas¹⁶⁴.

A construção de estádios em todas as regiões nacionais seguia uma tradição arquitetônica no Brasil posterior às primeiras praças desportivas patrocinadas pelos clubes. Estas eram simbolizadas em dois marcos históricos no Rio de Janeiro: o Estádio das Laranjeiras, do Fluminense, edificado para sediar o Campeonato Sul-Americano de futebol em 1919; e o Estádio de São Januário em 1927, pertencente ao Vasco da Gama, soerguido graças à mobilização da colônia portuguesa na cidade, que tencionava a inclusão do time na liga principal do futebol amador carioca. Embora em momento consecutivo Getúlio Vargas tenha se valido deste último como palco para suas encenações públicas e para seus rituais cívicos de massa, o Estado Novo assinalaria uma guinada, com a passagem de um modelo particular de estádio baseado na iniciativa privada para um modelo público de praça desportiva como ícone do poder do Estado brasileiro. Este último seria materializado com a inauguração do Estádio Municipal do Pacaembu, em 1940, na cidade de São Paulo. Passados dez anos, seria a vez da capital da República erigir o “maior estádio do mundo” após a visita de Jules Rimet ao Rio de Janeiro – recepcionado por Mário Filho – e a decisão da FIFA em um congresso em Bruxelas para a realização no Brasil da Copa do Mundo de 1950, durante o

¹⁶³ Cf. ARQUIVO NACIONAL. “1964-1980: tempos sombrios”. In: **Arquivo Nacional**, 150 anos: visão histórica. Rio de Janeiro: Editora Index, 1988.

¹⁶⁴ Cf. ROUANET, S. P. “Reinventando as humanidades”. In: **As razões do Iluminismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

governo do presidente Eurico Gaspar Dutra e do prefeito Mendes de Moraes, no interregno da Era Vargas.

A presença dos militares no poder nas décadas de 1960 e 1970 estenderia o padrão arquetípico do Maracanã, com sua estrutura ciclópica, para a quase totalidade dos estados do país, a fim de efetivar a integração desportiva, graças também à instituição de um circuito competitivo em 1971, denominado Campeonato Nacional. O carro-chefe de tal processo foi a inauguração a 09 de setembro de 1965 do Estádio Magalhães Pinto, o Mineirão, pedra fundamental de uma nova era de portentosos estádios estatais, com capacidade para abrigar milhares de espectadores. A sua viabilidade tornava-se factível do ponto de vista econômico-financeiro uma vez que, após sucessivas tramitações no Congresso Nacional desde 1963, a Loteria Esportiva era finalmente sancionada e implantada no país em 1970 – na Europa sua existência remontava à década de 1930¹⁶⁵ –, com a geração de dividendos e de capitais para investimento nesse novo filão da engenharia civil. A popularidade da loteria se devia à sua promessa de ascensão social para milhares de brasileiros – ascensão monetária homóloga à de seus heróis em campo – com base em um jogo de apostas que combinava números e conhecimento do futebol próprio a seus *experts*.

O traço-de-união entre essas arenas era a conjugação de um nome oficial concedido, quase sempre, a um político representante do poder local com uma denominação informal que popularizava o estádio com um superlativo bem ao gosto do período. Assim, a construção do estádio Vivaldo Lima, em Manaus, era batizada sob o nome de Vivaldão; o estádio Lourival Batista, em Aracajú, logo passava a receber a designação de Batistão (1969); o estádio Plácido Castelo, em Fortaleza, virava rapidamente o Castelão (1973); o estádio Alberto Silva, em Teresina, era alcunhado Albertão (1973); o estádio Rei Pelé, em Maceió, tornava-se o Trapichão (1970); o estádio José Fragelli, em Cuiabá, ato contínuo passava a se chamar Verdão (1974). A estes vinham se somar o Mangueirão em Belém (1978), o Moreirão em Campo Grande (1971), o Amigão em Campina Grande (1975), o Pelezão em Brasília (1965) e o Pinheirão em Curitiba, entre outros levantados em paralelo aos modernos estádios particulares, como o Morumbi do São Paulo (1970), a remodelada

¹⁶⁵ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 24 de abril de 1971, p. 06.

Fonte Nova do Bahia (1971)¹⁶⁶ e o Beira-Rio do Internacional de Porto Alegre (1969), este último inspirado no Estádio Olímpico de Roma¹⁶⁷.

Em apenas três anos, de 1972 a 1975, trinta estádios de futebol haviam sido construídos¹⁶⁸. Espargiam-se de tal maneira que o país estava preparado para abrigar um número exorbitante de equipes no Campeonato Brasileiro (42 em 1975; 74 em 1978; e 94 em 1979), dando margem ao famoso bordão da época: “Onde a Arena vai mal, mais um clube no Nacional”. Em abono a este espírito, Nelson Rodrigues exultava em sua coluna esportiva, asseverando que o Campeonato Nacional era “a grande viagem para dentro do Brasil”, uma paráfrase ao título da peça do dramaturgo Eugène O’Neill, *A grande viagem para dentro da noite*.¹⁶⁹ O extraordinário alcance do circuito de jogos instituído em âmbito nacional era coetâneo, por seu turno, à instalação de uma rede de telecomunicações por satélite no Brasil, cujos avanços se faziam sentir desde aproximadamente o ano de 1965, com a fundação da Embratel e com a instituição do Ministério das Comunicações. Tais transformações facultavam as transmissões das partidas ao vivo e a cores ou dos *video-tapes* dos jogos do campeonato brasileiro, tornando possível o acompanhamento deste torneio que ganhava nova envergadura no início da década de 1970 e possibilitava o surgimento da figura do telespectador.

As diretrizes preconizadas em tais realizações vinham explicitadas em um relatório final do governo Médici, redigido pelo Departamento de Educação e Desportos, o DED, órgão vinculado ao MEC, e publicado em 1974. Os documentos continham um balanço dos resultados obtidos em cada um dos estados da federação ao longo daquela gestão. Mais do que um mapeamento burocrático restrito à esfera interna, com a finalidade de informar a situação em que se encontravam os ginásios olímpicos e os complexos desportivos no país, os relatos se tornariam peça importante da propaganda do governo no que diz respeito à sua ação no futebol profissional e nos esportes amadores. Do ponto

¹⁶⁶ A reinauguração do estádio Otávio Mangabeira em março de 1971, com a presença do presidente Médici para o jogo entre Bahia e Flamengo, terminaria em tragédia com o desabamento de parte da estrutura de concreto das arquibancadas. Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 06 de março de 1971, p. 05.

¹⁶⁷ Cf. PLACAR. São Paulo, Editora Abril, 14 de janeiro de 1983, n. 660, p. 76 e 77. Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro. 06/04/1968; 04/10/1968; 15/01/1969; 06/06/1972; 10/09/1972; 09/09/1975, p. 10.

¹⁶⁸ Cf. FRANCO JÚNIOR, H. **op. cit.**, p. 145.

¹⁶⁹ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 07 de setembro de 1976, p 14.

de vista editorial, sua materialização culminava com a publicação da série “Grandes Temas”, com a curadoria da agência jornalística *Image*, onde era dada seqüência a um projeto gráfico inicial exposto no seu primeiro volume, sob a rubrica *Brasil Futebol Rei*. Com texto de Araújo Neto, fotos de Jorge Torok e desenhos de Aldemir Martins, esta primeira edição preparada para a Copa do Mundo de 1966, na Inglaterra, obteve enorme sucesso, sendo saudada por Carlos Drummond de Andrade e Tristão de Athayde como a mais bela obra jamais realizada no Brasil sobre o assunto, encorajando assim a continuidade da série¹⁷⁰.

Sob os auspícios da CDB, o novo livro ilustrado e com capa dura constituiria o quarto número da coleção e seria publicado com o título de *Milhões no esporte do Brasil*¹⁷¹. As apresentações protocolares à obra por parte do ministro Jarbas Passarinho, do coronel Erick Tinoco Marques, do brigadeiro Jerônimo Baptista Bastos e do dirigente João Havelange, no ano em que este seria eleito presidente da FIFA, ressaltavam de maneira unânime a eugenia proporcionada pelos Esportes e a capacidade de revigoração juvenil da Nação, agora dotada de adequadas instalações físicas para cimentar um presente vitorioso e para potencializar a consecução de um futuro ainda mais magnânimo. Ao texto de Carlos Alberto Pinheiro e às fotografias de Orlando Alli, Amiccuci Gallo, Domingos Cavalcanti e Luís Alexandre Sabóia Pinto, eram adicionadas as versões simultâneas do livro em inglês, francês e alemão, elaboradas por Paule Havelange e Willy Keller. Tais traduções sugerem que o destino da edição atendia a um duplo alvo publicitário: por um lado, a prestação de contas e o acesso a informações da ação governamental então empreendida pela administração que chegava ao seu término; e, por outro, a propaganda e a divulgação no exterior dos admiráveis feitos do governo militar na seara esportiva.

O lançamento editorial da CBD seguia uma tendência de obras coletivas sobre o tema, iniciada em 1969, com a iniciativa de uma editora paulista de fazer uma *História ilustrada do futebol brasileiro*, dividida em quatro tomos. Na apresentação do livro, os editores explicavam a empreitada levada a cabo por uma equipe de especialistas, entre eles João Máximo:

¹⁷⁰ Cf. REALIDADE. São Paulo, Editora Abril, junho de 1966, n. 3, s.p.

¹⁷¹ Cf. PINHEIRO, C. A. **Milhões no esporte do Brasil**. Rio de Janeiro: Image, 1974.

“Partindo de um projeto ambicioso, a EDITORA DOCUMENTAÇÃO BRASILEIRA traçou um programa de trabalho, reuniu uma equipe especializada, estudou o futebol brasileiro de vários ângulos e lançou-se à execução da obra. Durante longos meses, um grupo de pesquisadores viajou pelo Brasil, de Manaus a Porto Alegre, chegando mesmo a ultrapassar as nossas fronteiras, em busca de dados informativos e material fotográfico. Uma biblioteca foi montada, um arquivo foi criado, milhares de ilustrações (fotos, gravuras, caricaturas) foram levantadas. Uma equipe de técnicos gráficos, primeiro planejando e depois executando, funcionou simultaneamente com o grupo de pesquisa e mais tarde com os responsáveis pelo texto. Sobre o resultado, nada a dizer, a não ser estes quatro volumes que aqui entregamos.”¹⁷².

Em meio à entrada do futebol no mercado editorial, os anúncios no *Jornal dos Sports* das grandes inaugurações do governo federal no tocante às suas realizações faraônicas em geral – como as obras do Metrô, a cruzada alfabetizadora do Mobral, os conjuntos habitacionais do Banco Nacional de Habitação (BNH), entre outras – e aos novos estádios de futebol em particular, pareciam sugerir a idéia de que se vivia uma ocasião propícia às festas e às cerimônias de conagração entre o Estado e a sociedade civil. Porquanto estas obras se concretizavam e as ameaças de dissensões internas eram aplacadas, debelando-se os “terroristas” responsáveis por dramáticos seqüestros a embaixadores de Estado, por assaltos a bancos, pela luta armada urbana e por guerrilhas rurais¹⁷³, espalhava-se a sensação de que se vivia um momento novo, harmônico e edificante. Tratava-se de sensação bem distinta à posterior classificação do período, denominado pela historiografia de os *Anos de chumbo*, alusão por seu turno ao título homônimo de um filme alemão dirigido por Margareth Von Trotta¹⁷⁴.

A mais perfeita tradução do otimismo naquele momento seria caracterizada no mote *milagre econômico*, uma expressão que fazia convergir as extraordinárias taxas de crescimento econômico – o país tornara-se em

¹⁷² Cf. HISTÓRIA ILUSTRADA DO FUTEBOL BRASILEIRO. São Paulo: Editora Documentação Brasileira, 1969, 4 vol., p. 07.

¹⁷³ Cf. RIDENTI, M. **O fantasma da revolução brasileira**. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1993. Cf. também ALMEIDA, M. H. Tavares de; WEIS, L. “Carro-zero e pau-de-arara: o cotidiano da oposição de classe média ao regime militar”. In: SCHWARCZ, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997, vol.4.

¹⁷⁴ Cf. HABERT, N. **A década de 70: apogeu e crise da ditadura militar brasileira**. São Paulo: Ática, 1992, p. 11. Cf. também. D’ARAÚJO, M. C.; SOARES, G. A. D.; CASTRO, C (Orgs.). **Os anos de chumbo: a memória militar sobre a repressão**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

pouquíssimo tempo a oitava potência entre as economias capitalistas mundiais –, o clima altamente favorável à ascensão da classe média, a receptividade à instalação de empresas multinacionais no Brasil, a facilidade no consumo de produtos alimentícios e no acesso a bens eletroeletrônicos para vários setores da população, dentro dos vórtices daquilo que mais tarde os sociólogos chamariam de *modernização autoritária* ou *modernização conservadora*¹⁷⁵.

O coroamento dessa ambiência contagiante de prosperidade financeira ocorreria no plano da ufanía esportiva com a conquista do tricampeonato mundial no México em 1970, quando as ruas voltariam a ser ocupadas pelas multidões, agora tomadas de exclusiva alegria em face da inquestionável superioridade demonstrada por seus atletas dentro de campo. Nos meses seguintes ao êxito, as telas de cinema contribuía para manter a sensação positiva do triunfo, com a exibição do filme *Brasil Bom de Bola*, produzido pelo Canal 100 e dirigido Carlos Niemayer, experiência cinematográfica original, conhecida por desviar o foco da câmara para o público torcedor. As recém filmadas as imagens da copa eram levadas para o circuito de cinema nacional. Conforme noticiava a seção Roteiro de Cinema do *Jornal dos Sports*, a película era uma das grandes atrações para as férias do verão carioca de 1971¹⁷⁶.

O filme receberia a chancela federal no Festival de Brasília do mesmo ano, uma vez que ele seria escolhido para substituir o proibido documentário de Vladimir Carvalho, *País de São Saruê*, com candentes denúncias às condições de vida da população nordestina¹⁷⁷. A projeção oficial de *Brasil Bom de Bola* faria com que a filmografia de Niemayer tivesse ainda continuidade quatro anos mais tarde com *Futebol Total*, exibidos nos cinemas cariocas também no verão de 1975, com os registros da Copa do Mundo de 1974, na Alemanha¹⁷⁸. Assim, a cena esportiva brasileira daquela década era completada por uma idolatria áudio-visual que, além de Pelé no futebol, vangloriava Emerson Fittipaldi na Fórmula 1 e Eder Joffre no boxe.

¹⁷⁵ Cf. PRADO, L. C. D.; EARP, F. S. “O ‘milagre’ brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973)”. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, vol. 4.

¹⁷⁶ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 08 de janeiro de 1971, p. 08.

¹⁷⁷ Cf. ORICCHIO, L. Z. **op. cit.**, p. 139.

¹⁷⁸ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 28 de fevereiro de 1975, p. 12.

Todo esse cenário festivo verde-amarelo contribuiria para transfigurar a tônica belicosa do ano anterior, com as coberturas empreendidas pelo *Jornal dos Sports* a respeito da participação dos estudantes por meio de passeatas na cidade. A substituição de foco dos protestos estudantis em favor das notícias centradas nos jogos ou nas celebrações efusivas nas ruas por parte da população após a conquista do tricampeonato parecia apontar para um rápido esquecimento dos conflitos até então ocorridos em praça pública. O potencial contestatório juvenil parecia ser dragado pela contagiante ufanía, ilustrada com a *corrente pra frente* do jingle de Miguel Gustavo composto para a copa, cuja melodia se tornou bastante famosa, e com o sucesso da marcha musical da dupla Dom e Ravel, “eu te amo, meu Brasil... / ninguém segura a juventude do Brasil”¹⁷⁹, a canção popular *cafona*¹⁸⁰ que em roupagem *kitsch* melhor traduzia as mensagens ideológicas oficiais atribuídas ao novo papel dos jovens naquele contexto nacional. Embora o slogan *Poder Jovem* ainda repontasse aqui e ali no jornal, o critério de seleção dos fatos dignos de “espetaculosidade”¹⁸¹ sofria alterações, com a saída de cena ou com o deslocamento de sua presença no conjunto de assuntos privilegiados pelos repórteres, dentro do espectro temático do jornal.

De modo diverso ao que aconteceu com as reportagens estudantis, o movimento de dissidência de torcidas organizadas e das revoltas dos torcedores e das suas proto-associações nos estádios não sofreu uma quebra drástica nos meses que se sucederam ao decreto institucional do governo federal. Impelido pela dinâmica clubística interna, as torcidas não seriam afetadas de maneira tão direta com o fim das passeatas e com as transformações políticas assinaladas, sem implicar em um imediato desaparecimento da sua cobertura nas páginas do *Jornal dos Sports*. Embora as passeatas estudantis – um importante referencial contestatório no ano anterior – houvessem sucumbido, algumas práticas inspiradas naqueles acontecimentos recém-vividos na cidade teriam um certo

¹⁷⁹ Cf. HABERT, N. *op. cit.*, p. 08.

¹⁸⁰ Em sua opulenta dissertação de mestrado em Memória Social defendida na UNI-Rio, depois transformada em *best-seller* editorial, Paulo César de Araújo contradiz a visão segundo a qual as letras dos irmãos Dom e Ravel, entre outros cantores considerados bregas, emitiriam apenas mensagens de exaltação à ideologia governamental. Ao contrário, de acordo com o historiador, a maioria delas traz embutida a denúncia do autoritarismo e da segregação social das classes populares no cotidiano brasileiro. Cf. ARAÚJO, P. C. de. **Eu não sou cachorro, não**: música popular cafona e ditadura militar. Rio de Janeiro: Record, 2002, p. 16.

¹⁸¹ Cf. CAPELATO, M. H. R. *op. cit.*, p. 15.

grau de prosseguimento no futebol. Não resta dúvida, entretanto, de que o espírito de revolta e o poder catalisador de contestação foram sendo pulverizados pouco a pouco com a introdução de uma série de novos elementos à identidade dessas recém-formadas agremiações. Do ponto de vista das reportagens jornalísticas, mudanças mais sutis concernentes a novos parâmetros constitutivos de um modo de “ser jovem”, tal como veiculado pelo jornal, vão se tornando perceptíveis com o passar dos anos.

A visibilidade dos protestos ainda era possível, em parte, graças à notoriedade midiática de alguns componentes dessas Torcidas Jovens. Já nos primeiros dias de janeiro de 1969, as eleições no Fluminense movimentavam as atividades da Jovem-Flu, que lançava um manifesto de apoio ao candidato Francisco Laport à presidência do clube. Embora advogassem o não-envolvimento com as questões internas do clube e a não-participação em sua direção, os membros do grupo empenhavam-se na eleição de um candidato que recuperasse o prestígio do time e que operasse uma mudança estrutural na postura amadorística da equipe. Também chamados de ‘jovem-guarda tricolor’, eram representados na primeira página do jornal com a foto de Elis Regina, espécie de garota-propaganda do grupo, uniformizada com a camisa tricolor, a apoiar o candidato de sua preferência.

Na matéria consagrada ao Jovem-Flu no interior do periódico, os nomes de Chico Buarque, Hugo Carvana, Dori Caymi, Nelson Mota e Nei Bianchi chancelavam a campanha. A fim de dar mostras da força do movimento, uma lista de simpatizantes era endossada com os seguintes artistas-torcedores: Ronaldo Bôscoli, Paulo César Saraceni, Mário Carneiro, Joaquim Pedro de Andrade, Júlio Bressane, Paulo César de Oliveira, Carlos Leonam, João Luis Albuquerque, Raul Fernandes Sobrinho, Sílvio César, Francisco Gaya, Paulo Bertazzi, Nina Chaves, Pitigliani e Wilson Figueiredo¹⁸². Além das matérias coletivas, reportagens individuais eram feitas com seus membros. Em “Sonho é um grande time”, o compositor Ronaldo Bôscoli mencionava o vínculo filial que o unia ao clube – seu pai era um antigo quadro dirigente – e salientava as diretrizes necessárias para a renovação do time¹⁸³.

¹⁸² Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 05 de janeiro de 1969, p. 01 e 05.

¹⁸³ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 26 de janeiro de 1969, p. 04.

Ao longo do ano de 1969, mesmo com a vitória do candidato de sua simpatia, o Jovem-Flu se rearticulava todas as vezes que alguma mudança significativa na equipe tricolor ia de encontro ao seu posicionamento e às suas aspirações. Em julho de 1969, o jornal anunciava: “Torcida promete guerra se Flávio sair”. O possível afastamento de um jogador levava-os à mobilização, com a formação de um movimento também denominado *Reação*. Hugo Carvana voltava a dar depoimentos ao jornal contra a venda do atleta e para isto previa a realização de passeatas, fazia ameaças de pichação à sede das Laranjeiras e concedia sucessivas entrevistas à imprensa¹⁸⁴. Em contrapartida, Nelson Rodrigues, que ainda não se retirara da colaboração do jornal, escrevia uma crônica onde traçava o perfil do mentor daquelas idéias conspiratórias: “Um homem chamado Hugo Carvana”¹⁸⁵. No mês seguinte, um dos integrantes do grupo, Carlos Leonam, fazia uso de sua coluna dominical “Guerra é guerra” para aludir a um excêntrico encontro do Jovem-Flu, a ocorrer de modo inusitado em Roma, Itália, onde então vivia exilado Chico Buarque, “a fim de traçar os novos rumos políticos da torcida.”¹⁸⁶

Outro ponto a se notar no início de 1969 se relaciona a uma certa continuidade lograda pelas revoltas das torcidas juvenis de Fluminense e Flamengo do biênio 67-68. Elas acarretariam uma espécie de *efeito em cascata* sobre as torcidas dos demais clubes, a servir de exemplo para o questionamento dos chefes de outras tradicionais agremiações e dos presidentes de clube em seus pleitos eleitorais. Enquanto a torcida do Flamengo ensaiava novos protestos ‘queremistas’ após uma derrota para o Olaria, com os gritos de “– Queremos um time! Queremos um time!”¹⁸⁷, as torcidas do América, do Bangu e do Vasco criavam suas dissidências internas com o aparecimento da Jovem América, da Torcida Jovem do Bangu e dos Leões Vascaínos. A cobertura do *JS* acompanharia os torcedores cruzmaltinos com a matéria “Torcida faz revolução para salvar o Vasco”, na qual abordava a insatisfação dos dissidentes depois de uma derrota para o Flamengo no Maracanã, com gritos de guerra de cerca de cem torcedores liderados por Abílio, “um português de sotaque

¹⁸⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 05 e 08 de julho de 1969, p. 03 e 08.

¹⁸⁵ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1969, p. 04.

¹⁸⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 03 de agosto de 1969, p. 17.

¹⁸⁷ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 27 de abril de 1969, p. 10.

carregado”¹⁸⁸. Segundo tal liderança, a razão de ser da agremiação se devia não somente à discordância com a direção do clube mas à divergência com as posturas de Dulce Rosalina na condução da Torcida Organizada do Vasco.

Há onze anos sem título, e após sucessivos fracassos naquela temporada, a torcida oficial e a torcida dissidente poderiam contudo se irmanar em determinadas ocasiões. A oposição comum ao presidente Reinaldo Reis, com quem não obstante Dulce Rosalina nutria boas relações pessoais, propiciava a união conjuntural entre os Leões Vascaínos e a TOV, com a invocação retórica da solidariedade e do sacrifício mútuo dos torcedores em seu “amor pelo clube”. Quanto mais escassas se tornavam as vitórias no ano de 1969, mais a pressão contra os dirigentes aumentava. Estes eram esperados à saída dos vestiários e faziam-se ameaças de enterros simbólicos dos mesmos, à maneira das torcidas do Flamengo e do Fluminense no ano anterior.

Depois da renúncia do técnico Paulinho, o jornal noticiava as agitações na sede de São Januário com trezentos torcedores que pediam o afastamento do presidente do clube. “Cassação de Reinaldo está por pouco”, aduzia em manchete o jornal. Além da renúncia de Reinaldo Reis, os torcedores entoavam os gritos de “Viva Ciro / abaixo Reinaldo”, “Queremos Ciro / queremos Ciro”, invocando o nome do ex-presidente cruzmaltino, Ciro Aranha. Premido pelas cobranças dos torcedores, Reinaldo Reis se defendia no jornal com uma declaração que colocava sob suspeição a legitimidade dos grupos representados por Abílio Valente e Dulce Rosalina: “São faixas manipuladas. A torcida do Vasco não vai, às 8hs, estar em São Januário e de faixas. A torcida do Vasco tem carteira do Ministério do Trabalho.”¹⁸⁹.

Os resultados e a performance da equipe em campo, a política interna dos clubes e o exemplo das torcidas dissidentes nos anos anteriores parecem constituir os fatores-chave na gênese e na precipitação de novos grupos torcedores em fins da década de 1960. A recém-criada Torcida Jovem do América também se via estimulada a promover enterros simbólicos do presidente do clube, Volnei Braune. Eles se davam em um momento preciso, às vésperas do desencadeamento do processo eleitoral que daria permanência ou fim à gestão de Volnei no clube. Em protesto contra as derrotas, a Torcida

¹⁸⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 26 de maio de 1969, p. 04.

¹⁸⁹ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 14 de maio de 1969, p. 14.

Jovem americana adotava o mesmo procedimento das facções juvenis dos outros clubes nos anos anteriores. Afora a simulação de cortejos fúnebres, havia pichação sobre a fachada do clube e faixas de intimidação com os seguintes dizeres estendidos nos dias de jogo: “A luta continua, Braune no olho da rua.”¹⁹⁰.

Com a inspiração do ano precedente, em que as contestações dos estudantes e das torcidas haviam atingido uma notável repercussão, as crises e os escores negativos pareciam ainda, sob aquela nova ambiência política, fornecer motivos suficientes para canalizar as insatisfações e dar continuidade aos protestos entre os torcedores. Sob o ângulo jornalístico, porém, pouco a pouco o apelo das torcidas organizadas neste sentido perdia a exclusividade, sendo reportadas com menos ênfase nas manchetes, em artigos especiais ou em matérias centrais para concentrar-se no espaço de origem destinado aos torcedores: a seção de leitores, intitulada *Bate-Bola*. De modo progressivo e diferenciado, seria possível detectar uma sensível quebra no encorajamento do periódico em relação às manifestações daqueles agrupamentos contra os dirigentes de clube, embora tal transformação ocorresse de modo paulatino e decrescente, com a discreta migração do plano das manchetes e das reportagens exclusivas para a seção estrita a que se destinavam as cartas dos leitores. Nas grandes chamadas, as efemérides mais corriqueiras do cotidiano dos treinos, dos jogos e do campeonato voltavam a imperar sem concorrentes paralelos.

O enquadramento a que eram submetidos os torcedores no padrão das edições jornalísticas fazia com que essa modificação de formato não impedisse o prolongamento das polêmicas travadas pelas novas torcidas em relação aos dirigentes de clube e às antigas lideranças de torcedores. Em vez da mediação do debate pelos jornalistas na elaboração de suas matérias especiais, os temas eram redigidos e desenvolvidos pelos próprios torcedores através de cartas publicadas no pequeno porém livre espaço de opinião do *Bate-Bola*. Em princípio voltada ao torcedor de uma maneira indiscriminada, aquela pequena tribuna opinativa era apropriada pelas Torcidas Jovens então florescentes para fins de comunicação, propaganda e divulgação de suas programações. Ali se discutia, se convidava, se provocava, se informava e, sobretudo, se afirmava a

¹⁹⁰ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 09 e 15 de junho de 1969, p. 07.

identidade de cada grupo. Os novos chefes estabeleciam um diálogo por escrito com seus simpatizantes, com a orientação das suas atividades a seus seguidores. Estes, por seu turno, pareciam dialogar entre si e com seus rivais, mediante o intercâmbio de cartas que no dia a dia ia compondo um painel comunicativo contínuo, em contraposição às intermitentes matérias de cunho mais chamativo, sempre incertas e imprevisíveis, ao sabor no mais vezes de veleidades dos cronistas e jornalistas.

A alternância no peso de abordagem das torcidas organizadas, a intercalar as manchetes de impacto, com sentenças curtas, exclamativas e epigramáticas, em caixa alta e com foto na primeira página, e a discreta seção *Bate-Bola*, com suas linhas curtas em formato de breves notas e com seu interesse reservado ao segundo plano na escala de preferência do jornal, oferece indícios para uma consideração teórica preliminar a respeito dos efeitos causados em cada um dos níveis discursivos sobre a massa de leitores. Em seu ensaio acerca do declínio da arte narrativa, Walter Benjamin identificava o advento da tipografia no século XVI e a difusão do livro no período seguinte como responsáveis por uma clivagem na relação entre a comunicação oral e a comunicação escrita no mundo moderno, cujo corolário no século XIX era o jornal e o romance burguês. Em sua visão, a imprensa e sua narrativa jornalística constituíam uma das formas de comunicação do alto capitalismo que, por sua necessidade industrial de produzir novidades incessantes sempre sensacionais, para fins de aumento da vendagem, haviam bloqueado a troca entre os indivíduos baseada na experiência direta, no contato físico e na sabedoria interpessoal.

A técnica da informação consistia na capacidade do jornalista de transformar os acontecimentos imediatos do domínio público em eventos extraordinários e de choque, consumidos em uma velocidade e em uma voragem tal que eles não possibilitavam uma assimilação passível de integração a uma cadeia de transmissão, consagrada pela tradição de pessoa a pessoa, de geração a geração. A arte de contar histórias havia se manifestado desde a Antiguidade através da forma épica da poesia oral e preponderara durante a Europa pré-industrial por meio de seu caráter artesanal, integrador da palavra e dos gestos, em uma totalidade performática cujo estudo apenas insinuado por

Benjamin seria empreendido em profundidade pelo medievalista suíço Paul Zumthor, na obra *A letra e a voz*¹⁹¹.

Para Benjamin, de um lado, a concretude das relações pessoais e a capacidade de aconselhar davam lugar ao isolamento do escritor burguês que, ante o vazio deixado pelo declínio dos antigos narradores e da sua “moral da história”, buscava encontrar um “sentido da vida” por meio de uma introspecção psicológica em seu solilóquio romanesco; de outro, o contato direto entre emissor e receptor era cindido em prol da instantaneidade da técnica informativa, incapaz porém de se sedimentar em um solo comum da memória coletiva. A quantidade de informações diárias despejadas pelos jornais embotava o indivíduo de mensagens na sincronia do presente, soterrando-o de *aquis* e *agoras*. De modo que era preciso, segundo a assertiva de uma das enigmáticas e messiânicas teses benjaminianas, o advento de um *anjo da história* para forjar resistências contra a dominação e para livrar o passado do esquecimento¹⁹².

O fim da “faculdade de intercambiar experiências” ou a “a pobreza em experiências comunicáveis”¹⁹³ divisada de modo niilista por Benjamin no limiar da modernidade européia não impedem o reconhecimento de outras modalidades de interação que podiam ser construídas nos interstícios dos meios de comunicação de massa. Se o alarde promovido pelas notícias principais visava chocar e despertar a atenção do leitor quanto a fatos excepcionais, logo sucedidos por outros ainda mais espetaculares, as cartas publicadas pelos leitores em um espaço de menor apelo, dramaticidade e destaque no interior do jornal possibilitavam a observação de uma espécie de *conversa escrita*, tecida em um tom coloquial à maneira das crônicas em geral e das crônicas esportivas, em particular¹⁹⁴. A liberdade de expressão proporcionada por aquela coluna reservada aos torcedores consubstanciava-se na discussão em torno das mais diversas situações relatadas por estes indivíduos a partir das circunstâncias do jogo ou do pertencimento clubístico. Uma infindável gama de relatos, opiniões,

¹⁹¹ Cf. ZUMTHOR, P. *A letra e a voz*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

¹⁹² BENJAMIN, W. “Sobre o conceito da História”. In: **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1994, vol.1.

¹⁹³ Cf. **id.** “O narrador: considerações sobre a obra de Nicolau Leskov”; “Experiência e pobreza”. In: **op. cit.**, p. 198.

¹⁹⁴ Para um estudo do gênero epistolar, ver trabalho organizado por Walnice Nogueira Galvão e Nádia Battella Gotlib. Cf. GALVÃO, W. N.; GOTLIB, N. B. (Orgs.) **Prezado senhor, prezada senhora**: estudos sobre cartas. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

discursos, panegíricos, sugestões, recados, anúncios, convocações, dúvidas, arrazoados, maledicências, quiproquós e circunlóquios de toda espécie vinha à tona na seção, com direito a desafios, respostas, ameaças, réplicas e trélicas por parte daqueles escrevinhadores diários, que não raro faziam descambar tais cartas para um tom de informalidade, de coloquialidade, de licenciosidade ou de agressividade.

Dentre os vários planos da vida social, os prosaicos, banais e ordinários assuntos presentes nas missivas dos torcedores podem colocar em dúvida a relevância de se proceder à leitura e à interpretação dessa micro-região do jornal, haja vista a crença arraigada no contraste entre a objetividade dos acontecimentos relatados pelos jornalistas e a subjetividade das opiniões descritas nas cartas dos leitores. Ao invés de focar a atenção nas linhas mestras que nortearam o período – a conquista da Copa do Mundo, a inauguração dos grandes estádios, a presença militar no comando das entidades esportivas – tal escolha possibilita a apreensão de novos pontos de vista atinentes à vivência nacional naquele momento. É a especialista em história da imprensa, a professora Marialva Barbosa, quem endossa a escolha de fontes que circunscrevam uma relação do público com a mídia. Ao salientar os vestígios de uma época, isto é, “os sinais significantes que cheguem até nós sob a forma escrita”, a historiadora inclui “correspondências que os próprios leitores encaminharam às publicações”¹⁹⁵.

Seria conveniente ainda a ponderação prévia de que o valor dado a aspectos à primeira vista anódinos no conjunto de um periódico ou de uma época pode permitir uma reconsideração dos elementos mais visíveis e com maior destaque, como frisaram expoentes da terceira geração dos *Annales*, da historiografia inglesa dos anos 50 e 60 e da micro-história italiana nas décadas de 1970 e 1980, sendo as obras de Thompson, Ginzburg e Darnton as que alcançaram mais visibilidade na proposição de uma história social da cultura vista “de ponta-cabeça” ou “de baixo para cima”¹⁹⁶. A título de exemplo no

¹⁹⁵ Cf. BARBOSA, M. **História cultural da imprensa**: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007, p. 14.

¹⁹⁶ Para uma visão de conjunto, ver a análise de Hobsbawm que põe em consideração a obra de George Rudé sobre a multidão na história e a ascensão das massas como sujeito histórico no contexto das revoluções industrial e francesa. Cf. HOBBSAWM, E. “A história de baixo para cima”. In: **Sobre história**: ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. Cf. também. BURKE, P. **O que é história cultural ?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

plano nacional, no que se refere à reconstituição de períodos históricos baseados em jornais, cabe lembrar uma obra precursora da historiografia brasileira dos anos de 1930. Trata-se do livro *Sobrados e Mucambos*, de Gilberto Freyre, apoiado em uma pesquisa documental junto a diminutos anúncios publicados nos classificados dos jornais brasileiros durante o período imperial oitocentista relativos à venda e à compra de escravos, o que lhe permitiu uma ampla recomposição da época sob um prisma heurístico insuspeitado. A mesma estratégia é utilizada por Lilia Moritz Shwarcz em sua dissertação de mestrado defendida na Unicamp nos anos 80, *Retrato em branco e negro*, na qual a historiadora analisa a imagem dos negros expressa pela imprensa paulistana nas últimas décadas do século XIX¹⁹⁷.

É válida ademais a observação de que as mudanças na forma determinam as transformações de significado. A diagramação do jornal, e de todos os aspectos formais escandidos em sua dimensão visual, não deve ser percebida como a combinação de imagens e de letras *per se*, mas como um artefato industrial previamente definido pelo editor do periódico e condicionado por seus anunciantes, onde está implícito o caráter construtivo, eletivo, seletivo da notícia. A história editorial feita por Roger Chartier acerca das modificações tipográficas nas sucessivas impressões de livros clássicos e de peças teatrais parece bem adequada também para as práticas de leitura dos jornais diários:

“Ao estudar as variações na impressão das peças de William Congreve nos séculos XVII e XVIII, D. F. MacKenzie pôde mostrar de que modo transformações aparentemente pequenas e limitadas (mudança de formato, de *in-quarto* para *in-octavo*, uso de ornamentos para separar as cenas, enumeração dos episódios com algarismos romanos, relação dos nomes dos personagens no início de cada cena, menção de quem entra e quem sai, indicação do nome de quem fala) influenciaram decisivamente o *status* conferido à obra ou a maneira de lê-la, e até mesmo o modo como o próprio autor passou a considerá-la. Uma nova legibilidade foi criada pelo formato, que tornou o livro mais fácil de carregar, e pelo *layout*, que resgatou alguma coisa do dramático senso de movimento e tempo na impressão. Uma nova inteligibilidade, mas também um novo horizonte de recepção, pois as formas usadas na edição *in-octavo* de 1710 tinham, aparentemente, ‘classicizado’ o texto — o que talvez tenha motivado Congreve a depurar sua escrita aqui e ali, com o objetivo de fazê-la ajustar-se à nova legitimidade do texto.”

*

¹⁹⁷ Cf. SHWARCZ, L. M. **Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

“Um processo semelhante ocorre com os indicadores puramente formais ou materiais — o formato e a imagem, por exemplo. Do *in-folio* aos formatos menores, existe uma hierarquia que estabelece uma ligação entre o formato do livro, o gênero do texto e o momento e o modo de ler. Lorde Chesterfield prestou testemunho desse fato no século XVIII: ‘Os sólidos *in-folio* são os homens de negócios com os quais converso de manhã. Os *in-quartos* são as pessoas mais afáveis e variadas com as quais me sento depois do jantar, e passo minhas noites em bate-papos amenos e geralmente frívolos com os pequenos *in-oitavos* e *in-doze*’. Essa hierarquia é, além do mais, diretamente herdada dos tempos em que os livros eram copiados à mão. Essa hierarquia distinguia o livro, para ser lido, precisava ser colocado em posição horizontal; o livro humanista, mais manuseável em seu formato médio e mais apropriado tanto aos textos clássicos quanto aos mais recentes; e o livro portátil, o *libellus*, um livro de bolso e de cabeceira com múltiplos usos e leitores mais numerosos. A imagem do frontispício ou página de rosto, ao longo da margem ou na última página, também classificava o texto e sugeria uma forma de leitura. Estabelecia a convenção de leitura, o índice de identificação.”¹⁹⁸.

Assim, a análise tanto sociológica quanto semiológica do *design* gráfico, do *layout* e da disposição espacial das informações no corpo do periódico fundamenta-se na premissa de que o formato jornalístico, onde se inclui a materialidade do suporte, o caráter sugestivo das fotos e a persuasão retórica das palavras, é indissociável dos jogos de forças e das relações de poder presentes no jornal e, por extensão, na sociedade. A análise contemporânea de Pierre Bourdieu sobre os ditames e os condicionamentos impostos pela televisão à liberdade de pensamento e aos questionamentos críticos pode ser útil à compreensão geral dessas relações entre meios de comunicação e poder. Em abono às suas considerações sempre intempestivas:

“A foto não é nada sem a legenda que diz o que é preciso ler — *legendum* —, isto é, com muita frequência, lendas, que fazem ver qualquer coisa. Nomear, como se sabe, é fazer ver, é criar, levar à existência.”¹⁹⁹.

Por outro lado, a consciência dessas determinações e dessas prerrogativas verticais não deve levar-nos de volta à visão apocalíptica ou integrada sugerida pela perspectiva que se inaugurou com os *frankfurtianos*. A atenção dedicada à coluna do *Jornal dos Sports* permite, pois, a observação da maneira pela qual

¹⁹⁸ Cf. CHARTIER, R. “Textos, impressões, leituras”. In: HUNT, L (Org.). **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p. 221, 228 e 229.

¹⁹⁹ Cf. BOURDIEU, P. **Sobre a televisão** (seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, p. 26.

era urdida uma relação dialógica entre jornalistas e torcedores, e destes entre si, em um espaço aparentemente de somenos importância, com pouco *capital simbólico*, para utilizar o termo de Bourdieu, na escala de crenças da veracidade informativa do jornal, dramatizadora, em um outro contexto, da antiga querela científica entre a *épisteme* (conhecimento verdadeiro) e a *doxa* (opinião). Por fim, indo de encontro a Benjamin, é possível lembrar ainda a perspectiva de Mikhail Bakhtin na defesa do caráter polifônico do romance moderno. Ela pode ser utilizada como argumento extensível também para a consideração da polifonia do jornal, como *locus* não-reducionista nem unilateral, com brechas hermenêuticas que põem em evidência as inter-relações e as interfaces dos atores sociais no espaço público dos jornais²⁰⁰.

O reconhecimento da passagem de uma massa indiscriminada de leitores para uma comunidade específica de torcedores-escritores, que interagem com base naquele pequeno universo de opiniões e impressões relativas à vivência esportiva, é necessário ainda para uma outra colocação de ordem metodológica. Frente à perda de um ideal narrativo no mundo moderno, a tentativa de forjar algum tipo de intercâmbio de experiências no espaço do jornal, tido como uniformizador e solapador de diferenças pelos primeiros teóricos da comunicação²⁰¹, mostrava-se vívida e calorosa naquela seção. Ao encontro dessa perspectiva, é possível mencionar ainda a obra de um autor filiado às questões da Escola de Frankfurt, Jünger Habermas, e seu trabalho do início dos anos 80, a *Teoria da ação comunicativa*²⁰². Sem o descarte do pólo racional, sua elaboração teórica procurava defender a positividade da condição moderna e dar sustentação à vigência do ideal iluminista, tendo em vista a incompletude do projeto da modernidade na cena contemporânea. Na ótica habermasiana, a razão não se restringiria à instrumentalidade da dicotomia sujeito-objeto, mas à racionalidade comunicativa que, com base em argumentos e contra-argumentos, visa produzir o consenso e o entendimento mútuo na esfera pública. Os interlocutores agem por meio da linguagem mediatizada, pondo em

²⁰⁰ Cf. BAKHTIN, M. **Problemas da poética de Dostoievski**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1981.

²⁰¹ Para uma exposição sumária dos principais argumentos marxistas implicados na apreciação da cultura de massas, ver o trabalho de Alan Swingewood. Cf. SWINGEWOOD, A. **O mito da cultura de massa**. Rio de Janeiro: Interciência, 1978.

²⁰² O alentado ensaio de Sérgio Paulo Rouanet sobre a obra de Jünger Habermas fornece subsídios para tais afirmações. Cf. ROUANET, S. P. “Poder e comunicação”. In: **op. cit.**

consideração a objetividade dos fatos, a adequação de suas ações a um ideal de justiça e a veracidade de suas emoções.

A exposição dessa breve *démarche* visa justificar a maneira pela qual a escolha da seção *Bate-Bola* se impôs na pesquisa na proporção em que a leitura serial do jornal avançou. Ela revelou a existência de uma comunidade lingüística, com uma fonte escrita privilegiada para a observação e para a apreensão das tensões esportivas que constituem a gênese das torcidas organizadas no período. Ela possibilitou, por exemplo, entender o horizonte argumentativo a respeito da legitimidade dos principais chefes de torcida. Esta discussão se encontraria no dia a dia do jornal, tal como iniciada no biênio 1967-1968, e modularia o discurso sobre a eclosão das Torcidas Jovens. A autoridade dos líderes seria um dos pontos mais explorados no cotidiano da seção de leitores do jornal naquela conjuntura de fins dos anos 60 e início dos anos 70. É certo que tal questão era suscitada pela sua divulgação sucessiva do periódico com matérias e manchetes acerca da ausência dessas lideranças nos estádios nos dias de jogos. Uma série de incidentes em cadeia provocava o afastamento dos chefes de torcida de Flamengo, Vasco, Fluminense e Botafogo. Estes alegavam enfermidades, acidentes e toda sorte de compromissos pessoais o que dificultava a presença no comando de suas torcidas.

Jaime de Carvalho, por exemplo, via-se com freqüência impedido de ir às partidas do Flamengo, “afastado por recomendação médica”²⁰³. A sua situação gerava uma mobilização na cidade, dada a projeção e a importância assumida por esse torcedor, que não podia comparecer à Copa do Mundo do México, em seu tradicional posto de chefe da torcida brasileira, conquanto tenha estado presente em Assunção, no Paraguai, no ano de 1969, para uma partida decisiva da fase eliminatória. Desde março de 1970, circulavam informações sobre sua internação e em maio daquele ano a matéria intitulada “Torcida dá apoio à campanha por Jaime” expunha a razão de sua ausência, retratando o reconhecimento que este possuía entre seus pares e as entidades oficiais do futebol mediante uma subvenção financeira:

²⁰³ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1971, Segundo Tempo, p. 08.

“Em virtude da doença de Jaime de Carvalho, o *Jornal dos Sports* e a Federação Carioca de Futebol tomam a iniciativa de dar uma pensão ao chefe dos chefes das torcidas. Vários chefes de torcida ressaltam as qualidades de Jaime de Carvalho, como o pioneirismo na criação das torcidas organizadas, o fascínio que exerce sobre os jogadores e os ensinamentos legados aos demais chefes de torcida. Tarzã do Botafogo, Juarez do Bangu, Elias do América e Sérgio do Fluminense consideram justas as benesses recebidas por um homem que tanto contribuiu com o futebol brasileiro e ainda esperam que seja concedida uma bolsa de estudos ao filho Tadeu.”²⁰⁴

A notícia despertava a preocupação dos torcedores da cidade, após o anúncio das rádios e inclusive da TV Globo acerca do agravamento de seu estado de saúde. O jornal *A Luta Democrática* chegou a veicular na sua primeira página, em abril de 1970, o falecimento de Jaime: “Mengo de luto”²⁰⁵. Mesmo adeptos de torcidas organizadas adversárias manifestavam inquietação com os rumores em torno da situação do líder da Charanga Rubro-Negra:

“... desejo lamentar o boato que correu pela cidade na noite de sábado de que o Jaime de Carvalho havia morrido. Felizmente, ele ainda está bem vivo, e se Deus quiser assim continuará ainda por muitos anos. (‘Brilho do Vasco’, Ricardo, Força Jovem do Vasco)”²⁰⁶.

Coincidência ou não, o líder da torcida tricolor, Paulista, também tinha de se ausentar dos estádios, pois padecia de igual maneira de problemas de saúde, conforme sentenciava na coluna *O jogo da torcida* o repórter Marco Aurélio Guimarães: “Ausência do Batuta calou a multidão”²⁰⁷. Se Paulista enfrentava desavenças internas com Bolinha, outro torcedor marcante do clube que havia criado desde maio de 1967 a *Torcida Dissidente*, o enfermo chefe designava um outro suplente para seus momentos de ausência na torcida, com a indicação de Sérgio Aiub como seu sucessor. Este assumia o comando do grupo não apenas no Maracanã mas também nas caravanas a outros estados²⁰⁸. Quanto a Dulce Rosalina, seu afastamento do futebol era mais grave e chegava a envolver risco de vida. Um acidente na estrada durante uma de suas viagens a São Paulo para acompanhar um jogo do Vasco havia forçado sua retirada temporária dos estádios. O desastre ocorrido no final de novembro de 1968 na

²⁰⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 28 de março de 1970 e 04 de maio de 1970, p. 06 e p. 07.

²⁰⁵ Cf. AQUINO, W.; CRUZ, C. **op. cit.**, p. 59.

²⁰⁶ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 30 de abril de 1970, Seção Bate Bola, p. 06.

²⁰⁷ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 06 de maio de 1968.

²⁰⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 27 de agosto e 17 de setembro de 1968, p. 04 e p. 03, respectivamente.

Via Dutra deixou quinze feridos e mereceu notável destaque na primeira página do jornal, com foto da líder hospitalizada e com o acompanhamento nos dias subseqüentes do “drama dos torcedores” acidentados²⁰⁹.

Já no caso de Tarzã a sua saída devia-se mais a questões profissionais do que médicas. Desde março de 1968, a mudança de cidade, com a transferência para Minas Gerais, era uma possibilidade especulada no jornal, com a cogitação inclusive de que Tarzã assumiria a chefia da torcida do Atlético Mineiro²¹⁰. O torcedor desenvolvera negócios em Minas Gerais, o que limitava sua participação nos jogos no Maracanã. Em reportagem para o *Jornal dos Sports*, o alvinegro declarava: “Minhas viagens constantes Rio-Belo Horizonte não têm permitido empregar mais tempo para o Botafogo. Enquanto não aparece outro líder, eu vou ficando por aqui”²¹¹. Sua ausência podia justificar-se também em função de seu temperamento exaltado. O envolvimento de Tarzã em costumeiras confusões com outros torcedores e com a própria polícia o impedia por vezes de assistir às partidas. Na reportagem “Tarzã vê o tri de dentro do xadrez”, o *Jornal dos Sports* referia-se a um incidente que culminara no encarceramento do torcedor:

“Tarzã é preso pela polícia ao querer postar a sua torcida no centro do estádio, o que gerou confusão com a torcida do Vasco. Tarzã não quis atender o pedido do policial, o capitão Adalberto, de remanejar seu grupo e foi preso. O presidente do Botafogo, Altemar Dutra de Castilho, que também é secretário de finanças da Guanabara, intercedeu a seu favor: Quando Tarzã foi solto, rumou logo para o meio da torcida do Botafogo, que o esperava na saída do estádio, fazendo um tremendo carnaval com cantos de ‘Botafogo já é tri, agora vamos para o tetra’ e agitando as bandeiras de todas as formas”²¹².

As razões manifestas dos agentes, ou seja, a enumeração das doenças e das questões de ordem privada que impossibilitavam a condução das torcidas organizadas por parte dos tradicionais chefes, tinham significativas reações na seção de cartas do jornal. Os fatos estimulavam o endereçamento de inúmeras missivas ao *Jornal dos Sports*, nas que se colocava em pauta a urgência na substituição dessas lideranças. Tal constatação era decorrência das dificuldades

²⁰⁹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 21 e 22 de novembro de 1968, p. 01 e 03, respectivamente.

²¹⁰ “Tarzã vai chefiar a torcida do Atlético”. Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 19 de março de 1968, p. 10.

²¹¹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 29 de julho de 1968, p. 06.

²¹² Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 05 de maio de 1969, p. 10.

atravessadas por aquelas figuras emblemáticas, mas ela também se devia ao aparecimento de novos grupos de torcedores que concorriam entre si e almejavam a sua auto-afirmação no meio. Uma polêmica entre os missivistas era logo instaurada, com a separação entre os que combatiam e os que defendiam a presença dos antigos líderes à frente dos grupos. Os chefes da torcidas do Vasco e do Botafogo constituíam os principais alvos da discussão. Com relação à líder vascaína, a seção *Bate-Bola* publicava cartas que a interpelavam e a desafiavam: “Como é, Dona Dulce?”, “Dulce na berlinda”, “Gracinha”. As alegações para a exclusão da sua liderança eram as mais diversas e compreendiam interesses pessoais, relações políticas no clube, declarações inapropriadas na televisão, concessão de espaço às novas gerações e até preconceitos contra a sua condição feminina. O teor das mensagens pode ser percebido nas seguintes transcrições:

“Por que não lutamos para tirar a Sra. Dulce Rosalina da chefia da imensa torcida vascaína? Não podemos admitir que ela fique apenas apoiando o sr. Reinaldo Reis, como no caso de Fontana. Queremos um chefe de torcida que lute pelo tradicional e tão querido Vasco da Gama” (Murilo de Andrade Cavalcanti, Avenida Automóvel Clube, 1535-A, ap. 102, Guanabara).²¹³

*

“Graças a Deus, o Vasco vai indo bem. Só precisa, agora, de mais empolgação da torcida. Quando forem ao Mário Filho, notem que a única parte animada é a localizada atrás do gol, composta na maioria por jovens, que gostam mesmo de torcer pelo time. A parte chefiada por Dulce Rosalina só sabe fazer barulho, mesmo assim desordenado, quando o time está ganhando. Por esse motivo, nós vascaínos ‘mesmo’, não consideramos mais a Dulce como chefe da torcida organizada, porque de organizada ela só tem o nome.” (Luciano Vicenzo, Guanabara).²¹⁴

*

“Onde já se viu torcida comandada por mulher. Ela devia estar em casa, cuidando dos filhos.”²¹⁵

As cartas em resposta às acusações e à desautorização da chefia vascaína não tardavam a aparecer. A própria torcedora era portadora de missivas como “Apelo de Dulce”, onde conclamava todos os vascaínos a assistir aos jogos na Torcida Organizada do Vasco, que em 1969, em virtude da recuperação de sua saúde, ficava sob o comando interino de Eli Mendes. Segundo as palavras da

²¹³ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 17 de janeiro de 1969, p. 04.

²¹⁴ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1969, p. 04.

²¹⁵ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 05 de março de 1970, p. 06.

líder vascaína: “Num jogo assim, a meu ver muito equilibrado, a torcida exerce papel importante (...). Se a torcida leva um time à frente, esta é a hora de mostrar que a do Vasco não pode contrariar a regra.”²¹⁶. O apoio à líder era assim manifestado:

“Sou torcedor do Vasco há quarenta anos e me orgulho de ter a dona Dulce Rosalina como chefe desta gigantesca torcida. Desde já, Dona Dulce: aquele abraço de todos os vascaínos do Méier.”²¹⁷.

*

“União: Sou torcedor doente do Vasco e sócio do clube há 25 anos. Quero deixar registrado no Bate-Bola que desde que foi criada a torcida dissidente – depois Leões Vascaínos – o Vasco só deu azar. A torcida do Vasco é uma só, que eu conheci durante todos esses anos, porque o Vasco é um só. Nós, vascaínos de verdade, vamos pedir a Deus a volta da nossa querida chefe de torcida, Dona Dulce Rosalina, que está afastada por motivos de saúde. (Paulo Luís, representando o grupo de Madureira.)”²¹⁸.

No caso do Botafogo, a controvertida figura de Tarzã era objeto de celeumas ainda maiores. Para uns, o chefe da torcida merecia críticas pois não organizava as caravanas da torcida, preterindo-as em benefício de suas viagens particulares a trabalho para Minas; para outros, Tarzã era um “pândego”, um “debochado”, uma liderança cheia de “soberba”, “desmoralizada” e “destituída de mentalidade social”. De opositor em gestões anteriores, ele agora se mostrava mancomunado por conveniência com o presidente do clube, o senhor Xisto Toniato²¹⁹. Provocador e responsável por badernas, para muitos, o torcedor se valia de sua posição de destaque para a auto-exibição em programas televisivos, saindo da obscuridade às vésperas dos jogos, para maldizer dos atletas alvinegros. As cartas indignadas traziam o título “Contra Tarzã”, “Dever de Tarzã”, “Fora Tarzã”, “Trabalho destrutivo” e “Politicagem”, entre outras expressões pouco amistosas, que já seriam por si só suficientes para dar uma idéia das críticas à sua atuação. Elas podem ser ainda ilustradas com os seguintes trechos:

²¹⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 04 de maio de 1969, p. 10.

²¹⁷ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 02 de setembro de 1969, p. 06.

²¹⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 08 de outubro de 1969, p. 06

²¹⁹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 04/07/1969; 24/09/1969; 06/12/1970. Cf. também **ibid.** Rio de Janeiro, 24 de abril de 1976, p. 02.

“Chega de passivismo (...) Apareça, Tarzã, e venha nos conduzir.”²²⁰

*

“É de dar pena a Torcida Organizada do Botafogo e esse que se diz seu chefe. Ao invés de tratar do que lhe cabe, ataca a situação já que é pago por um opositor. Siga o exemplo da Torcida Jovem, uma garotada sadia que não se mete em politicagem.”²²¹

*

“Separação”: “Explico à formidável massa botafoguense por que parte de nossa torcida está separando-se da outra e indo para trás do gol. É por causa de certas arbitrariedades do Tarzã, principalmente as cometidas na viagem da torcida a São Paulo, para assistir ao jogo contra o Palmeiras. Agora o Tarzã quer derrubar o Poder Jovem, pedindo a sala que seria do Botafogo só para a torcida dele. Peço ao presidente da ADEG que ceda uma sala ao Poder Jovem, para que possamos guardar nossos instrumentos.”²²²

*

“Nem tão organizadas assim”: “Quero ver todo mundo atrás do gol, onde a vibração é a tônica, ou seja, nas Torcidas Jovens. Esse negócio de Organizada já era.”²²³

Em vez da reverência tradicional, assistia-se ao desprezo e à deterioração da imagem dos líderes. Os constantes ataques aos líderes de torcida serviam ainda como *leitmotiv* para a subsequente afirmação das Torcidas Jovens no cenário das arquibancadas, depois da visibilidade obtida com os protestos nos anos anteriores. A seção *Bate-Bola* era objeto assim das mais variadas apropriações dos torcedores e possibilitava a autopropaganda de cada grupo. Lado a lado com as discussões, os litígios e as esgrimas verbais, o setor também permitia o conagração e a comunicação entre os membros das novas associações expresso em elogios, comentários simpáticos e trocas de informações. Faziam-se pedidos de esclarecimento ao periódico sobre a forma de adesão às torcidas, de sorte que o *Jornal dos Sports* constituía uma espécie de ponto de encontro, com a orientação de muitos jovens simpatizantes, desejosos de ingressar nas torcidas juvenis de cada clube:

“Levei algum tempo para me decidir a torcer por algum clube. Entretanto, agora descobri que sempre fui amante das cores rubro-negras e, como jovem, gostaria que o JS me desse o nome e o endereço do chefe da torcida rubro-negra juvenil para que eu também

²²⁰ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 06 de fevereiro de 1970, p. 06.

²²¹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1972, p. 06.

²²² Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 04 de dezembro de 1969, p. 06.

²²³ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1971, p. 06

fizesse parte dela”. (Nilvado S. M., rua Adolfo Bergamini, 137, ap. 201, Rio, GB) JS responde: “Nivaldo, espere um jogo do Flamengo no Estádio Mário Filho e procure a Torcida Jovem à esquerda da Tribuna de Honra, no ângulo do campo.”²²⁴.

*

“Torcida sensacional”: “O Poder Jovem do Botafogo machuca os corações das meninas que são em grande número no Maracanã do lado direito da Tribuna.”²²⁵.

*

“Torcida Jovem”: “É espetacular o número de universitários que estão prestigiando o Flamengo em todos os seus jogos, desde o advento da Torcida Jovem, que incentiva e prestigia o nosso querido Mengo em qualquer situação. Queremos difundir e intelectualizar ainda mais a nossa Torcida Jovem, e por isso apelamos a todos os estudantes universitários rubro-negros que compareçam aos jogos do Mengo, para que possamos provar que a nossa é a mais intelectual das torcidas”. (Jomir Pereira da Cruz, vestibulando de Economia, Guanabara).²²⁶

*

“Jovem”: “Tim, sai do Mengo, por favor. Penso falar em nome de toda a torcida rubro-negra. Desejo também saber como proceder para juntar-me à Torcida Jovem do Flamengo”. (Kátia Rejane da Silva, rua Bento Lisboa, 34, ap. 2, Catete, GB). JS responde: “Acompanhe o Bate Bola que logo a Torcida Jovem do Flamengo mandará recado para você.”²²⁷.

*

“O Jovem Fla”: “... fiquei impressionada com a torcida do Flamengo. São jovens e quase todos com a camisa do clube.”²²⁸.

*

“A união”: “Esta carta visa esclarecer aos torcedores que domingo compareceram ao Mário Filho, pois muitos não compreenderam o porquê da Torcida dos Leões Vascaínos terem ido até à torcida do Flamengo. Nós não fomos brigar, e sim retribuir a gentileza que foi prestada aos nossos juvenis, que receberam da torcida organizada do Flamengo uma corbelha de flores, pelo título conquistado. Isso nos tocou no coração e resolvemos retribuir, mas fomos mal interpretados por alguns torcedores e policiais fanáticos. Mas felizmente a torcida organizada nos entendeu, nos aplaudiu, e depois foi à nossa torcida, onde gritaram e cantaram sem problemas. É disso que o futebol precisa: união. Para terminar pedimos à força do Jovem Fla que nos responda, concordando ou não com o que escrevemos. (Torcida Organizada Leões Vascaínos, GB).”²²⁹.

²²⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 24 de janeiro de 1969, p. 04.

²²⁵ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 01 de julho de 1969, p. 04.

²²⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 06 de novembro de 1969, p. 06.

²²⁷ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1969, p. 06.

²²⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 1970, p. 06.

²²⁹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 1970, p. 06. Dias depois, a 01 de março de 1970, era publicada a carta-resposta dos torcedores do Flamengo à torcida Leões Vascaínos.

*

“Lugar para a torcida”: “Solicito à Torcida Jovem do Flamengo que consiga permissão da diretoria do clube para fazer da sede velha – que vive completamente abandonada – o lugar de suas reuniões. Naquele local, a torcida poderá prestar homenagens a atletas, dirigentes, imprensa e torcedores ilustres, além de recepcionar caravanas de jovens que desejam participar desse grupo que já ganhou o respeito de todos os flamenguistas. (José de Castro Sundim).”²³⁰

A seção também servia para que os fundadores de torcida evocassem em série a memória do grupo, sem deixar de fazer menção aos sacrifícios inscritos em seus mitos de origem, numa estrutura muito assemelhada à verificada na história contada dos primórdios dos clubes, segundo a versão quer dos jornalistas quer de seus fundadores. Eis as palavras do então chefe da Torcida Jovem do Botafogo, para quem a diretoria do grupo era constituída por “jovens estudantes de boa família”:

“História I: Fundação. A Torcida Jovem do Botafogo foi fundada há três anos. No começo era apenas um grupo de rapazes, moradores da rua Miguel Lemos, mas com o passar do tempo, com a saída de vários elementos da Torcida Organizada, a torcida que se chamava Miguel Lemos passou a chamar-se Torcida Jovem. No princípio, as dificuldades foram inúmeras, mas com o passar do tempo a Torcida Jovem passou a tornar-se forte e segura, com estrutura, conseguindo um valioso patrimônio. (Flávio Grilo)”²³¹.

Se o ano de 1969 representaria uma transição no perfil dos emergentes agrupamentos, marcado por resquícios das revoltas contra os dirigentes dos clubes e dos tradicionais chefes, os primeiros anos da década de 1970 propiciariam novos atrativos para a filiação aos grupos, cuja memória também era acionada pelos jornalistas. Passada a comoção coletiva com a Copa do Mundo do México, uma série de três reportagens de página inteira, assinada pelo jornalista Altair Baffa e publicada em novembro de 1970, colocaria em destaque a formação da Torcida Jovem do Flamengo. O subtítulo da série, “Estes jovens que torcem feito gente grande”, dá uma idéia do espírito que norteava a reportagem. A primeira matéria, “O amor nasceu na derrota”, sucedida por “Uma goleada. Muitas alegrias” e completada com “A longa

²³⁰ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 31 de maio de 1970, p. 08.

²³¹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1971, p. 06. A série de quatro cartas era complementada com: “O patrimônio”, “A organização” e “A participação nos jogos amadores”.

viagem da tristeza”, dava enfoque ao contexto de surgimento da torcida, com as mesmas conotações antropológicas dos mitos de origem e dos mitos sacrificiais, que tinha como *marco zero* a insurgência e a espontânea revolta contra um período de adversidades no desempenho da equipe. À fase de insurreição, seguir-se-ia, pois, uma outra de institucionalização.

Segundo o relato dos fundadores, uma reunião iniciada nos degraus da velha arquibancada do estádio da Gávea, após mais uma derrota, se estenderia por mais de duas horas na mesa de um bar e levaria à fundação oficial da torcida em um sábado, a seis de dezembro de 1969. Lavrada em ata escrita à mão, “no mais belo estilo”, depois transposta para um livro de capa preta com cem páginas, consignava-se a finalidade do grupo – “incentivar e estimular o clube com todo o entusiasmo” – e seu lema altruístico, revelador do tipo de relação preconizado com a direção do clube: “Nada do Flamengo, tudo para o Flamengo”. A ausência de ligação com o clube correspondia ao mote da independência, conforme salientava um dos mentores do grupo: “– Nós só aceitamos os filhos dos diretores. O filho do dr. Ivã Drummond pertence à Torcida Jovem, bem como os do sr. George Helal.”.

Interessado em esmiuçar um pouco mais as origens do grêmio, o jornalista indagava ao presidente em exercício João Guimarães, o Tio Guima: “Mas por que criar uma outra torcida, se já existia a briosa e velha de guerra Charanga de Jaime de Carvalho ?”:

“... a juventude é que está com a força e a ela deve ser entregue todo o poder (...). Jaime adoeceu e a Charanga parou. Nós, velhos, estamos ultrapassados. A juventude agora é quem manda, e como sou velho de mentalidade jovem, estou com os jovens.”²³².

A matéria abordava a condição um tanto bizarra e pitoresca de dois senhores que haviam aderido ao movimento juvenil e se transferido da Charanga para a Torcida Jovem do Flamengo: Tio Guima, de sessenta e sete anos, e Tia Helena, de cinquenta e nove. Seguidores do clube desde antes da conquista do seu primeiro tricampeonato (1942/1943/1944), a ascendência moral dos dois fazia com que a pureza da marca juvenil do grupo fosse posta

²³² Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1970, p. 08.

sob interrogação. Mais do que componentes, a liderança de ambos soava paradoxal mas era ratificada pelo fato de a residência do provectoro casal na Praça Serzedelo Correia, em Copacabana, funcionar como sede provisória da torcida, seu verdadeiro QG, onde se picava papel, guardavam-se as bandeiras e de onde partiam as caravanas. Todavia, destoando do perfil dos “tios” da torcida, cujo apadrinhamento e cujo amadrinhamento no interior do grupo constituíam variantes dos modelos puros de torcida juvenil – o que punha em evidência outros conotativos para o termo *jovem*, para além de uma restrita acepção etária ou biológica (mais do que novo, a expressão conotava novidade) – com a rápida reconversão dos laços simbólicos familiares análogos aos abordados no final do primeiro capítulo. A trajetória do fundador do grupo, Pedro Paulo Rosa Bebiano, trazia novos ingredientes à sua caracterização e era por isto alvo de curiosidade para Altair Baffa:

“Pedro Paulo pertenceu à Charanga do Jaime de Carvalho até 67, mas seu espírito não aceitava a maneira como ela se conduzia diante da má fase do Flamengo na Taça de Prata, especialmente quando Jaime adoeceu. Aí se desligou, partiu para a formação do Poder Jovem do Flamengo e, em dezembro do ano passado, reuniu a turma para fundar a Torcida Jovem.”.

*

“– Escolhi o Flamengo, em princípio, porque sou do contra e não gosto de pressão para tomar decisão. O Flamengo é um tradicional adversário do Botafogo de minha família e assim eu gosto.”.

Pedro Paulo Bebiano pertencia a uma antiga família de sócios e dirigentes do Botafogo, que já tivera como presidente Ademar Bebiano. A reportagem procurava pontuar a índole rebelde do torcedor, seja na adoção de clube distinto da tradição familiar seja na criação de uma torcida independente da Charanga. Com vinte e um anos, Pedro Paulo era estudante do primeiro ano de engenharia da Universidade Gama Filho, funcionário da bolsa de valores do Rio de Janeiro, além de acionista da fábrica de tecidos Nova América e da White Martins. De condição bem aquinhoadada, viajara também ao México para assistir à Copa do Mundo de 1970 e costumava ir de avião para os jogos do Flamengo fora do Rio, nas partidas válidas pela Taça de Prata.

Outro fundador da torcida era Paulo Afonso Almeida, de vinte e dois anos, funcionário de uma empresa de material ferroviário. A matéria acentuava

a organização do grupo, que já contava com duzentos e noventa e dois membros registrados, mediante pagamento de uma mensalidade simbólica. A torcida tinha estatuto, papel timbrado e, quando do triunfo da seleção brasileira no México, havia enviado um ofício de congratulação a João Havelange, como atestado de sua organização e seriedade: “– o negócio já está ficando organizado até demais, correndo o risco de ficar igual à Escola de Samba”, complementava Tio Guima. Com pouco mais de um ano de fundação, os rudimentos de uma divisão interna da torcida já se apresentavam esboçados, com presidente, diretor-administrativo, diretor social, tesoureiro, secretário, diretor de bateria e chefe de animação.

Poucos dias depois da grande reportagem, cartas na seção *Bate-Bola* solicitavam ao jornalista a realização do mesmo com as demais torcidas, entre as quais se destacava a Força Jovem do Vasco, que segundo uma leitora também encarnava os atributos de “amor, abnegação e coragem”²³³ para com seu clube. A febre e a novidade constituídas pelas emergentes agremiações faziam outros colunistas do jornal reconhecerem a existência de um fenômeno diferente nas arquibancadas, como destacava Fernando Horácio em “A Torcida Jovem”:

“A Torcida Jovem do Flamengo está se tornando um espetáculo indispensável nos jogos de seu time e um exemplo para as demais torcidas. Colocada atrás do gol que fica à esquerda dos túneis, destaca-se pelo grande número de torcedores uniformizados – rapazes com pinta de estudantes e muitas garotas bonitas, todo mundo na ‘onda’ –, batucando num ritmo quente e, nos momentos certos, cantando o hino do Flamengo.”²³⁴

Embora a mesma Torcida Jovem continuasse eventualmente envolvendo-se em campanhas de oposição à direção do clube, ao treinador ou a um ou outro jogador em má fase, como a sucedida em maio 1971, quando a manchete de primeira página do *Jornal dos Sports* estampava “Iustrich cai no grito da torcida”, uma referência à demissão do técnico rubro-negro pelo presidente do clube ante a pressão da imprensa e da torcida, a ênfase oposicionista deixava de ser a marca sobressalente e exclusiva dos grupos juvenis²³⁵. Uma mostra disto podia ser aferida em grande matéria empreendida pelo mesmo Altair Baffa no

²³³ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1970, p. 07.

²³⁴ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1970, p. 05.

²³⁵ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 27 de maio de 1971, p. 01 e 03.

ano de 1972. Destinada, ao que tudo indica, a produzir reações imediatas entre os segmentos de torcedores, a matéria reproduzia o espírito bombástico da série de denúncias contra Jorge Veiga Brito, feita em 1968 por Marco Aurélio Guimarães em sua premiada reportagem investigativa “Os Coveiros do Fla”.

Em verdade, não se trata de um fortuito paralelo, pois Altair Baffa, que iniciara carreira no *Jornal do Brasil* em 1967²³⁶, substituiu Marco Aurélio no jornal, quando de sua transferência para a *Placar*, passando a desempenhar a mesma função, qual seja, a de elo do *JS* com o universo dos torcedores, sendo de sua incumbência elaborar matérias referentes às torcidas organizadas. Assim, do mesmo modo, a série de Altair Baffa, surgida em um novo contexto de reeleição no clube, tinha em mira detonar transações suspeitas do então presidente do Flamengo, André Richer, que por sinal mais tarde seguiria sua carreira como dirigente em várias entidades esportivas nacionais. A cada dia, uma matéria com título mais eloqüente ampliava a gravidade das ações de Richer, cuja administração clubística lembrava, segundo Altair Baffa, a forma de governar dos políticos do extinto PSD mineiro: I. “Um remador vascaíno está afundando o Flamengo”. II. “Uma aula de manobra política”. III. “Uma falsa política financeira”. IV. “O Estádio de futebol por um supermercado”. V. “Êxito do futebol não é mérito de André Richer”²³⁷.

A despeito da eloqüência das denúncias reveladas durante a semana, o impacto da série pode ser considerado inócuo se comparado à eficácia das reportagens de Marco Aurélio em 1968. Da parte das torcidas organizadas, nenhuma manifestação ou atitude de repúdio se verificaria, ao menos as mobilizações não seriam reportadas pelo *JS* nem tampouco estimuladas pelos meios de comunicação como da vez anterior. Conforme foi visto no primeiro item deste capítulo, a indignação perante as atitudes do presidente do clube havia sido a centelha para a revolta de torcedores no Maracanã e nas ruas, razão motivadora para a aglutinação e para o surgimento das Torcidas Jovens enquanto identidade diferenciada das Torcidas Organizadas oficiais. Agora, os eventuais protestos ficavam no âmbito das cartas, com atritos e algumas tensas

²³⁶ Altair Baffa (1944-2007) especializou-se no noticiário esportivo durante sua passagem pelo *JS*, trabalhando em seguida em *O Estado de São Paulo*, na Rádio Record e no departamento de esportes da TV Globo. Cf. O GLOBO. Rio de Janeiro, 18 de novembro de 2007.

²³⁷ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 03 de dezembro de 1972. Depois de ocupar a presidência do Flamengo, o dirigente passaria a assumir cargos nas entidades desportivas do país, como a CBF no início dos anos 1980.

e renhidas trocas de acusações com os presidentes de clube, restritas ao âmbito verbal, como a subscrita pelo vice-presidente da Torcida Jovem do Botafogo:

“Ameaça aos cartolas”: “A Torcida Jovem do Botafogo, em resposta às constantes acusações de diretores do clube, comunica que não pichou os muros de General Severiano, e isenta seu presidente. Provamos: como todos sabem, na Torcida Jovem do Botafogo só tem cara de curso superior e estudante universitário. Segundo dizem, os botafoguenses que picharam os muros cometeram erros de português em diversas palavras. No dia em que a Torcida Jovem do Botafogo resolver agir, pobre da Diretoria do Botafogo. Pois não picharemos os muros e, sim, a cara deles. Por enquanto tá legal. Mas não percam o segundo turno, senão pobre de vocês. Informamos que já estamos vendendo as camisas da Torcida Jovem. Pode procurar, quem quiser. (Eduardo Vilela, vice-presidente da Torcida Jovem do Botafogo).”²³⁸.

Junto às rixas e às disputas entre torcedores e diretores, a descoberta de uma “arte de torcer”²³⁹ oferecia outra ordem de atrativos e concorria para mobilizar as Torcidas Jovens, como a venda de camisas citada pelo missivista e o seu incipiente comércio informal de material esportivo com a insígnia e os dísticos da torcida por eles mesmo criados. Pela primeira vez, especulava-se a possibilidade de bordar a inscrição “Torcida Jovem” nas bandeiras, como forma de promoção do nome do grupo²⁴⁰. A presença nos esportes amadores do clube, em eventos promovidos pelo *Jornal dos Sports*, como os Jogos da Primavera e os Jogos Infantis²⁴¹, era outro exemplo da integração ao calendário esportivo da cidade e da criação de novos espaços de visibilidade. Desde então, o estímulo para instituição de torcidas organizadas dissidentes se mostraria prolífica e a cada momento mais associações juvenis surgiam nas arquibancadas dos estádios. Amparado no exemplo das Torcidas Jovens, o surgimento de outras facções era anunciado com frequência na seção *Bate-Bola*. Talvez em virtude do declínio do slogan no jornal, o próprio *Poder Jovem* do Flamengo, surgido de maneira espontânea em 1967, seria recriado e instituído oficialmente em dezembro de 1969, como mostrava a matéria de Altair Baffa, sob o nome de Torcida Jovem. Desta, logo um outro subgrupo se

²³⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 18 de maio de 1972, p. 06.

²³⁹ Título de uma carta publicada na seção *Bate-Bola*. Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1971, p. 06.

²⁴⁰ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 10 de fevereiro de 1972, p. 06.

²⁴¹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 09 de maio de 1971, p. 06. Cf. também **ibid.** Rio de Janeiro, 22 de agosto de 1971, p. 11.

desgarraria por desentendimentos internos e dava origem à Flamante em março de 1970.

E assim, de maneira sucessiva, os desmembramentos pareciam pulular e se multiplicar. A mesma lógica se repetiria com o *Poder Jovem* do Botafogo, que em pouco tempo se tornaria simplesmente Torcida Jovem. Os efêmeros Leões Vascaínos, nascidos sob o signo do protesto contra diretores, seriam sucedidos pela Força Jovem do Vasco, nucleada em fins de 1969 e fundada em fevereiro de 1970, cuja sede no Méier, situada à rua Cônego Tobias, 80, era divulgada no jornal por seu líder. Este endossava de igual modo a importância intervenção das torcidas organizadas na política do clube, como evidenciava a reportagem “Torcida perde paciência após 11 anos sem título”²⁴²:

“A Torcida Jovem escreveu uma carta ao presidente Agatirno da Silva Gomes, pleiteando uma entrevista de representantes seus com o Presidente, o técnico Tim e um jogador do clube (...) A Torcida Jovem terá uma reunião quinta-feira, na rua Cônego Tobias, no Méier, e para elas está convidando sócios e torcedores do Vasco.”²⁴³.

As diferenças entre os Leões Vascaínos e a Força Jovem logo apareceriam nas cartas do jornal. Mais uma vez, a discussão em torno do tipo de relação e do grau de convivência com a direção do clube era o tema principal, com acusações de ambas as partes. O fundador da Força Jovem, Manuel dos Santos da Cunha, em resposta às ironias contra seu grupo e aos comentários dos “cordeiros” dos Leões Vascaínos, assim contra-atacava:

“Achamos ter o direito de criticar os erros dentro do clube que tanto amamos, e isso se deve ao fato de sermos uma torcida independente, sem quaisquer ligações com o clube, o que outras facções não podem afirmar, pois estariam mentindo.”²⁴⁴.

A leitura da seção *Bate-Bola* sugere que a partir de 1970 um *boom* de associações torcedoras se verificaria no Maracanã e, com isto, mesmo as Torcidas Jovens perdiam a exclusividade, o monopólio e o status único de dissidentes. O fracionamento de um núcleo original de torcedores acarretava uma constelação de pequenos grupos, poder-se-ia chamar grupúsculos, com

²⁴² Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 26 de março de 1970, p. 06.

²⁴³ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 07 de abril de 1970, p. 07.

²⁴⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 19 de abril de 1970, p. 06.

suas respectivas inovações e nomenclaturas. Estes por sua vez traziam embutidos novos atrativos e novos atributos ao ato de torcer em grupo. A continuidade das altas médias de público naqueles anos e a vitória da seleção brasileira na Copa do Mundo de 1970 também podem ser considerados fatores favoráveis à impulsão para o aparecimento de mais grêmios. No Fluminense, por exemplo, o vácuo deixado pela desarticulação ou pelo declínio das atividades da célebre Jovem Flu, ausente ao menos das reportagens do *Jornal dos Sports* de 1969 em diante, dava ensejo ao anúncio de novos setores organizados da torcida tricolor.

Durante o segundo semestre de 1970, a seção *Bate-Bola* fazia menção a três novas torcidas organizadas: a Força-Flu, a Young-Flu e a Fluminina, esta última uma inusitada associação a congregar exclusivamente mulheres, também conhecida como Torcida Jovem Feminina. Embora a presença de núcleos exclusivos de moças gerasse algumas controvérsias por parte dos leitores²⁴⁵, pouco depois um processo em cadeia levaria à criação da Femifogo – depois Fogatas – entre as botafoguenses, e da Torcida Feminina do Vasco, entre as vascaínas, composta de início por cinquenta garotas. Em 1971, outra novidade despontava com a fundação de uma torcida voltada para a reunião de moradores de um bairro ou de um município específico, que se somava àquela profusão de subgrupos. Criavam-se neologismos, com a interposição de prefixos e sufixos aos nomes dos clubes: era a Flunitor, contração dos substantivos: Fluminense-Niterói-Torcida; era a Flatuante, do Flamengo, oriundo também de torcedores residentes na capital do Estado do Rio, situada no outro lado da Baía de Guanabara.

No ano de 1972, o falecimento de um dos fundadores de uma torcida organizada do Fluminense dava origem a uma grande reportagem à terceira página do jornal, “Young Flu fica sem chefe com morte de Paulo César”. O impacto e a comoção com a notícia chegariam à seção *Bate-Bola*, com a publicação da carta “A nossa admiração”: “Paulo César Pedruco desaparece dos estádios, deixando-nos em seu lugar uma bonita obra, a Torcida Young-Flu. Bastaria isso para o recomendar à nossa admiração.”²⁴⁶. O desastre automobilístico que resultou na morte precoce do líder da torcida servia de

²⁴⁵ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 20 de setembro de 1972, seção BB, “Contra a Femifogo”.

²⁴⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 27 de maio de 1972, p. 06.

pretexto ainda para a descrição jornalística da fundação da torcida, em um modelo mítico-narrativo muito aparentado ao da Torcida Jovem do Flamengo, tal como apresentara Altair Baffa em ocasião anterior:

“Num Fla-Flu de 70, Paulo César, Cláudio e Armando assistiram a um frango de Jairo e resolveram fundar uma torcida de jovens para reclamar sobre falhas como essas. O nome veio na hora: Young Flu. As peças de bateria vieram aos poucos. A sede ficou sendo na casa de Paulo, na Rua General Labatour, 40, no Riachuelo. Três meses depois de fundada, a Young Flu ganhou mais dois diretores: Matilde Figueiredo e Sérgio Cruz. Com eles vieram mais adeptos e mais peças de bateria. Paulo César acompanhava o time a todos os lugares do Brasil. Era estudante de Direito e funcionário da GEO – Distribuidora Nacional de Valores. Mas sua real profissão, segundo Matilde, era ser tricolor. Pedro Paulo Pedruco nem mesmo chegou a completar 21 anos.”²⁴⁷

Em que pesem as contingências fatais — um torneio de futebol entre torcidas organizadas seria criado no mesmo ano sob o nome de Taça Paulo César Pedruco, no clube ASA em Botafogo, como homenagem póstuma ao rapaz²⁴⁸ —, a torcida do Fluminense crescia e no início daquele ano já tinha quatro agremiações torcedoras. Enquanto isto, segundo a constatação perplexa de leitores rubro-negros, o Flamengo contava com seis associações: a Charanga, de Jaime de Carvalho; a Torcida Jovem, de Pedro Paulo Bebiano; a Flamante, de Ricardo Muci; a Flatuante, de Niterói; a Torcida do Coração Rubro-Negro, de Arildo Bernacchi; e a Força Rubro-Negra, de Mauro César²⁴⁹. Em vista disto, a “imaginação letrada” de um torcedor-leitor valia-se do seguinte raciocínio para ilustrar, a seu modo, a “comunidade política imaginada” de que falava Benedict Anderson: se o clube era a personificação de uma Nação, as torcidas organizadas configuravam seus Estados e estas, em conjunto, representavam a metáfora de uma União Federativa...²⁵⁰. Ainda sob a ótica dos leitores, a fundação de torcidas organizadas era vista como a realização de um “sonho”, a partir de uma “idéia de amigos” que tinha como propósito maior o estímulo à equipe. A sua concretização era materializada com a confecção da faixa e com a escolha de uma madrinha para a torcida²⁵¹.

²⁴⁷ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 23 de maio de 1972, p. 03.

²⁴⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 24 de agosto de 1972, p. 06.

²⁴⁹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 07 de abril de 1970, p. 06.

²⁵⁰ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 25 de maio de 1971, p. 05.

²⁵¹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 18 de maio de 1975, p. 02.

Isto posto, a diversidade de grupos estimulava a competição interna na busca por adeptos e pela prevalência numérica sobre as concorrentes.

O apoio às torcidas por parte do jornal era imediato e Henfil atendia às solicitações dos torcedores que lhe pediam a divulgação de suas atividades: “A torcida Flutuante vai entregar um medalhão de ouro na despedida do Murilo, domingo, no Mário Filho! Torcida tem memória, companheiros!”²⁵². Assim, tal qual o caráter híbrido das crônicas, um gênero plástico e polimórfico, para falar com a historiadora Margarida de Souza Neves²⁵³, a coluna Bate-Bola se situava a meio caminho entre o gênero epistolar interpessoal mais clássico e a seção de classificados dos jornais tradicionais. Ela servia de espaço não apenas para o anúncio de novas agremiações torcedoras como também para a divulgação dos produtos criados pelas torcidas, com a solicitação de encomendas das camisas bordadas, cujos modelos, únicos, recebiam o destaque de originalidade face à camisa do clube e às demais torcidas. Sem deixar de haver alusão à beleza das bandeiras e à destreza das baterias musicais, havia também anúncios de venda e compra de adesivos plásticos com a sua descrição:

“Flamor”: “Quero comunicar a todos que já estão à venda os plásticos da torcida FLAMOR. Quem estiver interessado em adquiri-los é só procurar o Jair. O escudo tem o formato oficial do Flamengo, em fundo vermelho e listras horizontais pretas, tendo, acima da primeira listra escrita em branco a palavra FLAMOR. (Jair, Méier, GB).”²⁵⁴.

A filiação à torcida era igualmente fomentada por seus líderes e membros, através da exposição das facilidades para a obtenção da carteirinha mediante apresentação de duas fotos três por quatro e o pagamento de mensalidades a preços módicos para tornar-se sócio. O linguajar, as gírias e as expressões veiculadas nas cartas davam a impressão de que o ingresso nas torcidas organizadas se tratava de uma moda, de uma “onda”, de uma novidade atraente para jovens tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino. Naqueles primeiros anos da década de 1970, as cartas pareciam fazer crer que uma atração e um lazer diferente, somados a um estilo de vida “jovem”, se

²⁵² Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 18 de fevereiro de 1972, p. 02.

²⁵³ Cf. NEVES, M. de S. “História da crônica. Crônica da história”. In: RESENDE, B. (Org.). **Cronistas do Rio**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1994, p. 17.

²⁵⁴ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 19 de abril de 1974. Cf. também **ibid.** Rio de Janeiro, 16 e 21 de abril de 1971.

somavam às formas de se vivenciar o futebol na cidade. Na seção Bate-Bola, Antônio Alberto Pires, um quadro dirigente da Força Jovem do Vasco, saudava em nome da torcida a passagem do aniversário do cantor Roberto Carlos, por seu grupo considerado o maior ídolo da juventude brasileira²⁵⁵. “Entrem numa boa”, “A Young Flu te espera”, “Jovem é massa”, “Torcida, samba, curtição”, “Fervilhante” eram algumas das inúmeras cartas-convite endereçadas aos leitores do *JS* por uma “moçada boa, simpática e incansável”²⁵⁶:

“Receita de tricolor”: “Sou Fluminense e pertencço à mais bela torcida do mundo: Young Flu. Além disso, gosto do Arpoador, São Conrado e Ipanema. Me ligo no som de Jimmi Hendrix e Carole King e no colégio João Alfredo. Agradeço aos componentes da Young Flu, Robson, Careca e Armando, pela alegria de ser Fluminense. (Haroldo de Almeida, São Francisco Xavier, GB).”²⁵⁷.

*

“Fina flor”: “Atenção, meninas ligadas numa de futebol: a torcida do Botafogo, formada em sua maioria por assíduos freqüentadores do ‘píer’ (Ipanema) e arredores, está convidando todas as minas para curtir uma diferente atrás do gol da direita das cabines de rádio, nos jogos do Botafogo. Para quem não sabe, a Organizada não tá com nada. Quem nasceu para Riachuelo, nunca chega a Ipanema. Essa ralé da Organizada tem mais é que saltar fora do Estádio e dar lugar à fina flor da nossa sociedade”. (Dorival Veloso Acatavassu – Ipanema, GB)²⁵⁸.

*

“Firme e forte”: “Além de você assistir ao jogo, estará também assistindo ao som nota 10 da Flamante, tinindo com alguns reforços da famosa bateria do Salgueiro. (Jomir Pereira)”²⁵⁹.

*

“É isso aí gente, é a Força Flu da rapaziada simpática, das garotas bonitas, da incrementação total, do show da bateria, das bandeiras desfraldadas.”²⁶⁰.

*

“A Brigada Rubra”: “Estamos fazendo uma nova torcida do América: a Brigada Rubra. Somos jovens, rapazes e moças do Grajaú e Copacabana.”²⁶¹.

*

“Flamor entra em ação”: “... porque a Flamor é uma brasa e vai botar pra quebrar.”²⁶².

²⁵⁵ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 01 de maio de 1971, p. 06.

²⁵⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 06 de maio de 1970, p. 06.

²⁵⁷ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1972, p. 06.

²⁵⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1972.

²⁵⁹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 01 de novembro de 1972, p. 02.

²⁶⁰ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1972, p. 02.

²⁶¹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 13 de setembro de 1973, p. 02.

*

“O novo sócio da Young”: “Meu negócio é entrar para o quadro de sócios da torcida Young-Flu. No jogo contra o Corinthians, me amarrei na empolgação de seus componentes. Não foi por falta de apoio da galera, mas, naquele dia, as coisas não estavam mesmo para o Fluminense.”²⁶³.

*

“Piabanha em caravana”: “... vai ser, sim, um grande barato.”²⁶⁴.

*

“Incrementação”: “Vocês, que são torcedores do nosso clube, que se ligam num samba gostoso e em muitas menininhas charmosas, não podem deixar de fazer parte da mais incrementada torcida do Brasil.”²⁶⁵.

*

“Nova torcida”: “Atenção! Todos os flamenguistas de até 18 anos, de ambos os sexos, que queiram curtir uma de torcida organizada de carteirinha e tudo mais, me procurem. Vamos deixar de lado os caretas e formar, nós mesmos, a nossa torcida. (Sônia Cristina Rodrigues – Tijuca).”²⁶⁶.

*

“Novos ventos”: “Vibrei ao ver a adesão da Força Jovem ao nosso movimento. A sua tomada de posição contra a estagnação em que estava o nosso clube. Sempre confiei nesses rapazes que deram nova dimensão à nossa torcida e novo colorido ao Mário Filho. (Moacir Spinelli Vaz).”²⁶⁷.

*

“Exorci-Vasco”: “Você, que gosta de curtir uma boa, tomando sua cerveja nos intervalos de jogos e vibrando sob a bateria incrementada daqueles que sabem das coisas, venha fazer parte da Exorci-Vasco, a nova torcida, que terá o comando de Valfrido, que vai sacudir o Mário Filho em dias de jogos do Vasco, segurando a ferradura do estádio e levando a alegria a todos.”²⁶⁸.

As propagandas pareciam surtir efeito e no final do ano de 1973 o número de adeptos tinha aumentado de maneira considerável. Enquanto as torcidas de pequeno porte declaravam ter cerca de cinquenta associados, as medianas diziam possuir trezentos sócios e as maiores já se referiam a três mil simpatizantes, com direito a sede, a boletins mensais, a estatuto e a registro de pessoa jurídica lavrados em cartório. Este era o caso da Força Flu que, segundo

²⁶² Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 19 de setembro de 1973.

²⁶³ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 01 de novembro de 1973, p. 02.

²⁶⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 09 de novembro de 1973, p. 02.

²⁶⁵ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1973, p. 02.

²⁶⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 02 de outubro de 1974, p. 02.

²⁶⁷ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 01 de junho de 1974, p. 02.

²⁶⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1975, p. 02.

carta enviada por seu líder, havia sido fundada em 25 de novembro de 1970 como “Órgão oficial da torcida do Fluminense Futebol Clube e registrada sob o número 268.793 do livro A/08 do 4. Ofício do Registro Civil das Pessoas Jurídicas”²⁶⁹. A concorrência se estabelecia não apenas no que tange à quantidade de adesões em cada associação, mas ao número de torcidas por clube. Em 1974 os rubro-negros computavam oito torcidas organizadas, ao passo que os tricolores anunciavam quatro agremiações e os botafoguenses, três. A tendência à proliferação parecia ser irreversível, conquanto ela trouxesse aspectos tão positivos quanto negativos, conforme constatava um leitor-torcedor na carta “A força dos grupos”:

“Um fato impressionante, no Estádio Mário Filho, é a amizade entre as várias torcidas do Mengão: Charanga, Torcida Jovem, Flamante, Flatuante (Niterói), Coração Rubro-Negro, Serra Mengo (Petrópolis) e outros grupos. Saíram todos irmanados, cantando o hino do Mais Querido após a conquista do bicampeonato do Torneio de Verão. Tal exemplo deveria ser seguido pelas torcidas menores, que vivem em dissidência e aos bofetões por não concordarem com a criação de novos grupos mais jovens. (Arildo Bernacchi, Copacabana).”²⁷⁰.

Com o transcurso dos anos, a propensão ao surgimento de pequenas torcidas locais e de bairro não apenas se insinuava como se confirmava, a tal ponto que cartas eram enviadas ao jornal com solicitações explícitas para frear as iniciativas individuais de criação aleatória de torcidas:

“Apelo rubro-negro”: “Existe atualmente no Mario Filho uma grande epidemia de torcidas organizadas, epidemia esta que provocou o enfraquecimento de grandes torcidas. No caso do Flamengo, por exemplo, a coisa chegou a tal ponto que não existe mais espaço vago para se colocar nada. Você que é torcedor do Flamengo e por acaso pretende fundar uma torcida, não o faça. Junte-se aos grandes grupos existentes como Flamante, Jovem e Flamor, que são atualmente as forças que empurram para a vitória, e afinal de contas eu acho que este é o objetivo”. (Carlos Alberto Magalhães, Grajaú).”²⁷¹.

Mesmo fora do Rio de Janeiro e no exterior, o conhecimento das mesmas se propagava. Em abril de 1971, um componente da Torcida Jovem do Flamengo, Vítório Tamburini, se comunicava de Michigan, nos Estados

²⁶⁹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 29 de novembro de 1973, p. 02.

²⁷⁰ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 04 de fevereiro de 1972.

²⁷¹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 27 de junho de 1975, p. 02.

Unidos, com a seção *Bate-Bola*, onde fazia elogios à liderança de Tia Helena²⁷². Já no segundo semestre de 1972, um botafoguense escrevia de Goiás para a coluna de torcedores do *Jornal dos Sports*:

“Aqui a Torcida Jovem do Botafogo predomina em todas as faculdades, pré-universitários e colégios. É uma torcida classe A...” (Irineu Bueno, Goiânia)²⁷³.

Os contatos eram estabelecidos também de localidades mais próximas. Em 1973, um componente de uma torcida organizada do Palmeiras se correspondia de São Paulo:

“Falou, gente boa”: “Aqui quem fala é a torcida Força Verde Palmeirense e queremos parabenizar a grandiosa torcida do Flamengo pelo maravilhoso gesto de amizade com que recebeu a galera do Palmeiras aí no Mário Filho, dia 07/10/73. (César, Força Verde, São Paulo, SP)”²⁷⁴.

É provável que tal repercussão fosse consequência da circulação do *Jornal dos Sports* em boa parte do território nacional, segundo uma tradicional e desafiadora propaganda: “o matutino esportivo de maior circulação da América do Sul”. Por outro lado, como é possível aduzir da última carta transcrita, cabe a ponderação especulativa de que o conhecimento das torcidas organizadas cariocas fora do Rio de Janeiro podia ser fruto de um hábito iniciado pelos torcedores desde o advento da Taça de Prata em 1967 e consolidado com a implantação do Campeonato Nacional em 1971: as caravanas. Se as viagens de acompanhamento aos clubes existiam de maneira esporádica nos anos 50, com a instituição do Torneio Rio-São Paulo (1950-1954), denominado em seguida Torneio Roberto Gomes Pedrosa (1954-1967) – homenagem ao ex-presidente da Federação Paulista de Futebol –, quando ocasionais deslocamentos de trem através da Estrada de Ferro Central do Brasil, ponto de ligação do eixo Rio-São Paulo, eram feitos pela Charanga de Jaime e por outras levadas espontâneas de torcedores, a instituição de uma disputa ampliada entre times integrantes de diversos estados da federação tornava o ato

²⁷² Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 04 de abril de 1971, p. 13.

²⁷³ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 05 de agosto, 1972, p. 06.

²⁷⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 21 de outubro de 1973, p. 02.

de viajar um recurso sistemático e mais uma prática diferencial reivindicada pelas novas associações. É bem plausível que tais caravanas facultassem contatos e interações com torcedores de outras regiões. De todo modo, as viagens requeriam uma estrutura de locomoção de ônibus e uma mobilização constante de associados que faziam extrapolar a identidade das torcidas para além dos jogos e dos estádios, com a criação de laços de sociabilidade extra-esportivos e com o fortalecimento dos vínculos internos de sua organização.

O *Jornal dos Sports* cumpria mais uma vez com exemplaridade a sua função mediadora, lugar de intercâmbio para a orientação dos torcedores quanto às formas de obtenção de passagens e quanto às condições de viagem, com a divulgação de seus locais de concentração, de seus dias e de seus horários de saída e de retorno. Ali se retratava a ambiência descontraída das “animadíssimas” caravanas, com a eleição da rainha da torcida ou com a escolha do “torcedor mais bonito”. Cartas como “Fofocas no Flu” referiam-se às “paqueras” que ocorriam nas excursões da Força-Flu, a caravana considerada “uma das mais incrementadas dos últimos tempos” pelos tricolores. A caravana da Flamante procurava não ficar para trás: “Além de você assistir ao jogo, estará também curtindo o som nota 10 da Flamante, tinindo com alguns reforços da bateria do Salgueiro.”²⁷⁵. A promoção dessas atrações estimulava de maneira indireta o ingresso na torcida. Além de aludir ao ambiente convidativo para rapazes e moças, a coluna servia também fins estritos de convocação e de informação da venda dos bilhetes de viagem:

“Torcida Forte”: “Se você é mesmo Flamengo, vá a São Paulo no dia Sete de Setembro prestigiar a estréia do ‘Mais Querido’ no Robertão, contra a Portuguesa de Desportos. A caravana da Torcida Jovem partirá à meia-noite de sábado, dia 6 de setembro, em ônibus especiais e automóveis particulares diretamente da porta do Teatro Municipal. Se você tem automóvel, encontre-se conosco, na porta do Teatro, na hora marcada, para que possamos seguir juntos. Não se esqueça de levar a sua bandeira e a camisa do Flamengo. Vamos mostrar aos paulistas a força da torcida rubro-negra que é, sem dúvida, a maior do mundo. (Lorimar Macedo – Tijuca).²⁷⁶”.

*

²⁷⁵ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 11 01 de novembro de 1972, p. 02.

²⁷⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1969, p. 04.

“Botafogo em Minas”: “A Torcida Jovem do Botafogo está organizando uma caravana para o jogo contra o Atlético Mineiro. Os ônibus seguirão da Praça Serzedelo Corrêa, dia 11, às 23 horas. Preço da passagem: Cr\$ 31,00. A venda está sendo feita no Botafogo e na Loteria Esportiva da rua Siqueira Campos, n. 210. (Carlos Alberto França, Siqueira Campos, Copacabana, Guanabara).”²⁷⁷

*

“Vasco Jovem”: “Depois do sucesso de domingo passado, quando levamos nove ônibus a Curitiba para incentivar o ‘Mais Amado’, Vasco, organizamos mais uma caravana para ir a Belo Horizonte. São 30 ônibus, que sairão do Edifício Cineac, às 22 horas de sexta-feira. Preço de ida e volta: Cr\$ 15,00. Vendas de passagens: Sr. Costa, Praça Santos Dumont, Posto Esso – Praça da Bandeira, n. 189, casa 10, e Edifício Cineac, 9º andar, das 9h às 20h, com Eli Mendes e Luís Andrade. (Antônio Pires, Tôni, Rua Barão de Ubá, 60).”

*

“Com o Flu em São Paulo”: “A torcida Young-Flu, que pode não ser a maior mas é a melhor, está organizando a sua caravana para incentivar o time campeão na partida do dia 23 contra o São Paulo, no Morumbi. O negócio é dar força ao Flu em qualquer campo que ele vá. Essa é a missão da nossa torcida.”²⁷⁸

Se já foi observado que as excursões não foram uma invenção das Torcidas Jovens e suas congêneres nos idos de 1970, existindo de maneira eventual nas décadas precedentes, vale acentuar o deliberado incentivo da parte do *Jornal dos Sports* a tal tipo de viagem. Já no ano de 1968, Nelson Rodrigues discorria sobre o assunto em uma crônica, com um sentido informativo bem preciso, que poderia servir de modelo aos missivistas da seção *Bate-Bola*, além de pôr em evidência as relações pessoais amistosas do cronista com o chefe da torcida tricolor:

“A torcida tricolor em São Paulo”: “Depois de jogar no Paraná, o Fluminense vai atuar em São Paulo contra o Santos. Sintoma do entusiasmo da massa pó-de-arroz com o time está no seguinte fato: prepara-se uma caravana tricolor de incentivo. A torcida quer estar presente em São Paulo na hora em que o nosso time enfrentar o Santos. Ontem, um pó-de-arroz batia o telefone para mim: ‘Quero ir na caravana. Que devo fazer?’ Sérgio Aiub, chefe da torcida (Paulista está doente), veio me visitar, ontem. Convoca todos os torcedores. E dá informações úteis: vendas de passagem, diariamente, das 8 às 19 horas na Avenida Rio Branco. Edifício Avenida Central, banca de

²⁷⁷ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 01 de setembro de 1971, p. 06.

²⁷⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1973, p. 02.

jornais que desfralda a bandeira tricolor. Cinco ônibus já estão lotados.”²⁷⁹.

Outro tipo de estímulo do jornal às excursões dos torcedores vinha expresso através da iniciativa de patrocinar caravanas em associação com empresas, o que naquele contexto se deu nos preparativos para os jogos da Copa do Mundo de 1970, por exemplo. A tradição mais longínqua remontava ao final dos anos de 1930, com concursos promovidos para torcedores que constituiriam os “embaixadores” do Brasil no exterior, quando dois deles, escolhidos pela população carioca, foram enviados à Copa do Mundo de 1938. Depois da realização da copa no Brasil em 1950, a Copa do Mundo na Suíça e o Campeonato Sul-Americano na Argentina, em 1954, assinalariam a subvenção de Mário Filho e de comerciantes da cidade a Jaime de Carvalho como representante brasileiro em torneios internacionais. Desde então sorteios episódicos selecionavam torcedores interessados em assistir aos jogos da seleção brasileira fora do país. Para a partida eliminatória da Copa do Mundo do México, o *JS* lançava a promoção “Vista a Camisa 12”, em parceria com a empresa automobilística Exprinter, com a concessão de dois ônibus a transportar os torcedores cariocas a Assunção, no Paraguai. Já para a Copa no ano seguinte, a parceria do jornal ocorreria com uma empresa aérea, a Chanteclair, cuja caravana era composta inclusive por membros de torcidas organizadas, como o presidente da Torcida Jovem do Flamengo, Pedro Paulo Bebiano, a posar em foto para o jornal²⁸⁰.

A intensificação das viagens como uma moda das novas torcidas era um fato que chamava a atenção no meio. Em virtude do apelo crescente, no final do ano de 1973 um dos chefes de redação do *Jornal dos Sports*, José Antônio Genheim, jornalista também pertencente aos quadros do jornalismo esportivo da Rede Globo de Televisão, dava espaço e fazia a cobertura das excursões. Em matéria de página dupla e inteira, intitulada “Paixão: com ela não limite nem distância que uma caravana não supere”²⁸¹, Genheim não somente abordava o assunto como relatava a experiência pessoal de quem, para falar da temática com conhecimento de causa, se integrara a uma dessas viagens. Ao tecer

²⁷⁹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1968, p. 03.

²⁸⁰ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1969 e 19 de maio de 1969.

²⁸¹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 14 de outubro de 1973, *Segundo Tempo*, p. 05 e 06.

considerações iniciais, o jornalista informava se tratar de um fenômeno recente no Brasil, onde destacava até então a maior caravana realizada no país: a da torcida do Botafogo durante a Taça de Prata de 1967, quando Tarzã foi a Belo Horizonte conduzindo trinta e oito ônibus. Se a partida contra o Atlético Mineiro mobilizara o maior contingente de torcedores, segundo o jornalista a partida seguinte contra o Internacional de Porto Alegre constituía a viagem mais longa e distante protagonizada por uma torcida até então, em um total de três dias de peregrinação, do Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul.

De acordo com a observação de Genheim, o deslocamento envolvia um ritual de preparação relativamente regular e comum entre as torcidas: a) a divulgação e o anúncio nos meios de comunicação; b) a eventual obtenção de apoio logístico junto ao clube; e c) a disputa interna entre os grupos para saber qual deles era capaz de arregimentar mais adeptos. Para obter tais informações, o jornalista tomara parte na viagem de uma torcida organizada do Botafogo, a Unifogo, fundada há menos de um ano, a São Paulo, para uma partida contra o Corinthians. A partir dela, descrevia o clima licencioso e permissivo das viagens que partiam de madrugada, na véspera dos jogos, depois da concentração marcada em frente ao Maracanã: uma incontida animação e diversão tomava conta das excursões, com direito a bebidas, mulheres e música.

A média de idade dos tripulantes girava em torno de vinte anos e os excessos nas manifestações não eram raros dentro dos ônibus, com barulho, bagunça, farra, palavrões, estribilhos chulos e ditos pornográficos. Fora deles, nas paradas de estrada, o desafio transgressor dos torcedores consistia em levar *souvenirs* dos bares, isto é, adquirir alimentos e toda sorte de produtos das lanchonetes sem pagá-los. A recepção em São Paulo não era descrita como a das mais amistosas, com pedras arremessadas pelos Gaviões da Fiel quando do estacionamento dos ônibus nas dependências do estádio. Já a volta ao Rio era marcada pelo silêncio, com os passageiros vencidos pelo cansaço e pelo sono da viagem e do jogo. Decorridos poucos dias da publicação da matéria, o presidente da Unifogo, Fernando Mesquita, publicava na seção *Bate-Bola* a

carta “Apoio às caravanas”, onde cumprimentava o jornalista José Antônio Genheim pelo destaque às “peripécias incríveis” feitas por eles nas viagens²⁸².

A realização das viagens para outras cidades do país não era o único fator integrador que favorecia a coesão interna e a divulgação externa dos grupos. As Torcidas Jovens e suas derivantes pareciam descobrir e se incorporar de maneira rápida a um dos rituais mais populares da cidade: o carnaval. Os festejos carnavalescos nos primeiros meses do ano seriam acompanhados com proximidade por algumas torcidas organizadas, segundo noticiava o *Jornal dos Sports*. Aliás, a música popular era uma das tradições cariocas mais caras a este matutino esportivo, desde os tempos de sua fundação nos anos de 1930. “Inventor de tradições”²⁸³, Mário Filho fora o responsável pela instituição do concurso das Escolas de Samba, o que teria continuidade durante os anos 60, com cada vez mais destaque no periódico, além da cobertura da Bienal do Samba, dentro da ambiência dos festivais de música que perdurariam no país até 1972, quando Jorge Benjor encerrou o último Festival Internacional da Canção com uma composição para o jogador Fio Maravilha, uma verdadeira ode em som *pop* ao excêntrico centroavante rubro-negro.

Figuras e personalidades do mundo sambístico, como Delegado da Mangueira, eram focalizadas pelo jornal; Martinho da Vila podia ser visto às vésperas da Copa do Mundo de 1970 ao lado de Pelé na primeira página do periódico, levando descontração para os jogadores da seleção brasileira antes do embarque para o México. Desde o mês de janeiro de cada ano, pululavam informações no *Jornal dos Sports* sobre a preparação para o concurso nas quadras das escolas, com a publicação das letras e com a divulgação dos sambas-enredo vencedores nas prévias internas de cada agremiação, a fim de criar uma atmosfera crescente de expectativa para o ritual do desfile. Junto ao tradicional apoio jornalístico, cabe dizer que no início dos anos 70 algumas transformações substantivas contribuíam para fortalecer e expandir o mundo do samba na cidade e no país. Um dos seus elementos centrais referia-se à associação entre as escolas de samba e a indústria cultural. Com a expansão das grandes gravadoras brasileiras, que em fins daquele decênio se tornaria o sexto

²⁸² Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 19 de outubro de 1973, p. 02.

²⁸³ Cf. HOBBSAWM, E.; RANGER, T. **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

mercado fonográfico no mundo, a disseminação das letras dos sambas-enredos atingia uma escala exponencial, em função de sua massificação industrial, possibilitada pela gravação e pela comercialização dos *long-plays* com a coletânea de faixas exclusivas de cada ano.

Dentre os sambas-enredos que faziam sucesso, um dos marcos desta nova era foi “Festa para um rei negro”, do Salgueiro, que se sagraria campeão do carnaval de 1971. Popularizado como “Pega no ganzê”, o samba composto por Zuzuca era conhecido por seu refrão forte, destinado à fácil memorização²⁸⁴. Em meados dos anos 70, tais transformações seriam aprofundadas com o desfile promovido pelo carnavalesco Joãozinho Trinta e seu samba-enredo “Sonhar com rei dá leão”, da Beija-Flor, onde introduz uma série de mudanças que passa a privilegiar a dimensão artística, coreográfica e visual em sobreposição ao despojado “samba no pé”. Com isto, os LPs se valiam do poder e da visibilidade muito maior lograda por este universo, contribuindo para fazê-lo reverberar em outros domínios da vida social, como os próprios estádios de futebol, além de se estender pelo restante do ano, sem ficar restrito ao período carnavalesco.

Em reação ao avanço dos *mass media* no carnaval e à ameaça de “descaracterização”, típica da postura romântico-nacional, onde impera a *retórica da perda*, de que tratou em nível institucional o antropólogo Reginaldo Gonçalves²⁸⁵, antigos componentes das escolas e alguns produtores, entre jornalistas e intelectuais oriundos da classe média e simpáticos ao mundo do samba, como Sérgio Cabral, Paulinho da Viola e Élton Medeiros, optavam pelo afastamento e pelo cultivo de um ideal nostálgico dos carnavais antigos, com a criação do Grêmio Recreativo de Arte Negra Quilombo, uma escola de samba concebida por Candeia para desfilar na avenida sem no entanto concorrer a qualquer título. Enquanto já na década de 1960 tal postura reativa gerava o alheamento e a procura por outros espaços de encontro e convívio musical, como o restaurante Zicartola no centro do Rio, nos anos de 1970 isto seria traduzido na explosão dos blocos de rua, que seriam fundados nos decênios

²⁸⁴ Cf. BAHIANA, A. M. **Almanaque anos 70**: lembranças e curiosidades de uma década muito doida. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006, p. 59.

²⁸⁵ Cf. GONÇALVES, J. R. **A retórica da perda**: os discursos do patrimônio cultural no Brasil. Rio de Janeiro: UFRJ / IPHAN, 1996.

anteriores, em momento consecutivo ao fim da era dos corsos e dos bondes no carnaval.

Em 1973, o *Jornal dos Sports* registrava a existência de quatorze bandas e blocos que, graças à sua própria equipe de repórteres, simpáticas e envolvidas com aquele universo, recebiam o incentivo do jornal. Com a aproximação do calendário carnavalesco, Altair Baffa consagrava matérias especiais em moldes assemelhados aos que dedicava às torcidas de futebol. A Banda de Ipanema, criada por Albino Pinheiro em 1964, o Bafo da Onça e o Cacique de Ramos, surgidas respectivamente em 1956 e 1960, eram exaltadas como forma de união entre subúrbio e zona sul. A aclamação de uma revivescência do carnaval de rua, tradicional e popular — “Bafo da Onça nasceu numa conversa de bar”²⁸⁶ era o título de uma reportagem —, opunha-se ao carnaval oficial das Escolas de Samba, cada vez mais apropriado pela máquina estatal como “artigo de consumo nacional”²⁸⁷. A valorização das marchinhas ocorria em detrimento dos sambas-enredo, que se integrava ao longo da década de 1970 ao discurso do nacionalismo oficial do governo brasileiro, produto de exportação situado, por sua vez, na contrafação dos estilos musicais importados dos EUA e da Europa, como o *rock*, o *funk* e o *soul*, difundidos nas rádios e nas recém-criadas discotecas, canalizadores da preferência sonora de uma fração expressiva da juventude brasileira.

Favorecidas por sua disseminação industrial sonora, as músicas eleitas pelas novas torcidas organizadas davam preferência rítmica aos instrumentos de percussão, em detrimento dos instrumentos de sopro que caracterizavam até então a Charanga e as demais torcidas oficiais dos clubes. Se “Pega no ganzê” seria considerado um estouro no ano de 1971, um “samba de embalo” paradigmático das mudanças temáticas — a década de 1960 assiste à entrada dos temas de exaltação à figura do negro e ao sincretismo da cultura popular tradicional e religiosa de origem africana em sobreposição à galeria de heróis da história oficial, como bandeirantes, generais e presidentes — e das transformações melódicas implicadas pelas novas demandas de consumo musical do mercado fonográfico, desde 1968 o samba-enredo do Salgueiro, o

²⁸⁶ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 12 de dezembro de 1971, p. 11.

²⁸⁷ Cf. AUTRAN, M. “Samba, artigo de consumo nacional”. In: NOVAES, A. (Org.). **Anos 70:** ainda sob a tempestade. Rio de Janeiro: Aeroplano / Editora Senac Rio, 2005.

vitorioso “Bahia de todos os deuses”, seria parodiado pelas torcidas organizadas do Flamengo e entoado por boa parte do Maracanã. Assim, a vida comunitária local aproximava as escolas de samba de muitas torcidas de bairro, de forma que a Flamante, constituída por moradores da Tijuca, era reconhecida pelo “ritmo espetacular” e pela “cadência marcante”²⁸⁸ de sua bateria, fruto da ligação de seus componentes com o Salgueiro, tradicional agremiação tijuicana²⁸⁹.

Com a retomada do carnaval de rua na cidade, o *Jornal dos Sports* dava destaque à formação em 1971 da Banda do Machado, um bloco de jornalistas cuja novidade era a presença e a participação da Torcida Jovem do Flamengo. Ela juntava-se aos dois mil foliões que se concentravam e saíam do tradicional bar Lamas, em Laranjeiras, no mês de fevereiro, envergando um lema típico das inversões carnavalescas a que se referia Roberto DaMatta, na esteira dos estudos bakhtianianos²⁹⁰: “Todo mundo manda e ninguém obedece”. A torcida comparecia com sua faixa, com seus instrumentos de bateria e com muitos de seus integrantes. Nos primeiros anos de 1970, o bloco, a vincular de maneira inédita, segundo o jornal, carnaval e futebol, era divulgado por Henfil e por jornalistas específicos, através de fotos e de reportagens exclusivas. Em 1973, a Charanga de Jaime de Carvalho e a Flamante de Ricardo Muci também se mobilizariam com a criação conjunta de um bloco rubro-negro no Largo de São Francisco, centro do Rio²⁹¹. Tal participação se verificaria até fins dos anos 70 e início dos anos 80, quando as torcidas organizadas do Flamengo anunciavam presença na badalada Banda de Ipanema, junto com o então presidente do clube, Márcio Braga²⁹². Via de mão dupla, o calendário carnavalesco levava as torcidas organizadas para fora dos estádios, na mesma proporção em que os sambas-enredo penetravam com mais intensidade no futebol, concorrendo com

²⁸⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 14 de janeiro de 1972, p. 06.

²⁸⁹ Seção Bate-Bola: “Flamante & Salgueiro”. Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 13 de dezembro de 1972, p. 02.

²⁹⁰ Em observação posterior à publicação de *Carnaval, malandros e heróis*, DaMatta assegura que suas interpretações dos rituais carnavalescos precederam o acesso à obra de Mikhail Bakhtin, o que atesta a seu ver mais uma convergência de perspectivas do que uma filiação interpretativa. Cf. DaMATTa. **A casa & a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

²⁹¹ Cf. “Mengão no carnaval”. **Ibid.** Rio de Janeiro, 03 de março de 1973, p. 02.

²⁹² Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1978, p. 02.

as marchinhas e com os jingles radiofônicos na predileção musical dos torcedores nas arquibancadas.

Ao alinhar e indicar esses novos ingredientes identitários, que serão mais explorados no próximo capítulo, é possível detectar algumas mudanças no perfil das torcidas organizadas no primeiro quinquênio da década de 1970, quando cotejadas com o processo desencadeador de seu surgimento nos últimos anos do decênio de 1960. O surgimento repentino das torcidas sob o nome de *Poder Jovem* tinha como motivação principal o agrupamento de jovens insatisfeitos com a direção dos clubes e com a liderança dos chefes de torcida. Quanto a esta última, a contraposição se manifestava sob um crivo geracional e se expressava na forma das dissidências aos grupos tradicionais com a demarcação física e simbólica de um novo ponto de acomodação nas arquibancadas. No tocante ao clube, o enfrentamento se dava de várias maneiras, sendo as de maior notoriedade os atos e os protestos à primeira vista “espasmódicos”, para falar com E. P. Thompson²⁹³, ocorridos dentro e fora dos estádios.

Longe de se restringir apenas à neutralidade na reportagem das notícias, no usual entendimento da linguagem do jornal como “categoria abstrata”²⁹⁴, em sua suposta opacidade na representação do real, o jornalismo esportivo aqui analisado ocupava uma clara posição diretiva e interventiva, na medida em que ele era responsável por matérias investigativas sobre os desmandos administrativos do clube e era ele quem concedia um espaço privilegiado de fala aos porta-vozes dos novos movimentos juvenis. Era possível perceber que a divulgação dos acontecimentos era tanto antecedida quanto sucedida pelo incitamento aos protestos. O clima contestatório que grassava no biênio 67-68 no país, com as manifestações estudantis e operárias em várias cidades brasileiras, também contribuiria para exercer algum grau de influência sobre tais grupos, sendo o papel dos meios de comunicação ativo na irrupção do fenômeno.

²⁹³ Cf. THOMPSON, E. P. “A economia moral da multidão inglesa no século XVIII”. In: **Costumes em comum**: estudos sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, p. 150.

²⁹⁴ Cf. CAPELATO, M. H. **Os arautos do liberalismo**: imprensa paulista 1920-1945. São Paulo: Brasiliense, 1988, p. 12.

Tal quadro de embates não cairia por terra de maneira automática nem se dissiparia totalmente nos primeiros anos da década de 1970, sob o novo contexto do regime militar em que estudantes e opositores haviam sido defenestrados do país. O referencial da política clubística continuaria sendo um termômetro que acarretaria formas assemelhadas de expressão da insatisfação para as torcidas organizadas dos demais clubes. A continuidade das contestações se devia ao fato também de que elas variavam em consonância imediata com o estado das equipes dentro do campo, uma reação momentânea às derrotas e às fases críticas. Às vaias e aos apupos, seriam acrescentadas ainda novas formas de reprovação aos dirigentes e ao time, como as pichações à sede dos clubes e demais modos veementes de agressão simbólica ao seu patrimônio.

Outro aspecto variante em relação ao elo clube-torcida seria a “retórica da ruptura” instaurada no discurso e na prática das torcidas juvenis. A virtual e propalada independência dos agrupamentos se mostraria sempre relativa e oscilaria ao sabor dos personagens integrantes da direção dos clubes e da direção da torcida. O grau de inserção na administração interna clubística seria um coeficiente decisivo para a compreensão do envolvimento e da posição de uma determinada torcida no apoio ou na oposição a uma específica gestão, com todas as implicações de lealdade pessoal, de dependência econômica e de aliança política que isto requeria, como é possível perceber nas tensas cartas endereçadas à seção *Bate-Bola* do jornal²⁹⁵.

O primeiro lustro dos anos de 1970 assinalaria ainda uma nova configuração juvenil no *ethos* desses grupos, com o advento de outras formas de engajamento que não a exclusiva participação com um caráter mais ou menos politizado. A propósito, sabe-se que a propalada alternativa do desvario, do descompromisso *underground* ou do desbunde da *beat-generation* marcou o comportamento de um segmento juvenil das camadas médias urbanas da época²⁹⁶. Rotulada também como contracultura²⁹⁷, a evasão e a alienação dos

²⁹⁵ Ver a série de acusações entre a Torcida Organizada do Botafogo e a Torcida Jovem do Botafogo: “Bang-Bang I, II, III, IV” e “Sofrimento Opus I e II”. Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 26 e 27 de setembro de 1972, p. 06.

²⁹⁶ O estudo acadêmico pioneiro sobre as classes médias e sua relação com o consumo de drogas foi empreendido pelo antropólogo Gilberto Velho em sua tese de doutorado defendida na USP no início dos anos 70. Cf. VELHO, G. **Nobres & anjos**: um estudo de tóxicos e hierarquia. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

jovens e dos setores da esquerda ante o “vazio cultural”²⁹⁸ e a repressão em nível macropolítico levaram à intensificação de experiências subjetivas ou lisérgicas com as drogas, por exemplo. Ainda que de maneira diluída e rarefeita, é possível perceber como ela se refletiu em algum grau sobre outros grupos com menor visibilidade no contexto nacional e, em específico aqui, no seio das associações torcedoras, através do que se poderia chamar de esparsos rudimentos contraculturais. Em um momento menos propício à politização da juventude, as viagens, a música e a diversão proporcionada pela vivência interna das torcidas pareciam constituir os principais elementos de estímulo para a sua comunhão e para a sua caracterização. À imagem da ação direta e da tomada de consciência, da pressão sobre os dirigentes e da fiscalização dos rumos administrativos do clube, somar-se-iam outras atrações incitativas para o ingresso na torcida.

O discurso do ascetismo requerido na fidelidade ao clube em viagens fora do estado do Rio era curiosamente amalgamado ao hedonismo descrito nas cartas, com as referências ao prazer de viajar e de se divertir durante as excursões. A filiação a uma torcida passava pelo compartilhamento de uma linguagem considerada “jovem”, própria a estudantes, colegiais, vestibulandos ou universitários. O pertencimento ao grupo se situava para além dos dias de jogo e se identificava em um estilo de vida expresso nas marcas de identidade fornecidas pela camisa e por outros símbolos visuais de apelo estético para o auto-reconhecimento de cada agremiação. O resultado disto seria a disseminação de uma série de novas torcidas que se desgarravam umas das outras ou surgiam de maneira autônoma para veicular uma identidade cada vez menor, cada vez mais particular. Se a primeira imagem de uma torcida remetia a um genérico agregado familiar – a Charanga –, de onde se originava um segmento juvenil – as Torcidas Jovens –, na década de 1970 a vinculação a um território – as torcidas de rua, de bairro ou de município – a uma faixa etária – a torcida Pequenos Vascaínos, fundada em 1975 por e para adolescentes – ou mesmo a um gênero – as torcidas femininas – passava a respaldar e a ser a

²⁹⁷ Cf. PEREIRA, C. A. M. **Em busca do Brasil contemporâneo**. Rio de Janeiro: Notrya, 1993.

²⁹⁸ Cf. ARAÚJO, M. P. N. **A utopia fragmentada: as novas esquerdas no Brasil e no mundo na década de 1970**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

razão da existência das minorias, de várias torcidas organizadas de pequeno porte, em um duplo processo de autonomia e de heteronomia.

A competição intragrupos ou intergrupos constituiria a conseqüência necessária dessa escalada de pequenas entidades nucleares e a busca por formas diferenciadas de representação da fidelidade clubística. Tal concorrência poria em cena os valores requisitados como distintivos de cada grupo, nos quais não faltavam os ideais altruísticos do amor, da abnegação e do sofrimento, nem tampouco os ideais agonísticos da força, da virilidade e da juventude inspirados no desempenho dos jogadores dentro de campo. Os apontamentos publicados no jornal por seus membros descreviam as emergentes associações torcedoras como portadoras de uma moral auto-referenciada nos estádios, traduzida por uma disputa que se colocava em termos de uma série de binômios reciprocamente combinados: superioridade/inferioridade, grandeza/pequenez, força/fraqueza, originalidade/imitação, entre outras. Em suma, tal é a equação que pode ser depreendida da leitura serial da seção de leitores do *Jornal dos Sports*, a coluna *Bate-Bola*, onde a recorrência destes pares saltava aos olhos e se revestia de diversas maneiras em cada uma das inúmeras cartas consagradas ao tema. A visão de mundo a um só tempo criativa, hierárquica e grandiosa das torcidas traduzia-se em âmbito escrito e verbal na defesa de uma supremacia qualitativa (“a melhor”, “a mais bonita”, “a mais animada”), e de uma supremacia quantitativa (“a maior”, “a de maior número de adeptos”, “a de maior número de bandeiras”, “a de maior número de peças de bateria”).

A consideração desse padrão competitivo e de seus respectivos quesitos hierarquizáveis não pode ser isolada da zona de influência e do raio de ação exercido pelos meios de comunicação. A tradição dos grandes concursos entre torcidas volta a ser promovida em 1973 pelo *Jornal dos Sports*, o que evidencia a presença modal deste órgão na propagação dos valores comparativos e concorrenciais mimetizados no espaço das arquibancadas. Em abril de 1973, a preparação para o clássico Botafogo e Flamengo produzia a reportagem: “JS dá prêmio à maior e à melhor torcida”. Nela, o periódico publicava no início da semana o regulamento para a conquista dos três troféus em disputa. O primeiro, a Taça Mário Filho, era destinado ao clube de torcida “mais vibrante”, enquanto o segundo e o terceiro, as Taças *Jornal dos Sports*, iam para a torcida organizada de cada clube que superasse a outra pela vibração. Os critérios para

a mensuração do entusiasmo e as normas para a concessão dos prêmios também eram prévia e rigidamente discriminados: 1) “o maior número de maiores bandeiras”; 2) “o maior número de bandeiras normais”; 3) “a maior bandeira presente ao estádio; 4) “o maior número de charangas”; 5) “as charangas mais vibrantes”; 6) “a que mais e por mais tempo incentivar o seu time”; 7) “a maior faixa, tanto esteticamente como com os dizeres mais bem elaborados”²⁹⁹. A matéria referente ao concurso complementava:

“Se no campo haverá uma decisão, nas arquibancadas não será diferente: o Vasco quer mostrar que tem maior torcida que o Flamengo e o Flamengo quer confirmar que tem a maior torcida da cidade.”³⁰⁰

A formalidade do julgamento podia ser percebida no número de examinadores acionados no concurso. Além de cinco repórteres do próprio *JS*, eram escalados mais oito membros do júri, o que mostrava a relação da torcida não apenas com o jornal, mas igualmente com as emissoras de rádio e os canais de televisão: Valdir Amaral (Rádio Globo), João Saldanha (TV Globo), Doalcei Camargo (Rádio Tupi), Orlando Batista (Rádio Mauá), Luís Mendes (TV Rio), Wagner Luís (Rádio Continental), Almir Ribeiro (Rádio Metropolitana) e Oduvaldo Cozzi (Rádio Continental). A cobertura do concurso se estendia por toda a semana do clássico, com a reportagem dos preparativos e com a sondagem das surpresas preparadas por cada torcida, e terminava somente na semana seguinte, com a festa e a solenidade de entrega dos troféus na sede do jornal, devidamente registrada em fotos e matérias, aonde compareciam vice-presidentes de futebol dos clubes e onde se mostravam irmanadas as torcidas adversárias.

O borbulhar de minúsculas torcidas nesse contexto vai dar origem a novos padrões de rivalidade e a novas maneiras de convivência, estabelecidas por meio de anúncios de churrascos, confraternizações, coquetéis, bailes, serestas, piqueniques, rodas de samba, “batizados”, comemoração de aniversário dos grupos, torneios de futebol de salão entre duas torcidas organizadas do mesmo bairro ou mesmo um campeonato de pelada no Aterro

²⁹⁹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 11 e 18 de abril de 1973.

³⁰⁰ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 06 de maio de 1973, p. 03.

do Flamengo patrocinado pelo JS³⁰¹. Mas a capacidade de produzir coesão e amizade vai ser encompassada pela produção concomitante de conflito e inimizade. O início dos anos 70 inauguraria um processo sujeito a sucessivos arranjos combinatórios entre as torcidas, com incessantes fusões e separações, aproximações e distanciamentos, uniões e dissídios, onde não podem ser descartadas as contingências políticas, sociais e culturais que preponderavam em termos locais, nacionais e internacionais. O acompanhamento das torcidas organizadas na segunda metade dos anos 70 e na virada da década de 1970 para 1980 propicia a observação dos desdobramentos desse fenômeno, com a percepção de uma encruzilhada delineada pela rede de sociabilidade instaurada pelas torcidas no início do decênio de 80: uma vertente aponta para o consenso e para a integração como força corporativa por meio do diálogo e da relação amistosa intertorcidas; a outra caminha no sentido do dissenso e dos enfrentamentos cada vez mais constantes entre os grupos, por meio do descenso de uma competição figurada e simulada a uma competição física, direta.

Para fins expositivos, a demonstração do argumento terá por foco agora apenas a primeira vertente, a consensual e corporativa, e deixará a segunda para o próximo capítulo. A abordagem se concentrará nos primeiros anos da década de 1980, quando as torcidas se uniram em torno de uma associação e protagonizaram um fenômeno histórico inédito: a realização de protestos, boicotes e greves contra o aumento dos ingressos. O desenrolar de tais fatos será observado, doravante, com base em três instâncias de interação social: a primeira diz respeito à relação entre as torcidas e a direção dos clubes; a segunda abrange as torcidas e as entidades administrativas do futebol, aí incluídas a Federação de Futebol, a Polícia Militar e a Suderj, órgão do estado responsável pela gestão dos estádios; a terceira compreende a evolução e a lógica do relacionamento das torcidas entre si. A dramaticidade e os dilemas engendrados em tais intercessões, sob uma nova conjuntura nacional, continuam passíveis de reconstituição com base nos vestígios deixados por um dos mais importantes canais de divulgação e de referência para as torcidas organizadas: o *Jornal dos Sports*.

³⁰¹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 11 de outubro de 1975, p. 02.

2.3 O Estado e os estádios – e as multidões se organizaram ?

O falecimento de Nélon Rodrigues no final de dezembro de 1980 pode ser considerado o *réquiem*, o epílogo, o canto de cisne da participação dos irmãos Rodrigues naquele periódico esportivo carioca. Embora Mário Rodrigues Neto – filho de Mário Júlio e neto de Mário Filho, ao lado do qual aparecia outrora na primeira página do *JS*, ainda criança, em fotos dos *Jogos Infantis* realizados nas Laranjeiras, nos quais tomava parte como competidor mirim, para orgulho e júbilo do avô – continuasse a timbrar a assinatura familiar no jornal, com a colaboração diária em uma coluna exclusiva, apenas parcialmente ou por força residual da tradição aquilo que havia sido idealizado pelos Rodrigues até então ainda tinha lugar no periódico. A morte do dramaturgo constituía um marco simbólico da guinada nos rumos que a política editorial do jornal já vinha sinalizando desde o início dos anos de 1970 e que se consolidaria em definitivo ao longo da década seguinte. Com efeito, o desaparecimento de Nelson se afiguraria uma perda irreparável não apenas nos limites da discussão sobre a propriedade e os destinos do jornal ou nos domínios do mundo desportivo de uma maneira geral, mas açambarcaria boa parte do universo da cultura brasileira, consternando o meio teatral, literário, jornalístico, cinematográfico ou onde quer que sua obra tenha alcançado repercussão³⁰².

Nelson faleceria às vésperas do Natal, no mesmo mês da conquista de mais um campeonato carioca pelo seu clube do coração. Este seria um título especial para os torcedores do Fluminense, atribuído por muitos a “desígnios divinos”, aliás bem condizentes com a visão dramático-mística nelsonrodrigueana do futebol. A vitória de 1980 tivera por coincidência benfazeja a visita do Papa João Paulo II ao Brasil³⁰³ — entre os dias 30 de junho e 12 de julho — e a sua passagem pelas terras cariocas meses antes do triunfo, com a realização de uma missa campal no principal templo esportivo da cidade, o Maracanã, o que valeria a posterior consagração na memória coletiva de um

³⁰² É digno de nota que, desde sua morte, seria apenas no início da década de 1990, graças ao empreendimento editorial da Companhia das Letras e de Rui Castro, autor de uma alentada e atilada biografia, bem como de uma recompilação de uma série antológica de crônicas, dentre elas as esportivas, que a obra de Nélon Rodrigues voltaria à baila, redespertando o interesse sobre seu trabalho não-dramatúrgico.

³⁰³ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 01 e 02 de julho de 1980, p. 01.

cântico da torcida tricolor em homenagem ao pontífice, tal como tematizava o jornal: “Canto a João de Deus, um empurrão com força superior”³⁰⁴. Pouco depois de escrever crônicas sobre o movimentado pleito eleitoral para as presidências do Fluminense e do Flamengo³⁰⁵ – símbolo dos ares democráticos que então pairavam no cenário nacional –, a morte de Nelson uniria representantes expressivos da política, da intelectualidade e do jornalismo do país em seu enterro. Afora a presença de centenas de anônimos e curiosos, seu velório, a princípio previsto para o Teatro Municipal mas por fim realizado no cemitério São João Baptista em Botafogo, reuniria diversos nomes da vida pública nacional, como o ex-presidente Emílio Garrastazu Médici e o dramaturgo Guilherme Figueiredo – irmão do então general-presidente João Baptista Figueiredo – as atrizes Dina Sfat e Fernanda Montenegro, o imortal acadêmico Austregésilo de Athayde e o jornalista Barbosa Lima Sobrinho, o escritor Carlos Heitor Cony e o caricaturista Alvarus, os dirigentes esportivos Giulitte Coutinho e João Havelange, além do secretário de cultura do Estado do Rio, Arnaldo Niskier³⁰⁶.

Mas a relativa parcimônia e economia nas informações prestadas por parte do *Jornal dos Sports* pareciam querer minorar a importância do acontecimento. A notícia do falecimento se restringia ao seu anúncio na primeira página e à cobertura do funeral em sua terceira página, sem qualquer acréscimo de ilustração ou sem qualquer retrospectiva da trajetória biográfica e profissional do autor nos dias subsequentes, a dar ênfase a seu relevo no futebol e na constituição da memória do próprio periódico, como sói acontecer nas ocasiões em que figuras afamadas saem de cena³⁰⁷. Tal dado configurava por si só um indício da progressiva distância assumida entre a família e o periódico. Conquanto continuasse a circular nas décadas seguintes com o bordão “o jornal de Mário Filho”, com vistas talvez a amealhar o prestígio deste vulto que emprestava e emoldurava também seu nome à entrada do Maracanã, esta

³⁰⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 04 de novembro e 02 de dezembro de 1980, p. 12.

³⁰⁵ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 26 de abril de 1979, p. 12.

³⁰⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1980, p. 03. A informação da presença de Arnaldo Niskier no enterro, fornecida pelo *Jornal dos Sports*, contrasta com a de Ruy Castro, para quem o secretário de cultura esteve ausente do funeral, pois se encontrava fora da cidade, fator que impediu a realização do velório no Teatro Municipal. Cf. CASTRO, R. **op. cit.**, p. 420.

³⁰⁷ A referência à memória do cronista só ocorreria três anos depois, com a comemoração feita pelo colega Geraldo Romualdo da Silva: “Três anos sem Nelson Rodrigues”. Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 20 de dezembro de 1983, p. 07.

separação se acentuava ainda mais naquele ano de 1980, quando o *JS* deixara de pertencer à viúva de Mário Júlio Rodrigues, a sra. Cacilda Fernandes de Souza.

A crise econômico-financeira do segundo quinquênio dos anos de 1970 levava muitos dos grandes jornais da cidade à bancarrota, como o *Correio da Manhã*, *O Jornal* e o *Diário de Notícias*, e retirava de circulação muitas revistas de renome nacional, como a *Cruzeiro*, pertencente aos Diários Associados de Assis Chateaubriand, fundada no final dos anos 20. Em meio a várias desapareições, a exceção seria a *IstoÉ*, que surgiria em 1978 e passaria a disputar espaço em território nacional com a *Veja*. As mesmas dificuldades financeiras pesavam sobre o *JS* e, a fim de salvuardá-lo e de impedir sua decadência ou seu fechamento, a dona do periódico passava-o às mãos da família Velloso. Sob novos acionistas, o *Jornal dos Sports* se reestruturaria e sobreviveria graças sobretudo ao patrocínio de Arthur Sendas, proprietário de uma poderosa rede de supermercados na cidade, as Casas da Banha, ele próprio também vinculado a partir de então à direção e à condução do mundo esportivo carioca.

O empresário se tornaria no mesmo período vice-presidente do Clube de Regatas Vasco da Gama, na chapa de Antônio Soares Calçada, em oposição à gestão de Agathirno da Silva Gomes, depois de este ter passado dez anos no comando do clube. No mesmo período ainda, outro opositor, o então diretor Eurico Miranda, com cargo no clube desde 1975, despontaria ao assumir a pasta da vice-presidência de futebol do Vasco³⁰⁸. Climério Pereira Velloso ficaria à testa do jornal no início daquele novo decênio e teria como auxiliares na diretoria executiva do jornal os parentes Waldemar Pereira Velloso e Venâncio Pereira Velloso. Estes comporiam uma rede clânica familiar inscrita nas relações de poder da cidade, que tinha como braço-direito na Assembléia Legislativa do Estado o deputado Napoleão Velloso, do PMDB, cujo mandato, não por coincidência, receberia assídua cobertura no *JS*.

As transformações gráficas, editoriais e de conteúdo do *Jornal dos Sports* poderiam passar despercebidas ao leitor incauto, posto que a base do jornal ainda se sustinha sob muitos aspectos em suas vigas-mestras – a predominância

³⁰⁸ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 08 de agosto de 1979, p. 05.

do Esporte seguida de complementos subsidiários em Educação, Política e Carnaval. As suas metamorfoses eram operadas de maneira sutil e pouco perceptível no interior desses domínios tradicionais. A exceção à tendência dizia respeito ao surgimento de cadernos inusitados como o *Suplemento Espiritualista do JS*, sub-intitulado *O Mundo Azul*, destinado à difusão entre os leitores das idéias de Alan Kardeck. A seção apareceria no periódico já em 1974, junto ao suplemento *JS Turismo & Transportes*, páginas bem destoantes à primeira vista da tradição informativa do *Cor-de-Rosa*. Outro setor aparentemente estranho com nascimento nesta época era o *Recursos Humanos*, também chamado *Mercado de Trabalho JS*, com a clara finalidade de atrair e de auxiliar o cidadão em busca de emprego, atendendo suas demandas através de manchetes como: “BNDES mostra programa de concurso”³⁰⁹. De resto, o temário principal de notícias permanecia inalterado, com a mudança de enfoque restrita ao interior de cada uma das sub-áreas.

Na área educacional, a rearticulação do Movimento Estudantil no Rio de Janeiro era noticiada desde o final da década de 1970, efeito e influência da reorganização do ME no plano nacional. As tentativas malogradas dos estudantes de organização de um encontro nacional em Belo Horizonte e depois em São Paulo adquiriam ressonância nacional em 1977, quando a PUC-SP foi invadida pela polícia, com um saldo de dois mil presos, numa represália à ocupação e aos protestos lá desencadeados pelos universitários que contavam com o aval de muitos professores da casa, como o sociólogo Octávio Ianni. No âmbito carioca, o jornal noticiava a reformulação da AMES, a reivindicação de uma sede para a UNE e a reorganização dos diretórios de estudantes em cada uma das universidades³¹⁰. Não obstante, tratava-se de informações sucintas e pontuais, bem diferentes da sistematicidade, da recorrência e do engajamento do final dos anos de 1960, quando o próprio jornal parecia ombreado à causa estudantil. Como já foi assinalado no item anterior, o acento desde o início do decênio de 1970 se concentrava nas questões mais instrumentais da vida prática do estudante, como a preparação para as provas e a obtenção dos gabaritos do Vestibular. Se antes deste era possível encontrar uma série de matérias

³⁰⁹ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 01 de março de 1984, p. 12.

³¹⁰ “Política estudantil: nascem as novas lideranças dos anos 80”. Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 23, 29 e 30 de maio de 1982, p. 12 e 20.

ilustradas de página inteira sobre a Revolução Francesa, por exemplo, depois do concurso os resultados eram fornecidos em manchetes como: “Listão nominal dos novos calouros”³¹¹.

Ainda que o jornal veiculasse matérias sobre o dia a dia das universidades públicas – tais como a inauguração do Fundão, imenso espaço na Ilha do Governador, um novo centro projetado pelos militares em meados da década de 1970 para abrigar os institutos e as escolas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, e a conversão da UEG (Universidade do Estado da Guanabara) em UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro) –, a novidade da diretriz editorial se voltava para o estabelecimento de acordos com as emergentes faculdades particulares. Isto se dava por meio de parcerias com Gama Filho, dono de uma rede de ensino universitário que se firmava na cidade, e com a Fundação Cesgranrio (Centro de Seleção de Candidatos do Ensino Superior), uma cadeia de doze faculdades privadas que também ganhava destaque no noticiário do periódico mediante a aplicação unificada dos exames para os aspirantes aos cursos de terceiro grau. A Cesgranrio, sob a direção do professor Carlos Alberto Serpa de Oliveira, vice-diretor administrativo da PUC-Rio, transformava o formato das provas: de vestibular isolado, com questões discursivas, passava a um exame unificado, com provas de múltipla escolha³¹². O advento, a força e a expansão das faculdades particulares nesse momento constituíam um dos legados do regime de exceção que findava, quando o número de universitários no país multiplicou-se de cem mil em 1970 para quase um milhão em 1980, sem destituir a universidade, todavia, de sua feição elitista³¹³.

Na esfera política, mudanças sensíveis, análogas às empreendidas na educação, se processavam na cidade, com reverberação no interior do jornal. Sem desaparecer por completo, parte considerável de seu interesse, por assim dizer cosmopolita, esmaecia. A seção perdia de maneira crescente a dimensão nacional, quiçá internacional, e apenas excepcionalmente fazia-se menção à viagem do presidente João Figueiredo à África, com sua visita a países como Nigéria e Senegal, um marco do ponto de vista das relações internacionais e da

³¹¹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 22 de abril de 1979, p. 12; 15 de janeiro de 1981, p. 01.

³¹² Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 18 de março de 1984, p. 17.

³¹³ Cf. NOSSO SÉCULO. **op. cit.**, p. 245.

diplomacia brasileira, desde o reconhecimento por parte de Ernesto Geisel da autonomia de Angola e Moçambique, no momento em que o continente africano completava seus movimentos de independência³¹⁴. O jornal limitava-se sobretudo à abordagem mais provinciana da política estadual fluminense, desde que a fusão ocorrida em 1975 restabelecia a unidade rompida em 1960 entre o Estado do Rio e o Estado da Guanabara, quando a capital federal é transferida para Brasília. É possível que a regionalização do jornal atendesse às limitações comerciais da distribuição e da vendagem do periódico, com a retração imposta pela crise financeira e a subsequente perda do caráter nacional; é certo, porém, que atendia à nova geopolítica e à variação dos interesses locais entre o interior e a capital, com o enfoque nas coalizões de poder entre os partidos nascentes que se estruturavam após 1978, ocasião na qual o pluripartidarismo sobrepujou o bipartidarismo de Arena e MDB, extintos por decreto do governo federal.

Além dos prefeitos nomeados, como Jamil Haddad e Marcelo Alencar, e dos governadores eleitos pela via indireta, como Faria Lima e Chagas Freitas, a cobertura jornalística acompanhava no início dos anos 80 a surpreendente vitória nas primeiras eleições diretas dos últimos vinte anos no país, mediante o voto popular, do opositor Leonel Brizola – segundo o historiador da USP, Hilário Franco Júnior, “o adversário mais temido pela ditadura”³¹⁵ –, um dos quatro mil beneficiados pela Lei da Anistia no Brasil, medida sancionada por Figueiredo que permitia o retorno do exílio a partir de 1979 dos expatriados pelo regime discricionário. Dos vinte e três governadores eleitos nas eleições de 1982, Brizola era o único que não pertencia nem ao PMDB, antigo MDB, nem ao PDS, ex-Arena. Mesmo com a perda da legenda do antigo PTB para Ivete Vargas, partido depositário das bandeiras do governo João Goulart, ao qual ele se filiara e contra o qual os militares haviam se rebelado em 1964, Brizola fundara o PDT e se elegera de maneira inesperada para a maioria dos analistas políticos, ao superar a candidata favorita ao pleito, Sandra Cavalcanti, do PTB, ex-secretária de habitação do governo Carlos Lacerda, conhecida na década de 1960 pela política de remoção de favelas da zona sul da cidade.

³¹⁴ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1983.

³¹⁵ Cf. FRANCO JÚNIOR, H. *op. cit.*, p. 152.

O programa consistiu na transferência de moradores de doze favelas da cidade para locais distantes, tais como as recém-criadas Vila Kennedy, em Senador Camará, Vila Esperança, em Vigário Geral, Vila Aliança, em Bangu, e o conjunto habitacional da Cidade de Deus, em Jacarepaguá. Segundo informação de Paulo César de Araújo, o famoso samba *Opinião* de Zé Kéti era um protesto contra o Programa de Remoção: “Podem me prender, podem me bater/ podem até deixar-me sem comer/ que eu não mudo de opinião/ daqui do morro eu não saio, não.”. No decorrer do decênio a música seria apropriada pela esquerda e ganharia a conotação de oposição à ditadura militar³¹⁶.

Na área musical, as modificações eram perceptíveis mais em função de uma mudança de tratamento, dir-se-ia mais audaciosa, e menos em virtude da continuidade no privilégio concedido ao tradicional universo dos sambas-enredo e das quadras das escolas de samba. No final da década de 1970, os desfiles das grandes escolas de samba dividiam o seu destaque e peso com a cobertura concedida a outras atrações festivas, como os concursos de fantasias, o carnaval de rua e os blocos espalhados pela cidade, em especial no Centro, onde desfilavam o Cacique de Ramos, o Cordão do Bola Preta e outras agremiações tradicionais. Uma tradição revigorada naquele período e estimulada pelo periódico eram os bailes carnavalescos que ocorriam nas sedes dos clubes recreativos e esportivos da cidade, como o Baile do Diabo, no América; o Baile do Vermelho-e-Preto, no Flamengo; o Baile do Almirante, patrocinado pelo Vasco da Gama, no salão do clube Monte Líbano; o baile do *Vert, Rouge et Blanc*, do Fluminense; e o *Black and White*, do Botafogo, realizado no ginásio do Mourisco, sede náutica do clube, na Praia de Botafogo³¹⁷.

Com o fito comercial de aumentar a vendagem, o jornal valia-se do fato de que muitos deles tornavam-se conhecidos na cidade pela sensualidade e pela lascívia. As chamativas imagens dos bailes, em específico a exposição sugestiva de uma série de corpos femininos seminus, eram agora divulgadas pelas equipes de reportagem do jornal, responsáveis por matérias relativas ao carnaval no período de celebração momesca em que a rotina do futebol se

³¹⁶ Cf. BURGOS, M. B. “Dos parques proletários ao Favela-Bairro”. In: ZALUAR, A; ALVITO, M. (Orgs.). **Um século de favela**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. Cf. também ARAÚJO, P. C. **op. cit.**, p. 238.

³¹⁷ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1980, p. 02.

interrompia e em que as notícias esportivas rareavam. A despeito da presença de jogadores famosos, de técnicos e de dirigentes dos clubes realizadores dos bailes, acompanhados das respectivas namoradas e consortes, o interesse dos jornalistas recaía mais nas “mulheres bonitas com pouquíssima roupa”³¹⁸ que dançavam e se comprimiam nos camarotes, onde as brigas e os excessos de toda ordem eram descritos como “inevitáveis” pelo jornal, em virtude do calor, do consumo de bebidas alcoólicas e da superlotação.

Assim, fotos e poses ousadas, com um explícito cunho erótico, eram agora expostas sem hesitação na primeira página do jornal³¹⁹. Este encontrava um novo meio de atração de leitores e passava, com isto, a se articular a um contexto maior, nivelando-se em tal época às revistas masculinas disseminadas de maneira mais intensa nas bancas de jornal do país no decurso da década de 1970. Na esteira da revolução sexual deflagrada em fins dos anos de 1960, assistia-se então à fase da apropriação mercantil do sexo pela indústria cultural, expressa através do aparecimento de revistas como a *Playboy* (1975) – homônima da norte-americana criada em 1953 –, pertencente à editora Abril, além da *Ele Ela*, de propriedade da Editora Bloch, que por sua vez ensaiava também em 1977 o retorno da *Manchete Esportiva* – semanário famoso nos anos 50 sob o comando do mesmo Mário Filho todavia sem lograr continuidade – e suas congêneres nacionais, *Status* (1974), *Fatos & fotos*, *Revista do Homem*, sem contar outras impróprias a menores de dezoito anos, de assumido teor pornográfico.

Em certo sentido, esses novos hábitos e costumes flagrados em determinados bailes podem ser contrapostos à decadência da imagem de austeridade e de severidade preconizada pelo regime militar então agonizante. Tal contraste era apenas uma das facetas do complexo ritual de inversão carnavalesco analisado no mesmo momento por Roberto DaMatta, em especial no livro consecutivo a *Carnaval, malandros e heróis*, no qual consolida sua passagem da antropologia indígena aos estudos de antropologia urbana do início dos anos 80: *Universo do carnaval – imagens e reflexões*³²⁰. Se se quiser, a remissão da questão pode ser endereçada até uma das matrizes do pensamento

³¹⁸ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 04 de março de 1984, p. 02.

³¹⁹ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 20 e 24 de fevereiro de 1982, p. 01 e 12.

³²⁰ Cf. DAMATTA, R. **Universo do carnaval**. Rio de Janeiro: Edições Pinakoteque, 1981, p. 70-73.

social brasileiro, pois esta deita raízes na discussão clássica sobre o *ethos* nacional, em específico se nos ativermos à senda temática inaugurada por Paulo Prado. No final da década de 1920, o escritor de *Retrato do Brasil: ensaio sobre a tristeza brasileira* referia-se ao vício e ao desregramento sexual dos colonizadores portugueses movidos por dois instintos básicos: a cobiça do ouro e a luxúria da carne. Tais motivações teriam implicações na definição do caráter nacional, resultando em uma conduta orientada pelas paixões, cujo traço principal, na ótica deste filho da aristocracia paulista, seria a melancolia que se segue à consumação do ato sexual. O sociólogo pernambucano Gilberto Freyre iria ao seu encontro poucos anos depois, em 1933, mediante uma análise da nossa formação colonial e étnica, onde não faltavam aspectos como a poligamia, a concupiscência, os excessos tropicais e o primado da sexualidade³²¹.

A par do lastro histórico e contemporâneo identificado nos elementos orgiásticos do carnaval, DaMatta filiava-se a essa linhagem de escritores e expunha em seu livro fotos de tais bailes, tiradas pelo co-autor da obra, o fotógrafo João Poppe, e as perscrutava à luz de seu instrumental analítico. Disposto a romper as barreiras entre a iconografia e o pensamento teórico, entre a plataforma estética e as ciências sociais, inspirado livremente neste sentido pela obra clássica de Erwin Panofsky, *Significado das artes visuais: a perspectiva como forma simbólica* (1920), o autor valia-se dessas imagens visuais para entender aquilo que denominava pelo neologismo “carnavagem”, a fusão coletiva indiscernível de corpos masculinos e femininos em espaço público, algo diverso da pornografia entre os anglo-saxões, para os quais a privacidade e o caráter secreto do ato sexual são suas pré-condições indispensáveis. Algumas especificidades da relação entre sexo e papéis sociais no Brasil de então seriam aprofundadas também por DaMatta no texto “Para uma teoria da sacanagem”, em sua origem uma apresentação ao livro de histórias em quadrinhos *A arte sacana de Carlos Zéfiro*³²². O antropólogo retornaria ao assunto no decorrer da década em uma interpretação consagrada

³²¹ Cf. ARAÚJO, R. B. de. **Guerra e paz**: Casa-Grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

³²² Cf. DAMATTA, R. “Para uma teoria da sacanagem: uma reflexão sobre a obra de Carlos Zéfiro”. In: MARINHO, J. J. (Org.). **A arte sacana de Carlos Zéfiro**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983.

ao romance relacional *Dona Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado, obra popularizada de maneira extraordinária na década de 1970, devido em grande parte ao sucesso do homônimo cinematográfico dirigido pelo jovem Bruno Barreto.

Mais do que um dado episódico ou extemporâneo, circunscrito ao ciclo de maior ou menor grau de libertinagem do carnaval, captado pelas câmaras fotográficas após uma década conhecida pela liberação sexual, as fotos de mulheres nuas e em posições sensuais tornavam-se moeda corrente nas colunas diárias do *Jornal dos Sports*. Tudo leva a crer que se tratava de uma deliberação de sua linha editorial, na qual se procurava fazer a associação futebol/erotismo, ambos objeto de consumo e de atração imagética, seguindo uma tendência já adotada pelo semanário esportivo nacional *Placar*. Não é difícil inferir que a exploração fetichista por tal interesse apelativo ocorria em um jornal consumido de forma predominante por leitores adolescentes, jovens e adultos do sexo masculino. A liberdade de veiculação das imagens femininas mais ou menos vulgares, mais ou menos obscenas naquele jornal esportivo pode ser entendida em um período em que paralelamente a censura prévia vinha sendo suspensa nos grandes jornais de modo gradual. Em 1975, o governo começou a liberar a inspeção das matérias de cunho político no *Estadão* e, a cada ano, a liberdade de opinião e de expressão foi sendo franqueada aos demais órgãos da imprensa e a outras áreas da vida social.

A expansão de um setor da indústria do cinema no país, responsável por uma produção em série que criaria um subgênero específico, a pornochanchada, pode ser outro fator agregado a tal dado. O gênero, afamado em São Paulo pelo baixo custo das produções da Boca do Lixo, resultava da exploração de narrativas ficcionais prosaicas e domésticas com enredos que tinham por base o erotismo. Este, por sua vez, era combinado à fórmula exitosa da tradição popular do teatro de revista e das chanchadas da Atlântida, sendo alguns desses filmes inclusive a adaptação para as telas das peças e dos textos do próprio Nelson Rodrigues, como *A dama do loteação*, *Bonitinha mas ordinária* e *Os sete gatinhos*. Em plena fase de distensão política e de menor repressão, marcada pelo patrocínio e pelo incentivo estatal ao meio cinematográfico e cultural, através da instituição de empresas como a Embrafilme em 1975, substituta do INCE getulista (o Instituto Nacional de Cinema Educativo), dentro do novo

Plano Nacional de Cultura anunciado pelo ministro da educação Ney Braga, a sobrevalorização dos apelos libidinosos e sexuais do povo brasileiro tornava-se uma marca de incontestável êxito de bilheteria, com repercussões na formação da imagem e do imaginário nacional no exterior. Enfim, conforme observava com ironia em texto de época o crítico José Carlos Avellar, a pornochanchada havia sido paradoxalmente “uma invenção da Censura”³²³.

Enquanto os jornais, as revistas e as salas de cinema eram alvo progressivo de menor vigilância e inspeção – a exibição de *Laranja mecânica* no Rio de Janeiro, filme realizado em 1971 por Stanley Kubrick, seria autorizada com cortes em 1978³²⁴ –, o mesmo não sucedia com as emissoras de televisão, cujos programas ainda eram submetidos à ingerência ostensiva do Estado, porquanto elas ganhavam forte impulso na vida cotidiana brasileira. Dentre as novas estações, a Rede Globo de Televisão despontava com mais força na segunda metade dos anos de 1970, o que se expressava também no carnaval, com a primeira transmissão de eventos momescos em cores, e se fortaleceria no decênio seguinte com a construção de um espaço específico para os desfiles, a Passarela do Samba, concebida pelo arquiteto Oscar Niemayer e pelo vice-governador do estado, o antropólogo Darcy Ribeiro, tradição iniciada no carnaval de 1984 quando saiu vitoriosa a popular Estação Primeira de Mangueira³²⁵.

O poder da imagem televisiva e a popularização da emissora na sociedade brasileira se manifestavam sobretudo nos altos índices de audiência obtidos em seus programas, com a enorme capacidade de criar hábitos e de *reinventar* o cotidiano, mediante o sucesso da sua teledramaturgia e a hegemonia dos seus telejornais³²⁶. O primeiro gênero destacava-se por uma certa recuperação da imaginação melodramática latino-americana, assim como da tradição folhetinesca dos jornais oitocentistas – forma literária francesa publicada com fragmentação seqüenciada da narrativa –, reforçando um

³²³ Cf. AVELLAR, J. C. “A teoria da relatividade”. In: NOVAES, A. (Org.). **Anos 70: ainda sob a tempestade**. Rio de Janeiro: Aeroplano / Editora Senac Rio, 2005, p. 340.

³²⁴ Cf. **ibid**, p. 337.

³²⁵ Na primeira página, sob o título “Passarela inaugurada”, o *Jornal dos Sports* exibia fotos de Brizola e Darcy no dia da inauguração na Praça Marquês de Sapucaí. Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 03 de março de 1984.

³²⁶ Cf. HAMBURGER, E. “Diluindo fronteiras: a televisão e as telenovelas no cotidiano”. In: SCHWARCZ, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, vol.4.

vínculo diário com o público telespectador³²⁷, ao passo que o segundo, sob direção-geral de Armando Nogueira, substituiu a informação tradicional típica de um informativo como o *Repórter Esso* dos anos 50. Em seu lugar, passava-se a juntar as notícias ordinárias do dia a dia ao extraordinário dos *faits-divers* – o crime passional, as anomalias sociais, as catástrofes naturais³²⁸ – elegendo assim o show, o espetáculo e o elemento fantástico como novo paradigma em sua abordagem dos acontecimentos diários noticiáveis³²⁹.

As análises sobre a estrutura dos programas de notícias iniciadas na França por Roland Barthes encontrariam eco contemporâneo no já citado opúsculo de Pierre Bourdieu a respeito da televisão:

“Os jornalistas, *grosso modo*, interessam-se pelo excepcional, pelo que é excepcional *para eles*. O que pode ser banal para outros poderá ser extraordinário para eles ou ao contrário. Eles se interessam pelo extraordinário, pelo que rompe com o ordinário, pelo que não é cotidiano – os jornais cotidianos devem oferecer cotidianamente o extra-cotidiano, não é fácil... Daí o lugar que conferem ao extraordinário ordinário, isto é, previsto pelas expectativas ordinárias, incêndios, inundações, assassinatos, variedades. Mas o extra-ordinário é também e sobretudo o que não é ordinário com relação aos outros jornais.”³³⁰

Outro dado surpreendente do poderio global era demonstrado pelo potencial da emissora na cooptação ao seu elenco de artistas, intelectuais e escritores simpatizantes do Partido Comunista ou tradicionalmente vinculados à esquerda, saídos em sua maioria do teatro e do cinema. Isto sucedia, entre outros, com Dias Gomes, em suas peças convertidas em novelas, como *O bem-amado*; com Jorge Amado, notório stalinista cujos romances também eram adaptados para a televisão; com Vianninha e Paulo Pontes, dramaturgos idealizadores do programa humorístico *A grande família*; com Mário Lago, integrante do clandestino “Partidão” e protagonista principal de várias novelas; com Paulo Gil Soares, Walter Lima Júnior e com Eduardo Coutinho, este último ex-ativista do CPC da UNE, cineasta do inacabado *Cabra marcado para*

³²⁷ Cf. KEHL, M. R. “Um só povo, uma só cabeça, uma só nação”. In: NOVAES, A. (Org.). **op. cit.**

³²⁸ Cf. NAVES, S. C.; BOTELHO, I. “Show, a coreografia do milagre”. In: NOVAES, A. (Org.). **op. cit.**, p. 465.

³²⁹ Cf. CARVALHO, E. “Telejornalismo: a década do jornal da tranquilidade”. In: NOVAES, A. (Org.). **op. cit.**

³³⁰ Cf. BOURDIEU, P. **op. cit.**, p. 26 e 27.

morrer, interrompido com o golpe em 1964, filme sobre as Ligas Camponesas, então realizador de matérias sobre o nordeste brasileiro para o *Globo Repórter*, em especial a reportagem *Teodorico, imperador do sertão*.

Mesmo um cineasta que se considerava não-cooptado e cada vez mais às turras com seus colegas e ex-colegas do PC, como Glauber Rocha, adere à televisão no final dos anos 70, comandando na condição de entrevistador o programa *Abertura*, da TV Tupi, a convite do produtor Fernando Barbosa Lima. A polêmica em torno da adesão ou da resistência a este novo poderio empresarial seria estendida aos outros canais de televisão, como a TV Bandeirantes e a TV Cultura, sendo que esta última tinha no telejornalismo Vladimir Herzog, também conhecido como um jornalista à esquerda. A celeuma renderia acalorados debates entre os intelectuais, sem o descarte da possibilidade de se pensar a ocupação de tais postos à luz do conceito gramsciano de hegemonia e de guerra de posições, questão acadêmica então muito badalada nos círculos marxistas, a partir da obra *Os intelectuais e a organização da cultura*³³¹.

Não à toa, é por essa ocasião, em agosto de 1978, que Cacá Diégues, diretor de *Bye bye Brasil* – filme que retrata com acento melancólico o fim de uma era, a da arte mambembe nos pequenos vilarejos do país desfigurada pelas antenas de televisão –, em entrevista ao jornal *O Estado de São Paulo*, cunha a expressão “patrulhas ideológicas”. O termo consistia em uma referência às cobranças de setores de esquerda sobre a classe artística por suas declarações ou por suas relações ambíguas com órgãos, instituições e figuras públicas associados de alguma maneira ao regime ditatorial³³².

Assim, as dificuldades financeiras atravessadas pelos periódicos e a crescente supremacia da televisão no dia a dia nacional acarretavam a perda de espaço e de poder dos meios de comunicação impressos. O rebaixamento de nível do *Jornal dos Sports* e a reformulação dos seus eixos temáticos tradicionais adquiriam sentido dentro de tal contexto, com a adoção de uma nova estratégia comercial. As diretrizes agora tinham em mira a adequação ao novo momento de contenções econômicas e a exploração de uma distinta faixa

³³¹ Cf. GRAMSCI, A. **Os intelectuais e a organização da cultura**. São Paulo: Círculo do Livro, 1985.

³³² Cf. ARAÚJO, P. C. **op. cit.**, p. 271

de interesses do seu público consumidor, já influenciado sobremaneira pela programação da pequena tela domiciliar. As colunas sociais do *JS*, como a assinada pela famosa repórter e radialista Cidinha Campos e em seguida pelo cronista Eli Halfoun, revelavam ainda uma certa ambivalência, qual seja, a de oscilar entre o nivelamento a revistas de segunda categoria consagradas às fofocas televisivas – como as emergentes páginas coloridas da revista *Amiga*, pertencente à editora Bloch, e sua série especial *As casas dos artistas*³³³; a equiparação a jornais populares como *O Dia*, conhecido nos anos 80 pelo exacerbado sensacionalismo quanto a tópicos como violência urbana; e a tentativa, dir-se-ia canhestra, de igualar certas colunas aos padrões jornalísticos tidos como mais elevados, tal qual o produzido pelo jornal *O Globo*, apenas um dos tentáculos do Sistema Globo de Comunicações, periódico cuja força se expressava em uma tiragem que atingia em torno de quase trezentos mil leitores diários na cidade do Rio.

Esses colunistas faziam a crônica política local e devassavam a vida íntima de atores, atrizes e estrelas da TV, em moldes caricaturais assemelhados aos dos jornais de grande circulação na cidade. A título de comparação, cite-se as conhecidas colunas do folclórico Ibraim Sued no Segundo Caderno de *O Globo* e a de Zózimo Barroso do Amaral, no Caderno B do *Jornal do Brasil*, que serviam de modelo para as demais. Com a falência de tradicionais concorrentes, o jornal de Roberto Marinho era emparelhado naquele momento apenas pelo *JB* de Nascimento Brito em nível estadual, conhecido também pela circunspecta *Coluna do Castelo*, reservada aos comentários políticos. Neste bojo, o próprio editorial do *Jornal dos Sports* sucumbia no início da década de 1980 para dar lugar na segunda página a seções mais vistosas e atraentes. Era o caso do *Bola Social*, coluna que intercalava fotos e notas curtas e voltava-se para um novo tipo de notícias. O privilégio incidia nos bastidores da vida esportiva, com informações concernentes à intimidade dos jogadores e à atuação das autoridades esportivas. Estas últimas eram transformadas em vedetes e seu interesse passava a residir na exposição do circuito de relações sociais entretido com o universo estelar da *high-society*, dos políticos e dos *mass media*.

³³³ Cf. KEHL, M. R. “Um só povo, uma só cabeça, uma só nação”. In: NOVAES, A. (Org.). *Anos 70: ainda sob a tempestade*. Rio de Janeiro: Aeroplano / Editora Senac Rio, 2005, p. 407.

Entrementes, Nelson Rodrigues não seria a única personalidade da crônica esportiva cujo desaparecimento abalaria o cenário nacional, recebendo enfoque do jornal. Com ele, outros nomes de ponta passavam a desfalcar também o meio, como o cronista esportivo paulista Thomaz Mazzoni, o *speaker* Gagliano Neto e os colunistas do *Jornal dos Sports* Luiz Bayer e Everardo Lopes³³⁴. Entre os torcedores, quatro anos antes, em maio de 1976, a mais conhecida liderança de torcida da cidade, Jaime de Carvalho, veterano líder da Charanga Rubro-Negra, viria a falecer, sendo objeto de grande pesar por parte da crônica especializada. Ao contrário da pouco compreensível escassez de notícias referentes ao dramaturgo, a morte daquele humilde funcionário público, agente de portaria do Ministério da Justiça, chefe da torcida do Flamengo, suscitaria várias e comovidas matérias de diversos jornalistas, como Rui Porto, Zé de São Januário e Geraldo Romualdo da Silva. Destes, o destaque ia para o último, um antigo cronista dotado de um cabedal de histórias, de anedotas e de uma memorialística esportiva só equiparável a Mário Filho, que evocava e recordava em uma série de três reportagens especiais, de página inteira, a vida e a memória daquele e de outros torcedores dos primeiros tempos do futebol carioca³³⁵.

A diligência de Jaime de Carvalho, mesmo nas ocasiões em que estivera enfermo e hospitalizado no Hospital dos Servidores do Estado do Rio, era mencionada pelos cronistas e corroborada pela atuação do próprio torcedor. O chefe da torcida rubro-negra enviava cartas à coluna *Bate-Bola*, com instruções sobre as passeatas de incentivo e outras atividades a serem realizadas pela facção organizada do Flamengo, cujo comando interino havia sido delegado à sua mulher, Laura de Carvalho. Do leito do hospital, o torcedor escrevia a carta “Passeata do Mengão”, com explicações sobre seu estado de saúde e com orientações aos adeptos da torcida:

“Dia primeiro de fevereiro, às 11 horas, as kombis e os caminhões da Charanga do Flamengo sairão da Rua José Bonifácio, 866, no Méier. Jaime de Carvalho pede a todos os torcedores que tenham a camisa da Charanga e do Flamengo que cheguem mais cedo para ajudar a enfeitar o caminhão. Quem tiver carro poderá se juntar a caravana, levando suas bandeiras. Ao chegar lá, os torcedores devem se

³³⁴ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 01 de março de 1980, p. 14.

³³⁵ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 06, 07 e 08 de maio de 1976, p. 05 e 16.

apresentar aos que me substituem na Charanga: Ernesto Escovino e João Chaves (Relações Públicas). Domingo, dia 2, no Estádio Mário Filho, no jogo amistoso contra o Internacional, por ocasião da entrega das faixas, serei representado por meu filho Jaime Tadeu, que receberá minha faixa de Chefe de Torcida, tendo como madrinha minha esposa, Laura. Na arquibancada, estarão como meus representantes: Ernesto Escovino, João Chaves, Laura e Jaime Tadeu. O motivo de minha ausência em duas solenidades tão importantes para mim é que estou internado no Hospital dos Servidores do Estado, desde o dia 15 de janeiro. No momento, preparo-me para ser operado e estou passando muito bem. O hospital é muito bom e nada falta aos doentes. Há asseio, tratamento atencioso por parte dos médicos e enfermeiras e até mesmo dos mais humildes funcionários. Sou tratado com muito carinho e todos conversam comigo sobre futebol. A maioria é Flamengo e quem não é também me trata com a mesma atenção. Serei operado pelo Dr. Fernando Vieira (Flamengo), e tratado pelos doutores Peçanha (Flamengo), Rios (América), Moisés (Vasco) e Valter Paiva (Vasco). Agradeço a todos o que têm feito por mim (Jaime de Carvalho — HSE — 6. andar, enfermaria 650, leito 5).³³⁶

Os lamentos subseqüentes à morte do líder da Charanga, ocorrida no ano seguinte à publicação da carta, seriam divulgados em profusão na seção *BB*, em cartas remetidas por dirigentes³³⁷, por torcedores dos demais clubes e inclusive por membros de torcidas organizadas dos times adversários, uma mostra da reputação, da simpatia e do respeito por ele angariado desde os anos de 1940. Antes mesmo, nos dias que antecederam a seu falecimento, o missivista Régio Henrique, da Força Jovem do Vasco, informava ter doado sangue a Jaime e fazia votos para seu pronto restabelecimento³³⁸.

Em 1980, no mesmo ano fatal para Nelson Rodrigues, o *Jornal dos Sports* abordaria também a morte de Elis Regina, cantora que algumas vezes ilustrara a capa do periódico, na condição de torcedora do Fluminense e de símbolo feminino da torcida Jovem Flu. Pouco depois, no final do ano seguinte, a manchete do jornal estampava: “Morreu Coutinho”. Seria a vez do treinador Cláudio Coutinho, vitimado por uma fatalidade ocorrida em alto-mar, quando usufruía em férias nos Estados Unidos do *hobby* de sua predileção, a caça submarina, que costumara praticar na praia do Arpoador, no Rio³³⁹. Técnico do time rubro-negro desde 1976, ex-técnico da Seleção Brasileira derrotada em

³³⁶ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1975, p. 03.

³³⁷ Em 1977, depois de eleito presidente do Flamengo, Márcio Braga, envia carta à seção Bate-Bola, onde tecia loas à figura de Jaime e aos trinta e cinco anos de existência da Charanga. Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 08 de outubro de 1977, p. 02.

³³⁸ Cf. *ibid.*, p. 02.

³³⁹ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1981, p. 01.

1978 na Copa da Argentina, o capitão Coutinho, formado na Academia Militar das Agulhas Negras, pertencente ao Exército, encontrava-se no ápice de sua carreira como treinador, prestes a assistir à conquista do Campeonato Mundial de clubes pelo Flamengo, equipe que comandara e que se encontrava na iminência de uma vitória histórica em Tóquio no mês de dezembro de 1981 – competição até então somente arrebatada por um único clube brasileiro, o Santos de Pelé, vinte anos antes –, façanha obtida dias depois de sua trágica morte marítima.

Logo depois da obtenção do título de campeão do mundo interclubes, a comoção e a consternação com sua súbita morte provocariam o aparecimento de uma torcida organizada do Flamengo em sua homenagem, a Fla-Coutinho, que durante alguns anos estenderia uma faixa com seu nome nos estádios do Rio. Já a 21 de janeiro de 1983, a perda de um grande jogador seria noticiada também com estardalhaço pelo jornal³⁴⁰: “Morre Mané Garrincha!”. O falecimento de um dos maiores nomes da história do futebol brasileiro, ídolo do Botafogo e da Seleção Brasileira, cuja morte comovente – alcoolismo somado à depressão – pararia boa parte da cidade, faria sua imagem ressurgir do esquecimento e do ostracismo, como demonstrou em ensaio de reconstituição etnográfica, baseado em documentos jornalísticos da época, o antropólogo José Sérgio Leite Lopes³⁴¹. Em fins daquele mesmo ano, a morte de Janete Clair, famosa escritora das telenovelas de estrondoso apelo popular na Globo durante a década de 1970, como *Irmãos coragem*, *Pai herói* e *Selva de pedra*, também seria ventilada com grande destaque nas colunas sociais do *JS*. É forçoso observar que o espaço concedido ao falecimento da novelista contrastaria, por sua vez, com a diminuta repercussão da missa de sétimo dia do almirante Heleno Nunes, divulgada no jornal em 1984, graças apenas a um pequeno anúncio pago pelo Clube de Regatas Vasco da Gama, em cuja sede seria velado o corpo do ex-comandante da CBD³⁴².

A enumeração das perdas repercutidas pelo *Jornal dos Sports* – e a explicitação dos critérios tácitos que preteriam no mais das vezes os atores do mundo dos esportes àqueles do *star-system* televisivo – pode passar a idéia de

³⁴⁰ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 21 de janeiro de 1983, p. 01.

³⁴¹ Cf. LOPES, J. S. L. “A morte da Alegria do Povo”. In: **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1992, n.º 20.

³⁴² Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 14 de março de 1983, p. 03.

que se tratava de um período exclusivamente negativo e de uma seqüência de desencantamentos pesarosos na esfera esportiva, artística e cultural. De fato, por um lado, é ponto pacífico que a cidade sofria a influência e o impacto das transformações em escala local – para muitos pesquisadores, como o economista Carlos Lessa, o declínio da cidade remontava ao esvaziamento econômico com a transferência da capital federal para Brasília em 1960³⁴³ –, e é óbvio que elas seguiam também alterações em nível nacional, em especial as ocasionadas pela crise do regime militar. As mudanças pressentidas refletiam muitos dos problemas derivados da política-econômica adotada ao longo dos anos de 1970 – os primeiros sinais dos efeitos explosivos do êxodo rural e de uma industrialização maciça sobre uma concentração urbana caótica, cujo corolário ganhava a forma da violência urbana e do incipiente tráfico de drogas nas áreas carentes da cidade³⁴⁴ –, tornando-se mais evidentes no momento em que Ernesto Geisel (1974-1979) e João Figueiredo (1979-1984) estiveram no poder.

Somada às questões locais e nacionais, a conjuntura internacional também se mostrava pouco auspiciosa. Ela podia ser verificada com a crise do petróleo, desde a criação da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) em 1973, e o respectivo aumento no preço do barril daquele produto, o que comprometeu o abastecimento mundial de energia. O recrudescimento dos conflitos históricos entre árabes e israelenses no Oriente Médio acirraria ainda mais a situação, com sua tensão repercutida em âmbito esportivo no clima de terrorismo vivenciado durante as Olimpíadas de Munique em 1972, quando onze atletas israelenses foram assassinados. Como é sabido, o *locus* olímpico se relevaria um campo fecundo para dramatizações de conflitos histórico-políticos, haja vista as vicissitudes da Guerra Fria expressa nos boicotes da delegação norte-americana às Olimpíadas de Moscou (1980) e da delegação soviética às Olimpíadas de Los Angeles (1984).

Malgrado as tentativas de suprir a carência de reservas petrolíferas com fontes alternativas, como o programa do Próalcool e as Usinas Nucleares instaladas em Angra dos Reis, fruto de um convênio brasileiro com a Alemanha

³⁴³ Cf. LESSA, C. **O Rio de todos os Brasis**: uma reflexão em busca de auto-estima. Rio de Janeiro: Record, 2000.

³⁴⁴ Cf. DAVIDOVICH, F. “Transformações do quadro urbano brasileiro: período 1970-1980”. In: **Revista Geográfica**. Rio de Janeiro: s.e., 1987, n.º 105.

Ocidental que em muito desagradou o governo norte-americano, as dificuldades governamentais não seriam sanadas. A crise se aguçaria ainda mais em 1979 com a Revolução Islâmica do aiatolá Khomeini e com a Guerra Irã-Iraque (1980-1988), o que contribuía para a reversão do otimismo desmesurado até então preponderante entre as hostes do governo. O panorama de ascensão vislumbrado pelo *milagre econômico* nos primeiros anos da década de 1970 era golpeado e tinha de lidar em meados da década com quesitos internos e externos que detinham o avanço previsto, criando obstáculos na marcha rumo ao progresso do decantado Brasil Potência.

A percepção dos embaraços vividos de maneira mais aguda pelo regime militar expunha suas fragilidades em nível parlamentar e institucional, com a imprevista derrota da Arena para o MDB nas eleições municipais de 1974, baque eleitoral que seria repetido nos pleitos de 1976 e 1979. As suas divergências intestinas também apareciam no momento em que o governo acenou com o projeto de abertura política “lenta, gradual e restrita”, elaborada pelo general Golbery do Couto e Silva, chefe da casa militar do presidente Geisel³⁴⁵. A divisão interna da corporação militar, com a existência de duas linhas principais – uma favorável ao endurecimento (os linhas-duras) e outra, mais moderada, simpática ao restabelecimento paulatino e controlado da ordem democrática (os castelistas) – tornava mais explícito o embate e a indefinição existente no seio decisório da alta cúpula governamental quanto ao caminho a ser seguido pelo país.

A ausência de controle e a indeterminação de rumos se evidenciavam nos atentados a bomba em manifestações civis, como a ocorrida no centro de convenções do RioCentro no Rio de Janeiro em 1981, quando ali se comemorava o feriado do Primeiro de Maio, Dia do Trabalhador, e nos casos de torturas perpetradas por setores do Exército e da PM. Muitas destas violações passavam a ser feitas sem o consenso e sem o consentimento dos escalões mais altos do governo, o que resultou, anteriormente, em mortes suspeitas nas dependências do DOI-CODI, como sucedeu com o jornalista Vladimir Herzog e com o operário Manuel Fiel Filho, membro do Partido

³⁴⁵ Cf. GASPARI, E. **A ditadura derrotada**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

Comunista Brasileiro³⁴⁶. Sob um ponto de vista histórico, é possível dizer que, com o avanço do militarismo no Brasil, as forças policiais levaram para o cotidiano das populações pobres as suas próprias formas brutais e cruéis de perseguição e penalização, com o surgimento nos anos 60 de grupos como o Esquadrão da Morte.

O acontecimento fatal que resultou na morte de Vlado, como era conhecido pelos colegas o chefe do departamento de jornalismo da TV Cultura, provocou a indignação de setores expressivos da população, com a realização de cultos ecumênicos capazes de reunir novamente multidões ao redor das praças públicas e das igrejas. O novo quadro dava ensejo à participação mais incisiva de organizações civis como a CNBB (Confederação Nacional dos Bispos do Brasil), a ABI (Associação Brasileira de Imprensa), a SBPC (Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência) e a OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), esta última presidida em 1977 por Raymundo Faoro, jurista e intelectual que passava a exercer pressão cada vez maior sobre o governo para o restabelecimento do sistema democrático. As entidades recebiam um importante respaldo internacional, uma vez que o presidente norte-americano Jimmy Carter, depois de os Estados Unidos terem patrocinado golpes e várias ditaduras no continente, começava a exercer pressão externa contra a violação dos direitos humanos na América Latina. No xadrez político posterior à Guerra do Vietnã, a hegemonia americana passava a acenar para a abertura e para o restabelecimento da ordem democrática como esteio universal dos valores morais e éticos dos EUA, contrapartida retórica do jogo da Guerra Fria, tendo em vista que a União Soviética se caracterizava pelo autoritarismo do partido único e pela forte burocracia estatal³⁴⁷.

Destarte, os condicionantes externos e internos estimulavam a retomada de grupos organizados desde o AI-5 – suspenso por Geisel em 31 de dezembro de 1978 – e encorajavam o reinício de uma onda de contestações e de protestos, com uma progressiva e crescente revitalização dos diversos movimentos civis e

³⁴⁶ Cf. PINHEIRO, P. S. “Autoritarismo e transição”. In: **Revista USP** – Dossiê Violência. São Paulo: s. e., 1991, n.º 9.

³⁴⁷ Cf. TEIXEIRA DA SILVA, F. C. “Crise da ditadura militar e o processo de abertura política no Brasil, 1974-1985”. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. (Orgs.). **O Brasil Republicano: o tempo da ditadura – regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003, vol. 4, p. 251.

sociais, cujo apogeu seria a campanha nacional pelas *Diretas Já* em 1984³⁴⁸. A atuação dos estudantes se somava às iniciativas progressistas de correntes da Igreja, como a Teologia da Libertação e as comunidades eclesiais de base (as CEBs), à congregação comunitária nas associações de bairro e à eclosão de uma nova vanguarda do sindicalismo brasileiro, cuja novidade histórica anunciada era se mostrar livre das peias tutelares do Estado. Tal movimento irrompia através das greves operárias protagonizadas pelos metalúrgicos das fábricas e das montadoras de empresas automobilísticas multinacionais do ABC paulista – Scania, Ford, Mercedes-Benz, Volkswagen, Chrysler – de onde emergiria a figura do líder sindical Lula. Em convergência com setores universitários e religiosos, estes sindicalistas lançariam os pilares da construção de um partido político de esquerda, dito não-stalinista e não-populista, o Partido dos Trabalhadores. Seu equivalente em nível internacional era Lech Walesa, ativista operário e líder sindical polonês que se colocou à frente de várias greves em seu país, católico oriundo da esquerda, porém um crasso anticomunista, mentor do sindicato independente Solidariedade, liderança com quem Lula se encontraria em 1981, na Itália³⁴⁹.

Uma vez abalada a unidade e a hierarquia militar das Forças Armadas e comprometida a prosperidade nacional, os problemas acumulados em tal conjuntura se tornavam cada vez mais visíveis: a queda dos índices econômicos, a perda do poder aquisitivo, o arrocho salarial, a recessão, a intensificação dos casos de criminalidade e violência urbana, a ausência de controle sobre o crescimento da inflação, o aumento da dívida externa, entre outros fatores. Outrossim, os dados relativos à preocupante realidade vinham entremeados e contrabalançados com as expectativas e as promessas nutridas por parcelas da sociedade face aos acenos de liberdade e de democracia que pareciam se avizinhar em um futuro próximo. Embora nada disso aparecesse noticiado nem constasse da pauta diária do *Jornal dos Sports*, como o fora de maneira tão enfática na convulsão política em fins dos anos de 1960, tal atmosfera alcançava de maneira indireta a seara esportiva, que via seu porvir igualmente renovado e franqueado pelo novo panorama institucional.

³⁴⁸ Interessante registrar como, nas edições da *Placar* e do *Jornal dos Sports* em que aparecem fotos do comício pelas *Diretas Já* na Candelária, é possível identificar bandeiras da torcida *Young-Flu* em meio às bandeiras de partidos políticos e de movimentos sociais presentes à campanha.

³⁴⁹ Cf. NOSSO SÉCULO. **op. cit.**, p. 286.

No que toca à classe dirigente desportiva, ocorria de igual maneira um processo de transição política, com a saída de cena paulatina dos militares, desde 1964 assenhoreados da maioria das instituições. Após a conquista do tricampeonato no México, a derrota sofrida na Copa do Mundo da Alemanha em 1974 era complementada por um fracasso consecutivo quatro anos depois, com a eliminação da Seleção Brasileira na Copa do Mundo da Argentina em 1978, quando coube a título de consolação para o país o epíteto eufemista de “campeão moral”. A seqüência de reveses nas quatro linhas punha em questão de forma extensiva a capacidade de comando, de organização e de disciplina extracampo – a eficiência e a austeridade tão preconizadas pelos militares. A despeito das críticas, a permanência do Almirante Heleno Nunes no cargo da CBD era confirmada para mais uma temporada de três anos, com sua reeleição na entidade homologada em janeiro de 1979³⁵⁰.

Entretanto, alguns meses depois, em meio a boatos, especulações e quedas de braço entre as federações desportivas de cada estado, o empresário Giulitte Coutinho, vice-presidente do CND, anuncia a criação da Confederação Brasileira de Futebol, a CBF, nova instância autárquica que desmembraria o futebol das demais modalidades esportivas vinculadas à CBD. Por meio deste artifício, Heleno Nunes perderia a ingerência plenipotenciária sobre o meio futebolístico, através de uma entidade que seria dirigida pelo próprio Giulitte Coutinho em 1980³⁵¹. A saída dos militares seria precipitada também em razão da desconfiança e do descrédito sobre o conjunto das instituições esportivas naquele momento, quando vem à tona em 1982 o desvendamento de um esquema de influência sobre o resultado dos jogos, destinado a interferir na premiação da Loteria Esportiva, orquestração em curso desde fins dos anos 70.

Embora a denúncia e a comprovação feitas pelo repórter investigativo da *Placar*, Sérgio F. Martins, acerca desse episódio também conhecido como “escândalo da loteca”³⁵², — a apuração de irregularidades pertencia a uma linhagem de matérias típica da política editorial da revista desde sua fundação —, tenham identificado não apenas dirigentes, como também o exorbitante

³⁵⁰ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1979, p. 01.

³⁵¹ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1979, p. 03. Em lugar de Giulitte Coutinho, contudo, a vice-presidência do CND seria assumida pelo coronel Antônio Brocchi, um quadro dirigente do Clube de Regatas do Flamengo.

³⁵² Na capa da revista vinha a inscrição bombástica: “Exclusivo: desvendamos a máfia da loteria esportiva”. Cf. PLACAR. São Paulo: Abril, 22 de outubro de 1982, n. 643.

número de cento e vinte e cinco cúmplices e comparsas, entre árbitros, jogadores, treinadores e radialistas envolvidos na máfia, era sobre os antigos cartolas de uma maneira geral que acabava por pesar a mácula dos arranjos escusos e das negociações suspeitas. Assim, em meio a tal atmosfera, em que parte considerável da imprensa esportiva assestava suas baterias contra os tradicionais dirigentes, alvos de sucessivas desmoralizações, a pressão pela renovação institucional era ainda mais acalentada pela opinião pública.

No afã de se diferenciar ou mesmo de se contrapor a esses dirigentes esportivos, partiria dos atletas, no mesmo momento, em final de 1979, a mobilização em torno da formação do Sindicato dos Jogadores Profissionais do Rio de Janeiro, reconhecido pelo Ministro do Trabalho, Murilo Macedo. O aparecimento dessa nova categoria corporativa pode ser considerado um dos exemplos no domínio esportivo da ambiência favorável à emergência de associações civis e de organizações populares. A criação do sindicato era um desdobramento das discussões iniciadas em torno da Lei do Passe em 1976, quando se pôs em debate a urgência na reformulação das relações de trabalho no universo futebolístico, a fim de livrar os jogadores do jugo histórico imposto pelos clubes, o que não havia sido contemplado desde a implantação do primeiro profissionalismo nos anos de 1930, nem sequer com a instituição do CND getulista em 1941, quando deixou de haver também a extensão homóloga dos direitos trabalhistas verificada junto às categorias profissionais mais tradicionais. A iniciativa de um sindicato partia da mobilização e do não-conformismo de atletas tidos como problemáticos e questionadores, que adotavam posturas críticas face à administração e ao modo de relacionamento hierárquico e patrimonial com os cartolas.

O surgimento do sindicato não passaria despercebido e saudado pelos leitores-torcedores do *JS*, encorajando-os a escrever para a coluna *Bate-Bola*:

“Sindicato dos Jogadores Profissionais”: “Venho a esta coluna, pela primeira vez, para parabenizar os jogadores Zé Mário, Zico e Paulo César Carpegiani pela conquista dos direitos profissionais dos jogadores. – Parabéns, também, ao Sr. Ministro do Trabalho, Murilo Macedo, que se empenhou em atender às reivindicações dos atletas brasileiros. Finalmente, os jogadores terão seu Sindicato. (Carlos Mafra, Rio).”³⁵³

³⁵³ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 28 de novembro de 1979, p. 02.

A entidade, presidida por Zé Mário, aglutinava atletas conhecidos por certo nível de conscientização e por certa rebeldia política, como o caso emblemático de Afonsinho, embora o destaque maior na época fosse para aquele tipo de jogador que ganhava notoriedade pela irreverência do ponto de vista comportamental, como Paulo César Caju. Ao longo da década de 1970, fundiam-se às vezes ambos os tipos, o contestador e o irreverente, expressos seja com os cabelos longos à moda *hippie* do argentino Doval³⁵⁴, que recebia o apoio de leitores-torcedores do Flamengo através de cartas para o *JS*, mas que tanto contrariavam o técnico disciplinador Iustrich; seja com a barba do mesmo Afonsinho; seja com o cabelo *black-power* de Jairzinho; seja com a comemoração do gol com o punho-cerrado de Reinaldo, artilheiro do Atlético Mineiro que erguia apenas um dos braços para render tributo aos *panteras negras* norte-americanos; seja ainda com a vestimenta em cores visuais e extravagantes do mesmo Paulo César Caju. A tentativa de unificação da classe e de edificação de uma entidade interessada na defesa dos direitos políticos e econômicos dos “trabalhadores da bola” se dava através da concretização deste sindicato³⁵⁵. Para tal intento, os jogadores sindicalizados contariam com a assessoria jurídica de Alexander Macedo, ex-atleta e advogado do meio esportivo que em 1983, durante a gestão do secretário de esportes do estado, Jorge Roberto Silveira, seria nomeado também presidente da Suderj em lugar de Robson Gracie.

Em São Paulo, a expressão paralela dessa tendência geral da sociedade e do meio esportivo à agregação e à construção de vínculos associativos ocorreria no seio de um dos clubes mais populares do país: o Corinthians. A participação dos jogadores nas decisões dos clubes estaria no cerne da Democracia Corintiana, instaurada em 1981, experiência pioneira levada a cabo por Sócrates, Casa-Grande e Wladimir. Os representantes do elenco do time

³⁵⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 09 de maio de 1970, p. 06. No final dos anos 60, em primeira página, uma foto com legenda do jornal também informava que Fio Maravilha havia aderido à onda *hippie*. Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 03 de maio de 1968, p. 01.

³⁵⁵ Para sua tese de mestrado, o antropólogo Ricardo Benzaquen entrevistou oito jogadores que organizavam no final dos anos de 1970 o sindicato de atletas profissionais do Rio de Janeiro, examinando as categorias explicitadas pelos entrevistados em relação aos valores individuais – como o dom e o esforço pessoal – necessários ao sucesso na carreira futebolística. Cf. ARAÚJO, R. B. de. **Os gênios da pelota**: um estudo do futebol como profissão. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Antropologia Social / Museu Nacional – UFRJ, 1980.

pleiteavam uma nova forma de relação com os dirigentes, interação historicamente marcada pelo paternalismo e pela hierarquia. Sob o comando à época do empresário Waldemar Pires, na presidência do clube, e do sociólogo Adilson Monteiro Alves, na vice-presidência de futebol, as decisões no Corinthians eram deliberadas em consonância com um fórum em que os jogadores participavam e onde podiam emitir suas opiniões referentes à concentração e à compra e venda de atletas, bem como à escolha do técnico³⁵⁶. Às vésperas das eleições diretas para governadores de estado, os jogadores corintianos entravam em campo empunhando a faixa: “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia”³⁵⁷.

Ainda no contexto dos anos 80, a iniciativa dos jogadores corintianos levaria a filósofa Marilena Chauí a extrair *en passant* significados sociológicos maiores do fato:

“Contra a militarização patriótica do futebol insurgiram-se os jogadores do clube mais popular do Estado de São Paulo – o Corinthians Paulista – criando a *democracia corinthiana*. Os jogadores passaram a interferir nos treinamentos (contestando os ‘técnicos’, quando necessário), recusaram a chamada ‘concentração’ (recolhimento das equipes ao isolamento absoluto durante as épocas de campeonatos), elegeram representantes para discutir e negociar seus interesses com a direção do clube e sobretudo promoveram eleições diretas da nova diretoria, com voto de todos os associados. Ao vencer um campeonato estadual e um nacional, a *democracia corinthiana* tornou-se um dos símbolos da reivindicação e da luta contra a ditadura no país.”³⁵⁸

Em que pesem as ressalvas às generalizações automáticas e às correlações mecanicistas, com ilações maiores do que elas foram percebidas de maneira efetiva por seus agentes, a via funcional-dedutiva parece oportuna por ora para a explicação e para a descrição contextual de um fenômeno que se deseja aqui explorar. As coordenadas contidas no espectro de informações preliminares, acima expostas, possibilitam em parte a compreensão da emergência e da experiência de uma pouquíssimo comentada entidade associativa entre os torcedores de futebol carioca: a Associação de Torcidas

³⁵⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 19 de abril de 1983.

³⁵⁷ Uma reportagem do *Jornal dos Sports* dava destaque a Sócrates, principal mentor da participação do jogador como um trabalhador do futebol. Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 19 de abril de 1983.

³⁵⁸ Cf. CHAÚÍ, M. **op. cit.**, p. 103-104.

Organizadas de Futebol do Rio de Janeiro, a ASTORJ. À semelhança do sindicato dos jogadores, a agremiação já se insinuava como possibilidade e projeto desde o final da década de 1970, tal qual se irá mostrar mais adiante com as cartas veiculadas no *JS. Grosso modo*, seu ideário era, em consonância com a plataforma de demandas e de participação dos atletas, a congregação dos interesses comuns dos torcedores em geral e das torcidas organizadas, em particular, sob o lema geral estampado no símbolo de sua camisa: “Congregar, Congraçar, Unir”.

Latente e difusa durante certo tempo entre os torcedores, a idéia seria materializada e concretizada em 1981, por iniciativa de Armando Giesta, então líder de uma facção da torcida do Fluminense, a Young-Flu. Ao todo, a associação contaria com cerca de quinze anos de existência. Seu primeiro presidente seria o próprio idealizador, que ficaria à sua frente entre 1981 e 1983. Em seguida, ela seria comandada por Wilson Amorim, da Bancica, uma torcida organizada do Bangu, indo de 1984 a 1986. Dentro da rotatividade prevista para as lideranças segundo a diversidade de torcidas de cada clube, o presidente seguinte foi Roberto Branco, da Raça Rubro-Negra, que presidiu a ASTORJ entre 1987 e 1989. Sem passar pelas lideranças de torcida de Vasco e Botafogo, que viam com reservas a entidade, o comando retornou a Armando Giesta e durou até meados da década de 1990, quando a entidade foi dissolvida em meio à falta de representatividade e à incapacidade de sanar o principal estigma que acometia e pesava sobre as torcidas organizadas: as rixas, as brigas, os confrontos, numa palavra, a violência.

Vale dizer que uma associação similar existiu em São Paulo, tendo sido lançada cinco anos antes que no Rio de Janeiro. A instituição da ATOESP remonta suas origens ao final da década de 1970. Ela foi presidida de início por Flávio de La Selva, fundador dos Gaviões da Fiel, embora pouco se saiba acerca de seu real funcionamento e haja poucas informações disponíveis sobre sua trajetória posterior. No caso das torcidas cariocas, o propósito e a justificativa imediata para a sua criação foram a reivindicação de um assento e do direito a voto no Conselho Arbitral da Federação de Futebol do Estado do Rio (a FERJ), então sob gestão de Otávio Pinto Guimarães, a fim de influenciar no processo decisório sobre uma polêmica questão e muito concreta na época: o preço dos ingressos.

Há mais de uma década no posto, desde quando o órgão ainda era conhecido como Federação Carioca de Futebol (FCF), o tradicional dirigente e futuro presidente da CBF na década de 1980, Otávio Pinto Guimarães, tinha como vice-presidente então o campista Eduardo Viana, mais tarde conhecido de forma pejorativa como Caixa D'Água, que apareceria no cenário esportivo carioca em 1979³⁵⁹. Este já se insinuava na sucessão do cargo e ganhava respaldo na medida em que era sacramentada em 1975 a aprovação do voto unitário em detrimento do voto plural dos clubes, com a alteração da correlação de forças no interior da entidade. A passagem do voto proporcional ao voto majoritário implicava em transformações relativas à configuração de poder na organização do Campeonato Carioca. Este passava a equiparar o peso dos interesses dos clubes de pequeno porte e dos clubes do interior do estado ao dos grandes clubes da capital, o que dava aos primeiros maioria no jogo político local.

A despeito do novo quadro, a luta da ASTORJ continuava a incidir na questão dos lucros auferidos pelos dirigentes dos grandes clubes à custa do dinheiro dos torcedores e na mobilização desencadeada pela oposição às propostas de aumento sucessivo das entradas, por meio de protestos à primeira vista espontâneos e de inéditas greves. Salvo a participação no Conselho Arbitral e sua influência nas negociações sobre o valor dos ingressos, graças ao diálogo e às boas relações estabelecidas pelos torcedores com Otávio Pinto Guimarães, a pauta da ASTORJ abrangia ainda o controle sobre a distribuição das credenciais aos chefes de torcida, até então concedida diretamente a cada líder, para a entrada gratuita nos jogos, e a solicitação de uma sala para a entidade nas dependências do complexo do estádio do Maracanã – além das salas já existentes, restritas a uma por clube –, medidas cuja autorização competia por seu turno à SUDERJ e, portanto, ao governo do Estado. Enfim, tratava-se da tentativa de constituição de uma instância com espírito corporativo que reclamava e assegurava os direitos considerados legítimos pelos torcedores.

O ambiente favorável ao estabelecimento de um elo institucional de representatividade entre as torcidas e o meio esportivo possuía discretos e às

³⁵⁹ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 05 de janeiro de 1979, p. 01.

vezes quase imperceptíveis fatores de ordem conjuntural que concorreram para o entendimento da criação e da legitimidade da ASTORJ. Eram as “miudezas fundamentais” de que fala Carlos Fico ao abordar as múltiplas conexões entre história social e vida cotidiana, entre crônica política e história política³⁶⁰, na esteira da visão consagrada pela micro-história italiana, segundo a qual de um ponto de vista metodológico deve-se dar atenção aos detalhes que possibilitam o descortinar de uma nova decifração e apreensão da totalidade. Neste sentido, é possível conjecturar, a presença da televisão no cotidiano do brasileiro também impregnou a vida futebolística e contribuiu para moldar de maneira indireta e sub-reptícia o comportamento das torcidas, com as transmissões das partidas conferindo ainda mais visibilidade aos agrupamentos de torcedores, mediante a propagação televisiva de suas faixas, de suas bandeiras e de seus cânticos.

Uma das decorrências midiáticas desse processo se daria no ano de 1979, quando as torcidas passam a ser alvo de um programa de televisão exclusivo, em esfera local, intitulado *Conversa de Arquibancada*, que a TV Bandeirantes levaria ao ar durante alguns anos. Se até então os chefes de torcida eram convidados a assistir ou a participar de maneira esporádica ou informal nas mesas-redondas e nos debates esportivos promovidos por emissoras de rádio e televisão, um programa semanal único era realizado aos domingos no horário de almoço que antecedia aos jogos, entre 13:00hs e 14:00hs, conforme noticiava o *Jornal dos Sports* em boxe de um anúncio pago pelo canal 7³⁶¹. Como fomento à preparação e à expectativa para as partidas dominicais, criava-se um espaço onde os chefes de torcida eram os atores principais. Este consistia em um momento destacado de visibilidade, propício à livre-expressão e à opinião dos torcedores que participavam uniformizados e contribuía ainda mais para dar notoriedade às torcidas. Com a mesma estrutura dos programas de auditório, o animador Hamilton Bastos comandava a programação, na qual as diferentes torcidas organizadas cariocas ocupavam tanto a platéia quanto o palco: as lideranças ficavam neste, que tinha o formato arquitetônico de uma arquibancada, enquanto sua claqué de seguidores naquele.

³⁶⁰ Cf. FICO, C. “Espionagem, polícia política, censura e propaganda: os pilares básicos da repressão”. In: FERREIRA, J.; DELGADO, L. (Orgs.). **op. cit.**, p. 173.

³⁶¹ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 03 de março de 1980, p. 06.

Outro elemento que contribuiu para a fundação da ASTORJ foi, como exposto no item anterior, a efervescência proporcionada pela onda associativa das torcidas. Antes da abordagem do ponto central desta seção, as reivindicações que resultaram em uma série de revoltas protagonizadas pelas torcidas e pela Astorj no início da década de 1980, é necessário um pouco mais de atenção em relação a este ponto. Isto porque, além de sua importância em si própria, o associativismo era objeto de debates acalorados com notável repercussão na coluna *Bate-Bola*.

Desde a instauração das dissidências juvenis em fins de 1960, o número de torcidas organizadas nos estádios mostrou uma escalada crescente, por vezes vertiginosa, a cada jogo, a cada mês e a cada ano durante a década de 1970, o que acendeu uma grande discussão, com opiniões as mais díspares nos jornais especializados. Enquanto no primeiro quinquênio dos anos 70 as torcidas variavam entre quatro e oito associações, na segunda parte do mesmo decênio os números chegavam à escala das dezenas. A tendência à representação territorial das torcidas, divididas de acordo com cada bairro no interior do estádio, só se dilatou no decurso daqueles anos e na virada para o decênio de 1980. Um de seus efeitos foi tomar a forma de uma competição paralela na seção *Bate-Bola* do *JS*, onde os torcedores de cada clube alardeavam a superioridade numérica sobre as demais. A comprovação era dada por uma listagem em que se arrolavam as torcidas de cada clube. Em 1976, um vascaíno escrevia para a coluna do *Jornal dos Sports* e publicava uma lista das faixas por ele identificadas nos estádios, em um total de vinte e três torcidas organizadas do Vasco:

“Força Jovem, Adeptos de Petrópolis, Torcida Organizada (TOV), Vascante, Vascancela, Olavascos, Vascooper, Píer-Vasco, Vascarepaguá, Vascambi, Vascaxias, Vascachaça, Vasreal, Vascalhau, Laravasco, Exorci-Vasco, Alfivascos, Vasco da Penha, Buda-Vasco, Com o Vasco onde o Vasco estiver, Camisa 12, Elite Vascaína, Pequenos Vascaínos.”³⁶²

No ano seguinte, o número de torcidas vascaínas saltava de vinte e três para quarenta, na contagem de outro correspondente cruzmaltino. Ato-contínuo, leitores rubro-negros respondiam ao desafio numérico. Se em março

³⁶² Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 30 de janeiro de 1976, p. 02.

de 1977 uma lista fazia menção a vinte e nove facções, dois meses depois o número pulava para oitenta! Não contentes, em outubro do mesmo ano, os flamenguistas chegavam aos pináculos da obsessão contabilística, com uma lista de nada menos que improváveis cem agremiações. As cartas referiam-se também aos desentendimentos gerados nos estádios, em virtude do número excessivo de faixas, incompatíveis com o espaço limitado dos alambrados que se destinavam à sua colocação. A fluidez e a volatilidade dos grupos, com seus repentinos aparecimentos em um jogo e sumiços nas partidas seguintes, explicavam o fato de que dois anos depois fossem catalogadas por um missivista do Flamengo setenta e uma torcidas, cerca de trinta a menos da vez anterior. Os botafoguenses pouco se manifestavam sobre o assunto, ao passo que os escritores-tricolores não queriam ficar para trás de rubro-negros e vascaínos e, em 1978, diziam constar também de uma centena de facções de torcida do Fluminense.

Em meio ao jogo competitivo do ponto de vista numérico-verbal, no mesmo ano de 1978, voltava a haver um clamor entre leitores ditos mais cautelosos para a unificação dos grupos. Eles apelavam para a sensatez e para o cerceamento à “ridícula” atitude de se criar uma torcida por partida. A experiência de um freqüentador de estádios estimulava-o a fazer um balanço reflexivo das torcidas e a necessidade imperiosa de restringi-las a um número menor, que se assentassem em bases mais sólidas:

“Torcidas organizadas do Flu”: “No jogo entre Fluminense e Botafogo tive a alegria de assistir a uma verdadeira demonstração de força e poderio das Torcidas Organizadas do Fluminense. Deram um verdadeiro show de incentivo, cobrindo o Mário Filho (Ah, Mário Filho, se você estivesse lá!) com seus gritos, bandeiras, faixas e o mais importante: sem soltar foguetes.

Dentre as torcidas, três se destacaram mais, arrastando a massa tricolor ao delírio, sendo que duas já se tornaram um hábito, as poderosas Young Flu e a Jovem Flu. A terceira ressurgindo das cinzas, refiro-me à Força Flu.

Aproveito a oportunidade para fazer um apelo e dar um conselho amigo aos torcedores. Se você gosta de torcidas organizadas, não faça a besteira de criar outra delas. Você estará gastando o seu dinheiro; estará enriquecendo as fábricas de malhas (únicas beneficiadas). Não fique no Mário Filho igual a barata tonta, torcida organizada exige tempo, dinheiro, gabarito, conhecimento e acima de tudo crédito. Entre para uma verdadeira torcida organizada. Existem torcidas que têm verdadeiros líderes como Gino e Armando da Young Flu, Sérgio da Jovem Flu e o esforçado Ricardo da Força Flu.

Não seja bobo pois nos últimos dez anos conheci mais de cinquenta torcidas organizadas e só estas três sobreviveram. Veja que não minto, vá ao Mário Filho. O Fluminense será melhor se as torcidas, ao invés de se dividirem, somarem. (Bráulio Mesquita, Rio de Janeiro).³⁶³

Na mesma linha de raciocínio, um rubro-negro ponderado fazia reflexão semelhante no que se refere às torcidas do Flamengo, divididas por ele em três categorias: grandes, médias e pequenas. O missivista sabia de antemão que seria ilusório juntá-las, com a sua dissolução e a posterior reintegração delas em uma só. Embora não explicitado, sua utopia unitária sugeria a intenção de uma espécie de regresso às origens, ao tempo em que as torcidas de cada clube eram apenas uma, como nas décadas de 1940 e 1950. Em virtude da fragmentação, ao menos, o leitor pedia às torcidas medianas a sua integração às maiores e solicitava às pequenas o bom-senso da auto-extinção, uma vez que não representavam em verdade nada nem ninguém, menosprezando-as e mandando-as às favas. Eis seu longo balanço:

“Vaidade de torcedor”: “Em 7/12, nossa coluna publicou abaixo da carta intitulada ‘Nós votamos na Flario’ e entre ‘Os 10 mais do futebol’ uma correspondência de um excelente rubro-negro que conclamava bonito gesto para que o torcedor do Flamengo se unisse e esquecesse a vaidade de conclamar esta ou aquela facção, unindo a torcida em uma só! Elo forte. Seria o ideal, todavia, querido leitor, eu, embora não pertença ainda a nenhuma facção e, como rubro-negro atuante, tenho algum relacionamento com alguns presidentes de torcida do Flamengo e, sinceramente, os torcedores avulsos só aparecem quando querem ou em clássicos no Maracanã. As torcidas organizadas (facções) têm que ser enaltecidas, entenda a função da torcida palmeirense com uma centena de ônibus e outra centena de carros particulares. Outrossim, enquanto a Flaponte e Jovem uniram-se em determinado setor e a Raça Rubro-Negra ao seu estilo incetiva nosso time, vemos a Charanga lutando para manter a tradição do maior rubro-negro da história do Flamengo (Jaime de Carvalho). Outrossim, Dragões, Flamor, Flatuante, Flamilha, Flachope, Fla 12, Flapovo, Flaraó, Garrafla, Flanorte, São Gonfla e etc., mantêm-se em nível equilibrado (estacionados), vejo a Flario crescendo e tentando unir em seu setor as facções que adotem seus uniformes com fundo branco, a exemplo já conseguiu as adesões da Fladureira, Flacoelho e Dó-Ré-Mi-Fla, e tristemente vejo algumas em extinção, como Irafla, Flaxiense, Flacoelho, Flás de Pina, Flabicão etc... e não poderia deixar de registrar as ridículas Flacoad, Noel Fla, Fla Gol, Flajabour etc, que possuem somente um componente. Por tais razões, entre outras, é que sou a favor que as facções mais fortes façam sempre suas promoções, que as intermediárias unam-se para

³⁶³ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1978, p. 02.

maior fortalecimento com as potentes e as em extinção terminem definitivamente, desobstruindo o caminho e seus componentes poderiam reforçar as consideradas grandes. Aproveito para pedir que todo torcedor rubro-negro que frequenta os estádios que associe-se à torcida organizada que melhor lhe convier, é interessante e agradável em todos os sentidos. Finalizo para pedir ao conselho diretor maior critério de seletividade para conceder aprovação a novas facções do Flamengo, pois estamos chegando ao ridículo de inaugurar uma em cada jogo, com alguns poucos componentes, que somente comparecem em clássicos no Maracanã, e extinguindo-se uma após outra, melancolicamente. Sugiro que somente as fortes e atuantes tenham direito a expor faixas e outras regalias nos estádios e que as em extinção retirem e arquivem seus materiais, aumentando espaço para as que possuem estrutura e acompanhem sempre o Flamengo. Abraço a todos os rubro-negros e em especial ao Manoel Nequinho, vice-presidente da Flario (Luiz Gonzaga de Freitas – Niterói, RJ).”³⁶⁴.

Em paralelo à campanha para se estancar a fundação de novos grupos e ao menosprezo às torcidas de menor porte, a fim de fortalecer os núcleos maiores ou já estabelecidos, o recrutamento de mais membros era tarefa imperativa para cada uma das agremiações já existentes que almejavam crescer e estas não pareciam dispostas a abrir mão deste direito. Os líderes das agremiações menores escreviam tão-somente para desmentir boatos acerca de seu desaparecimento dos estádios:

“Exorci outra vez”: “Amigos, conforme já foi publicado no BATE-BOLA, volto a dizer que falam por aí que nossa querida e fiel torcida Exorci-Vasco não existe mais. Estão muito enganados os que pensam assim, pois estamos mais vivos que nunca e com muita disposição para a temporada que se inicia. Não estamos escrevendo para criticar ou lamentar, mas sim para esclarecer aos prováveis inimigos que ainda estamos com vida, pois há um ditado muito certo que diz “Quem viver verá”. Aguardem, pois este ano estamos firmes e fortes como nunca. Aproveito a oportunidade para lembrar a nossos adeptos que continua a venda de nossas camisas exorcizantes por Cr\$ 20,00 e dos badaladíssimos plásticos – considerados pela imprensa os mais bem bolados dos últimos tempos – pelo preço de apenas Cr\$ 2,00. Não posso terminar sem agradecer a força que o JS está nos dando nem destacar a ajuda inestimável da nossa querida madrinha, a Torcida Organizada, comandada pela sensacional Tia Dulce Rosalina. (Luís Carlos – Comando Exorci-Vasco – Méier – RJ).”³⁶⁵

Ainda que a maioria delas tivesse origem em bairros determinados, destinados a congregar moradores de uma mesma região, o convite à filiação

³⁶⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 23 de dezembro de 1979, p. 02.

³⁶⁵ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1976, p. 02.

era indiscriminado, sem prescrições de procedência e de local de moradia. Sob tal égide, a coluna do *JS* parecia continuar a constituir um veículo de intermediação, ideal para os anúncios:

“Os Falcões da Flaponte, torcida organizada do Mengo de São Gonçalo, solicita a você, flamenguista, que vai ao Maracanã e fica isolado ou com pequeno grupo, para juntar-se a nós. Somos da Flaponte e ficaríamos muito contentes com sua presença. Não seja um torcedor solitário, não fique só, torça em conjunto, torça com os Falcões pelo Mengo. A Flaponte conta com a sua ajuda. Leve sua bandeira. Vá com a camisa do Flamengo, a camisa dos Falcões da Flaponte ou a camisa da sua facção. Grite. Incentive. (Célia Madureira e Licéia Jardim – Relações Públicas).”³⁶⁶.

*

“Você que é do tipo torcedor solitário, siga um conselho: procure imediatamente a torcida Garrafla e estaremos de braços abertos para qualquer tipo de solicitação. (Elisabeth Cravo — Diretora de Divulgação).”³⁶⁷.

Essas cartas que visavam angariar adeptos podiam ser escritas tanto por anônimos simpatizantes quanto pelo próprio presidente da torcida. Ponto de encontro virtual, a coluna agregava com o tempo um sentido comunitário, ao agrupar simpatizantes de um mesmo clube. O estreitamento de laços levava os leitores à proposição da ASCOVA, a Associação de Correspondentes Vascaínos, uma forma de intercâmbio de informações regulares entre os cruzmaltinos leitores do jornal, com direito inclusive a um presidente formal: Francisco das Chagas³⁶⁸. Dentro da embrionária e incipiente divisão de atividades no interior de uma torcida organizada, a sistemática freqüência na comunicação com essa seção do jornal fazia emergir uma pessoa específica, entendida como “relações públicas”. Eram em sua maioria de jovens do sexo feminino, designadas para cumprir a função de uma espécie de secretária ou de comunicadora social da torcida. A publicidade de tal posição pode ser observada na seguinte missiva, na qual fica explícita ainda a usual visão do lugar da mulher nesse meio, extensão parcial de sua representação tradicional na sociedade, submissa aos quesitos estéticos e aos critérios de beleza requeridos pelos anunciantes:

³⁶⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 04 de janeiro de 1978, p. 02; Cf. também **ibid.** Rio de Janeiro, 11 de abril de 1980, p. 02.

³⁶⁷ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 08 de janeiro de 1978, p. 02.

³⁶⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 05 de abril de 1978, p. 02.

“Relações Públicas”: “A Torcida Flamante está selecionando a mais bela garota para preencher o nosso lugar de Relações Públicas. Se você é linda, quer ficar conhecida pela crônica esportiva carioca, venha trabalhar conosco. Telefone para 243-4251, com os srs. Celso ou Paulo César, após as 20 horas, ou venha à Rua do Riachuelo, 252/108, com o Sr. Tupyara.”³⁶⁹.

A presença de moças e mulheres na coluna animava a correspondência, com a geração de todo o tipo de sondagem e até flertes às “gatinhas da coluna”³⁷⁰. Em dias intercalados, um mesmo leitor publicava cartas cujos títulos davam uma idéia dos assuntos versados: “Fofocas da galera”, “Fofocas n. II” e “Fofocas 3”³⁷¹. Em meio às especulações sobre a vida e sobre as segundas intenções dos missivistas, uma torcedora testemunhava como havia sido o processo de aproximação e o respectivo ingresso em sua torcida, onde fizera várias amizades³⁷². A ocupação feminina do cargo de Relações Públicas não era, contudo, uma regra fixa. Situações menos formais podiam alçar um indivíduo àquela posição no interior da torcida, como no extenso caso de um botafoguense relatado a seguir. Nele se consegue flagrar de igual maneira os arranjos e rearranjos que estão na base das fusões e das dissensões, dos movimentos centrípetos e centrífugos entre as facções de um mesmo clube, fagocitando-se e absorvendo-se umas às outras, com o livre-trânsito dos torcedores de uma torcida a outra. O contraste de tamanho entre a sucinta carta anterior e a caudalosa que se segue é reveladora da diversidade de formato e do caráter proteiforme das correspondências enviadas à seção BB. A própria coluna pode estar na raiz do surgimento da figura do “relações públicas”, como é lícito especular também com base no que é sugerido abaixo:

“Uma explicação”: “Comecei a freqüentar o Maracanã, com maior intensidade, a partir do ano de 1978. Neste ano já existiam a Torcida Organizada do Botafogo, a Jovem Unifogo e a Copafogo. Mas a TOB é quem mandava: tinha um maior número de componentes. A Unifogo, ao passar do tempo, começou a entrar em decadência e a Copafogo, por mais que tentasse, não poderia encarar a TOB como igual. Surgiram as torcidas Águias Alvinegras e Fogo Livre. A primeira foi um sucesso na estréia. Depois, foi ficando cada vez menor. Já a Fogo Livre, de meu amigo Alex, era muito pequena.

³⁶⁹ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 17 de fevereiro de 1977, p. 02.

³⁷⁰ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 28 de março de 1980, p. 02.

³⁷¹ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 31 de julho de 1980; 03 de agosto de 1980; e 05 de agosto de 1980, p. 02.

³⁷² Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 01 de agosto de 1980, p. 02.

Chegou o final do ano de 1980. E todas as torcidas acima, com exceção da TOB, fundiram-se para dar lugar à Torcida Jovem do Botafogo, que, hoje, ocupa o lugar, nas arquibancadas, da extinta Jovem Unifogo, de Fernando Mesquita. A princípio fui contra essa fusão, pois, como vocês devem saber, o Botafogo é o único dos quatro grandes do Rio que tem menos torcidas organizadas. Saíram quatro para entrar uma. Valeu a pena? Digo que sim, pois é melhor se ter uma torcida grande e valente, do que quatro pequenas e fracas. A Jovem foi cada vez crescendo mais e eu, cada vez mais, passei a elogiá-la aqui, nesta coluna. Não sou puxa-saco de ninguém ou, pelo menos, não preciso ser. Sempre admirei a TOB. Mas a partir do momento do surgimento da Jovem minha admiração foi mudando. Até que mudei totalmente: os componentes da TOB, em sua maioria, foram para a Folgada, que não gosto muito, mesmo sendo comandada por Russão, um torcedor fanático, conhecido e experiente. Portanto, nada mais justo do que elogiar a Jovem – uma torcida cada vez melhor. E, fazendo assim, fui convidado para ser relações públicas dessa torcida, junto com Vinícius da Silva. E aceitei com o maior prazer. Não é uma torcida grande como a Raça Rubro-Negra, mas procura estar lá. Seus componentes são rapazes de classe média e que, às vezes, nem podem ir a Campos por falta de dinheiro. Mas lutam contra tudo e contra todos para acompanharem o Botafogo. E, por ser uma torcida decidida a ir para frente, tem o meu apoio. (João Fernando Kassa).³⁷³

Se a maior parte das torcidas emergentes tinha vida efêmera nos estádios, haja vista seu espontaneísmo e seu voluntarismo, com a falta de infra-estrutura e de regularidade para a sua manutenção no acompanhamento do clube, havia, entretanto, facções cujo planejamento parecia ser efetuado com antecedência e método. A preparação podia ser percebida na importância dada à elaboração do nome da torcida, que deixava os neologismos e a toponímia geográfica – alguns com toscos trocadilhos, diga-se de passagem – para buscar vincular-se como marca a uma determinada tradição do clube ou como lema de uma qualidade moral considerada indispensável ao time em campo. As cartas publicadas no *JS* permitem a observação de como se dava a anunciação e a estruturação prévia do grupo antes de seu aparecimento nas arquibancadas. Tal seria o caso de uma torcida organizada criada em abril de 1977, a Raça Rubro-Negra, mencionada na carta anterior como uma torcida de grande porte, cujos mentores conceberam de maneira metódica o seu surgimento. A idéia de sua fundação foi lançada meses antes, entre outras formas, através da coluna de leitores do *Jornal dos Sports*, como vem de ser dito a seguir:

³⁷³ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 27 de outubro de 1981, p. 02.

“Ressurreição com Raça Rubro-Negra”: “Há algum tempo a torcida do Flamengo precisa reviver os tempos áureos de maior e melhor torcida do Brasil, tempos em que a torcida ganhava jogo. Sabedores dessa necessidade é que os organizadores da Raça Rubro-Negra – o maior movimento de torcidas do Brasil – vêm fazendo um trabalho no sentido de reativar esse vulcão chamado torcida do Flamengo. A idéia está lançada e dentro em breve estará nas arquibancadas, demonstrando a todos que este gigante não morreu, está apenas adormecido, prestes a despertar e empurrar o seu Flamengo para as grandes vitórias. Empurre também o Flamengo para a vitória, vá à banca do Falcão, na praçinha do Maracanã, situada entre as ruas São Francisco Xavier e a Avenida 28 de Setembro, a partir das 8 horas, levando Cr\$ 30,00, dois retratos 3 x 4, com nome, endereço e junte-se à Raça Rubro-Negra, fazendo do seu grito um canto, hino que consiga elevar, levantar o nome rubro-negro aos mais altos pedestais, lugar esse que lhe é de fato e de direito. Vem aí a Raça Rubro-Negra, o maior movimento de torcidas do Brasil. (Lúcio da Cruz – RJ)”³⁷⁴.

A criação de um grupo com um slogan grandiloqüente – “o maior movimento de torcidas do Brasil” – se justificava com base em uma glorificação do passado da torcida do Flamengo. Uma saga pregressa era combinada a uma avaliação que diagnosticava um presente de estagnação, para o qual urgia uma ação. Esta era uma razão legitimadora para o lançamento e para a emergência de um grêmio que iria redimir e fazer jus à sua história. Com conhecimento dos anos de ouro do clube, o idealizador do grupo exaltava os ex-presidentes do Flamengo das décadas de 1949 e 1950, Dario Melo Pinto, Orsini Coriolano e Gilberto Cardoso, este último responsável pelo tricampeonato do time de futebol de 53/54/55, e invocava os nomes dos ex-jogadores Biguá, Tomires e Pavão, encarnação da fibra dentro de campo, todos símbolos de inspiração e atributos a serem seguidos pela nova torcida.³⁷⁵

O princípio ativo da disposição em campo vinha expresso e melhor traduzido em uma sigla, em um emblema, em um slogan legendário, que no caso possuía um sentido polissêmico: “Raça Rubro-Negra”. Se a fonte de inspiração do grupo provinha dos valores dos jogadores em campo, a sua força, em compensação, ancorava-se na crença de que a presença dos torcedores na arquibancada tornava-se uma influência decisiva e contribuía sobremaneira no rendimento dos atletas dentro das quatro linhas. Assim, ao lado das torcidas amparadas na identidade territorial, assistia-se à fundação de grupos que

³⁷⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1977, p. 02.

³⁷⁵ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 16 de dezembro de 1976, p. 02.

denotavam atributos morais, significações sobrenaturais ou qualidades coletivas, pinçados internamente, mas também externamente, ao universo esportivo. Assim, a tripla caracterização das torcidas no período — espontâneas, bairristas e juvenis — apontada pela socióloga Elisabeth Murilho em sua dissertação de mestrado³⁷⁶, conquanto pertinente, adequada e válida em sua integralidade, comportaria ainda outros matizes e outros vieses igualmente importantes.

A liberalidade na invenção de novos grupos no final dos anos 70 teria, contudo, limites. Duas novas torcidas organizadas seriam recebidas com acrimônia e muita reserva no noticiário esportivo. O caso, para muitos bizarro, anedótico e pouco crível, consistiu no surgimento de duas torcidas no Rio de Janeiro formada por homossexuais: a Fla-Gay e a Fo-Gay. Sendo a primeira idealizada pelo carnavalesco Clóvis Bornay e a segunda por Carlos Imperial, ambas se inspiravam na Coligay, torcida organizada do Grêmio fundada a nove de abril de 1977, que teria quatro anos de existência, cujo nome era uma contração da boate Coliseu de Porto Alegre, freqüentada por aqueles torcedores³⁷⁷. No Rio, esse gênero de torcida seria rechaçado com muito mais veemência do que o foram, por exemplo, as torcidas femininas na época de seu aparecimento, no início da década de 1970. A questão veio à tona no *Jornal dos Sports* no mês de outubro de 1979, em manchete taxativa de primeira página: “Márcio Braga veta a Fla-Gay”³⁷⁸. No dia seguinte a uma derrota para o Bangu, o presidente rubro-negro voltava a se indispor contra a torcida: “Foi praga da Fla-Gay”. Antípodas dos princípios viris evocados pela maioria das torcidas, esses grupos geravam uma resistência não apenas dos dirigentes, mas sobretudo dos torcedores organizados nas arquibancadas. Depois de desqualificar a Fo-Gay, o chefe da torcida alvinegra, Russão, definia aquele movimento como uma “palhaçada pederasta”³⁷⁹.

Nessa ocasião também, dois agrupamentos menos polêmicos tentavam evocar e reviver experiências antigas. O primeiro era a Organizada Jovem-Flu, novo nome adotado pela Torcida Organizada do Fluminense (TOF),

³⁷⁶ Cf. SILVA, E. M. da. **As torcidas organizadas de futebol: violência e espetáculo nos estádios**. São Paulo: Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais – PUC/SP, 1996, p. 113.

³⁷⁷ Cf. PLACAR. São Paulo: Abril, 26 de janeiro de 1987, n. 869, p. 80.

³⁷⁸ Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 13 de outubro de 1979, p. 01 e 12.

³⁷⁹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 28 de outubro de 1979, p. 07.

comandada por Sérgio Aiub, nomenclatura que remetia à aura da famosa *Jovem Flu* de Hugo Carvana, Chico Buarque e Nelson Mota, de fins dos anos 60. O segundo grupo denominava-se Dragões Rubro-Negros, fundado em 1977 por José Vaz e Ernesto Escovino, na condição de dissidência da tradicional *Charanga*. Logo após a morte de Jaime de Carvalho, um desentendimento com dona Laura, viúva do torcedor, acarretava o desligamento dos dois componentes que, com o nome da nova torcida, pretendiam homenagear o ancestral *Dragão Negro*, grupo de notáveis da política interna do Flamengo durante os anos 50, tais como José Maria Scassa, Ary Barroso e José Lins do Rego. A condição germinal dada a uma denominação era salientada nas cartas como forma de identificação, de aglutinação e de diferenciação:

“Falange – um novo jeito de ser”: “Tudo aconteceu há dois anos atrás quando um grupo de alunos do Colégio São Vicente resolveu fundar uma nova facção de torcida do Flamengo. Seleccionados alguns simpatizantes do ‘mais querido’, a primeira coisa a fazer seria a escolha do nome. Era preciso um nome bem original, que fugisse do comum, do corriqueiro. Depois de muita discussão, o grupo optou por FALANGE. Afinal, na antiguidade, significava o corpo de infantaria da Macedônia reputado por sua união e harmonia em combate; é a demonstração de cada um dos ossos que compõem os dedos, ou ainda grupo de pessoas preparadas para determinado fim, tendo o urubu como símbolo. (Roberto).”³⁸⁰

O sucesso e a afirmação de uma torcida passavam, pois, por três considerações retóricas: 1) uma justificativa que legitimasse sua razão de ser naquele momento; 2) a adoção de um mote, de um símbolo, de uma palavra catalisadora, capaz de chamar a atenção e de atrair simpatizantes; e 3) uma estratégia publicitária, onde a repetição e a propaganda nos meios de comunicação fossem constantes e surtisses efeito expansivo para o grupo. Se antes da criação da Raça eram publicadas cartas onde se dizia “Ela realmente está chegando. 77 será o ano D. Vem aí a Raça Rubro-Negra (O maior movimento de torcidas do Brasil). Aguardem.”³⁸¹, alguns meses depois os mesmos idealizadores da agremiação, os irmãos César e Cláudio Cruz, junto aos demais componentes e quadros da torcida, continuavam a escrever de maneira quase ininterrupta para a seção *Bate-Bola*. Lá eles podiam anunciar,

³⁸⁰ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 17 de março de 1983, p. 05.

³⁸¹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1976, p. 02.

como no início de 1978, o aparecimento de um boletim da torcida, chamado “O Raçudo”, informativo mimeografado e distribuído nos estádios, com o objetivo de “abalar as estruturas do Maracanã” e de inaugurar “um novo ciclo dentro da galera rubro-negra”³⁸².

A originalidade de sua camisa, de um vermelho forte e chamativo, assemelhado à tonalidade dos bombeiros, era outra estratégia de propaganda do grupo presente nas cartas que a comentavam, a elogiavam e a badalavam³⁸³. Em um ambiente onde pouco se cultivava a modéstia, bem mais afeito à aclamação encomiástica, o desempenho da Raça na arquibancada era descrito como “uma atuação impecável”³⁸⁴, como um “show à parte”³⁸⁵. Em sentido figurado, a Raça era a “capital da Nação Rubro-Negra”³⁸⁶, capaz de concorrer com o interesse maior do espetáculo em campo. O complemento à atuação no estádio era, pois, dado no decorrer da semana com a sua reiteração nos comentários aclamativos tecidos na correspondência. Elas revelavam um sentido edificador na formação da torcida, resultado do esforço, da vontade e do trabalho de divulgação de cada membro. Um integrante da torcida, Joãozinho, destacava os atributos dos jogadores exigidos pelos torcedores — “sangue, coragem, garra e raça”³⁸⁷ —, acentuando a força ao talento, a vontade ao dom. O faro propagandístico levava a uma busca por novas formas de expressão nas arquibancadas, com a criação de um veículo impresso próprio e com a assiduidade nas mensagens ao referido periódico:

“Raçamania”: “Raçamania é o mais recente assunto dos torcedores rubro-negros em suas conversas antes, durante e após os jogos. Só se fala em Raça Rubro-Negra nos estádios por onde o Flamengo joga. No Fla x Flu da cidade de Juiz de Fora nós, os organizadores do Maior Movimento de Torcidas do Brasil, ficamos pasmados com a grande repercussão do nosso trabalho. Sendo junto com a torcida Flamante as únicas duas torcidas presentes à estréia de Cláudio Adão. Com a ajuda dessa coluna, a Raça Rubro-Negra tem atravessado fronteiras e o nosso Dir. de Divulgação tem recebido um número exagerado de cartas de todos os Estados do Brasil. É muito importante para nós da Raça sabermos que estamos cumprindo as nossas promessas. Participe da Caravana à cidade do Aço (Volta Redonda), junte-se à Raça Rubro-

³⁸² Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 07 de março de 1978, p. 02.

³⁸³ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1979, p. 02.

³⁸⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 08 de dezembro de 1978, p. 02.

³⁸⁵ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1979, p. 02.

³⁸⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 10 de janeiro de 1978, p. 02.

³⁸⁷ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 08 de abril de 1978, p. 02.

Negra e empurre-o para mais uma grande vitória. Escreva para a Rua Paula Brito 71/302 – Andaraí – 2C – 11 – RJ. Raça Rubro-Negra – o maior movimento de torcidas do Brasil. (Lúcio da Cruz – responsável).”³⁸⁸.

A continuidade nesse empreendimento se refletia no crescimento da torcida com a passagem dos anos e acarretava o reconhecimento, o aval e a simpatia dos próprios cronistas do jornal. Estes se igualavam ao discurso exortativo dos torcedores e procuravam enaltecer as características genuínas e inovadoras de cada agremiação. Transcorridos dois anos de sua fundação, os colunistas faziam eco às novidades introduzidas pela Raça no decurso desse tempo:

“A torcida rubro-negra, no todo e em suas diversas facções, é uma alegria e um entusiasmo só. Mas, justiça seja feita, há uma facção que vem tomando conta das arquibancadas. Trata-se da Raça Rubro-Negra. Chega a ser impressionante o seu comportamento durante os 90 minutos. Fora de campo ela foi o grande destaque do jogo de ontem. Uma torcida que grita, que briga, que sorri, mas que, acima de tudo, ama o Flamengo em todos os momentos. Uma facção que está dando novas dimensões ao comportamento do torcedor. São 90 minutos de apoio ao time. Quando as demais se calam, a Raça grita. Quando as outras se sentam, a Raça permanece de pé. Um grupo de jovens que estão ensinando a muita gente velha o que é amar e torcer nos campos de futebol. Parabéns à Raça Rubro-Negra. Assim como a Organizada e a Flachopp, ela já se inscreveu entre as principais torcidas do Brasil. Taí uma torcida que justifica o nome: Raça.”³⁸⁹.

A comemoração do terceiro ano de existência da torcida mereceria a atenção de outro colunista do JS, Oscar Eurico, em crônica intitulada “Raça Rubro-Negra, a torcida diferente”. Fruto do contato direto entretido pelo cronista com membros do grupo, pelo que é possível deduzir da leitura, o jornalista contava a origem e os feitos inéditos da torcida, tecendo loas a respeito de seu comportamento contagiante no estádio. Da mesma maneira que a função dos mitos estudados pelos antropólogos desde Bronislaw Malinowski, a estrutura narrativa do texto ressaltava as colorações míticas, religiosas e fabulatórias de um passado nem tão distante da torcida – “as histórias que os nativos contam sobre si mesmos”, diria Clifford Gertz de suas observações de campo em Bali –, onde não faltava a descrição de uma fase inicial de penúrias.

³⁸⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 23 de agosto de 1977, p. 02.

³⁸⁹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 09 de julho de 1979, p. 05.

Com a superação de todo tipo de provas e adversidades, a ultrapassagem das dificuldades teria como corolário uma espécie de bonança e prodigalidade cristã, com a expansão da torcida materializada em filiais existentes em boa parte do país:

“A genialidade de Zico; a criatividade de Carpegiani; a tranquilidade de Raul; a garra de Rondineli; a disposição de Toninho; a eficiência de Júnior; os dribles desconcertantes de Júlio César e os gols de Nunes não são tudo nos jogos do Flamengo. Sem dúvida, a Raça Rubro-Negra é uma atração à parte. Uma festa constante durante os noventa minutos de jogo. Não interessa o resultado ou o adversário, apenas o Flamengo. Três detalhes marcam e diferenciam a Raça Rubro-Negra de outras facções de torcida do Flamengo. Os jogos são assistidos em pé. Antes das partidas eles cantam em cântico o nome de todos os jogadores e membros da Comissão Técnica. E, finalmente, para pertencer à Raça é preciso acima de tudo entusiasmo, pois não vale ficar calado e deixar gritar durante os noventa minutos. Espontaneidade talvez seja o termo mais certo para caracterizar a Raça. Afinal, seus dirigentes, em tempo algum admitem a organização a nível de organização. Tudo isso por entender que o homem, torcedor, é por natureza um animal livre e só assim pode se realizar. Com teorias filosóficas, a Raça acredita que o importante é manter a individualidade dos seus componentes. Daí o sucesso, a força e o entusiasmo que a caracterizam nas arquibancadas. E como toda torcida teve dificuldades para ser criada. Saiu de um grupo dissidente da FLAMOR, torcida liderada pela simpatíssima Verinha e, dia 26, completará seu terceiro aniversário. Edu e Joãozinho, de Niterói, também deixaram a Torcida Jovem para se incorporar à Raça Rubro-Negra. Inaldo largou a Flanática e também se incorporou ao grupo. Hoje, a Raça tem aproximadamente 4.500 torcedores. Mas Cláudio e César, seus presidentes; Antônio Carlos, Inaldo e Alberto, os coordenadores; Urubu, Cadoca, Cristina, Beto e Sérgio Esperto lembram que todo o material do grupo foi comprado a prazo. E na época, explica Cristina, os bambus das bandeiras, por exclusiva falta de dinheiro, eram levados para o Maracanã a pé, desde a Rua Camarista Méier, no Engenho de Dentro. Mas os tempos passaram e a Raça cresceu. Hoje, além da mais animada, é uma das maiores facções de torcida do Flamengo. Tem filiais espalhadas em todo o Brasil e até mesmo na Argentina. Em São Paulo, Roberto Xavier é o responsável pela Raça Rubro-Negra. Na Bahia, Raimundo Albuquerque; em Santa Catarina, José Carlos e Roberto lideram o grupo. Em Brasília, Eraldo comanda a Raça. Na Argentina, Juan Domingo comanda a facção. Sem dúvida, um grupo importante. Entre seus sócios e colaboradores são vistos médicos, advogados e muita gente jovem com disposição de gritar os noventa minutos, característica principal da Raça Rubro-Negra. E ainda tem um escritor, Luís Alan, que escreveu o livro ‘Rondineli, o Deus da Raça’. E se você já notou a Raça Rubro-Negra nos jogos do Flamengo, não precisa acompanhá-la de longe. Pode e deve se juntar ao grupo. No próximo domingo, por exemplo, eles estarão em São Paulo numa caravana monstro para incentivar o Flamengo contra o Palmeiras. As passagens custam Cr\$ 400,00 e podem ser adquiridas com Cláudio ou César, na Rua General

Belegard, n. 99, ou ainda com a relações públicas, Cristina, pelo telefone 258-2834. E para ser sócio da Raça também não é difícil. Basta procurar seus líderes durante os jogos do Flamengo. E mesmo sem ser sócio da Raça, você pode e deve cantar com ela durante o jogo inteiro. Afinal, alegria e entusiasmo são com a Raça mesmo. O que cantar ? Também não é problema. Aqui, vai a letra da música que contagia o Estádio Mário Filho inteiro. Recorte e cante junto com a Raça Rubro-Negra: ‘Ó meu Mengão, eu gosto de você. Quero cantar ao mundo inteiro a alegria de ser rubro-negro. Conte comigo, Mengão, acima de tudo Rubro-Negro. Conte comigo, Mengão, acima de tudo rubro-negro.’³⁹⁰

A transcrição desses comentários emitidos aqui e ali pelo *staff* do periódico corrobora a percepção de que havia uma continuidade à deliberada política editorial do *Jornal dos Sports*, com vistas a cobrir e a apoiar as torcidas organizadas. Ela era manifestada não apenas por intermédio do espaço de divulgação de suas propagandas travestidas em formato de cartas, mas através também de reportagens especiais assinadas pela equipe de redação ou por seus colunistas principais. Se em fins da década de 1960 o repórter destacado para servir de contato com o universo dos torcedores era Marco Aurélio Guimarães, seguido logo depois, no início dos anos 70, por Altair Baffa, então convocado para o cumprimento da mesma função, como substituto do colega que se transferia para a *Placar*, o período em questão agora encontrava como mediador Dálton Crispim. O novo detentor do posto dava prosseguimento à interlocução e à aproximação com as diversas lideranças das torcidas. A sua tarefa consistia na realização de matérias de página inteira não apenas de interesse dos torcedores em geral — de forma eventual, podia entrevistar um sambista de sucesso, como Martinho da Vila, e fazê-lo comentar sua predileção clubística, expressa na composição “Calango vascaíno”³⁹¹ —, mas na elaboração regular de reportagens em que os líderes de torcida eram elevados à condição de personagens do futebol. Nelas, as posições do chefe de torcida ocupavam o centro das atenções, pois se mostravam autorizadas e representativas em princípio da totalidade dos torcedores de seu clube.

Na matéria intitulada “Torcidas em pé de guerra”, Crispim chamava ao debate essas lideranças, com a proposição de questões controversas como os palavrões nas arquibancadas, a politicagem dos cartolas nos bastidores

³⁹⁰ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 21 de abril de 1980, p. 03.

³⁹¹ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 06 de maio de 1977, p. 03.

esportivos e o preço inflacionado dos ingressos. Estabelecia uma certa regularidade no diálogo com eles e configurava uma espécie de fórum de discussão sob sua direção³⁹². Em certa oportunidade, o jornalista fazia uma reportagem exclusiva com foco em apenas uma torcida, como a Força Jovem³⁹³, prestes a completar dez anos de existência, enquanto em outras ocasiões entrevistava e enfocava um personagem específico, como o botafoguense Russão³⁹⁴. Na semana de um clássico, colocava frente a frente dois chefes de torcida para saber os prognósticos de cada um, uma conhecida estratégia de motivação para a peleja, como se pode ler na chamada: “Guerrinha das torcidas já começou com Russão e Verinha”³⁹⁵. Em outra ocasião, a elevação de tom na conserva resultava do debate promovido pelo jornalista entre o mesmo Russão, da TOB, e Dídimo César, chefe da Flatuante, publicados na primeira página do jornal do dia seguinte, sem deixar de fazer referência ao tom áspero que por vezes resultava desses encontros, onde o primeiro torcedor desafiava:

“— Velho, você é advogado. Pelo menos diz que é. Eu não. Sou apenas torcedor. Moro e nado lá em Ramos. Meu barraco é um barato. Vim da Geral. Em 65 eu já tinha uma torcida ali embaixo. Ela se chamava Fogo-Duro. Depois o Tolito, aquele da banca de jornal, me levou para a arquibancada. Conheci o Celso. O Tarzã, que me deu camisa e carteira. Eu sou assim. Vim do nada. Hoje, sou o Russo. Todo mundo me conhece. E você? Quem é? Diz aí.”³⁹⁶.

O discurso de Russão parecia ir ao encontro da postura do repórter, que realçava nas entrelinhas uma visão oprimida, compensadora e em certo sentido vitimizadora do torcedor. Crispim explicitava a importância de dar voz a quem não a tinha e de dar espaço a quem sofria, amava e se doava por um clube, mas, no entanto, via-se como pólo mais fraco aliado da participação nas decisões³⁹⁷. Em situações menos suscetíveis a tensões, Dálton Crispim podia receber representantes de torcida na própria redação do jornal, em comemorações de

³⁹² Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 26 de março de 1977, p. 10.

³⁹³ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 23 de abril de 1977, p. 05.

³⁹⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 01 de setembro de 1978, p. 05.

³⁹⁵ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 03 de maio de 1979, p. 02.

³⁹⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 17 de abril de 1977, p. 05.

³⁹⁷ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 28 de janeiro de 1979, p. 03.

aniversário: “Camisa 12, do Vasco, faz festa no JS”³⁹⁸. Em 1979, o jornalista promoveu também um encontro entre a Força Jovem do Vasco e a Raça Rubro-Negra³⁹⁹, em situações a princípio bem informais e descontraídas, tornando os bastidores do jornal no próprio palco da notícia. Isto estabelecia um elevado grau de camaradagem com aquele jornalista, a ponto de as torcidas oferecerem-lhe um troféu pela amizade e pelos serviços prestados na divulgação dos grupos⁴⁰⁰. Tratava-se em verdade de um gesto de retribuição — dir-se-ia, com Mauss, uma “expressão obrigatória dos sentimentos”⁴⁰¹ — em face das várias premiações oferecidas não só por ele, mas pelos demais repórteres do *JS* às torcidas ao longo do tempo.

De maneira concomitante às matérias especiais e à relação personalizada entre jornalistas e torcedores, as relações amistosas eram estendidas às lideranças torcedoras no setor de correspondência do jornal. Enquanto, sem motivos aparentes, Régio Henrique, da Força Jovem do Vasco, escrevia de forma carinhosa à Verinha, da Flamor⁴⁰², uma integrante da Raça Rubro-Negra, Cristina, endereçava texto à seção *Bate-Bola* parabenizando Eli Mendes pelo aniversário da Força Jovem⁴⁰³. Do mesmo modo, enquanto uma carta inusitada e cordial, assinada por componentes da Young-Flu, cumprimentava a torcida do Flamengo pela conquista de mais um campeonato⁴⁰⁴, a passagem de aniversário de uma líder tricolor era motivo para felicitações e amabilidades de outra líder flamenguista:

“Parabéns, Helena”: “Hoje é aniversário da Helena, da Torcida Fiel Tricolor. E a data foi lembrada pelos rubro-negros da Flamante, que aproveitam o Bate-Bola para parabenizar a ilustre torcedora do Fluminense. Helena, que está descansando em Muriqui, merece todos os votos de felicidade da Flamante por tudo o que representa para os torcedores cariocas e pela dedicação ao clube que escolheu para torcer. Parabéns, Helena. (Toninha, da Flamante – Rio).”⁴⁰⁵.

³⁹⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 09 de maio de 1980, p. 07.

³⁹⁹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 21 de julho de 1977, p. 14.

⁴⁰⁰ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 24 de junho de 1979, p. 04 e 05.

⁴⁰¹ Cf. MAUSS, M. “A expressão obrigatória dos sentimentos: relações jocosas e de parentesco”.

In: OLIVEIRA, R. C. de. (Org.). **Marcel Mauss**. São Paulo: Ática, 1980.

⁴⁰² Cf. JORNAL DOS SPORTS. Rio de Janeiro, 16 de março de 1979, p. 02.

⁴⁰³ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 04 de julho de 1979, p. 02.

⁴⁰⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 01 de maio de 1979, p. 02.

⁴⁰⁵ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 11 de janeiro de 1984, p. 02.

Não obstante, a tendência à auto-exaltação dos grupos pelos componentes de menor projeção, vangloriando-se em detrimento das associações concorrentes, continuava a gerar muitos atritos e rivalidades por parte dos colaboradores do *JS*, de modo que muitos representantes de torcida tentavam apaziguar os ânimos e contornar as discussões. Em cartas reflexivas, eles procuravam levar à consciência dos leitores o real propósito a que se destinava uma coluna de utilidade pública para eles e os benefícios a serem extraídos dela pelas torcidas organizadas. O estabelecimento de convergências e a abertura de canais úteis para a comunidade de torcedores que ali intercambiavam mensagens eram notórios:

“Divulgação”: “Nota-se dia a dia um movimento crescente em relação às agressões verbais por parte de diversos leitores, que utilizando dessa coluna desvirtuam o objetivo de sua criação: preencher um grande vazio que nós, chefes de torcida, sentíamos para divulgar notas de interesse de componentes ou torcedores de seu clube e tudo isso gratuitamente. Bonito é ver a Flachopp dar um aviso aos componentes e mais amigos do novo local utilizado por ela para seus jogos de futebol de salão; a Flaguel convocando todos para assistir ao ensaio da Mocidade Independente na sede nova do Flamengo. Vejam bem: lazer e samba, onde você faz higiene mental. Não há agressões nas notas desses dois. Esquecem-se de lembrar que no dia 29 o atlelinha estava na Europa, participando do II Campeonato Mundial de Atletismo para Veteranos, representando o Brasil e o Flamengo. Lembrem-se que Flamengo, Fluminense, Vasco e Botafogo são patrimônios que estão sendo usados por pessoas que não lhes dão o sentido de grandeza por eles possuídos. Quando quiserem se agredir usem o endereço próprio, usem o BB, sim, para eventos de utilidade pública e não para disseme-disse que não conduz a nada. Que comece o campeonato. Aos meus amigos Rui, Alcir e Zé (Charanga), João (Flaponte), Vera (Flamor), Dídimo (Flatuante), a minha Tia Helena, aos amigos das torcidas Flaxiense, Faroflafla, Flantástica, Beija Fla, Flabar, e demais torcidas organizadas o meu abraço e que a paralisação do campeonato não tenha afastado de nós o desejo de ver um Flamengo melhor. (Luciano, chefe da Fla Rio).”⁴⁰⁶

Embora fosse muito comum a afirmação da identidade de cada torcida frente às demais, com todo tipo de animosidades, a seção *Bate-Bola* oferecia espaço também para o entendimento mútuo, com a partilha de temas de interesse comum às torcidas de diferentes clubes. O estímulo mais direto e evidente era a vinculação territorial, onde o bairro propiciava o estreitamento

⁴⁰⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 17 de julho de 1977, p. 02.

de elos comunitários, vicinais e carnavalescos entre torcidas que pertenciam a times rivais, como se depreende do aviso:

“As torcidas estão unidas”: “As torcidas organizadas Vascachaça, Flaroflafla e Flubino do Engenho de Dentro vão abordar vários assuntos no dia 24 durante reunião de seus chefes. O mais importante será decidir o modelo das fantasias para as alas que integrarão o Bloco Carnavalesco Rei Sol. (Delmar, Luís, Alexandre – RJ).”⁴⁰⁷.

Um ritual instituído pelas torcidas em seu processo de reconhecimento recíproco chamava-se batizado. Era uma cerimônia que ocorria antes dos jogos ou em ocasião especial, onde uma torcida veterana apadrinhava uma neófito, legitimando-a no conjunto das associações de um mesmo time. Esta modalidade ritualística contribuía para a união dos laços entre as facções, que passavam a se considerar coirmãs — termo por sua vez extraído do universo carnavalesco das escolas de samba — e pareceu ser relativamente costumeiro nessa época. Se entre os rubro-negros anunciava-se o surgimento da Fla-Rio, a ser batizada pela Flachopp no Rio Comprido, com os vascaínos a mesma prática era observada:

“Vasguel”: “Em primeiro lugar quero agradecer à Seção Bate-Bola por ter publicado a nossa mensagem no dia 06-06-1976. Foi a maior curtição. Mais uma vez convocamos a todos os vascaínos para o batizado da TORCIDA VASGUEL DE PADRE MIGUEL, no dia 13-06-76, às 11h, em frente ao estádio do Bangu A. C. Pedimos às Torcidas Organizadas como a Vascachaça, Alfivasco, Olavasco, Torcida Feminina Camisa 12, Pequenos Vascaínos e todas as demais torcidas que venham nos prestigiar dando aquela força com a sua presença. Não se esqueçam, as camisas continuam à venda com o Rui na Padaria Nossa Casa em Padre Miguel. Alô Roberto, continue fazendo a galera vibrar com os seus gols maravilhosos. Um abraço do pequeno Alexandre. (Alexandre, Guido e Rui — Vasguel – Padre Miguel).”⁴⁰⁸.

Assim, as discussões e os entreveros não eram a única decorrência da profusão de torcidas. Esta trazia como saldo positivo a especulação em torno de formas associativas e congregadoras de seus interesses. Antes mesmo da criação da ASTORJ, uma carta informava, em dezembro de 1976, o I Grande Encontro de Torcidas Organizadas do Flamengo, a reunir na quadra da escola de samba Unidos de Padre Miguel: a Flacinante, a Flaxiense, a Flanática, a

⁴⁰⁷ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 22 de fevereiro de 1976, p. 02.

⁴⁰⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 13 de junho de 1976, p. 02.

Flasil, a Flacoad, a Flaquitino e a Flantástica⁴⁰⁹. Por volta da mesma época, já circulava na coluna do *JS* a idéia de uma associação em âmbito nacional que reunisse todas as torcidas:

“Força Jovem”: “A Força Jovem comunica a todos os torcedores vascaínos que fomos convidados a integrar a ‘Organização Nacional de Torcidas Reunidas’ como representantes de toda a galera vascaína. Os contratos serão assinados esta semana, esperamos que já no campeonato carioca todos os associados e admiradores desta torcida assim como todos os torcedores do Vasco possam tomar conhecimento deste grande empreendimento feito pelos líderes da O. N.T.R., Força Jovem e demais torcidas. Não fugiremos às nossas tradições, de sempre servir ao Vasco e nunca ser servido por ele, não visaremos lucros nem tampouco promoções particulares. Esta organização englobará todas as maiores torcidas do Rio de Janeiro e bem como (futuramente) do Brasil. Nós da Força Jovem fomos a favor da idéia devido aos itens abaixo relacionados: a) O torcedor vascaíno passa o ano indo aos estádios, vendo o Vasco jogar (de março a dezembro) e fica, no período de férias dos jogadores, longe das pessoas que ele convive nos estádios: o porquê de ele não ter uma associação onde pudesse se divertir, onde pudesse encontrar uma vasta programação social, cultural e esportiva, etc. b) Facilitar o trabalho das autoridades policiais em dias de jogos, pois devido à imensa facilidade (para muitos) de se formar uma torcida existe hoje no Maracanã um número infinito de torcidas fantasmas que muitas vezes chegam a brigar para colocar uma faixa no alambrado. Existem muitas torcidas, mas poucas têm uma diretoria responsável para responder pela sua facção, pois na hora h seus responsáveis desaparecem, assim como todo o restante. Em suma, acabar com as brigas no Maracanã. c) Colaborar com o governo federal, que desde o ano passado tenta acabar com os palavrões em conjunto nos estádios. Embora já tenha virado rotina nós pensarmos em acabar com este tipo de palavras, a longo prazo. Para colocar em prática todos estes planos, contamos com a ajuda de empresas de grande porte. Do que foi explanado, gostaríamos de ouvir sua opinião, hoje no Maracanã, se você puder entrar em contato com algum membro diretor de nossa torcida e dar sua opinião seria bom para nós e bom para você. Pois a Organização será criada em seu benefício. Hoje tem Maracanã, Vascão 77 x Frente Retraída. O Vasco jogará com seus novos contratados, Orlando, Geraldo, Ramon e Dirceu, enquanto a frente ampla anuncia, anuncia mas só traz ferro velho para jogar mais um ano. Será que o Paulo César (Inter) virá jogar, ou quem sabe o Cláudio Adão, veremos na hora. Hoje no Maracanã como é de tradição a Torcida Força Jovem entregará a Dirceu uma placa comemorativa a sua estréia com a camisa do Vasco, para tal já conseguimos autorização da Federação Carioca de Futebol. Você sabe por que a cada ano que passa nós ficamos maiores ? Pois enquanto houver um coração infantil o Vasco será imortal e a Força Jovem a maior, a melhor e a mais atuante

⁴⁰⁹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 11 de dezembro de 1976, p. 02.

torcida do Rio de Janeiro. Doa a quem doer. (Luiz, Departamento de Relações Públicas – RJ).⁴¹⁰.

Os múltiplos arranjos oscilavam não apenas ao sabor da dinâmica e da lógica intrínseca às torcidas. Eles se valiam também da capacidade e do modo de relacionamento com os dirigentes de futebol. As eleições no clube eram momentos propícios às alianças e à constituição de laços entre as torcidas, que podiam deliberar o apoio conjunto a uma mesma chapa. Se a organização nacional de torcidas, supracitada na carta, não foi concretizada, verificou-se, isto sim, o surgimento das associações de torcidas de um mesmo clube, como a ATORFLA⁴¹¹, o MUT (Movimento Unido Tricolor), a ASTOVA e a ASTOB, base para a posterior criação da ASTORJ. O lançamento do “Manifesto das Torcidas do Flamengo”⁴¹² em 1979 foi o embrião para o surgimento da ATORFLA, logo depois que um movimento conhecido como FAF (Frente Ampla Flamengo) logrou êxito e elegeu Márcio Braga e Walter Clark à presidência e a vice-presidência do clube, respectivamente. Com a eleição de um jovem advogado oriundo do STJD (Superior Tribunal de Justiça Desportiva) e de um poderoso diretor-geral da TV Globo, respaldados por Carlos Niemayer do Canal 100, que assumiria a vice-presidência de futebol, entre outros nomes históricos do clube, a renovação interna levou o time a um ciclo de vitórias nacionais e internacionais, favorecendo a sintonia entre a torcida e a direção.

A associação dos tricolores também se originou no contexto vitorioso da administração do presidente Francisco Horta, em meados da década de 1970, quando o time do Fluminense se tornou conhecido na cidade como *A máquina*. A aproximação das principais lideranças de torcida estimulou a sua participação nos pleitos eleitorais subseqüentes, com a escolha e o apoio a determinadas candidaturas, ora da oposição ora da situação, conforme releva a carta:

“As principais torcidas organizadas do Fluminense, abaixo mencionadas e reportadas por seus principais chefes, vêm através

⁴¹⁰ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 13 de fevereiro de 1977, p. 02.

⁴¹¹ A fundação da Atorfla é de agosto de 1981 e a do MUT, de julho de 1982. Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1981, p. 02. Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 12 de julho de 1982.

⁴¹² Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 15 de março de 1979, p. 02.

desta esclarecer aos torcedores e associados, que não estão apoiando o sr. Carlos Villela e que suas declarações não têm nosso aval e nem apoio de nossas facções. Estamos todos com Sílvio Vasconcelos e Preguinho, nossos verdadeiros líderes e amigos, para quem pedimos os votos dos tricolores que realmente amam o nosso Fluminense. (Torcida Tricolor – Young Flu – Fluturo – Força Flu – Influyente – Bel-Flu – Flu Rei – Copa Flu).”⁴¹³.

No Flamengo, a campanha para a reeleição da FAF no pleito de 1979 geraria uma grande mobilização das torcidas rubro-negras, que se reuniriam e emitiriam à imprensa seu posicionamento perante a política interna do clube. As torcidas chegariam a implantar também a sua própria frente, com a indicação de Ricardo Muci, chefe da Flamante, como representante das torcidas na chapa favorita. Conforme noticiava o *Jornal dos Sports*, em uma breve nota ilustrada com foto:

“Márcio e Helal, lá em cima, com a galera, em vibração”: “As torcidas organizadas do Mengo formalizaram, ontem, na arquibancada, o apoio aos dois candidatos da Situação, com manifesto e tudo.”⁴¹⁴.

A descrição prévia dessa atmosfera participativa das torcidas, em consonância com a conjuntura associativa vivenciada no plano nacional, permite a exploração dos fatos principais aqui em destaque. Pois, se as torcidas vivenciavam incontáveis formas de interação entre si, com virtuais esboços de união com o clube, as relações baseadas em cooperação também poderiam revelar a sua contraface sob a forma de conflito, o que dependia sempre de situações e de interesses concretos. Assim, à participação mais orgânica na vida decisória do clube e ao apoio deliberado a determinadas candidaturas, verificados em fins dos anos 70, as torcidas assumiriam no início da década de 80 um caráter oposicionista mais explícito. Em especial nos anos de 1981 e 1982, quando a contraposição entre torcedores e diretores chegaria ao seu clímax, por meio de protestos e boicotes os mais variados, que poderiam ser equiparados à onda de agitações espontâneas ocorridas no biênio de 67-68, conforme a descrição feita no primeiro item deste capítulo. Em respaldo aos acontecimentos, os meios de comunicação especializados voltariam a dar a essas manifestações um caráter dramático, em manchetes de primeira página e

⁴¹³ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 07 de janeiro de 1978, p. 02.

⁴¹⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 23 de abril de 1979, p. 12.

em reportagens especiais. Além do desempenho das equipes em campo, as revoltas tinham como força motriz uma controvertida e inédita discussão em torno do aumento do preço dos ingressos. A narração jornalística desse embate possibilitou a percepção de uma unidade entre as torcidas, ainda que esta se tenha se afigurado temporária e circunstancial, restrita à superfície da *curta duração*, para empregar o primeiro dos cortes temporais propostos pelo historiador francês Fernand Braudel, em sua classificação da duração do tempo histórico⁴¹⁵.

Tais elementos forneceram o substrato, entre outros fenômenos, para a emergência da ASTORJ, entidade que assumiu naquele momento uma postura por assim dizer sindical, com um sentido corporativo mais evidente, seja através da absorção da linguagem inspirada nos termos dos sindicatos, seja por meio da realização de greves propriamente ditas. O acompanhamento mais próximo da administração e da vida do clube, com a atenção crescente dispensada à atuação dos seus cartolas, onde tanto a oposição quanto a composição podem ser observadas, contribuiu para a concretização de tais atos. Em nível nacional, o horizonte de abertura política, a revitalização das organizações sindicais e a crescente inflação influenciaram, ainda que de maneira indireta, a eclosão de acontecimentos dramáticos, estranhos à rotina e à normalidade do futebol, desenrolados nos estádios nesse período.

Com efeito, as manifestações coletivas de descontentamento eram relatadas sob as mais diversas formas pelo *Jornal dos Sports*. Uma delas ganhava destaque já em fins dos anos 70, na pena do jornalista Dalton Crispim. Em página de notícias relativas à equipe botafoguense, o repórter assinava a surpreendente matéria “Torcida do Botafogo não vai ao estádio”, com direito a uma pequena foto do mentor daquela decisão:

“Pela primeira vez na história do Botafogo, a sua Torcida Organizada não prestigiará o time. Isto acontecerá logo mais, à noite, no Estádio Mário Filho, quando o alvinegro enfrentará o Fluminense em um jogo cujas perspectivas de renda são as piores possíveis. São 37 bandeiras a menos. São 47 peças de bateria que permanecerão em silêncio, trancadas numa sala do estádio. Mais do que isso, será a ausência do torcedor alvinegro (a exemplo do que está acontecendo com os tricolores), fato profundamente lamentável. Russão, chefe da Torcida

⁴¹⁵ Cf. BRAUDEL, F. “História e sociologia”. In: **Escritos sobre a história**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

Organizada, não aceita que se fale em greve. 'Isso não é coisa do futebol'. — O que existe mesmo — desabafa — é uma profunda tristeza aqui dentro. O que o nosso Presidente tem que entender é que nós estamos machucados. Arrasados. Chega de tanta humilhação nos estádios e nas ruas. A torcida do Botafogo está acostumada a gozar e não a ser gozada. Imediatamente depois da derrota para o Vasco, a Torcida Organizada do Botafogo reuniu-se (ainda no Estádio Mário Filho) para definir sua posição no momento. Russo dá as explicações: — Não teve nada disso de corredor polonês ou de tentar apelar sobre A ou B. Na verdade, a torcida do Botafogo, se tivesse que apelar, ia apelar contra todo mundo. A nossa reunião foi em alto nível, apesar de feita, é claro, de cabeça quente. — E o que foi ficou decidido ? — Pra falar a verdade, eu não posso nem dizer o que pensamos em fazer. Cada um deu a sua sugestão. Numa boa. Mas o bom senso prevaleceu e o nosso protesto será este, inicialmente. Pela primeira vez na história do Botafogo a Torcida Organizada não irá a um jogo. Russo garante que nos seus 20 anos de presença constante em meio à torcida do Botafogo, jamais viu tanta tristeza como agora. — Eu comecei na Geral, criando a Fogoduro. Aí o Tarzã me levou para a arquibancada. Já estou nessa há vinte anos e nunca vi a situação tão russa como atualmente. Afinal, o que é que a torcida do Botafogo quer ? — A resposta está na cara: nós queremos time. Isso que está aí não é o Botafogo que aprendemos a amar. E é bom deixar claro que não estamos preocupados com política, fazendo campanha contra ou a favor de ninguém. Nós achamos que o Presidente Charles Borer cumpriu a primeira parte de sua promessa. Está faltando a segunda. Como assim ? — No seu primeiro período, o Presidente falou em cuidar das coisas internas. E fez. Agora, no segundo, a promessa era o futebol. Cadê presidente ? Com essa baba que está aí não dá. No momento em que anuncia que não irá ao Mário Filho, logo mais, Russo não consegue esconder os olhos vermelhos e brilhando muito. — Não vou, mesmo. Não adianta porque não vou. Nem eu e nem a torcida que me acompanha. A chave da sala está comigo e nenhum dos meus companheiros pensou em mudar a minha decisão. Formamos uma torcida independente. Podemos tomar as nossas posições à vontade. E para o futuro ? — Enquanto não sentirmos que alguma coisa está sendo feita para melhorar a situação, vamos ficar assim. Afastados dos estádios.⁴¹⁶

A ausência de títulos e a escassez de vitórias geravam os sentimentos de desonra e de humilhação narrados na voz do chefe da principal torcida botafoguense, que encontrava como única solução a adoção daquela medida inusitada. A decisão voltaria a ser tomada em setembro do ano seguinte, em 1980, após a derrota de quatro a zero para o Fluminense. Em matéria ilustrada com fotografia, Dalton Crispim dava mais uma vez espaço a Russão, que anunciava o sinal de protesto encontrado por seu grupo. Mais do que a pura e simples ausência, a torcida permaneceria agora do lado de fora do estádio no

⁴¹⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 11 de abril de 1979, p. 07.

próximo jogo do Botafogo. Por um lado, o esclarecimento do líder alvinegro, segundo o qual aquela atitude não representava um alinhamento ao movimento de Oposição existente no clube, revelava a importância das coalizões políticas internas e a possibilidade de envolvimento das torcidas em tal processo. Por outro, a negativa de Russão à idéia de que o ato poderia significar uma greve indicava também que esta existia ao menos como uma virtualidade no momento.

As contestações da torcida do Botafogo voltariam a acontecer, de tempos em tempos, sempre em conformidade com o resultado dos jogos. Em julho de 1982 uma reportagem registrava: “Torcida vaia, joga pedra, mas acaba aplaudindo os jogadores”⁴¹⁷. Na matéria informativa, o jornalista permitia-se ainda uma licença poética, citando um verso do poeta Augusto dos Anjos, “A mão que afaga é a mesma que apedreja”, a fim de ilustrar a condição pendular do torcedor e a sua passionalidade sempre instável, contraditória. Em janeiro do ano seguinte, a primeira página do periódico alardearia como informação principal: “Torcida em pé de guerra exige venda de Mendonça”. A reação da torcida à venda e à compra de jogadores seria outro fator que mobilizaria grande parte das atenções das lideranças de torcedores, despertando a vigilância destes perante quaisquer atos dos dirigentes que interferissem na formação da equipe.

Já no Fluminense, os momentos de derrota e as decisões tomadas pela diretoria do clube desencadeariam manifestações ainda mais intensas e contundentes do que as verificadas entre os botafoguenses, segundo a cobertura do *Jornal dos Sports*. Em 1979, a vitória do Volta Redonda sobre o Fluminense chegaria à primeira página do jornal, com anúncio e foto da “rebelião”⁴¹⁸. Transcorridos exatos um ano daquele incidente, uma manchete bem chamativa do jornal informaria: “Galera pichou o muro do Fluminense”. No interior do periódico, os dizeres da pichação eram descritos: “Onde está o dinheiro da venda de Rivelino, Marinho, Pintinho, Nunes e Fumanchu?”; “Queremos time”; “Ladrões”; “Vergonha até quando ?”; “Diretoria omissa”. Método iniciado nos primeiros anos da década de 1970, as depredações físicas e simbólicas ao clube seriam utilizadas com frequência para expressar a

⁴¹⁷ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 26 de julho de 1982, p. 05.

⁴¹⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 22 de julho de 1979, p. 01.

contrariedade dos torcedores diante dos resultados adversos e das medidas adotadas pelos representantes do clube.

Os anos de 1981 e de 1982 assistiriam a uma intensificação ainda maior do confronto entre as torcidas organizadas do Fluminense e a diretoria do clube. Em junho de 1981, as contestações voltariam a ocorrer com novas pichações à sede do clube. De acordo com o jornal, as explicações oferecidas na sua terceira página, sob o título de “Torcida protesta pichando dirigentes nos muros”, seriam as seguintes:

“E os muros das ruas Álvaro Chaves e Pinheiro Machado apareceram de novo pichados. Em cal e mal escrito, a torcida do Fluminense não poupou Dílson Guedes, representante do clube na federação de futebol do Estado do Rio de Janeiro, e o Vice-Presidente de futebol Rafael de Almeida Magalhães. ‘Muito salário e pouco futebol’; ‘Dílson Guedes museu’; ‘Fora PMDB’ — o vice-presidente de futebol é membro do partido —; ‘Fora salto alto’, ‘vice no clube e não em Brasília’, eram as frases que ocupavam o muro vermelho da sede do clube. E dessa vez todas as torcidas resolveram aderir aos protestos. Até mesmo a Young-Flu, sempre longe desse tipo de manifestação, dessa vez participou. Do protesto da torcida, Rafael de Almeida Magalhães não falou nada, embora fosse o alvo das maiores críticas. Os líderes das torcidas organizadas do clube consideram a política do vice-presidente de futebol a maior responsável pela crise, pelo fracasso da equipe na Taça Guanabara: — Não é possível ser vice-presidente do PMDB, ir a Brasília toda a semana, catar votos no Estado e dirigir o Fluminense. O futebol, na verdade, está entregue ao Nilson Matos, apenas diretor — comentou um representante da Young-Flu que esteve ontem à tarde no clube, quando os muros já estavam sem as pichações, retiradas bem cedo a pedido do presidente Sílvio Kelly dos Santos. Os líderes das torcidas, principalmente da Força-Flu, da Young-Flu, Influente e Organizada — consideram a política adotada pelo clube como a grande responsável pela péssima campanha da equipe na Taça Guanabara. — A política dos salários muito altos, de não pagamento de gratificações, leva os jogadores a se acomodar. Isso tem de acabar — comentou o representante da Força. Apesar das críticas à atual direção de futebol no clube, as diversas facções de torcida manterão apoio ao time. Todas formarão caravanas a Volta Redonda para a partida de domingo, com exceção da Força-Flu, que cancelou a viagem como protesto.”⁴¹⁹

O alvo desta vez era o antigo dirigente Dílson Guedes, contra o qual o *Jovem Flu* havia se insurgido em fins de 1960, e o vice-presidente de futebol, Rafael de Almeida Magalhães, um político do PMDB, que já havia sido vice-governador do estado, na época de Carlos Lacerda. Segundo os torcedores, este último dirigente estava sempre em Brasília, onde cuidava de seus interesses

⁴¹⁹ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 20 de junho de 1981, p. 03.

eleitorais e relegava o Fluminense ao segundo plano. No mês seguinte, em julho, a rixa prosseguia com a resposta das torcidas organizadas às acusações que recebiam dos dirigentes. A divulgação de “A nota das torcidas”⁴²⁰ servia para refutar a pecha de “fascistóides” a eles atribuídos pelos dirigentes, incluindo no rol das críticas o dirigente João Havelange, presidente da FIFA e ex-presidente do Fluminense. Ainda em julho daquele ano, uma reunião entre as lideranças de torcida e a direção do clube era realizada, a fim de acalmar os ânimos exaltados e de chegar a um consenso entre ambas as partes. A tentativa vinha descrita em cores vivas no jornal, com foto de destaque e com manchete estampada em primeira página⁴²¹.

Os esforços em prol do entendimento não avançariam e logo no início do mês de setembro o *JS* estampava: “Torcida vai hostilizar time em Bariri”. As ameaças de depredação do estádio do Olaria se davam por meio de telefonemas anônimos e acarretavam um clima tenso. A revolta contra o clube tinha em mira tanto os jogadores, contra os quais se anunciava o arremesso de tintas e morteiros, quanto os dirigentes, como Rafael de Almeida Magalhães, além do técnico João Carlos Gomes, considerado “incompetente e covarde”. A indignação era declarada pelos três líderes da Força-Flu, Antônio Gonzáles, Cássio Gordo e Adriano Gomes, entrevistados pelo jornal. No dia seguinte à matéria, a dois de setembro de 1981, nova manchete revelava que, ante a pressão, o vice-presidente de futebol licenciava-se do cargo por três meses. Ainda em setembro, no entanto, o afastamento de Rafael de Almeida Magalhães não havia se mostrado suficiente para serenar os ânimos. O dirigente continuava sendo admoestado pelas torcidas do Fluminense, desta vez pelos membros da Young-Flu, como no depoimento de uma de suas lideranças ao jornalista do periódico, em sua quarta página:

“— Enquanto persistir a ameaça do retorno do Rafael, nós colocaremos a faixa pelo avesso num sinal de protesto. Não o queremos mais no clube, pois só fez mal ao futebol do Fluminense a presença desse político. Ele ficou aborrecido conosco porque convocou a torcida para entrar na conversa dele, mas nós repelimos. Não adianta ele nos chamar de ‘fascitoidezinhas’ ou do que bem entender, porque nós sabemos muito bem a razão pela qual usa esse tipo de linguagem.

⁴²⁰ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 05 de julho de 1981, p. 12.

⁴²¹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 17 de julho de 1981, p. 01.

Pode chamar a gente do que quiser, mas nós não descansaremos enquanto ele não se afastar do clube definitivamente.”⁴²².

Além do dirigente, o técnico João Carlos também seria afastado a dezenove de setembro, em função da pressão e das investidas da torcida tricolor, que só se contentaria com a nomeação de um novo treinador, Luiz Henrique. De início, o atendimento das reivindicações parecia ter surtido resultado e os torcedores se acalmariam durante o final daquele ano de 1981, o que se pode inferir da ausência de notícias por parte do jornal durante certo intervalo de tempo. Não obstante, em maio do ano seguinte, os protestos recrudesciam novamente, motivados agora por transações que envolviam a ida de ídolos da torcida ao estrangeiro, conforme destacava em primeira página o *Jornal dos Sports*: “Galera revoltada com a venda de Edinho”. Um dia depois da manchete, a ira da torcida atingia mais uma vez a fachada do estádio das Laranjeiras, com a seguinte pichação de seus muros: “O picadeiro saiu, mas os palhaços ficaram”. Rafael de Almeida Magalhães, de volta ao clube, justificava: “– Torcida é assim mesmo. Eu não me impressiono mais com este tipo de reação. O torcedor normalmente age sempre com paixão e deixa a razão de lado, sem ver ou sentir os problemas do clube.”⁴²³.

Passados poucos dias da pichação, a primeira página do jornal voltava a enfocar a discórdia da torcida ante a venda de mais quatro jogadores, em sentença evocativa, “Torcida vai enterrar os coveiros do clube”⁴²⁴, que lembrava os enterros simbólicos dos dirigentes no final dos anos 60. Além do aviso de boicote aos jogos e de faixas com tarjas pretas, o cortejo fúnebre do presidente do clube, Sílvio Kelly, era anunciado mediante a descrição de um roteiro que sairia com o caixão do Maracanã e prosseguiria com destino às Laranjeiras. A repercussão jornalística não tardaria: “Torcida invade o Fluminense”⁴²⁵. Um dia depois, nova manchete: “Dino se demite e torcida carrega Horta”, em alusão à demissão de mais um técnico do Fluminense e à exaltação do ex-presidente do clube, Francisco Horta. O amplo espaço de cobertura dada pelo *JS* aos torcedores irritava Rafael de Almeida Magalhães, também chamado nas reportagens de “a saúva tricolor”, o que fazia o deputado

⁴²² Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1981, p. 04.

⁴²³ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 02 de maio de 1982, p. 03.

⁴²⁴ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 06 de maio de 1982, p. 01.

⁴²⁵ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 08 de maio de 1982, p. 01.

ameaçar abrir um processo na justiça contra o periódico. O Cor-de-Rosa parecia mover de maneira efetiva campanha contra o diretor, um político que, segundo o jornal, sem espaço em Brasília havia migrado para o mundo dos esportes. No final de maio de 1982, mais confrontos do presidente do clube com os torcedores recebiam menção: “Kelly, ameaçado, quis brigar com a torcida após empate do Flu” e “Kelly é perseguido na saída”⁴²⁶.

Dois meses depois, as facções do Fluminense lançavam as bases de um movimento, o MUT, Movimento Unido Tricolor, segundo elas uma espécie de *queremismo* em prol do Fluminense: “1) queremos time; 2) queremos ver futebol; 3) queremos campos para treinos; 4) não queremos cabeças de bagre”. O não-atendimento desses itens faria a torcida continuar a se indispor com o presidente, o que vinha expresso em uma faixa nas arquibancadas fotografada pelo periódico: “Pai, afasta de mim esse Kelly”, glosa de uma canção do compositor tricolor Chico Buarque. Somente nos últimos dias de dezembro de 1982, o *Jornal dos Sports* viria a dar espaço a Sílvia Kelly, já ao final de seu mandato, por meio de uma entrevista de página inteira onde discorria sobre o papel da torcida, que segundo ele se afastava de seu princípio básico — o apoio incondicional ao clube — e se dedicava a prejudicá-lo com seus boicotes ostensivos e ofensivos⁴²⁷.

Não é possível averiguar de que maneira esse processo insurgente se iniciava precisamente, mas pode-se notar como ele desatava efeitos em cadeia, passando de uma torcida a outra, de um clube a outro, insuflando e contagiando as demais. No primeiro semestre de 1982, integrantes de torcidas organizadas do Vasco protagonizariam manifestações semelhantes às de Botafogo e Fluminense, incensadas pelo resultado dos jogos. A cobertura do jogo entre Vasco e Grêmio não deixava dúvidas quanto ao foco das atenções: “Vasco empata e torcida provoca tumulto”; “Nem o ônibus escapou à fúria dos agressores”. A Astova, Associação de Torcidas do Vasco, integrada por dez facções, sob a liderança da TOV e da Força Jovem, as duas maiores, realizava em maio daquele ano um boicote aos jogos, com o impedimento da entrada da torcida cruzmaltina. A atitude gerava polêmica entre os torcedores vascaínos, que reclamavam no jornal o direito de assistir à partida da arquibancada. Os

⁴²⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 24 de maio de 1982, p. 01 e 14.

⁴²⁷ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 29 de dezembro de 1982, p. 08.

reclames não demoviam as lideranças da idéia do protesto e o boicote era ampliado ao longo do mês: faixas e bandeiras eram colocadas na arquibancada e, em seguida, as torcidas rumavam para a Geral⁴²⁸.

Já nos primeiros meses de 1983, a associação de torcidas do Flamengo, a Atorfla, reagiria à ameaça de troca do jogador Tita por Baltazar. Se a gestão de Márcio Braga havia sido marcada pelo clima de concórdia do presidente com as facções rubro-negras, o mesmo não parecia acontecer com seu sucessor Dunshee de Abrantes, chamado de “ditador” pelos torcedores, depois que este impediu a entrada de chefes de torcida no clube. A medida, tomada no final de janeiro, era por sua vez uma resposta às ofensas recebidas pelo técnico da equipe, Carpegiani, relatadas no *Jornal dos Sports* com a chamada: “Torcida protesta e ofende Carpegiani”⁴²⁹. As manchetes dos primeiros dias de fevereiro narravam os enfrentamentos diários de ambas as partes. Se em um dia estampava-se “Carpegiani desafia a torcida do Mengo”⁴³⁰, no outro, vinha a contrapartida em primeira página, “Fúria da galera assusta o Mengo”, seguida de “Torcida invade campo e impede treino do Fla”⁴³¹.

As torcidas vivenciavam assim, de maneira particular, a sua relação com o clube, que girava em torno de discordâncias internas quanto a determinados atos dos dirigentes ou à performance da equipe em campo. Os métodos de ação — pichações, enterros simbólicos, agressões físicas, insultos verbais, não-entrada no estádio, toda sorte de pressões, depredações e protestos — é que se assemelhavam, inspirados menos no futebol e mais em movimentos reivindicatórios existentes na sociedade. Entre 1981 e 1982, porém, uma questão mais abrangente iria unir de maneira inédita as torcidas dos grandes clubes do Rio de Janeiro. A união se daria em função de decisões tomadas pelos dirigentes e implementadas pelo presidente da Federação de Futebol do Estado, Otávio Pinto Guimarães, e pelo administrador da Suderj, Gildo Borges. Elas diziam respeito ao aumento do valor cobrado pela entrada nos estádios. Se desde 1979, pelo menos, já eram registradas em cartas ao *JS* reclamações dos torcedores em virtude da majoração das entradas e da decadência das condições físicas dos estádios, além dos assaltos à saída do estádio, que chegaria a vitimar

⁴²⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 14 e 20 de maio de 1982, p. 05.

⁴²⁹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1983, p. 04.

⁴³⁰ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 01 de fevereiro de 1983, p. 01.

⁴³¹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 03 de fevereiro de 1983, p. 01 e 04.

inclusive uma integrante da Raça Rubro-Negra, a partir de maio de 1981 a luta contra os reajustes dos preços congregaria as diversas facções em prol desse objetivo comum. A vinte sete de maio, o *JS* colocava como chamada principal do periódico: “Boicote da galera apavora os dirigentes”⁴³². A matéria correspondente à manchete procurava ouvir as impressões dos cartolas ante a intenção dos torcedores. O vice-presidente de futebol do América contemporizava a questão e a restringia a uma situação passageira:

“— Não acredito que a torcida faça boicote. É uma reação natural no princípio, mas depois o torcedor vai se acostumar, como nós nos acostumamos com o preço da gasolina. A torcida do América, por exemplo, eufórica com a vitória sobre o Vasco, vai esquecer logo o preço dos ingressos.”⁴³³.

Passados dois dias, nova manchete dava continuidade à discussão, dessa vez abordando os resultados da reunião dos representantes dos clubes com a Suderj: “Clubes não reduzem o preço dos ingressos”⁴³⁴. Lesadas com a decisão, as torcidas não demorariam a agir, com a programação de um boicote para a partida do mesmo dia no Maracanã: “Inconformada, torcida mantém boicote ainda hoje”.

“A torcida do Flamengo continua protestando contra o aumento do preço dos ingressos do Mário Filho e garante que o boicote não se resumiu ao jogo contra o Madureira. Hoje, por ocasião da partida com o Bangu, vários torcedores tentarão mostrar mais uma vez aos dirigentes que foi um erro a majoração dos ingressos, deixando de comparecer ao estádio ou assistindo ao jogo da geral, único setor que não sofreu aumento. Nemésio Miguez, da Torcida Jovem, e Marcelino Andrade, da Fla-12, estão liderando o movimento às outras facções e pede ajuda até mesmo dos chefes de torcida de outros clubes, pois sentem que os dirigentes a cada dia dificultam o comparecimento do torcedor aos estádio, com medidas que o prejudicam diretamente.”⁴³⁵

Além das matérias que tratavam do assunto, fotos ilustravam o descontentamento dos torcedores nos estádios. No mesmo dia vinte e nove de maio, uma faixa de indignação na Geral era fotografada e publicada no jornal: “Cr\$ 300 é roubo!”. Tratava-se da iniciativa de uma torcida organizada do

⁴³² Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 27 de maio de 1981, p. 01.

⁴³³ Cf. *ibid.*, p. 03.

⁴³⁴ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 29 de maio de 1981, p. 01.

⁴³⁵ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 31 de maio de 1981, p. 03.

Flamengo, a Fla-Jabour, que decidira comparecer ao jogo no setor do estádio mais barato, ao invés do lugar tradicional na arquibancada. Dois dias depois, outra foto mostrava a adesão de outras facções, expressa na faixa em tom de ameaça condicional: “Abaxe o preço ou continuamos na Geral”⁴³⁶. De maneira automática, o debate sobre o aumento dos ingressos e a correlata queda de público se refletia na seção Bate-Bola, onde os torcedores de vários clubes opinavam contra a posição dos dirigentes em cartas, como a de uma vascaína, intitulada “Cartolas de bola murcha”:

“É lamentável a decisão dos cartolas em não reduzir os preços (absurdos, por sinal) dos ingressos. Persistindo nos Cr\$ 300,00 as rendas serão razoáveis, mas o público pagante muito pequeno, como aconteceu no jogo Flamengo x Madureira. A torcida que já vinha prometendo boicote teve ainda a colaboração da chuva e o público registrado no Maracanã foi de apenas 3.489. É incrível como só no nosso Rio de Janeiro ocorre essa inflação, já que nos outros estados o preço de uma arquibancada custa Cr\$ 150,00. No mais, quero desejar à torcida Força Independente, do meu amigo Toninho Lucena, muitos êxitos em sua estréia (Elisabeth Cravo — Méier — Rio).”⁴³⁷.

As atitudes das torcidas rubro-negras coincidiam com a movimentação das facções tricolores. No dia três de junho, o jornal informava na página dedicada ao Fluminense: “Uma torcida vai boicotar — a Young-Flu”.

“Pelo menos uma facção do Fluminense está se movimentando e não deverá comparecer domingo em Bangu, para mais um jogo pela Taça Guanabara. A Young-Flu está praticamente decidida a boicotar o jogo do Fluminense em sinal de protesto pelo aumento dos ingressos. Como o Estádio Guilherme da Silveira não possui gerais a torcida se recusa a ir de arquibancada a 300 cruzeiros. Os chefes estão se reunindo e até amanhã deverão decidir a posição final, que em princípio é o boicote. Os dirigentes estão cientes do movimento e ontem o Vice-Presidente de Futebol comentou a decisão. — Acho que é uma forma de pressão legítima, não tenho nada a criticar, desde que seja um ato consciente. Acho que a torcida pode fazer o que quiser, desde que não caia em contradição. Se não querem ir a campo também não venham querer um grande time. Isso será uma incoerência — disse Rafael.”⁴³⁸.

⁴³⁶ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 01 de junho de 1981, p. 05.

⁴³⁷ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 02 de junho de 1981, p. 02.

⁴³⁸ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 03 de junho de 1981, p. 03.

Nesse ínterim, a manutenção do preço considerado alto pelas torcidas e a permanência do boicote acarretavam um fato inusitado que comprometia as rendas do Maracanã: em uma partida, o setor da arquibancada e da geral computava um mesmo número de público pagante, dividindo-se meio a meio. O impasse levava à nova reunião entre a FERJ, os vice-presidentes dos clubes e a SUDERJ. Após muita discussão, a manchete triunfal do *Jornal dos Sports* anunciava na manhã seguinte: “Galera venceu. Futebol mais barato”⁴³⁹. De acordo com a matéria, a pressão da torcida e da crônica especializada haviam sido decisivas para a redução dos preços, embora a entrada do governo do Estado na questão, por intermédio da Suderj, também fosse destacada como de suma importância. O fato incomodou o presidente do Flamengo, Dunshee de Abranches, para quem a medida era uma “demagogia”, sendo respaldado por seu vice-presidente de futebol, Michel Assef, conforme esclarecia Milton Salles, na coluna “Bola no chão”:

“Um fato que precisa ficar esclarecido nesta questão da venda de ingressos é a posição adotada pelo Presidente Otávio Pinto Guimarães, que desde o primeiro instante condenou a volúpia altista de alguns dirigentes. Otávio se bateu pelo respeito ao torcedor de baixa renda, que estava enfrentando dificuldades mas, assim mesmo, freqüentava religiosamente as arquibancadas dos estádios, em especial as do Mário Filho. E na reunião em que os preços foram aumentados — o Vice-Presidente Rafael de Almeida Magalhães, do Fluminense, prefere dizer reajustados — o Presidente da FERJ fez um apelo ao bom-senso dos dirigentes e sugeriu que eles aprovassem a seguinte tabela para os ingressos de arquibancada: jogos entre pequenos — Cr\$ 150,00; entre os grandes e pequenos — Cr\$ 200,00; e clássicos, isto é, jogos grandes — Cr\$ 250,00. e acentuou: — Acho que isto é justo. Precisamos pensar no povo. Foi quando o dirigente Michel Assef, aproveitando-se do fato de a reunião ser secreta, mandou esta: — Otávio, quem tem que resolver o problema do povo é o Governo. Quem tem que resolver os problemas do futebol somos nós.”⁴⁴⁰

Estabelecia-se assim, de um lado, uma relação de oposição entre os torcedores e os dirigentes, e de outro, uma relação de composição entre os torcedores e os representantes do Estado na área esportiva. Com a queda dos preços as revoltas foram interrompidas, mas um de seus frutos foi materializado no segundo semestre de 1981: a instituição da ASTORJ. Ela permitiu uma

⁴³⁹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 05 de junho de 1981, p. 01.

⁴⁴⁰ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 04 de junho de 1981, p. 05.

aproximação ainda maior das torcidas com a SUDERJ — uma sala no Maracanãzinho foi oferecida à entidade — e com o próprio *Jornal dos Sports*. Além da tradicional seção *Bate-Bola*, o *JS* ofereceu à Astorj uma coluna especial na página três, intitulada *A voz da galera*, onde as torcidas podiam dar seus informes, como a convocação para suas reuniões semanais, às 19:00 hs, na sua sala, com entrada pelo portão dezoito do estádio. E após um ano de existência, a entidade já dizia contar com sessenta associações de torcedores dos clubes da cidade.

Tal fato contribuiu para que, no ano seguinte à onda de protestos, uma nova movimentação ocorresse nos meses de julho e agosto de 1982, com o respaldo e a representatividade da associação. Falava-se agora não em boicote, mas em Greve Geral, como na manchete de primeira página e na matéria correspondente do *JS*: “Torcidas decretam greve”⁴⁴¹. As informações relatavam os resultados de uma reunião da Astorj, com dezesseis torcidas organizadas, onde, por quinze votos contra um, a entidade deliberava a greve contra o aumento dos ingressos. Segundo o presidente da ASTORJ, Armando Giesta, a decisão se dava em função da “inadmissível desonestidade e falta de palavra dos dirigentes”, que haviam acordado na última reunião do Conselho Arbitral a não-alteração do valor das entradas. A fiscalização das torcidas, sob a forma orgânica da Astorj, permitia-lhes um maior acompanhamento das posturas dos dirigentes, captando e questionando suas incoerências.

Mas no dia seguinte, a vinte e nove de julho, as dificuldades internas da Astorj também eram apresentadas pelo jornal com a chamada: “Galera dividida esvazia greve”⁴⁴². Nela, abordava-se a não-adesão de Russão do Botafogo e das facções do Vasco à medida deliberada pela ASTORJ. De modo que os clubes mantinham o preço antes estipulado e aguardavam a sua ratificação na nova reunião marcada para o Conselho Arbitral. Enquanto isto, um editorial do *Jornal dos Sports*, “Ingresso caro, salário baixo”⁴⁴³, deixava explícita a posição do periódico no apoio irrestrito ao torcedor em geral e à greve da Astorj, em particular. Não é possível saber em que medida esta matéria exerceu algum grau de influência, mas o fato é que, transcorridos poucos dias, o jornal

⁴⁴¹ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 28 de julho de 1982, p. 01.

⁴⁴² Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 29 de julho de 1982, p. 01.

⁴⁴³ Cf. **ibid.** Rio de Janeiro, 31 de julho de 1982, p. 02

anunciava o resultado da reunião do Conselho Arbitral. Presidida por Otávio Pinto Guimarães, com a participação da Astorj, novamente os torcedores venciam a queda de braço com os dirigentes, convencendo e sensibilizando o presidente da FERJ, tal como vinha estampado no *JS*: “Ingressos voltam a custar Cr\$ 300,00”⁴⁴⁴. Mais uma vez, atendidas as reivindicações através de uma inédita Greve Geral, a ASTORJ cessaria a revolta e voltaria a suas atividades cotidianas.

A exposição dessa seqüência de acontecimentos permite o fechamento do capítulo com uma reflexão e uma tentativa de entendimento. À guisa de conclusão, a obra do historiador britânico E. P. Thompson parece bem apropriada, pois ela auxilia na elucidação de alguns episódios acima relatados, descritos e reconstituídos em suas cores narrativas jornalísticas. Ao debruçar-se sobre a experiência histórica de formação da classe trabalhadora inglesa nos séculos XVIII e XIX, Thompson relativizou as visões estanques e tradicionais de circunscrição do proletariado, operadas no interior do marxismo, visto como subproduto inexorável da era do desenvolvimento técnico das forças produtivas e das relações de produção. Em vez de reificações e de abstrações estruturais, o autor deu ênfase ao processo ativo de elaboração da identidade de inúmeras categorias profissionais que antecederam e sucederam a irrupção da Revolução Industrial na Inglaterra. A concretude dos personagens e das relações sociais evidencia seu caráter construtivo e indeterminado, nunca pronto e acabado, e que o historiador deve captar em seu *modus faciendi*, ao invés de aceder ao passado imbuído de postulados teleológicos, obtidos a posteriori.

“A classe acontece quando alguns homens, como resultado de experiências comuns (herdadas ou partilhadas) sentem e articulam a identidade de seus interesses entre si, e contra outros homens cujos interesses diferem (e geralmente se opõem) dos seus.”⁴⁴⁵.

A recuperação de experiências concretas e reais de determinados trabalhadores — anônimos tecelões, mineiros, artesãos — dentro de um preciso tempo e espaço, em contraste com o desempenho apriorístico de papéis sociais *ad hoc*, tal como entendido pela tradição funcionalista da sociologia

⁴⁴⁴ Cf. *ibid.* Rio de Janeiro, 03 de agosto de 1982, p. 01.

⁴⁴⁵ Cf. THOMPSON, E. P. **A formação da classe trabalhadora na Inglaterra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, vol. 1, P. 10..

parsoniana, mostra o *fazer-se* da classe operária em meio às disputas referentes aos salários e às condições de trabalho. Para Thompson, a arena destas lutas e reivindicações é o único lugar efetivo de onde é possível se erigir uma consciência de classe. O par ação-consciência é assim redimensionado, sem sair contudo do horizonte materialista. O mesmo raciocínio relativo à classe operária pode ser estendido às considerações do autor sobre a cultura popular tradicional, empreendidas em artigos posteriores à sua obra clássica de 1963, reunidos no livro *Costumes em comum*. Ao invés de focar a atenção, como a tradição marxista estava acostumada, na vanguarda proletária revolucionária, o historiador inglês preferiu aprofundar suas pesquisas nas ações e nas reações ambíguas de uma cultura plebéia particular que, em meio às transformações capitalistas em curso na Inglaterra, reclamou a manutenção de seus costumes e de seus direitos arraigados desde tempos imemoriais, ao longo de várias gerações.

A oposição popular à mudança da lei de preços fixada secularmente pelo direito consuetudinário e estabelecida pelo modelo paternalista de relação entre o senhor de terras e o camponês, como desvenda o ensaio “A economia moral da multidão inglesa no século XVIII”, publicado na revista *Past and Present* em 1971, foi apenas um dos casos geradores de uma cultura conservadora a um só tempo tradicional e rebelde. Esta era dramatizadora da antiga querela gramsciana entre o conformismo e a resistência, presente de maneira potencial nas expressões da cultura popular. Já a cultura tradicional thompsoniana tendia à insurgência contra a usurpação de seus “usos costumeiros”, tornando-se refratária a todo e qualquer processo de racionalização, de inovação e de modernização econômica. Ao contrário da interpretação corrente acerca do comportamento da multidão expresso por meio de motins — tidos como instintivos, irracionais e residuais —, Thompson procurou transcender quer a classificação pejorativa embutida no termo *turba* quer a visão economicista redutora presente em muitos autores marxistas. Alicerçado na história inglesa pré-industrial e nos ensinamentos da moderna antropologia social acerca da reciprocidade das normas e das sanções, procurou decodificar a *práxis* dos

trabalhadores, bem como suas expressões simbólicas, à luz da noção geral de legitimidade e da “noção sancionadora do direito”⁴⁴⁶.

Esse resumo condensado das idéias do autor e da corrente historiográfica a que pertence — Hobsbawm publicou na mesma época duas obras em torno do tema, *Bandidos e Rebeldes primitivos* — contribuem para a compreensão das formas de resistência elaboradas e protagonizadas pelas torcidas organizadas no contexto aqui analisado, movidos por análogo sentimento de subtração e de usurpação de seus direitos. Conforme apresenta o historiador Marco Antônio Pamplona, a historiografia do protesto popular, desde a obra do inglês George Rudé, *A multidão na história*, costumou circunscrever este tipo de ação coletiva urbana a greves, rebeliões, revoltas, insurreições e revoluções encerradas no mundo do trabalho e, logo, no plano político-econômico. Isto não nos impede de propor a ampliação desse espectro da multidão às competições esportivas que, ao lado de ocasiões cerimoniais e religiosas, foram alijadas do processo de reflexão do marxismo, haja vista seu sentido tradicional passivo, supostamente não-revolucionário. Foi preciso recorrer, de início, a outra linhagem de pensamento que tematizasse ao menos o fenômeno. Assim, a proposição não esteve ausente da classificação do psicólogo social e sociólogo norte-americano Herbert Blumer, um prosseguidor das questões da antiga Escola de Chicago e ele próprio responsável por cunhar o termo “interacionismo simbólico”⁴⁴⁷, que subdividiu as ações coletivas da multidão em três ordens: a) as casuais, dentre as quais integra as torcidas de futebol; b) as convencionais, onde inclui o público dos grandes shows musicais; e c) as expressivas, em que se desenrolam as manifestações político-partidárias⁴⁴⁸.

A casualidade admitida por Blumer no que se refere à generalidade dos torcedores reunidos em um estádio tampouco contempla os graus de agrupamento e de coesão específicos das torcidas organizadas e suas eventuais formas de participação no futebol. A divisão impede a percepção da capacidade demonstrada pelas torcidas na absorção e na agregação de comportamentos verificados no contexto social em que estão inseridos, com sua capacidade de

⁴⁴⁶ Cf. PAMPLONA, M. A. “A historiografia sobre o protesto popular: uma contribuição para o estudo das revoltas urbanas”. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, n.º 17.

⁴⁴⁷ Cf. JOAS, H. **op. cit.**, p. 157.

⁴⁴⁸ Cf. COSTA, C. **Sociologia**: introdução à ciência da sociedade. São Paulo: Editora Moderna, 1997.

se apropriar, por meio de bricolagens, de outras ordens tipológicas da multidão. É neste sentido que é possível perceber, ainda dentro do cânone marxista, a efetivação de uma certa *práxis* e a obtenção em determinados momentos de uma consciência corporativa no seio desses grupos, como sucedeu em episódicos porém contundentes protestos, greves e boicotes contra o aumento dos ingressos, protagonizados pelas torcidas cariocas no início da década de 1980. Tal como demonstrava Thompson em suas incursões à *mentalité* tradicional camponesa, as ações das lideranças e vanguardas torcedoras no ambiente do final do século XX orientavam-se de igual forma por uma noção de direito e de legitimidade que lhes estava sendo subtraída em um conjunto de transformações esportivas, com a até certo ponto trágica consciência de que estas passavam cada vez mais ao largo de seu controle.

Nesse ponto, a perspectiva conservadora e insurgente da cultura popular thompsoniana pode ser relacionada às experiências acima descritas pelas torcidas de futebol. O enfoque se coaduna com a categoria *desposseção*, elaborada por muitos estudiosos europeus de torcidas organizadas para explicar a passagem do amadorismo ao profissionalismo ou, dito em outros termos, para fazer menção à perda de proximidade dos torcedores com o seu clube, uma vez que desde fins da década de 1960 verificou-se a tendência crescente à burocratização do universo clubístico. A administração do futebol passa a se submeter mais e mais à modernização comercial e à racionalização profissional, à maneira prevista pela interpretação weberiana do mundo ocidental. No caso da vivência das torcidas do Rio de Janeiro, a reação a mudanças concretas — seja a majoração das entradas seja a venda de jogadores à Europa — e a insubordinação frente às sucessivas derrotas ou à fase crítica no desempenho de um time, identificada na má administração de suas autoridades esportivas, levavam ou a negociações conciliatórias com os diretores de clube ou a rompantes contra os mesmos nas formas aqui descritas.

O imediatismo das ações grupais e os confrontos físicos diretos estabelecidos remetiam a vivência dos torcedores de futebol a remotas experiências coletivas presentes no mundo da sociedade, do trabalho e da política. A tradição das insurreições populares na Europa identificava situações análogas estudadas nas sociedades pré-capitalista ou recém-industrializada, como o protesto contra o aumento dos alimentos ou a destruição das máquinas

nas fábricas, o primeiro praticado pelos camponeses e o segundo pelos luddistas. No contexto brasileiro de então, a ação direta era a tônica de muitos movimentos sociais. Desde a década de 1970, a violência mais primária se apresentara sob a forma de tumultos e quebra-quebra nos trens do subúrbio de São Paulo e do Rio de Janeiro⁴⁴⁹. Como aponta Marly Rodrigues:

“Outra forma assumida pelos movimentos sociais urbanos durante os anos 80 foi a ação direta. Ela abrange os saques, invasões de terrenos e de conjuntos habitacionais e os quebra-quebras. Os quebra-quebras orientam-se mais diretamente para as condições do transporte urbano, trem e ônibus, cuja manutenção e qualidade de serviço são, quase sempre, insatisfatórias. Em sua maioria originam-se dos atrasos e da superlotação dos trens e acabam com a destruição de vagões e estações ferroviárias com pedradas e incêndios. De 1980 a 1987 nas capitais brasileiras sucederam-se quebra-quebras cujo saldo de feridos e presos não deixa dúvidas quanto à carga de agressividade dos manifestantes e das tropas que tentam controlar o acontecimento.”⁴⁵⁰

O sociólogo Sérgio Miceli, em texto de época, agrega algumas considerações sobre conflitos sociais e seus reflexos no futebol:

“Seria ilusório admitir que o mundo do trabalho detém o privilégio de monopolizar os espaços em que as lutas sociais se manifestam. Na Inglaterra do século XVIII, os camponeses expulsos de suas terras revidaram envenenando tanques de peixe, matando ovelhas, derrubando cercas e cometendo toda sorte de atrocidades contra os nobres na calada da noite. Hoje o futebol poderia estar fazendo as vezes da arena em cujo âmbito as questões sociais e o embate político encontram linguagens dissimuladas para vir à tona. Não custa lembrar que nem sempre o conflito irrompe onde a história europeia nos ensina a situá-lo.”⁴⁵¹

Mais afeitas ao instantâneo e ao furor momentâneo, porém não menos informadas por uma moral que encontrava paralelo em outros padrões associativos civis, as torcidas organizadas apenas insinuiam através da ASTORJ seus bosquejos associacionistas e sua tentativa de constituir uma entidade em moldes sindicais ou uma sociabilidade inspirada no modelo das

⁴⁴⁹ Cf. MOISÉS, J. A.; MARTINEZ-ALIER, V. “A revolta dos suburbanos ou ‘Patrão, o trem atrasou’”. In: MOISÉS, J. A. (et.al). **Contradições urbanas e movimentos sociais**. Rio de Janeiro: CEDEC/ Paz e Terra, 1978.

⁴⁵⁰ Cf. RODRIGUES, M. **A década de 80**: Brasil, quando a multidão voltou às praças. São Paulo: Ática, 1994, p. 62.

⁴⁵¹ Cf. MICELI, S. “Corinthians. E o pão ?” In: **Isto É**. São Paulo: Editora Abril, 1977, n.º 42, p. 16.

escolas de samba, em época histórica propícia ao engajamento e favorável ao aparecimento de diversos movimentos sociais. O enquadramento sociológico das torcidas em uma situação concreta e em uma moldura histórica particular — algo análogo às *frames* de Erwin Goffman —, vivenciada na cidade do Rio de Janeiro e no país, bem como a apreensão e a representação midiática do fenômeno, foi um dos objetivos centrais deste capítulo, o que a todo instante se tentou ressaltar e pontuar, em um diapasão que se estendeu da descrição do contexto de fins da década de 1960 e se prolongou até a narração da vida nacional no alvorecer dos anos 80.

Os obstáculos e as resistências para a construção de um projeto inter-torcidas mais duradouro, apenas insinuados com a criação da ASTORJ, serão analisados no próximo capítulo. À capacidade de produzir o entendimento e a concórdia, contrapõe-se uma abordagem que emerge com base em uma realidade paralela, simultânea, movida pela rivalidade e pelo confronto. O alvo a partir de agora passa a ser os valores que permeiam a moral interna dos grupos, em torno dos quais o reconhecimento do adversário — entendido na condição de torcedor do clube oponente ou de torcida organizada diferente — é preterido por sua contrapartida hostil, desqualificadora e desumanizadora do *outro*.